UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Jorge Artur dos Santos

Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil
(1890 – 1947)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Área: História Social
Orientador: Arnaldo Daraya Contier

São Paulo
2000

Resumo

Palavras-chaves: esporte – educação física – educação – anarquismo – comunismo – nacionalismo – autoritarismo – racismo – intelectuais

A difusão do esporte no Brasil encontrou resistências de vários matizes. Este trabalho faz, mediante pesquisa restrita ao período compreendido entre os primórdios da República e o final do Estado Novo, o mapeamento das argumentações de resistência a partir dos seus matizes políticos – anarquismo, comunismo, vários nacionalismos –, médicos – da higiene à eugenia – e pedagógicos – da educação católica à Escola Nova – , levando em conta a conjuntura histórica em que se desenvolviam e a maneira como polemizavam com o discurso aficionado. Demonstra também que muitos argumentos utilizados pelos aficionados foram originalmente criados para combatê-los, que algumas mudanças fundamentais ocorridas no discurso aficionado deveram-se em grande parte a esse debate, à necessidade de rebater a crítica, e que certos argumentos críticos se esgotaram no final do período.

Abstract

Key words: sport – physical education – education – anarchism – comunism – nationalism – authoritarianism – racial descrimination – intellectuals

Several bulwarks of resistance were elevated against the dissemination of sports in Brazil. By means of research restricted to the historical period comprehended between the dawn of the Republic and the fall of the Estado Novo, this dissertation proposes to charter the opposing argumentation according to the existing political colours – anarchism, comunism, different sorts of nationalism –, medical ranging – from hygiene to eugenics – , and pedagogical nuances – from catholic education to the New School. It consider the historical scenario in wich the opposing argumentation was developed and how the polemics between criticals and adepts sides were conducted.

It also demonstrates that many of arguments to which those upholders resorted were originally created to refute and that some of fundamental changes developed in the

upholders discourse resulted to a large extend from this debate, in their need to fight criticism, and that some opposing arguments were debilitated in the end of studied period.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

_____

_____

Agradecimentos

O apoio do Professor Arnaldo Daraya Contier foi fundamental, por acreditar neste projeto quando ainda era uma carta de intenção deveras obscura e impedir, depois de minhas sucessivas idas e vindas, que o resultado fosse inferior ao que aí está. Os acertos foram possíveis, portanto, graças à firmeza da sua orientação, sem esquecer as profícuas observações da banca do Exame de Qualificação, professores Maria Helena Rolim Capelato e Carlos Guilherme Mota. Nunca é demais afirmar, contudo, que sou o único responsável pelas páginas que se seguem, particularmente pelos erros.

Sou grato também aos funcionários das seguintes instituições: Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP, Centro de Documentação e Memória - UNESP, Centro de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho" - PUCSP, Biblioteca Mário de Andrade, Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Nacional e bibliotecas da USP – especialmente as da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Instituto de Estudos Brasileiros, Faculdade de Economia e Administração, Instituto de Biologia, Escola Politécnica, Faculdade de Direito, Faculdade de Saúde Pública, Faculdade de Medicina, Museu Paulista e Faculdade de Educação Física; e aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação da FFLCH-USP e do Departamento de História, sobretudo pela paciência.

Os funcionários do Arquivo Público de Uberaba e da Biblioteca do Senado Federal foram muito gentis ao enviarem material pelo correio.

Agradeço ainda a Roberto Vaz, pelas constantes conversas e sugestões e aos manos Lisete, Flor, Zezé e Luís, pelo incentivo e por toda a ajuda.

À Marina, mãe.

À Maria, por tudo.

(...) urge cuidarmos seriamente de introduzir no nosso sistema geral de educação, a Educação Física, e nas nossas escolas, nos nossos colégios, nas nossas academias, nos nossos costumes enfim, os exercícios do corpo, todos esses exercícios que os ingleses conhecem sob o nome coletivo de "sport" e os nossos maiores pelo de desportos.
José Veríssimo, *A Educação Nacional*, 1890.

Lavoratori, allontanatevi come una pestilenza dal giuoco del foot-ball!
Iron, *Il giuoco del calcio e la mentalitá del mulo,* 1919.

O esporte (...) não usa, apenas, das nossas faculdades físicas, adaptando-as ao ideal ambicionado da nossa "educação orgânica e funcional" perfeita.

Abusa.

Excede, quase sempre, senão sempre, desses limites racionais, para danificar todo o futuro do educando, não só nas qualidades intelectuais que lesa, como nos predicados morais que desvirtua e até nas próprias energias físicas que desconcerta com a sua compreensão tacanha do exercício.
Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, 1921.

O Presidente prestou-me atenção e acolheu minha filosofia com essa referência: - "O Chefe de Polícia já me fez observações parecidas. A ordem pública dorme nos dias de grandes jogos de futebol; os bordéis entram em maré-vazante, os botequins ficam às moscas e o próprio tráfego concentra-se numa só direção. Sei que o entusiasmo no estádio leva os próprios comunistas a se confraternizarem com os integralistas, entre abraços efusivos, se há gol nacional".
João Lyra Filho*, Meu mundo é uma noz,* 1957.

O estilo mulato, afro-brasileiro, de futebol é uma forma de dança dionisíaca.
Gilberto Freyre, 1938.

Sumário

Introdução 7
A. Tema 7
B. Balanço historiográfico 14
C. Periodização 20
D. Fontes 21
E. Esporte no Brasil 22

1. O esporte como "regenerador da raça" 31
1.1. Os primórdios da República 35
1.2. O efeito da Grande Guerra 46

2. Matizes da recusa às práticas esportivas nos anos 10 e 20 57
2.1. A posição anarquista 57
2.2. Lima Barreto e Maria Lacerda de Moura 69
2.3. A recusa nacionalista do esporte 83
2.4. Restrições às práticas esportivas 113
2.4.1. Nacionalistas 113
2.4.2. Comunistas 139

3. O debate nos anos 30 e 40 163
3.1. O projeto autoritário de Tomás Mazzoni 164
3.2. O debate pedagógico 182
3.3. As restrições postas pela Medicina 207
3.4. Os dilemas do catolicismo 211
3.5. A crítica eclética de Orlando Ferreira 224

4. A reorientação da defesa do esporte 232

Considerações finais 251

Fontes e Bibliografia 258

Introdução

A. Tema

Os termos esporte (ou desporto), ginástica e educação física não eram sinônimos no período que será estudado nesta dissertação e tampouco o são hoje. Entretanto, há nuanças significativas nos textos, até que os autores chegassem a um consenso mínimo em torno da utilização desses termos. Não se pretende aqui corrigir os textos, mas é necessário utilizar uma significação atual como baliza para discernir entre as várias ocorrências que verificamos, especialmente para esporte, o foco desse trabalho.

Para essa atividade será utilizada a definição de Jean-Marie Brohm, segundo a qual

> O esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, com predomínio do aspecto físico; delimitadas, reguladas, codificadas e regulamentadas convencionalmente, cujo objetivo confesso é, sobre a base de uma comparação de provas, de marcas, de demonstrações, de performances físicas, designar o melhor concorrente (o campeão) ou registrar a melhor atuação (recorde). O esporte é, pois, um sistema de competições físicas generalizadas, universais, abertas em princípio a todos, que se estende no espaço (todas as nações, todos os grupos sociais, todos os indivíduos podem participar) ou no tempo (comparação dos recordes entre diversas gerações sucessivas), e cujo objetivo é o de medir e comparar as atuações do corpo humano concebido como potência sempre perfectível. O esporte é, pois, em definitivo, o sistema cultural que registra o progresso corporal humano objetivo, é *o positivismo institucionalizado do corpo*, o museu das atuações, o arquivo dos êxitos através da história. É a instituição que a humanidade descobriu para tomar nota de sua progressão física contínua; o conservatório do recorde onde ficam registradas suas façanhas. A história do esporte está concebida explicitamente como uma mitologia da ininterrupta ascensão até a superação: "citius, altius, fortius". É esse espírito novo, industrial, que reflete todas as categorias centrais do modo de produção capitalista e as subsome sob o princípio do rendimento que integra o corpo humano numa fantástica corrida até o êxito.[1]

[1] Jean-Marie Brohm, *Sociología politica del deporte*, México, Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 42-43.

Acrescento de minha parte que não está excluída da definição os aspectos lúdicos do esporte; mas atividades físicas, cuja principal característica é o lúdico, com toda a carga de espontaneidade que carregam, serão mais adequadamente definidas como *jogos* ou *brincadeiras*. No esporte, a regra, a competição e o rendimento se impõem ao lúdico uma vez que no esporte a vitória e/ou o recorde são os objetivos máximos ao qual se subordina toda a dinâmica da atividade física. Em outras palavras, o lúdico só é possível na medida em que colabora para o êxito, ou pelo menos não é um obstáculo para ele; o lúdico só é admissível se for instrumentalizado pela eficiência. [2]

O esporte distingue-se, portanto da ginástica e da educação física. A primeira constitui-se num conjunto de exercícios corporais sistematizados, realizados no solo ou com o auxílio de aparelhos, cuja finalidade é fortificar o corpo e dar-lhe agilidade. Foi se construindo no curso do século XIX, quando vários métodos ginásticos surgiram – sueco, alemão e francês. Hoje em dia o termo caiu em desuso, sendo substituído por exercício físico, pura e simplesmente.[3]

A educação física é de definição mais difícil. Os próprios teóricos da área reconhecem a dificuldade.[4] Normalmente aparece grafada com letras maiúsculas a indicar sua condição de ciência; ciência da motricidade humana, nas palavras do

---

[2] No futebol, por exemplo, o drible só é recomendado pelos técnicos quando é dado em direção à meta adversária e colabora para que seja marcado o gol. Em muitas outras modalidades há limites de toques na bola (voleibol, tênis) ou de tempo para se atingir o objetivo (basquetebol). E que dizer das corridas? Mesmo se diferenciarmos o esporte profissional do esporte de recreação, e atribuirmos ao segundo características predominantemente lúdicas, seguindo Brohm deveremos ter em mente que o resultado do esporte recreativo, ainda que o mais das vezes inconsciente, é criar uma prontidão (e servir também de seleção) para o esporte profissional, introjetando nos praticantes o gosto pelas competições e colaborando para a expansão do mercado esportivo, tanto pelo consumo de materiais esportivos quanto dos espetáculos.

[3] Não se deve confundi-la com a ginástica esportiva (dita olímpica), que é a apropriação pelo esporte de alguns movimentos ginásticos e a sua transformação em provas competitivas. O desuso do termo ginástica é apontado por Valdir J. Barbanti, *Dicionário de Educação Física e do Esporte*, São Paulo, Manole, 1994, verbete "Ginástica". Para uma descrição dos métodos ginásticos veja-se Inezil Pena Marinho, *Sistemas e métodos de educação física*, São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1958.

[4] Observe-se que no dicionário supracitado não há o verbete "Educação Física". O verbete que mais se aproxima é "Educação Motora", cujo significado é "atividade didática e pedagógica que objetiva iniciar, desenvolver e aperfeiçoar a capacidade de movimento de um indivíduo, bem como formar uma série de valores acerca do mesmo".

português Manuel Sérgio.[5] Assim, interessa-se por todos os movimentos do corpo humano, melhor dito, pelo corpo em movimento, que como *educação*, pretende controlar. Neste sentido consideraremos a educação física como o conjunto de conhecimentos empregados para educar os movimentos do corpo e as práticas através das quais essa educação se processa – tanto os exercícios corporais bem como a inculcação de hábitos higiênicos e alimentares que visam a preservação da saúde. Egressa dos meios militares, encontrou seu lugar no século XX principalmente na escola uma vez que deve ser ensinada para garantir a eficácia da prática. Os exercícios de que lança mão são variados, incluem a ginástica e, dependendo da concepção que a norteia, esportes.

Obviamente o esporte não nasceu pronto. O processo da sua construção, ainda em curso, aos poucos vai desvencilhando-o de duas influências de origem, o cavalheirismo aristocrático (o *fair play*) e o lúdico das camadas populares, que vão se tornando cada vez mais meros adereços para efeito de propaganda. Na primeira metade deste século, no Brasil, a falta de "ordem" nas disputas esportivas era um dos motivos que levavam de anarquistas a conservadores a recusá-lo. As brigas freqüentes nas disputas motivavam uma série de invectivas de ambos os lados. É neste quadro que se deve compreender a preferência nestes setores por jogos (para crianças, já de todo espontâneos) e pela ginástica (para todas as idades, intrinsecamente ordeira e disciplinada) como atividade ideal para a educação física.

O desenvolvimento do esporte fez com que se constituíssem duas modalidades de discursos referentes a ele. Sem dúvida nenhuma o discurso apologético foi o que mais se fez ouvir, elaborando um corpo de argumentos que justificavam (e justificam ainda hoje) a sua prática. Em contrapartida, desenvolveu-se também, ainda que fosse menos propalada e menos ouvida, uma crítica cuja principal característica era a recusa do esporte como uma atividade adequada para os indivíduos da sociedade moderna.

A primeira modalidade, que absolutamente não é unívoca – como também não o é a sua contraparte crítica –, ao utilizar a História como justificadora, traçou uma linha reta entre as atividades físicas da Antigüidade Clássica, principalmente aquelas dos gregos cujo momento máximo eram as Olimpíadas, e as atividades

[5] Manuel Sérgio, *Para uma epistemologia da motricidade humana*, Lisboa, Compedium, 1987.

esportivas modernas, filiando estas àquelas. Para esses apologistas, dos quais o maior expoente é o barão de Coubertin, as atividades esportivas desenvolvidas a partir do século passado eram descendentes diretas e continuadoras daquelas disputas a que se entregavam os gregos. Daí o simbolismo de se organizar as primeiras Olimpíadas dos "tempos modernos" na cidade de Atenas, em 1896.[6]

Outros aficionados, movidos pelo nacionalismo, procuraram na história do seu próprio país a origem das modalidades a que seu "povo" mais se dedicava. Assim, o italiano Ângelo Mosso valorizou o período do renascimento florentino como aquele em que o esporte antigo também foi redescoberto, depois do hiato medieval, chamando a atenção para a prática de esportes na corte dos Medici. No Brasil, como em boa parte da América Latina, o esporte que mais se popularizou foi o futebol, e jogos de bola praticados pelos indígenas foram apontados como seus antecessores.[7]

Os adversários do esporte, por seu turno, também se utilizaram da História. Quando remetiam o esporte à Antigüidade, faziam-no referindo-se aos gladiadores que se apresentavam no Circo Romano, que os próprios aficionados reconheciam ser um capítulo que preferiam ver apagado da sua História do esporte. Lançaram mão ainda do nacionalismo para recusá-lo acusando os ingleses de terem criado a atividade tão perversa.

Além do recurso à História e ao nacionalismo, os críticos apresentaram o esporte ora como uma atividade violenta, ora como obstrutora da inteligência, ou como atividade inútil das classes abastadas, ou como instrumento de dominação de classe, ou ainda como tudo isto ao mesmo tempo, dependendo do ângulo em que se colocavam para analisar seu objeto. Como veremos, no período ao qual este trabalho se atém e que se limita ao Brasil, foram vários os ângulos de abordagem

---

[6] Os gregos chegaram mesmo a propor que as Olimpíadas se realizassem sempre em Atenas, sem êxito porém. Conforme Silvio Lancellotti, *Olimpíadas 100 anos: História completa dos Jogos*, São Paulo, Círculo do Livro/Nova Cultural, 1996, p. 16.

[7] Ângelo Mosso, *Mens sana in corpore sano*, Milano, Fratelli Treves Editore, 1911, 5ª. ed., p. 113 e seguintes. Para o Brasil, veja-se por exemplo, Fernando de Azevedo, "A evolução do esporte no Brasil", in *Obras Completas*, vol. I, São Paulo, Melhoramentos, s/d, 3ª. ed.; João Lyra Filho, *Introdução à sociologia dos desportos*, Rio de Janeiro, Bloch, Brasília, INL, 1973, p. 148-186; Matthew G. Shirts, "Futebol no Brasil ou football in Brazil?", in José Carlos Sebe Bom Meihy & José Sebastião Witter (orgs.), *Futebol e cultura: coletânea de estudos, São Paulo*, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, p. 87-99.

pois vários eram os interesses e as concepções de sociedade ideal e de educação para alcançá-la que embasavam as análises.

Alguns queriam uma transformação radical da sociedade que abolisse o capitalismo, como os anarquistas e os comunistas, outros queriam que a sociedade se desenvolvesse nos marcos do capitalismo alcançando o estágio que ocupavam a Inglaterra e os EUA, por exemplo, como os vários educadores que analisaremos. Dependendo da perspectiva, o esporte como fator de dominação de classe era um argumento adequado ou não. Na verdade, esse é o argumento que separa o campo dos críticos em duas correntes diferenciadas. Anarquistas e comunistas, e alguns intelectuais próximos a eles, não abriam mão desse argumento; os nacionalistas jamais se referiam a ele. Os demais argumentos, a violência, a inadequação física, a obstrução da inteligência, serão comuns a ambas as correntes: uniam anarquistas e comunistas, um jornalista católico e conservador como Berilo Neves e anticatólicos militantes como Carlos Sussekind de Mendonça e Orlando Ferreira.

O propósito deste trabalho é recuperar as vozes daqueles que se colocaram em oposição à disseminação das práticas esportivas na sociedade brasileira, até o final do Estado Novo. Em outras palavras, delinear a história da resistência ao esporte no Brasil, ou, como aconteceu com freqüência, às modalidades mais populares. Essa resistência se fez em forma de polêmica, como não poderia deixar de ser. Estamos sempre frente a ataques ao esporte e aos seus defensores. Se a resistência, como veremos, não é unívoca, guarda sempre essa característica fundamental.

E como se trata de uma resistência que se processa num debate, serão apresentados também os argumentos dos aficionados contra os quais os críticos se batiam. Além de recuperar a tensão existente entre os dois campos – a polêmica –, o conhecimento do pensamento dos aficionados pelo esporte revela que muitos argumentos trocavam de mão, servindo tanto para defender como para atacar as práticas esportivas. Esse trânsito de alguns argumentos por campos opostos revela o quanto eram complexas as posições numa época em que ambos os discursos estavam ainda se construindo. Alguns autores lançavam mão meio a esmo dos argumentos aparentemente mais fáceis de serem manipulados sem perceber que estavam semeando contradições lógicas em seu discurso; outros se apropriavam conscientemente de argumentos originalmente adversários para esvaziar o discurso daqueles que combatiam.

O estudo do discurso aficionado revelou ainda uma mudança qualitativa com a qual a resistência teve que se haver. Ficou claro que o tom parnasiano de textos como os de Bilac e Coelho Neto, por exemplo, era conforme um paradigma de justificação do esporte que prevaleceu no Brasil desde o início das primeiras práticas esportivas até os anos 30. Na década seguinte esse paradigma entrou em crise, em grande parte pela ação do discurso anti-esportivo com que dialogava, cedendo terreno para a instauração de um novo modelo que continuava aficionado mas em outros termos, apegando-se principalmente ao futebol, como mostram os textos de Gilberto Freyre.

Quanto à resistência ao esporte, é a história de uma derrota, sem dúvida. Acompanhando o desenvolvimento e a divulgação dos argumentos não perdemos de vista que, em boa medida, o conjunto dos aficionados cresceu sempre, alheio aos argumentos desses críticos. Aqueles que se deram ao trabalho de escrevê-los propunham-se por um lado um trabalho pedagógico junto às "massas alienadas" visando despertá-las para a realidade da exploração de que eram vítimas; por outro, regenerar a raça e poder constituir assim uma nação desenvolvida. Ainda que *a posteriori* possamos criticar a presunção de dirigir as massas — que cria ao mesmo tempo as "massas" e a necessidade de serem dirigidas para o campo da "consciência" —, não podemos deixar de considerar que muitos dos projetos subjacentes às ações anti-esportivas operavam com a perspectiva de uma transformação da sociedade brasileira que livrasse as camadas subalternas da sua condição de subalternidade; ou seja, o combate ao esporte era parte do combate pela libertação dos oprimidos. Era o que anarquistas e comunistas tinham em mente.

Entretanto, da mesma maneira que não havia apenas uma perspectiva de análise, a libertação dos oprimidos não era o objetivo de todos os projetos, como já foi dito. Acrescente-se agora que certos educadores combatiam os esportes por considerá-los inadequados enquanto atividades físicas. O enfoque deles era o da inadequação fisiológica e médica dos esportes para a saúde corporal dos indivíduos praticantes, além do seu limitado alcance, devido ao número pequeno de praticantes em relação ao total de aficionados. Tais educadores, ao pensarem em transformações sociais, circunscreviam-nas sempre aos marcos da sociedade capitalista.

Seja de qual campo ideológico partissem as críticas ao esporte, elas foram se tornando mais numerosas durante as décadas de dez e vinte. Neste período, caracteristicamente, eram otimistas, e consideravam que era possível reverter o crescente entusiasmo popular. No final da década de trinta, uma desesperança se apoderou das críticas, motivada provavelmente pelo sentimento de impotência diante da cada vez maior "paixão popular" pelos esportes.

Não deve ser desconsiderado também o papel do Estado nesta questão. Sob a égide do Estado liberal da 1ª República, os próprios aficionados o criticavam pela ausência de políticas de fomento ao esporte (e à educação física como um todo). Os opositores – exceção feita aos anarquistas – não viam no Estado o seu maior obstáculo; todavia, pretendiam que ele deixasse de ser liberal, passasse a intervir na questão e combatesse o "mal".

A chegada de Vargas ao poder, em 1930, revelou-se uma grande vitória para os esportistas. O Estado passou a se preocupar com a questão e, paulatinamente, passou a interferir no mundo esportivo para dinamizá-lo, chamando para si o estabelecimento de normas e legislando sobre todas as questões fundamentais que criavam polêmica, como o profissionalização dos atletas e a organização das entidades esportivas.

Sob o impacto dessa atividade estatal em prol do esporte, somada à repressão desencadeada contra os grupos de esquerda, após 1935, a crítica refluiu. Manifestou-se ainda em textos que recorriam, além das sempre presentes violência e inadequação física, ao cristianismo e ao antiimperialismo, partes do ideário do Estado Novo.

Tudo debalde. O Estado permaneceu surdo ao movimento anti-esportivo, o esporte continuou a se popularizar e o discurso pró-esporte conheceu uma mudança de rumo que lhe permitiu impor-se ainda mais ao conjunto da sociedade. Não absoluta e tampouco definitivamente: a recusa permaneceu submersa e emergiu aos poucos, manifestando-se mais tarde através do cinema, do teatro, de livros, revistas e jornais, particularmente nos anos setenta, necessitando ainda de ser devidamente historiada.

B. Balanço historiográfico

A existência de uma resistência às práticas esportivas no Brasil de antes da 2ª Guerra é rememorada principalmente naqueles textos que se referem a Lima Barreto. Desde a sua biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, ressaltou-se o contencioso em que Lima Barreto se envolveu, sobretudo em relação ao futebol.[8] Depois desta biografia, Lima Barreto será sempre lembrado como um antifutebolista um tanto excêntrico que estava coberto de razão ao combater o racismo dos grandes clubes. É, por conta disto, a memória mais forte da resistência, ainda que muito limitada.

Na biografia de Lima Barreto, escrita por Fernando de Assis Barbosa, a resistência ao futebol não fica restrita ao biografado: a fundação da Liga contra o Futebol, ainda que apresentada de maneira anedótica, remete a outras pessoas que compartilhavam das suas idéias, como Carlos Sussekind de Mendonça, autor de um livro que foi, à época, tão ou mais discutido quanto as crônicas de Lima Barreto.

Wilson Martins amplia este grupo, chamando a atenção para o escritor carioca Adelino Magalhães, que em suas obras apresenta o futebol numa perspectiva idêntica à de Carlos Sussekind de Mendonça.[9]

Obras dedicadas ao início da prática do futebol no Brasil também se referem a Lima Barreto, principalmente depois que Mário Filho publicou, em 1947, a primeira edição do seu *O negro no futebol brasileiro*.[10] O combate de Lima Barreto ao racismo caiu no agrado dos historiadores e sociólogos aficionados do futebol, que viram na sua pregação uma luta justa. Por ser um assunto de relevo, o racismo passa através das obras desses ideólogos como o grande senão que Lima Barreto tinha em relação ao esporte. Todos os outros argumentos dele são ignorados ou apresentados mais uma vez como excentricidades. Assim, João Lyra Filho escreveu que

---

[8] Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1952.

[9] Wilson Martins, *História da inteligência brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1978, vol. VI, p. 287.

[10] A segunda edição desta obra, ampliada em um capítulo escrito sob o impacto do bicampeonato mundial, é ainda mais marcante. Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, 2ª. ed. ampliada.

> o futebol brasileiro valorizou-se com o varrimento dos preconceitos étnicos e sociais, até há quatro décadas perdurantes em nossos grandes clubes desportivos (...) Lima Barreto, famoso escritor mulato, desdenhava o nosso futebol exatamente por causa do predomínio dos aludidos preconceitos".[11]

Joel Rufino dos Santos e Hélio Sussekind, entre outros, fizeram a mesma redução.[12]

Uma referência mais ampla às idéias antiesportivas foi feita por Inezil Penna Marinho, ainda durante o Estado Novo. Este autor recolheu exaustivamente informações sobre Educação Física e esportes no Brasil para escrever-lhes a História, e as publicou em separado.[13] Há desde datas de fundação de clubes até textos integrais de capítulos de algumas obras e discursos sobre a Educação Física em geral, e os esportes, em particular. Algumas das notícias e mesmo textos de opositores do esporte que foram utilizados nesta dissertação foram extraídos da obra de Inezil. Ele, entretanto, limitou-se às obras que versavam explicitamente sobre o tema, principalmente aquelas que tinham um objetivo educativo ou legislativo, obras produzidas por membros das camadas sociais dominantes, ou que não contestavam a ordem social vigente. Obras de literatura de ficção ou artigos de periódicos, mesmo que não fossem de esquerda, ele deixou de fora.

O pensamento dos grupos de esquerda ligados ao movimento operário teve uma abordagem pioneira da parte de Boris Fausto, no seu *Trabalho urbano e conflito social*.[14] O autor elaborou uma análise em que os anarquistas são reprochados pela abordagem puritana que faziam dos divertimentos – entre eles, o esporte – que a cidade oferecia aos operários. Na mesma linha é o trabalho de Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior, *A festa do povo*,[15] que uniu Roberto Da Matta a

---

[11] João Lyra Filho, *Introdução à sociologia dos desportos*, op. cit., p. 81.

[12] Joel R. dos Santos, *História política do futebol brasileiro*; Hélio Sussekind, *Futebol*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Rio Arte, 1996, p. 17-18.

[13] Inezil Penna Marinho, *Contribuição para a História da Educação Física no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentação)*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943; ampliada e republicada como idem, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia),* Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, 2 vol..

[14] Boris Fausto, *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo, DIFEL, 1977.

[15] Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior, *A festa do povo*, Petrópolis, Vozes, 1982.

Boris Fausto para caracterizar como interesseira a atitude dos anarquistas em relação ao futebol, incorporando-o às suas "festas" quando perceberam que a sua popularização era irrefreável. Entre os anarquistas e o futebol (e as demais "festas do povo", como o carnaval) Jorge Cláudio não titubeia em preferir o último. Mais recentemente, Leonardo Pereira retomou o assunto mais extensamente em sua tese de doutorado.[16]

Mais simpática à luta de anarquistas e comunistas, Maria Auxiliadora Guzzo Decca apresentou um quadro de ambos os discursos em *A vida fora das fábricas*, apontando as semelhanças e, principalmente, as diferenças que também neste campo os tornavam inconciliáveis.[17] É o único trabalho brasileiro que apresenta as abordagens anarquista e comunista do esporte de maneira conjunta e articulada. Entretanto, devido à sua periodização e seleção de fontes, privilegia o discurso comunista e reduz o anarquista à mera denúncia da utilização do esporte como instrumento de dominação social, quando este discurso é mais complexo, como pretendo demonstrar. O reparo não tem a intenção de invalidar este que é um dos trabalhos fundamentais sobre o assunto escrito no Brasil.

Para a compreensão das idéias anarquistas, não só sobre esportes mas em sua totalidade, foi extremamente proveitosa a leitura da obra já citada de Boris Fausto, e também de *A invenção do trabalhismo*, de Ângela Castro Gomes, a coletânea organizada por Antônio Arnoni Prado, *Libertários do Brasil*, e principalmente *Nem pátria, nem patrão!*, de Francisco F. Hardman.[18]

Quanto aos comunistas, sou devedor de Paulo Sérgio Pinheiro para uma compreensão das políticas adotadas pelo PCB desde a sua fundação até o advento do Estado Novo, principalmente do seu *Estratégias da ilusão*.[19] As obras de Edgard Carone foram referência obrigatória, como não poderiam deixar de ser,

---

[16] Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas, Tese de Doutorado – UNICAMP, 1998.

[17] Maria Auxiliadora Guzzo Decca, *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 119-127.

[18] Ângela Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994, 2ª. ed.; Antônio Arnoni Prado (org.), *Libertários do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1987, 2ª. ed.; Francisco F. Hardman, *Nem pátria, nem patrão*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

[19] Paulo Sérgio Pinheiro, *As estratégias da ilusão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

principalmente *O movimento operário no Brasil (1887-1944)* e *O PCB*.[20] Vali-me também de *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*, de Moisés Vinhas, e *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB (1928-1935)*, de Marcos del Roio.[21] Para as concepções esportivas comunistas, em suas linhas emanadas dos órgãos subordinados à Internacional Comunista, foram fundamentais duas coletâneas de artigos, uma organizada por Pierre Arnaud, *Les origines du sport ouvrier en Europe*, e outra reunindo artigos de Jean-Paul Clément, Jacques Defrance e Christian Pociello, *Sport et pouvoir au XX^e siècle*.[22]

A compreensão do papel dos educadores, se é que a consegui, aconteceu graças a *Educação e sociedade na Primeira República*, de Jorge Nagle, e ao trabalho de Raquel Gandini sobre Anísio Teixeira.[23] Para uma análise das propostas de Fernando de Azevedo, especificamente, foi bastante útil a dissertação de Pedro Pagni;[24] sobre a educação higiênica, na qual se inseria a preocupação com a educação física, recorri a *Ordem médica e norma familiar*, de Jurandir Freire Costa, para os antecedentes do século XIX, e também a *"Ser forte para fazer uma nação forte": A Educação Física no Brasil (1932-1945)*, de Sonia de Deus R. Bercito.[25]

---

[20] Edgard Carone, *O movimento operário no Brasil (1887-1944)*, São Paulo, DIFEL, 1979; idem, *O PCB*, São Paulo, DIFEL, 1982, v. 1.

[21] Moisés Vinhas, *O Partidão: a luta por um partido massas (1922-1974)*, São Paulo, HUCITEC, 1982. Marcos del Roio, *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB (1928-1935)*, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990.

[22] Pierre Arnaud, *Les origines du sport ouvrier en Europe*, Paris, L'Harmattan, 1994. Jean-Paul Clément; Jacques Defrance; Christian Pociello, *Sport et pouvoir au XX^e siècle*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1994.

[23] Jorge Nagle, *Educação e sociedade na Primeira República*, São Paulo, EPU, Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976. Raquel Pereira Chainho Gandini, *Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira (1930-1935)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

[24] Pedro Angelo Pagni, *Fernando de Azevedo educador do corpo (1916-1933)*, São Paulo, Dissertação de Mestrado – PUC/SP, 1994.

[25] Jurandir Freire Costa, *Ordem médica e norma familiar*, Rio de Janeiro, Graal, 1983, 2ª. ed.. Sônia de Deus R. Bercito, *Ser forte para fazer uma nação forte*, São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1991.

Para uma discussão das ideologias que se fundamentavam no conceito de raça e das suas implicações sociais recorri principalmente a Lilian Schwarcz e à coletânea organizada por Marcos Chor Maio.[26]

O projeto nacional subjacente aos esforços dos educadores ficou mais claro com a leitura de *Brasil Novo, Música, Nação e Modernidade: os anos 20 e 30*, de Arnaldo Daraya Contier – que me chamou a atenção para os obstáculos encontrados pelas tentativas de impor uma nacionalidade brasileira a partir de projetos modernizadores, e o quanto esses projetos eram elitistas. O nacionalismo de dois autores especificamente, Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre, ficaram melhor delineados após a leitura *de Ideologia da cultura brasileira* e *Arautos do liberalismo*, de Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, respectivamente.[27]

A História do esporte no Brasil ainda é muito fragmentária. O futebol, por sua longeva preponderância, vem provocando várias "histórias", desde a pioneira *História do futebol em São Paulo*, de Antônio Figueiredo, de 1918, até a *História política do futebol brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos, de 1981, passando pelo fundamental *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Rodrigues Filho; a todas elas recorri.[28] O debate em torno da regulamentação do profissionalismo no futebol está relatado por Waldenir Caldas em *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)*.[29] Duas pesquisas recentes se aprofundaram na prática do futebol na primeira metade do século, uma para o Rio e outra para São

---

[26] Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993. Marcos Chor Maio (org.), *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996.

[27] Arnaldo Daraya Contier, *Brasil Novo, Música, Nação e Modernidade: os Anos 20 e 30*, Tese de Livre-Docência, FFLCH-USP, 1988. Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*, São Paulo, Ática, 1977. Maria Helena Rolim Capelato, *Arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

[28] Antônio Figueiredo, *História do foot-ball em São Paulo*, São Paulo, Secção de obras d' O estado de São Paulo, 1918; Joel Rufino dos Santos, *História política do futebol brasileiro*, São Paulo, Brasiliense, 1981; Mário Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, op. cit.. O livro de Mário Filho foi utilizado como bibliografia e também como fonte.

[29] Waldenir Caldas, *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)*, Tese de Livre-Docência, ECA-USP, 1988.

Paulo: a já citada *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* e *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*.[30]

O entusiasmo esportivo dos anos posteriores à 1ª Guerra relatado por Nicolau Sevcenko em *Orfeu extático na metrópole* e "A capital irradiante, técnica, ritmos e ritos do Rio" serviu de contraponto e colaborou para reduzir o movimento anti-esportivo a uma dimensão mais próxima da realidade.[31] Este trabalho foi escrito, contudo, pensando que nos "frementes anos 20" o entusiasmo com os esportes não foi unânime, como uma leitura apressada dos textos de Sevcenko pode levar a induzir.

Para uma história factual das Olimpíadas modernas, nada supera, em português, *Olimpíada 100 anos: História completa dos Jogos*, de Silvio Lancellotti.[32]

Sociología politica del deporte, de Jean-Marie Brohm,[33] introduziu-me no universo intelectual de recusa do esporte. O autor elabora uma análise exaustiva para provar que o desenvolvimento do esporte moderno é coetâneo do desenvolvimento capitalista, e que isto não ocorre por acaso. Segundo ele, o esporte reproduz no plano ideológico as categorias fundamentais do modo de produção capitalista, sendo sempre mais uma instância justificadora deste modo de produção. Utilizando largamente as indicações dos filósofos do que se convencionou chamar de "Escola de Frankfurt", especialmente Teodor Adorno e Max Horkheimer, J.-M. Brohm recusa qualquer validade positiva para os esportes, atualizando com sofisticação a idéia da primeira metade do século de que o esporte também é "ópio do povo".

A minha adesão inicial a esta charmosa tese foi matizada pela leitura de *Apocalípticos e integrados*, de Umberto Eco,[34] que estabelece com bastante

---

[30] Plínio José L. de Campos Negreiros, *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo, Tese de Doutoramento, PUCSP, 1998.

[31] Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*. *São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992; idem, "A capital irradiante. Técnica, ritmos e ritos do Rio", in Nicolau Sevcenko (org.), *História da vida privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. III, p. 513-619.

[32] Silvio Lancellotti, *Olimpíadas 100 anos...,*op. cit..

[33] Jean-Marie Brohm, *Sociología politica del deporte*, op. cit..

[34] Umberto Eco, *Apocalípticos e integrados*, São Paulo, Perspectiva, 1970.

pertinência os problemas das teses (e ele está pensando, entre outros, nos filósofos da Escola de Frankfurt) que recusam incondicionalmente o que chamam de "produtos da indústria cultural". Deste autor fiz uso, em alguns momentos, de um dos conceitos que dão título ao livro, "integrados", para adjetivar o discurso dos autores que, mesmo sustentando idéias por vezes diferentes, defendiam a prática esportiva e propunham a sua ampliação. Se Humberto Eco não desfez a minha simpatia para com alguns dos combatentes do movimento anti-esportivo, todavia mostrou os limites da argumentação desses que insistiram em remar contra a corrente.

C. Periodização

O debate que procuro estudar aqui só poderia ter acontecido depois que a prática esportiva estivesse minimamente disseminada entre alguns grupos sociais brasileiros. O que passou a acontecer somente no final do século passado, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Antes disto, o esporte era atividade de clubes de ingleses, que praticavam principalmente o críquete. A partir da década de 1880 algumas provas de modalidades como remo, tênis, natação e corridas a pé começaram a ser disputadas; na década seguinte Charles Miller chegou da Inglaterra com as famosas duas bolas de futebol. E, então, outros esportes, como o basquetebol, tiro e boxe começaram a medrar.

O que encontramos em termos de resistência antes disso realizou-se contra a prática de atividades físicas no âmbito do debate pedagógico que se desenrolou durante o Segundo Império, quando os higienistas iniciaram seu proselitismo pela adoção de tais atividades nos estabelecimentos escolares.[35]

A defesa do esporte em perspectiva nacionalista iniciou-se com José Veríssimo, em 1890, no seu *Educação Nacional*, e a primeira manifestação anti-esportiva tudo indica ser o discurso do deputado Jorge de Morais na Câmara dos Deputados, em 1905. Os albores da República constituem, portanto, o marco inicial desta pesquisa, 1890 mais precisamente.

---

[35] A ação dos higienistas durante o Império e as resistências a ela são estudas por Jurandir Freire Costa em *Ordem médica e norma familiar*, op. cit..

Os debates que se deram após a Copa do Mundo de Futebol de 1938, sob a vigência do Estado Novo, intervieram na ultrapassagem do que estou considerando um primeiro paradigma de interpretações do fenômeno esportivo na sociedade brasileira, em vigor desde 1890, e no início da construção de outro, que se concretiza em 1947, com a publicação do citado *O negro no futebol Brasileiro*. Para os aficionados foi o período de consolidação do discurso do *futebol*, e não mais do esporte, como uma característica essencial da *brasilidade*. Em relação à postura de recusa, ao contrário do que se verificava durante a 1ª. República, sob o Estado Novo ela já não encerra esperança mas frustração por uma causa perdida, como atesta o livro de Orlando Ferreira, *Forja de anões*, de 1940, último libelo antiesportivo que recusava o esporte nos moldes do paradigma em crise.

D. Fontes

O acompanhamento das idéias defendidas pelos anarquistas foi feito a partir de alguns periódicos editados por eles em São Paulo: *A Terra Livre*, *A Plebe*, *Germinal!* e *A Vanguarda*; também utilizei *A Hora Social*, editado pela Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, sob controle anarquista, para um exemplo de problemas que os anarquistas enfrentaram com os trabalhadores aficionados pelo esporte. Todos esses periódicos foram consultados no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, ou no Centro de Documentação e Memória, da UNESP. Em verdade, se nesses periódicos foram encontradas referências aos esportes, isso não quer dizer que não há outras referências em outros periódicos: apenas limitei a pesquisa aos que tiveram uma seqüência de edições para verificar se havia mudanças na abordagem. De qualquer maneira, não seria possível ler todos os periódicos que se encontram em arquivos, devido à quantidade e à fugacidade das edições, como bem demonstrou Maria Nazareth Ferreira em *A imprensa operária no Brasil*.

As marchas e contramarchas dos comunistas foram apreendidas compulsando os periódicos editados por ou sob influência do Partido Comunista do Brasil e da Federação da Juventude Comunista do Brasil, quais sejam, *O Solidário* (de Santos), *O Proletário*, *O Trabalhador Graphico* (ambos de São Paulo), *A Nação, A Classe Operária*, *O Jovem Proletário*, *Nossa Voz* e *Cultura* (cariocas), e

também cartas, relatórios, teses e boletins da FJCB encontrados nos citados arquivos da UNESP e da UNICAMP.

Servi-me dos textos dos educadores, de Lima Barreto, Adelino Magalhães, Bento de Faria, Berilo Neves e Orlando Ferreira publicados em livros, revistas e anais de congressos. À medida que forem sendo analisados, apresentarei a citação completa. Para o pensamento católico, além dos textos publicados em livros, servi-me dos periódicos *Revista Brasileira de Pedagogia* e *Ação Católica*, encontradas no IEB-USP e CEDIC-PUC, respectivamente.

Do segundo volume de *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*, de Inezil Penna Marinho extraí os discursos do deputado Jorge de Morais na Câmara dos Deputados, bem como o capítulo "Cultura Ginástica" de *Lições de Pedagogia: teoria e prática da educação*, de Manoel Bomfim – não encontrei esta obra para consultá-la integralmente como seria mais correto.

Para o discurso favorável ao esporte, utilizei-me também de textos publicados originalmente - ou recolhidos posteriormente - em livro dos seguintes autores: José Veríssimo, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Tomás Mazzoni, Arthur Ramos, Mário Filho e Gilberto Freyre.

Uma última palavra sobre as fontes. Trata-se de um corpo documental bastante diferenciado. Há documentos partidários, discursos parlamentares, conferências, artigos de periódicos, crônicas jornalísticas, textos técnicos de educação, e literatura de ficção, entre outros. Não pretendi fazer tábua rasa de todos esses diferentes documentos históricos; ao contrário, procurei compreendê-los dentro da sua especificidade. Principalmente em relação à literatura de ficção, não me esqueci de que se baseia em significações predominantemente conotativas e não denotativas como os demais textos. Espero ter conseguido respeitar a especificidade dos textos e ao mesmo tempo recuperado o pensamento dos seus autores no que se refere ao esporte.

E. Esporte no Brasil

Tomados na acepção estrita com a qual estou trabalhando, a saber, um conjunto de atividades físicas praticadas em público com o fito de superar

adversários e/ou performances anteriores e regradas por organismos internacionais, os esportes começaram sua história no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, trazidos pelos ingleses. Apesar do recurso ao passado grego utilizado pelos aficionados, está estabelecido com bastante segurança que o esporte, nessa estrita acepção, foi criado na Inglaterra na passagem do século XVIII para o XIX, e regulamentado no decorrer deste último.[36] Alcançou rapidamente os EUA, ainda no século passado, e, levado pelos grupos de ingleses que se espalharam pelo mundo no século XIX quando seu país liderava a corrida imperialista, o esporte foi se implantando, em suas várias modalidades, de acordo com as idiossincrasias dos grupos sociais autóctones que entravam em contato com ele.[37]

Assim, no final do século XIX nos chegou primeiro o críquete, que não alcançou maiores repercussões. Melhor sorte tiveram o remo, a corrida a pé, o tênis e o futebol, enquanto a norte-americana Associação Cristã de Moços nos trouxe, no início do século XX, modalidades coletivas como o basquetebol e o voleibol. No quadro a seguir temos uma apresentação sumária e incompleta, pela dificuldade de encontrar os registros, das primeiras modalidades esportivas praticadas no Brasil.[38]

---

[36] Jean-Marie Brohm, *Sociología politica del deporte*, op. cit., p. 70-73.

[37] O predomínio dos esportes chamados anglo-saxãos pode ser atestada pelo entusiasmo efêmero com que a população de São Paulo se entregou, no início do século à prática do jogo de pela, vindo da Espanha. Segundo Antônio de Figueiredo chegou mesmo a haver a profissionalização de jogadores dessa modalidade, portanto havia partidas-espetáculo. Tal "febre" durou apenas três anos. Antônio Figueiredo, *História do foot-ball em São Paulo*, op. cit., p. 3-7. Por outro lado, o futsal (antigo futebol de salão), criação brasileira de surgimento bem mais tardio (década de 1940, aproximadamente) e reconhecimento internacional, é pouco mais do que a adaptação do futebol às quadras poliesportivas.

[38] As modalidades estão organizadas a partir da data da 1ª. prova disputada. Fontes cotejadas: *Enciclopédia Mirador Internacional*, São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1992; Tomás Mazzoni, *História do futebol no Brasil (1894-1950)*, São Paulo, Leia, 1950; Manoel J. Gomes Tubino, *O esporte no Brasil*, São Paulo, IBRASA, 1996; Inezil Penna Marinho, *História da Educação Física no Brasil*, São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1979; Henrique Matteucci, *Luzes do ringue: o boxe brasileiro da "pré-história" a Adilson Maguila*, São Paulo, Hemus, 1988; Antônio Carlos Alves, *Ciclismo*, São Paulo, Papelivros, s/d; José Maurício Capinussú, *Moderna organização da educação física e desportos*, São Paulo, IBRASA, 1992. O critério para estabelecer a primeira prova de cada modalidade foi a menção das fontes à utilização de regras internacionais. A primeira entidade, ou seja, instituição organizadora da modalidade, não é

Modalidade esportiva	1ª. Prova	1ª. Entidade	1º Campeonato	Situação Internacional [39]
Remo	1870?	1895	1898	1892/1921
Corridas a pé	1880?/1910	1914	1910	1912/1921
Tênis	1888	1914	1910?	1913/1973
Futebol	1895	1901	1902	1904/1921
Ciclismo	1895	?	?	1900/1910
Natação	?	1897	1898	1908/1921
Basquetebol	1906	1914	1917	1932/1930
Tiro	1906	1934	?	1907/1921
Boxe	1913	1921	1921	1946/1921

As modalidades que conquistaram maior número de adeptos e maior público até a Grande Guerra foram o remo e o futebol. Veja-se a título de exemplo que o velódromo mandado construir na capital paulista por Antônio Prado, em 1896, num esforço de popularizar o ciclismo, acabou por ser mais utilizado como estádio de futebol, onde se disputavam as partidas do campeonato paulista a partir de 1902. Ao ciclismo coube a primazia de disputas internacionais, com o comparecimento de Antônio Prado Júnior ao campeonato mundial de 1904, mas a Copa Roca – de futebol – disputada com a Argentina em 1914, foi o primeiro triunfo brasileiro em disputas internacionais.

As disputas futebolísticas locais já empolgavam grande número de pessoas, principalmente dos grupos sociais dominantes. Entre 1902 e 1904, que segundo Antônio Figueiredo afirmava em 1918 era tida como a época de ouro do futebol em São Paulo (com o que ele não concordava), as disputas já provocavam reações apaixonadas na platéia paulistana. Eis sua descrição:

> Nos "matches" de desempates (Paulistano e Athletic) é que as emoções atingiam o auge. Ah! Os desempates! Que belíssimas, que vibrantes páginas de entusiasmo, de alegria, de desalento e de desesperação poderiam escrever os artistas da palavra. Não era tanto o jogo; era apenas a emoção que ele provocava. Dir-se-ia que todo aquele povo, naquele momento, perdia o ciso por completo. Não havia meias medidas: abolia-se a

---

necessariamente de âmbito nacional. Em verdade, são em geral entidades locais do Rio de Janeiro ou de São Paulo.

[39] As datas indicam, respectivamente, a criação da entidade internacional e o reconhecimento da modalidade pelo Comitê Olímpico Internacional, fundado em 1894.

> sobriedade, e, por vezes, a compostura. Famílias das mais distintas requintavam na gritaria, chamando, implorando, incitando os jogadores. Nas gerais, a raia miúda expandia-se à vontade, com exclamações grotescas e ditos ferinos. Os partidários de certos jogadores cerravam fileiras, "entrincheiravam-se" para melhor incumbência dar à sua missão. Improvisam-se [sic] desafios tremendos de torcedores. Entre eles, trocavam-se palavras ásperas, insultos, doestos (...)
>
> Debaixo dessa medonha pressão, desta atmosfera carregada de hostilidades e imprecações, os filhos da Grã Bretanha praticavam o seu sport, calmos, medonhamente calmos, olhos firmes na bola e nos quixotescos adversários [os brasileiros do Paulistano].[40]

Terminada a partida, em que invariavelmente os brasileiros perdiam para os ingleses, o quadro era este:

> Desânimo profundo. Tristeza imensa. Comentários a favor e contra os jogadores. Se Tutu se colocasse em posição mais própria... Se Guilherme não fosse tão afobado... Se Olavo interceptasse a fera do Miller. Que beleza o gol do Ibanez! Que sorte, os ingleses! À saída do Velódromo, gente fina, gente da plebe, carros, automóveis, bondes, tudo saía num tropel. Caras enrugadas, sisudas, profligando, blasfemando. Moças, ainda vermelhas, enfurecidas e nervosas comentavam.
>
> Terminava tudo aí? Não. Havia ainda um gozo. Os jornais. As crônicas dos jornais. Como eram apreciadas! O que diria o "Estado", o "Comércio". E no dia seguinte, muito cedo, mal as meninas se levantavam recordavam novamente os feitos dos rapazes da "jeunesse dorée", quase sempre infelizes, vítimas do azar e da brutalidade. As expressões, empregadas pelos literatos esportivos, passavam de boca em boca, eram repetidas a toda hora, no jantar, no chá.[41]

Que o futebol já houvesse ultrapassado os limites dos grupos dominantes e atingido a "plebe" sabemo-lo também de outras fontes, algumas insuspeitas como o periódico anarquista *A Terra Livre*. O que contradiz construções posteriores, iniciadas por Mário Rodrigues Filho, que nos albores do século viam o futebol interessando exclusivamente à "elite". Se pensarmos que o primeiro campeonato de futebol paulistano foi disputado em 1902, vemos que interessou imediatamente às camadas populares que, se ainda não o praticavam e menos ainda integravam as equipes competidoras, já estavam presente nas "gerais".

---

[40] Antônio Figueiredo, *História do foot-ball em São Paulo*, op. cit., p. 78.

[41] Ibid., p. 79.

Por essa época, o remo era a modalidade predominante no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Clubes foram criados e diversas regatas eram disputadas desde o último quartel do século XIX. Na sua perspectiva nacionalista, João Lyra Filho afirmou que até 1863

> as regatas constituíam festas. Quando os remos começaram a exprimir força, com os estímulos da nossa Marinha de Guerra, aqueles que por eles foram atraídos cuidaram de reunir-se em clubes desportivos. Em 9 de agosto de 1874, (...) fundou-se o Clube Guanabarense; depois, em 1885, o Clube de Regatas Cajuense, e, em seguida, no dia 10 de julho de 1888, o Clube de Regatas Internacional. Nesse último ano, já eram vários os clubes dedicados aos desportos náuticos: no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em outras províncias.[42]

No pós-guerra multiplicaram-se as modalidades, as provas, os clubes, os atletas e os espectadores. Também ocorreram algumas conquistas internacionais que elevaram o interesse pelo esporte, ainda que a prática de certas modalidades vencedoras fosse bastante restrita, como é o caso do tiro: os atiradores brasileiros que conquistaram três medalhas nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, em 1920, os primeiros jogos a que uma delegação brasileira compareceu, eram todos militares. Triunfo no Campeonato Sul-americano de Futebol, em 1919, e medalhas em Antuérpia, em 1920, disputas interestaduais de futebol, de corridas, e ainda campeonatos estaduais de futebol e provas de atletismo, remo, natação, basquetebol, boxe: no pós-guerra o esporte se popularizou crescentemente a partir de São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre estas duas cidades em particular, dois trabalhos de Nicolau Sevcenko mostram como o entusiasmo esportivo fremiu, não obstante o autor constatar uma inquieta resistência manifestada em cartas ao *Estado de São Paulo*.[43]

---

[42] João Lyra Filho, *Introdução à sociologia do desporto*, op. cit., p. 239. Manoel Gomes Tubino, isento de pruridos nacionalistas, caracterizou as regatas brasileiras como cópias das européias, reconhecendo o papel fundamental dos europeus (ingleses teria sido a palavra ideal) na definição das regras de disputa. Manuel J. Gomes Tubino, *O esporte no Brasil*, op. cit., p. 18.

[43] "Chovem queixas , reclamações e apelos do público e da redação contra os jogos improvisados de futebol, promovidos dentre os operários, pelas ruas e praças da cidade em seus intervalos de almoço e, principalmente, contra os "garotos", "moleques", "vadios" e "vagabundos", que se entregavam quase que o dia inteiro, por todos os cantos da cidade, nos terrenos baldios, ruas e

De qualquer forma, novas praças esportivas foram construídas, novos clubes criados, atletas egressos das camadas populares começaram a formar nas fileiras dos clubes antes restritos aos grupos dominantes. E nesse processo, o profissionalismo se insinuou.

Chamado de "amadorismo marrom", o profissionalismo por longo tempo esteve no centro das discussões acerca do esporte: para os puristas era um desvio infame, para os concordes, um meio legítimo de ganhar a vida. Desde o pós-guerra, este assunto só se resolveu em 1933, quando os defensores do profissionalismo obtiveram os favores do Estado que o reconheceu e o regulamentou para o futebol. Mesmo assim, como veremos, os puristas não se deram por convencidos e continuaram a manifestar o seu descontentamento. Alguns protestaram de forma mais radical, como o Clube Atlético Paulistano que abandonou as disputas futebolísticas desde então.[44]

E o futebol tornou-se definitivamente a modalidade preferida. Tomemos como indicador os números da cidade do Rio de Janeiro, de 1937 a 1939: enquanto todas as outras modalidades permaneceram estacionadas no mesmo número de clubes, somente três conheceram aumento – futebol, basquete e golfe –, ressaltando-se o futebol não só pela quantidade mas também pela constância no incremento, segundo os dados do IBGE: [45]

---

esquinas, aos chutes e correrias atrás de bolas de pano e de papel, couro ou simples tocos de madeira". Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, op. cit., p. 61.

[44] Mas não se afastou do tênis, que também se profissionalizou. O que demonstra claramente que a defesa do amadorismo no futebol era simplesmente uma maneira dos atletas das camadas dominantes tentarem evitar de se misturarem com atletas "plebeus". Os grupos sociais dominantes escolhem as modalidades que praticam e as revestem com uma etiqueta que reforça preconceitos sociais e o fosso existente entre dominantes e dominados. Esta carga simbólica aposta ao esporte é muito clara no tênis e no golfe, nos quais se exige da platéia um comportamento aristocrático de controle das emoções, bem ao contrário do que se espera das platéias do boxe, futebol, basquetebol etc.. Sobre este aspecto, veja-se Pierre Bourdieu, "Sport and social class", *Social Science Information*, 1978, 17, 6, p. 819-840.

[45] Reprodução do quadro sob o título "Sinopse dos clubes e campos desportivos existentes no Distrito Federal – 1937-1939", in *Anuário Estatístico do Brasil, 1939-1940* [sic], Rio de Janeiro, IBGE/Conselho Nacional de Estatística, 1940, p. 1132.

ESPECIFICAÇÃO		DADOS NUMÉRICOS		
		1937	1938	1939
Total de clubes existentes		170	178	189
Dos quais praticavam	Automobilismo	1	1	1
	Basquetebol	26	35	35
	Ciclismo	10	10	10
	Futebol	141	147	151
	Golfe	2	3	3
	Hipismo	6	6	6
	Motociclismo	1	1	1
	Regatas e Natação	19	19	19
	Tênis	20	20	20
	Polo aquático	8	8	8
Estádios e campos desportivos existentes		47	56	82

Os dados da última linha do quadro acima nos remetem a uma outra questão, a de se saber qual era a quantidade das praças esportivas brasileiras, quaisquer que fossem os responsáveis pela sua construção. A maioria absoluta dos municípios brasileiros, em 1937, não dispunha de praças esportivas adequadamente aparelhadas. Excluído o Distrito Federal, somente os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul tinham praças na maioria de municípios, mesmo assim, no caso de São Paulo, uma maioria apertada, 134 em um total de 260; no Rio Grande do Sul, 64 de 86 municípios tinham seus "campos desportivos". No total do país, apenas 360 municípios de um total de 1488 que prestaram a informação.[46]

A presença do Estado na construção dessas praças esportivas também era pequena. Seguia cabendo a particulares, aos próprios clubes, a iniciativa. Não se deve desconsiderar, entretanto, que as estatísticas escondem o fato de que um importante e caro item – a terra – era em geral cedido gratuitamente pelas municipalidades. Contudo, a construção e manutenção eram de iniciativa particular, e como tais eram consignados nas estatísticas. De um total de 849 "campos desportivos" existentes no país, em 1937, 814 eram de propriedade particular e 35, estatal (5 federais, 1 estadual e 29 municipais), e destes, 19 no estado de São Paulo. Seria necessário uma investigação mais acurada,

[46] "Campos desportivos arrolados no país – 1937", ibid., p. 1133. O IBGE não levou em conta campos esportivos improvisados, mas apenas aqueles demarcados e com "aparelhamento próprio" (supõe-se que traves fixas para o gol, no caso do futebol, cestas e piso revestido para o basquetebol etc.).

mas apesar de todo o investimento realizado para transformar o estádio do Pacaembu, inaugurado em 1939, em símbolo da sua preocupação com a educação física e o esporte, parece que o Estado Novo pouco fez para mudar as tendências esboçadas nestas estatísticas.[47]

Ainda sobre o futebol, selecionados brasileiros disputaram os campeonatos sul-americanos, torneios contra a Argentina e Uruguai, e depois de participações discretas nas Copas do Mundo de 1930 e 1934, colocaram-se em terceiro lugar em 1938, além de fazer o artilheiro do certame, Leônidas da Silva. As vitórias da seleção brasileira no período estão no quadro abaixo.[48]

ANO	CONQUISTAS
1914	Copa Roca (torneio contra a Argentina)
1919	Campeonato Sul-americano
1922	Campeonato Sul-americano; Copa Roca; Taça Rodrigues Alves (torneio contra o Paraguai)
1923	Taça Brasil - Argentina
1931	Taça Rio Branco (torneio contra Uruguai)
1932	Taça Rio Branco

De maneira geral, não se pode creditar às vitórias internacionais o entusiasmo pelo futebol, ainda que tivessem um papel importante, pois as conquistas foram escassas. Mas deve-se levar em conta que vencer os uruguaios era especialmente importante, uma vez que haviam conquistado medalha de ouro nas Olimpíadas de 1924 e 1928, e ainda a Copa do Mundo em 1930. As vitórias nestes torneios foram consideradas verdadeiras façanhas pela imprensa esportiva e pelo público brasileiro, pois o selecionado brasileiro nunca era o favorito para o título. Somente com o terceiro lugar em 1938 é que os jogadores brasileiros se destacaram internacionalmente, e o Brasil começou a ser visto como uma potência futebolística. A importância de 1938 não pode ser desdenhada: foi responsável pelo crescimento da auto-estima dos aficionados brasileiros, uma vez que o Brasil

[47] Para uma análise na inauguração do Pacaembu, consulte-se Plínio José L. de Campos Negreiros, *A nação entra em campo, futebol nos anos 30 e 40*, op. cit.. O quadro do IBGE não deixa claro se foram computados os "campos desportivos" escolares; tudo indica que não.

[48] Conforme Tomás Mazzoni, *História do futebol no Brasil*, op. cit..

já conseguia disputar com os países mais ricos em pé de igualdade e era elogiado pela imprensa francesa como a pátria dos reis do futebol.

A significação da Copa de 1938 para o Brasil, entretanto, apenas começa a ser estudada.[49] Para os objetivos deste trabalho, basta ressaltar que as comemorações dos aficionados deram aos opositores do esporte motivos de sobra para lastimar a sua popularização: transmissões radiofônicas das partidas para o Brasil, manchetes e extensas colunas nos jornais, recepção concorridíssima aos jogadores no Rio, desfiles em carros abertos – muito do cotidiano das grandes cidades brasileiras girou em torno do futebol por todo o mês de junho daquele ano.

[49] Veja-se Plínio José L. de Campos Negreiros, *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*, op. cit..

1. O esporte como "regenerador da raça"

A dinâmica do elogio do esporte no Brasil foi de molde a adquirir cada vez maior complexidade e sofisticação, em resposta tanto ao próprio desejo de vê-lo desenvolver-se como ao propósito de remover os obstáculos – intelectuais, nesse caso – colocados a esse desenvolvimento pelos críticos que o recusavam ou lhe faziam restrições. Se o discurso dos apologistas se construiu então, em boa medida, contra o dos críticos, uma vez coexistindo, travaram um diálogo ininterrupto. Conforme o debate avançava, ambos os lados não só tentavam convencer o "público" como os opositores.

Essa dinâmica fez com que o discurso apologético buscasse sempre novos argumentos. Neste capítulo analisaremos os textos que sintetizam os argumentos em circulação até o início da década de 20. Muitos deles com certeza estiveram no epicentro da discussão, mobilizando os opositores para sua contestação. Apesar de ressaltarmos que houve uma agregação de novas razões, seguiam o mesmo padrão, podendo ser considerados como uma unidade em expansão, cujo crescimento acompanharemos até o momento em que se avolumaram as críticas ao esporte, no final da 1ª. Guerra Mundial. A partir daí houve uma inflexão no discurso apologético que seguiremos acompanhando no capítulo 3.

O que unia todos os autores que analisaremos era uma crença nas virtudes do esporte não apenas como forma adequada de educação do corpo, especificamente, mas como forma por excelência de educação integral, desempenhando um papel importante também na educação intelectual e moral. Cada autor ao seu modo, e de acordo com as preocupações imediatas que lhes moviam o escrever, tematizou um certo conjunto dessas virtudes, ficando claro que elas não se excluíam; ao contrário, como já afirmado, foram se agregando de maneira a sofisticar a apologia.

Dentre todos os aspectos dos textos o que se sobressai é o nacionalismo. Todos consideravam que a nação brasileira ainda estava por se formar e que o esporte teria um papel relevante a cumprir neste processo. Bem de acordo com o parnasianismo que dominava a universo cultural dos grupos dominantes, esses autores tenderam a suspirar pela reedição do olimpismo grego como forma de fortalecer a "raça" brasileira. Diante do problema da presença de vasto contingente

negro e mestiço e dos novos aportes de imigrantes de diversas nacionalidades, incomodava-os tal heterogeneidade étnica que os impedia de encontrar já formado um "tipo brasileiro". Assim, o "brasileiro" era visto como um tipo por cuja formação se devia trabalhar. Sem ações pedagógicas e higiênicas, deixados à sua própria sorte, os contingentes populacionais ao invés de caminharem para a formação do tal "tipo", se diferenciariam cada vez mais, caminhando no sentido oposto ao desejado pelo nacionalismo dos autores. Essa diferenciação é um dos aspectos do que nomeavam "degeneração da raça": o problema da língua ou o do território, que tanto preocupavam os nacionalistas de outras partes do globo,[1] aqui no Brasil eram problemas subsidiários.[2] O problema central do país seria a raça, e estava fora de dúvida qual devia ser a cor da pele do "tipo nacional".

O racismo era matizado, entretanto, pela influência do pensamento de Silvio Romero que havia tomado uma posição em relação à mestiçagem que escapava aos limites do dominante darwinismo social (que a condenava inapelavelmente). Para o autor pernambucano, se a mestiçagem era um problema, não era insolúvel, na medida em que acreditava na evolução positiva do mestiço, na linha da perfectibilidade humana, de Rousseau.

Mas a influência de Romero e do seu Iluminismo via Comte foi limitada. O pensamento liberal estava mesmo marcado pelo darwinismo social, por Gobineau, Lombroso e epígonos. Veja-se o caso de Monteiro Lobato. Ao tempo em que se referiu ao esporte ainda acreditava que o caipira estava irremediavelmente perdido e que o esporte era uma atividade que poderia regenerar a "elite" branca.[3] Afrânio Peixoto, nos seus textos sobre esporte não se refere ao "problema" da mestiçagem, mas seu livro de estréia (*A esfinge*, 1908) adota teses naturalistas e coloca o

---

[1] Eric Hobsbawm, *Nações e nacionalismo desde 1780*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, passim.

[2] Mas nem por isso desimportantes, haja vista a preocupação com o povoamento do interior, particularmente do Sul, zona de possíveis conflitos com Argentina, e a preocupação com o ensino da língua portuguesa aos imigrantes. O caso dos imigrantes mostra que algumas pseudo-soluções para esse pseudoproblema criavam novos problemas: os imigrantes europeus que supostamente ajudavam a branquear a população utilizavam outros idiomas – a unidade racial estaria sendo conseguida às expensas da unidade lingüística.

[3] Mais tarde, sob o influxo do movimento higienista alavancado por Adriano Neiva e Belizário Pena, Lobato reviu sua posição e afirmou em artigo de 1918 que "O Jeca não *é* assim; *está* assim [degenerado]", por conta da falta de um programa higiênico que lhe recuperasse a saúde. Veja-se Monteiro Lobato*, Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, São Paulo, Brasiliense, 1948, p. 221.

mestiço como irrecuperavelmente degenerado, o que explica a adesão deste médico à eugenia.

O pensamento evolucionista, como o de Romero, que acreditava que todas as raças tendiam a um aperfeiçoamento e que a mistura não atrapalhava o seu caminho – mas que trazia implícita a idéia da predominância do branco na mestiçagem, ou seja, a fé no branqueamento –, reaparece em Veríssimo, Bilac e Coelho Neto. Eles nem se referem ao "problema", a não ser Bilac, para descaracterizá-lo dizendo que quatro séculos de escravidão eram uma vergonha do passado nacional e que os negros e mestiços nada tinham que os colocasse naturalmente numa posição inferior ou degenerada.

De qualquer modo, evolucionistas ou darwinistas sociais ao se referirem ao esporte viam nele qualidades que lhe permitia funcionar como um elemento educativo que colaborasse para a criação do tipo brasileiro, estivessem os mestiços e negros descartados ou não deste desiderato.

Uma outra questão que permeava essa tentativa de construção do ser nacional referia-se ao "outro". Ou seja, construía-se uma identidade não só marcando as semelhanças entre os idênticos, entre os membros da nação, mas também marcando as diferenças em relação àqueles que dela estavam excluídos. Nesta perspectiva, o outro podia estar dentro do próprio país, do território que deveria caber à nação, ou fora dele. Em Veríssimo, o outro é o imigrante, o perigo que ronda a nacionalidade e que poderia fazê-la perder o domínio sobre o seu território, sobre o país. Em Bilac, ao contrário, o outro está fora, é o imperialismo, contra o qual a nação deve fortalecer-se para se defender. Lobato estava mais preocupado com o desenvolvimento econômico, e o outro, que lhe entravava o passo, era o mestiço degenerado e incapaz para o trabalho. Afrânio Peixoto, ao contrário dos seus predecessores, escrevendo num momento de agudas lutas sociais urbanas, em que pontificavam os anarquistas, elegeu, ao lado dos mestiços e negros, os socialistas nos seus vários matizes.

Quanto às atividades físicas propriamente ditas, uma referência para esses autores era Rousseau. Não faziam restrições às práticas de exercícios mesmo para crianças, acreditando nas virtudes da fadiga, concordando assim com o autor do Emílio.

Rousseau insistiu com veemência, no *Emílio*, na necessidade de fazer as crianças praticarem exercícios ao ar livre até a exaustão. Em primeiro lugar,

argumentou, tais exercícios não eram obstáculos ao desenvolvimento intelectual. Afirmou, pois, que "é um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra!"[4] Acrescentou ainda que o objetivo da sua pedagogia era conseguir que seu aluno pudesse "ter aquilo que julgam incompatível, e o que quase todos os grandes homens reuniram em si, a força do corpo e a da alma, a razão de um sábio e o *vigor de um atleta*".[5] Rousseau se apoiava na autoridade de autores que o antecederam – "o avisado Locke, o bom Rollin, o sábio Fleury, o pedante Crouzas" – e que tinham o mesmo ponto de vista: "exercitar muito o corpo das crianças"; referiu-se ainda a Montaigne que, "falando da educação de uma criança, diz que, para fortalecer-lhe a alma, cumpre enrijecer-lhe os músculos, acostumando-a ao trabalho, habituando-a à dor: é preciso afazê-la à dureza dos exercícios, para adestrá-la às asperezas das luxações, das cólicas e de todos os males".[6]

Como o *vigor de um atleta* era o modelo com o qual trabalhava, percebemos que Rousseau nada tinha contra os jogos, entendendo que eram atividades físicas que colaboravam para essa espécie de mortificação fortificante do corpo: "a péla, a malha, a flecha, a bola, os instrumentos de música".[7]

Se para as crianças a atividade física era primordial para fortalecer o corpo, entre os adolescentes era um poderoso meio de controle das paixões. Os "perigos"

---

[4] J.-J. Rousseau, *Emílio, ou da Educação*, São Paulo, DIFEL, 1968, p. 112.

[5] Ibid., p. 113, itálico meu.

[6] Ibid., p. 122.

[7] Ibid., p. 149. No limite, o que parecia ser mais do agrado de Rousseau contudo era a ginástica, que ele denomina "exercícios Acadêmicos" e as quais se reporta em outra obra: "Eu nada disse sobre os exercícios Acadêmicos porque não é propriamente o ponto que se costuma negligenciar. Eles são vantajosos por várias razões. Primeiramente porque é preciso absolutamente sabê-los. Em segundo lugar, porque dão ao Corpo uma agitação que convém aos Jovens e que contribui para a sua saúde. Em terceiro lugar, porque servem de relaxamento e de recreação aos trabalhos do Espírito, e enfim, porque distraem as Crianças dos pequenos jogos e das outras bobagens que não fazem senão estreitar o Espírito e que, no mínimo, o ocupam inutilmente". J.-J. Rousseau, *Dissertação apresentada ao Sr. de Mably sobre a educação do Sr. seu filho*, apud Priscila Grigoletto Nacarato, *Rousseau: textos sobre a educação. Introdução, apresentação, tradução e notas*, São Paulo, Dissertação de Mestrado, FEUSP, 1995, v. 1, p. 193. Essa passagem coloca algumas dificuldades porque nela Rousseau não apresenta uma visão simpática dos jogos como no *Emílio*. A se reter desta passagem também a noção de inutilidade que veremos reaparecer entre os opositores do esporte.

desta idade – "a leitura, a solidão, a ociosidade, a vida fácil e sedentária, o comércio das mulheres e dos jovens" – precisam ser evitados "enganando" o espírito: "é exercitando o seu corpo em trabalhos árduos que detenho a atividade da imaginação que o arrasta. Quando os braços trabalham muito, a imaginação descansa; quando o corpo está cansado, o coração não se inflama".[8]

O elogio do atleta, a atualização do "mens sana in corpore sano", as propriedades morais da atividade física aplicadas ao esporte, todos esses argumentos reaparecem nos autores aficionados brasileiros de quem passarei a tratar.

1.1. Os primórdios da República

Uma das primeiras manifestações a favor do esporte no Brasil, senão a primeira, publicada em 1890, quando a maioria das modalidades não havia ainda iniciado sua história entre nós, o quarto capítulo do livro de José Veríssimo, *Educação Nacional*, vê com bastante entusiasmo os efeitos que a prática esportiva teria sobre a "raça" brasileira se, como queria o autor, fosse adotada nas escolas e passasse a fazer parte dos costumes da população.[9]

Inicia o capítulo uma longa citação de Spencer (retirada da *Educação intelectual, moral e física*), na qual o filósofo inglês defende a prática da educação física observando sardonicamente que os homens ingleses cuidam mais da criação dos animais que de seus filhos.

Para Veríssimo, se isto era verdade para os ingleses que se dedicavam tanto aos exercícios físicos, tanto mais seria para os brasileiros. Já era passada a hora, segundo ele, de se preocupar com o fortalecimento da raça, objetivo primeiro da educação física.

Ele estava seriamente preocupado com a possibilidade de o Brasil ser perdido para estrangeiros. Seu raciocínio era o de que a imigração estava trazendo para o Brasil, e fixando em apenas algumas regiões, um número expressivo de europeus, principalmente alemães e italianos, mais fortes que os brasileiros. Nestes

---

[8] J.-J. Rousseau, *Emílio* ..., op. cit., p. 378.

[9] José Veríssimo Dias de Matos, *A Educação Nacional*, cap. IV, apud Inezil Penna Marinho, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil* ..., op. cit., p. 61-86. A 1ª. edição é de 1890; houve uma segunda, pela Editora Francisco Alves, no Rio de Janeiro, em 1906, que é a utilizada para a transcrição de Inezil, na qual me baseio.

locais, os brasileiros, raça abastardada e portanto fraca, ficariam em desvantagem frente aos imigrantes em todos os campos em que a força física fosse relevante, mormente no trabalho e conseqüente (pensa ele) acúmulo de propriedades. Por isso, para ele a "Educação Física no Brasil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional".[10]

Urgia introduzir nas escolas a educação física de modo a acabar com o "enfatuamento de se fingir de homem, que distingue o 'acadêmico' brasileiro".[11] Todos os países desenvolvidos – Inglaterra, EUA, Alemanha, Suíça, França – já vinham praticando metodicamente a educação física nas suas escolas, principalmente o primeiro, o que o fazia conquistar e dominar todo o mundo. Promover o desenvolvimento do Brasil passava, portanto, por melhorar a raça.

Para isso era necessário, segundo José Veríssimo, que se pesquisasse os melhores exercícios adequados ao clima e às características da raça brasileira. Enquanto tal pesquisa não fosse levada a efeito, nem por isso se deveria ficar inerte: que se adotassem a ginástica e os esportes estrangeiros mais adequados ao nosso clima.

E é este o ponto que nos interessa mais de perto. Dentre todas as atividades físicas, aquela pela qual José Veríssimo demonstra mais entusiasmo é o esporte. Não faz restrições a nenhuma modalidade, do boxe à equitação, do futebol ao remo.

> Na Inglaterra, cujo povo é incontestavelmente, o mais forte, o mais enérgico, o mais viril dos deste fim de século, os exercícios são, digamos assim, uma instituição nacional (...) O "cricket", o futebol, as regatas, as grandes marchas, as corridas a pé, quantidade de pequenos jogos colegiais, a natação, a caça à raposa, a equitação, o "law-tennis", o "box", amados, espalhados e praticados por toda a Inglaterra e colônias são a grande escola de Educação Física inglesa. Seus resultados aí estão patentes.[12]

As vantagens do desenvolvimento físico, especialmente através do esporte, são o fortalecimento do patriotismo ("são verdadeiros meios de educação nacional,

[10] Ibid., p. 67.

[11] Ibid., p. 60.

[12] Ibid., p. 61.

pelos sentimentos patrióticos que despertam"),[13] da inteligência, do caráter e da moral.

> Criemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada por uma piegas literatice precoce e pelo prematuro erotismo, isto que um escritor francês [Coubertin], tratando estes assuntos, chamou matéria de entusiasmo. Incitemos nela esses ardores da luta física, a ver se lhe geramos o entusiasmo que lhe falta nas lutas intelectuais e morais.[14]

Ao argumento daqueles que resistiam à educação física no Brasil de que o clima quente não lhe seria adequado, exigindo antes uma contenção de energias que dispêndio, José Veríssimo refutava afirmando que se assim o fosse a lavoura seria aqui também impraticável pela quantidade de esforço físico que demanda – como se sabe ela havia se desenvolvido nos quatro cantos do país, exigindo apenas uma adaptação do lavrador a horários para escapar do sol inclemente. Demais, a Austrália teria um clima igualmente quente e nem por isso suas equipes esportivas deixavam de praticar e concorrer em pé de igualdade em campeonatos disputados com as equipes inglesas.[15]

Assim, para José Veríssimo não havia o que esperar mais: era necessário introduzir rapidamente a educação física, especialmente por meio dos esportes, em todo o sistema escolar brasileiro. Ele não esperava, porém, uma adesão rápida da "mocidade". Imaginava que em resposta a uma ação desta natureza por parte dos diretores de ensino, os rapazes

> Arremedarão grotescamente todas as ruins novidades parisienses de exportação, macaquearão ridiculamente os caixeiros viajantes ingleses, mas a sua vaidade infantil e medo de exercício, próprio à nossa moleza e indolência, não lhes consentirá imitar inteligentemente as instituições e os costumes que nos cumpre adotar, se nos importa o não abastardamento da raça.[16]

---

[13] Idem.

[14] Ibid., p. 64.

[15] Ibid., p. 66-67.

[16] Ibid., p. 60. Eis uma provável fonte de Lima Barreto, que estudaremos no segundo capítulo: imitação acrítica dos europeus expressada como "macaqueação", os ingleses caracterizados como "caixeiros viajantes", essas mesmas idéias, mas ao contrário de José Veríssimo, ele utilizará para anatematizar o esporte trinta anos mais tarde.

Não tinha, portanto, José Veríssimo em alta conta o "moço" burguês brasileiro do seu tempo: indolente, "literato, poeta, discute os filósofos com uma grande erudição de catálogos, janota, "poseur", discursador, namorador, abonecado, doutor desde segundo anista".[17] Seria preciso muito trabalho para convencê-lo a praticar esportes.

Essa previsão de José Veríssimo não se concretizou. Se era difícil criar na "mocidade" o gosto pela ginástica (como é até hoje), o gosto pelos esportes se desenvolveu rapidamente. Ele próprio reconheceu em nota à segunda edição deste seu livro que "essa crítica hoje (1906) não seria mais inteiramente justa. Nos últimos anos tem-se desenvolvido no Brasil, ao menos no Rio de Janeiro e em São Paulo, extraordinário gosto pelos desportos".[18] E aí já colocava reparos nesse desenvolvimento vendo nele o defeito que todos os críticos de matiz nacionalista viam:

> "E como em tudo carecemos de medida, pode-se notar até que com algum *exagero*, e sem aquele método e sistema que tanto contribuem para a sua utilidade nos países anglo-saxônios".[19]

Mas em 1890, ele era só entusiasmo. Tanto que sua utilização do texto de Spencer seria reprochada pelo próprio Spencer, se este viesse a conhecê-la. Pois como veremos, Spencer defendia a educação física mas condenava irremediavelmente jogos em que houvesse competição. José Veríssimo aproveitou o primeiro aspecto da obra do filósofo inglês e ignorou o segundo.

Procedeu da mesma maneira com o livro de Philippe Daryl, *Renaissance Physique*. Ao citá-lo, apresentou o francês como um entusiasta dos esportes ingleses a tal ponto que teria chegado a propor a sua importação pela França. Nas suas palavras:

> Por 1888 uma reação, provocada principalmente pelos estudos sobre a Educação Física na Inglaterra, de Paschal Grousset (Philippe Daryl), primeiro publicado no Temps e depois

[17] Idem.

[18] Idem, nota 350.

[19] Idem. Aqui a provável fonte da idealização da prática esportiva inglesa que encontraremos em Maria Lacerda de Moura e nos comunistas. Como veremos, evocam quase com as mesmas palavras uma suposta diferença entre a prática do futebol entre os ingleses e entre os latinos.

em volume, contra o sistema francês e a favor do inglês, desafiou um movimento a favor dos jogos.[20]

A leitura do livro de Daryl mostra que não é bem assim: na verdade este autor tem muitas críticas a várias modalidades, como o críquete e o futebol, e desaconselha veementemente a sua adoção aquém-Mancha, o que, aliás, será explorado por Carlos Sussekind de Mendonça, em 1921, para combater os esportes.[21]

Contudo, a escola não era necessariamente o lugar privilegiado para a prática de esportes. Havia autores pensando de maneira diversa. Veremos, aliás, que a partir dos anos 20 os educadores terão muitas restrições ao esporte como fator de educação física. Se Veríssimo por ocasião da segunda edição de *A Educação Nacional* já estava desapontado com as propostas da reforma do ensino encetada em 1890, havia quem apostasse em outras organizações da sociedade para proceder ao aperfeiçoamento físico da raça. Bem ao gosto liberal, esses autores propunham que a própria sociedade criasse os meios para essa realização, não esperando maior atuação do Estado que o apoio a essas iniciativas.

Esse era o caso de Olavo Bilac. Em que pesem os seus empregos públicos, tanto a campanha em prol dos esportes como aquela, mais aguda, pela "defesa nacional" centravam-se em organizações da sociedade, clubes e ligas.

O pensamento de Bilac sobre o esporte está delineado com clareza na crônica "Salamina", publicada em 1900, em que deu um tratamento militarista ao esporte, colocando-o como tábua de salvação da nação diante de uma conquista estrangeira que considerava iminente.[22] O dado da realidade cotidiana do qual o autor partiu para as suas ilações militaristas foi uma prova de remo disputada no Rio de Janeiro, naquele ano.

---

[20] Ibid., p. 63.

[21] Philippe Daryl, *Renaissance Physique*, Paris, J. Hetzel et Cie, 1888?, p. 51-52 (para a recusa do críquete) e p. 65-67 (para a recusa do futebol).

[22] Olavo Bilac, "Salamina", in *Obra Reunida*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1997, p. 391-393. Crônica originalmente publicada em 1900, e recolhida pelo autor em *Crítica e fantasia*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1904. Inezil P. Marinho reproduz a crônica a partir de outra reprodução, de Alberto de Mendonça, *História do Esporte Náutico no Brasil*, Rio de Janeiro, s/e, 1909. Inezil Penna Marinho, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil* ..., op. cit., p. 89-92. A versão de Inezil é ligeiramente diferente daquela da *Obra Reunida*, o que sugere que Bilac revisou a crônica ao publicá-la em *Crônica e Fantasia*. As citações remetem à versão da *Obra Reunida*.

A crônica divide-se nitidamente em três partes. Na primeira o autor canta a beleza da natureza à qual associa a beleza da regata disputada na baía da Guanabara, chamando a atenção para a alegria dos espectadores e utilizando metáforas que remetem a imagens naturais para descrever o acontecimento. Assim, a assistência é referida como "ondas de povo", que se contrapõem às ondas do mar; os barcos – as "baleeiras" – são "aves de vôo rasteiro, erguendo e abaixando os remos rebrilhantes, como asas esguias". O retrato dos atletas, cujos "braços nus, mostram os nós reforçados dos bíceps", confirmam o tom parnasiano.

O remo era a modalidade esportiva por excelência, para Bilac. É o que comprova a comparação que faz entre a assistência das regatas e aquela dos jogos de boliche e de pelota (que como vimos na Introdução, era muito popular na virada do século). Nas regatas, as "ondas de povo" são alegres, "tagarelam", "enchem o ar de riso e delírio", "aclamam"; e a comparação: "E quanto mais bela e mais nobre essa ansiedade, do que a ansiedade com que a multidão aparvalhada espera, nos boliches e nos frontões, o êxito de um dar de bolas ou de pelotas".[23] Como não via nenhuma associação positiva possível destes jogos com a Antigüidade Clássica, Bilac os desprezava.

Se uma das características do chamado estilo parnasiano é justamente erigir a Antigüidade Clássica como modelo, tanto plástico como literário, Bilac confirma o procedimento na segunda parte da crônica. Após associar os remadores aos atletas fixados na estatuária grega, recorre ao passado para afirmar que o desenvolvimento dos "músculos" fora fundamental para que povos com menos recursos materiais vencessem opositores mais equipados. Exemplifica com os gregos na batalha de Salamina, que contra todas as expectativas venceram a imponente frota do rei persa Xerxes, e com os indígenas de Cunhambebe que, no

[23] Olavo Bilac, op. cit., p. 392. na versão apresentada por Inezil, Bilac colocou parte dos espectadores da regata em "cima das galhadas das árvores". Inezil P. Marinho, op. cit., p. 89. Na *Obra Reunida* o texto está como publicado em *Crítica e fantasia*, na qual Bilac retirou essa passagem. Pode-se conjeturar que a presença do trecho na versão original tinha como objetivo mostrar que todos os lugares possíveis estavam tomados pela platéia: os balcões das casas, o cais, os navios ancorados; depois, considerou pouco "grega' a atitude tão popular de subir em árvores para acompanhar eventos, e apagou-a da descrição. Ela não se prestava bem à diferenciação que estava fazendo por inserir uma imagem "grotesca" no campo refinado e "clássico". O efeito de estranhamento não era adequado uma vez que criava uma identidade entre a platéia do remo e a do boliche e da pelota, quando o objetivo do autor era exatamente o contrário.

início da colonização do Brasil, derrotaram recorrentemente os navios portugueses utilizando simples pirogas. Os atletas remadores brasileiros deviam ser louvados e incentivados porque representavam a segurança do Brasil, afirma Bilac, lutando e vencendo como Davi fizera com Golias. Que aos remadores estava reservado um lugar especial na História do Brasil ele confirmava com o exemplo – mais um – da vitória naval do Riachuelo, na guerra contra o Paraguai.

Lamenta-se o autor, iniciando a terceira parte, de que ele próprio tenha descurado por toda a vida dos exercícios físicos: "Mal de mim, mal de todos aqueles que se deixaram lentamente envenenar pela preguiça, pelo amor da vida regalada".[24] Como era comum ao seu tempo, e já o vimos em José Veríssimo, ao defender a necessidade da prática esportiva considerava a mocidade indolente. Além de provavelmente acreditar no clichê, utiliza-o como um expediente para ir aumentado a tensão do texto e terminar asseverando que o Brasil corria perigo de ser submetido à conquista imperialista e que não seria com gente como ele próprio, cujo braço estava "apenas habituado a manejar uma pena" que o Brasil se safaria. Somente "gente moça" com os "músculos" adestrados pelo esporte poderia fazer frente ao "Xerxes moderno".[25]

É patente, portanto a concepção militarista dos objetivos do esporte em Bilac, que mais tarde proporá com sucesso, infelizmente, a obrigatoriedade do serviço militar. Estava convicto de que o esporte não era um fim em si mesmo, e provavelmente por isso não apreciava jogos de boliche e de pelota, cuja assistência era "parva", enquanto aquela que acompanhava a prova de remo era tomada de uma "ansiedade nobre". O acento não estava na diversão, no prazer da prática – que ele não descartava, contudo –, mas na preparação militar da juventude. A prova de remo torna-se uma acontecimento cívico, em que se celebra a pátria e se constrói o futuro da nação.

Todos os exemplos utilizados por ele no texto são militares, e o supremo problema nacional é a defesa da pátria. Defesa, entretanto, contra o perigo que ainda está lá fora: ele ainda não manifesta o medo de José Veríssimo de que o perigo já estivesse dentro da pátria, os imigrantes. Para ele o grande perigo é a

[24] Ibid., p. 393.

[25] Idem.

conquista imperialista, que ele personaliza na figura de um "almirante alemão ou *yankee*".[26]

Bilac percebia, portanto, que a despeito de viver na chamada "Belle époque", subjacente a ela se desenvolvia uma corrida imperialista de partilha do mundo (que de fato levou à conflagração na Europa, em 1914). Ele tinha uma verdadeira paranóia a esse respeito, imaginando que o Brasil poderia sofrer ataques, como a África e Ásia, das potências econômicas do período, metaforizadas pela expressão "almirante alemão ou yankee", ou ainda, "Xerxes".

> De onde virá ele, o Xerxes ousado? Em que fria e esperta chancelaria da América ou da Europa estará a esta hora sendo incubado, em segredo, o plano terrível? Talvez em todas as chancelarias ao mesmo tempo... Todas elas têm boa dentadura e bom estômago; todas elas estendem para nós os olhos famintos...[27]

Era crucial que a nação se preparasse para o embate, para preservar-se e desenvolver-se. Ali estava o esporte prestando inestimável ajuda, pois afinal exclama Bilac: "Meninos! foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina".[28]

Mas se a força muscular era importante para a defesa do solo pátrio, era também necessário que os "soldados" soubessem agir em conjunto, coordenando seus esforços. Numa perspectiva não militarizada e centrada no desenvolvimento

---

[26] Ibid., p. 392. Dezoito anos antes, em 1882, ainda sob o Império, em parecer acerca da reforma do ensino primário em discussão na Câmara dos Deputados, Ruy Barbosa defendera extensamente a militarização da ginástica escolar utilizando o exemplo de muitos países – EUA e outros da Europa – em que vários governos adotaram essa prática: "Ninguém nutre menos a tendência de militarização e de guerra entre nós. Mas a precisão, a decisão e a energia dos movimentos militares constituem a par de um excelente meio de cultivo das forças corpóreas, um dos mais eficazes fatores na educação do caráter viril. Todas as nações que caminham na vanguarda da civilização moderna têm-no reconhecido, estatuindo que a escola seja a primeira iniciadora do cidadão nas agruras da arte que o deve preparar para a defesa da pátria. Por toda a parte, nos países mais livres, nos Estados menos ambiciosos, entre as nações menos belicosas, a milícia cívica estende as suas raízes até o ensino popular." Ruy Barbosa, "Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública", in Inezil P. Marinho, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil*, op. cit., v. 1, p. 148.

[27] Ibid., p. 393. Mais tarde, passou a se preocupar com "inimigos internos", entre os quais listou os anarquistas.

[28] Idem.

econômico nos marcos do capitalismo, o acento na oportunidade oferecida pelo esporte para estimular a iniciativa e a coordenação de ações passou a fazer parte também do ideário nacionalista. Este aporte foi obra de Monteiro Lobato, em dois artigos publicados sob o pseudônimo de Hélio Bruma, em jornal interiorano, do Vale do Paraíba, em 1905.[29] Monteiro Lobato, então com 23 anos, descobriu no futebol qualidades importantes para operar o despertar do "povo" do marasmo e da falta de iniciativa em que estava mergulhado, segundo o autor (a "indolência", de Bilac).

Escrevendo de maneira entusiasmada, Lobato principia afirmando que o futebol, criação inglesa que muito colabora para o fortalecimento dessa nação, proporciona aos praticantes benefícios físicos e morais. À resistência física, advinda do exercício dos músculos, Lobato acrescenta que o futebol proporciona *iniciativa*, uma virtude moral. A maneira como opera o desenvolvimento da iniciativa é simples: para participar da partida o jogador deve raciocinar rapidamente, instantaneamente, de maneira a responder imediatamente aos problemas que a partida lhe coloca. A iniciativa nasce, por conseguinte, da

> necessidade que tem o jogador de num relance conhecer toda a situação do campo, sentir um perigo, aproveitar um descuido do adversário, resolver um problema instantâneo que um chute imprevisto formula [pois] cada jogador tem sobre si a responsabilidade do sucesso ou do insucesso do seu team. Um descuido de um deles pode acarretar a derrota, como um lance de gênio, a vitória.[30]

O desenvolvimento da iniciativa é importante, diz Lobato, para que os brasileiros ("neolatinos") deixem de esperar que o Estado resolva os seus problemas, como um "Messias salvador da nossa pátria, do nosso comércio, indústria e cultura".[31] Identificando a dependência do Estado com atraso e a

---

[29] José Bento Monteiro Lobato, "Futebol", in *Literatura do Minarete*, São Paulo, Brasiliense, 1959, Obras Completas, v. 14, p. 179-186. Originalmente publicado em *O Povo* (Caçapava, SP), 10 e 17 jul. 1905. Esses dois artigos também são analisados em Cláudio Bertolli Filho e José Carlos S. B. Meihy, "Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século", in José Carlos S. B. Meihy; José Sebastião Witter (orgs.), *Futebol e Cultura*, São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, p. 105-110.

[30] Ibid., p. 180-181.

[31] Ibid., p. 182.

iniciativa individual com progresso, defende que os brasileiros, imitando os anglo-saxãos, desenvolvam a livre iniciativa de buscar soluções próprias para os seus problemas.

Digamos que o futebol é um bom remédio para o Jeca Tatu (embora Lobato não se manifeste nestes termos, pois não havia criado o personagem ainda). O marasmo descrito mais tarde em "Cidades Mortas" poderia ser sacudido pelo esporte, promovendo a retomada do desenvolvimento, fazendo os paulistas, por exemplo, recuperarem o espírito dos "bandeirantes". O entusiasmo do autor é tal que afirma que

> um esporte como este é mais fecundo em benefícios para o presente e o futuro da nossa raça que todas as academias de direito, todos os grupos escolares somados, multiplicados e elevados à décima potência.[32]

Em São Paulo a imigração cumpria um papel parecido ao do futebol, segundo Lobato. Dado que os imigrantes eram movidos pela iniciativa e se puseram a trabalhar e acumular, os paulista tiveram que imitá-los, para não ficarem para trás:

> O exemplo de São Paulo que, devido a sua população estrangeira ávida no ganho feroz na concorrência se tornou a cidade mais progressista do Brasil impelindo o paulista a

[32] Idem. O autor se refere à "raça", e está implícita a adjetivação "brasileira". Não me parece evidente, como propõem Cláudio Bertolli e José Carlos S. B. Meihy, que a sua preocupação seja eminentemente regional, que esteja preocupado com a revitalização da "elite paulista", exclusivamente. Conforme Cláudio Bertolli Filho; José Carlos S. B. Meihy, op. cit., p. 109. Sem dúvida Monteiro Lobato parece orgulhoso de São Paulo, ao considerá-la "a cidade mais progressista do Brasil", e utiliza somente exemplos de São Paulo, provavelmente não só por ser aqueles que conhece bem mas também pelo seu público leitor, paulistas do Vale do Paraíba. Porém, "São Paulo" é uma metonímia para "Brasil", principalmente se levarmos em conta esta passagem: "Um ditador que tomasse conta desta República e acabasse com as fábricas de bacharéis e normalistas, substituindo-os por severos *teams* de futebol, faria mais pelo Brasil que as dez gerações de Feijós, Zés Bonifácios e Cotegipes e demais estadistas que nos têm governado". Monteiro Lobato, op. cit., p. 182.

> trabalhar, a mexer-se, a lutar, é um exemplo extraordinário que merece ser proclamado aos dez ventos, a fim de ser imitado.[33]

Da mesma maneira o esporte: concorria para desenvolver nos paulistas o espírito da nacionalidade e de querer sobrepujar o estrangeiro. É neste quadro que Lobato analisa as disputas entre as duas principais equipes que disputavam o campeonato paulista de futebol, o Clube Atlético Paulistano e o São Paulo Atlético Clube, o primeiro formado por jogadores brasileiros e o segundo por ingleses (entre eles, Charles Miller). O esforço do Paulistano para ganhar dos ingleses, ano após ano, estava a conquistar a atenção do público e a desenvolver um sentimento patriótico do dever da vitória, para o que era indispensável aquela qualidade primeira dos vitoriosos, a iniciativa. Lobato observa que, depois de vitórias inglesas, por dois anos, "o Paulistano, cousa assombrosa, não desanimou, ao contrário redobrou de coragem e de *entreinement*, de modo que a luta deste ano já se apresenta sob um aspecto épico".[34]

Essa persistência na busca da vitória, outra qualidade proporcionada pelo esporte e apreciada por Lobato, é para ele um ato de "regeneração da raça":

> Esse match tem para a população paulistana uma importância e uma significação moral dez vezes maior que a eleição de um presidente. Os *foot-ballers* que se batem são apontados a dedo, na rua, pelos transeuntes que param, ao vê-los passar, eles, os regeneradores do nosso sangue.[35]

E muito ao contrário do que se poderia supor (e que muitos não só supuseram como afirmaram peremptoriamente), o futebol não era de forma nenhuma um inibidor do desenvolvimento intelectual. É o que se depreende do elogio que faz de Armando Prado, presidente da "Liga Paulista de Futebol", jogador, e que, segundo Lobato, "tem sabido conquistar ao mesmo tempo *goals*

---

[33] Idem. É interessante, ainda que fuja do nosso tema, observar que a avaliação de Lobato da imigração era bem diferente da de José Veríssimo. Enquanto este temia que a imigração levasse os brasileiros a perder o Brasil, propondo então o fortalecimento da raça para que tal não ocorresse, Lobato via a imigração positivamente na medida em que a "concorrência" despertou o "paulista" do marasmo em que vivia, estimulando-lhe a iniciativa.

[34] Ibid., p. 184.

[35] Idem.

nos campos esportivos e distinções na vida intelectual, tendo ultimamente defendido teses na Academia de Direito com raro brilhantismo".[36]

Ainda que o futebol tenha sido apenas um "sarampo da mocidade" de Monteiro Lobato, nunca mais tendo freqüentado estádios ou discutido o esporte,[37] seu texto permanece como um testemunho da utilização desta modalidade esportiva pelo discurso nacionalista que preconizava a "regeneração da raça". Como para os demais, o futebol (ou mais extensivamente, o esporte) é bom não em si mesmo, mas porque desenvolve capacidades das quais o "povo" andava carente.

Sem apegar-se à identificação do esporte com preparo militar, como propusera Bilac, apesar de não rejeitá-la ao sustentar que "um foot-baller à frente de um exército fará cousas de espantar um Moltke", Monteiro Lobato, recorrendo à metáfora darwiniana, faz do esporte uma preparação para a concorrência econômica entre as nações: aplaude o futebol, afirmando que a criança que foge da escola para praticá-lo se tornará um homem "apto para o *steeplechaise* do *struggle of life*".[38]

Portanto, o "povo brasileiro" só teria a ganhar com a prática desse esporte: regenerando a raça pelo desenvolvimento da iniciativa, os praticantes estariam colocando o Brasil na rota do crescimento econômico e num lugar de destaque no mundo. Monteiro Lobato trilha, se vê, o mesmo caminho de José Veríssimo. Trata-se da mesma preocupação da vitória na "corrida das nações", preocupação que se tornará cada vez mais recorrente no decorrer do século.

1.2. O efeito da Grande Guerra

Corria o ano de 1917, e diante de tantas provas dos extremos males que o nacionalismo provocara e estava provocando à humanidade na Grande Guerra em curso, Afrânio Peixoto realizou uma conferência na *Liga de Defesa Nacional* sobre

---

[36] Ibid., p. 184-185.

[37] Em nota introdutória ao texto, Edgard Cavalheiro afirma que o futebol foi uma paixão de juventude de Monteiro Lobato, para depois "abandoná-lo às primeiras caneladas. Nuca mais jogou; e quando adulto manifestou sempre o maior desprezo pelo jogo, não lendo nada que a ele se referisse, nem freqüentando estádios. Pode-se afirmar que o futebol em Lobato não passou de ligeiro "sarampo da mocidade"". Monteiro Lobato, *Literatura do Minarete*, op. cit., p. 177.

[38] Corrida de obstáculos da luta pela vida. Monteiro Lobato, "Futebol", op. cit., p. 186.

o tema "Educação" em que se esforça para recuperar a validade do conceito e do projeto de *educação nacional*.[39] Enquanto seu pensamento burguês não admitia negar o nacionalismo e transitar para o internacionalismo, e seu cristianismo o impedia de aplaudir o ódio e a guerra, resolveu a questão afirmando que há nacionalismos bons e maus, conforme o conteúdo moral de suas doutrinas. Era possível, considerava, salvar uma aplicabilidade do nacionalismo que favorecesse o desenvolvimento dos "concidadãos" sem que isto significasse desprezar as outras comunidades de cidadãos.

Segundo Afrânio, à vista da Guerra e da carnificina provocada por ela, estava se tornando corrente a idéia de que a escola falira no objetivo de educar. No seu entender, ocorrera uma *má educação*, mas não se devia descartar a educação enquanto tal uma vez que havia outras possibilidades.

Ocorrera que se confundira instrução com educação. Afrânio ressalta que a primeira é só uma parte da segunda, refere-se à "inteligência" apenas, acumulando-lhe informações, enquanto a educação tem ainda implicações morais, de formação do caráter.

> A criatura humana criada à lei má do mundo recebia na escola umas noções imperfeitas ou aperfeiçoadas que lhe enriqueciam a inteligência – e o sentimento, com que se faz a moral – e a vontade com que se edifica o caráter, ficaram abandonados, incultos, primitivos,

[39] Afrânio Peixoto, "A educação nacional. A educação física, intelectual e cívica e a defesa nacional", in *Poeira da Estrada*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1918, 1ª. ed.. A *Liga de Defesa Nacional* fora fundada em 1916 por Miguel Calmon, Pedro Lessa e Olavo Bilac. Seu objetivo era o de promover conferências e apresentar projetos para mobilizar a elite para levar tanto à instrução como à militarização da população de modo a fazer frente a possíveis ataques estrangeiros de conquista e/ou à agitação interna anarquista. Em 1917, Olavo Bilac disse que não via sobre o país "perigos imediatos", mas "latentes", contra os quais era necessário, preventivamente, organizar a "defesa nacional". Perigos internos – "os anarquistas sem fé, os negativistas da necessidade da pátria, os ironistas sem piedade, os motejadores sem consciência, os egoístas de ignóbil "arrivismo"" –, perigos externos – "poderemos acreditar que o Brasil, este imenso país de solo fértil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao benefício da Previdência Divina, imune de qualquer investida da ambição ou da necessidade comercial?". Olavo Bilac, "A defesa nacional. Conferência pública realizada no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná", in *Obra Reunida*, op. cit., p. 963-964.

> grosseiros, instintivos, portanto desumanos, apenas servidos para o mal pelos próprios conhecimentos que a instrução lhe proporcionara.[40]

Este segundo plano da educação, "subjetivo", foi descurado e por isso a educação nacional consistiu em lançar uma nação contra a outra, cultivando o exclusivismo nacional. Ao invés de colaborar para evitar a hobbesiana luta de todos contra todos, regenerando a espécie num retorno à roussouniana bondade perdida, a educação deformada em instrução colaborara para intensificar a luta, lançando homens contra homens, nações contra nações,

> porque transformou as capacidades desenvolvidas pelo exercício e pela cultura, não em ideal de perfeição nacional e humano, dentro da moral, que é a ordem subjetiva, mas contra outros homens, contra outras nacionalidades, numa desgraçada concepção de grandeza – chamada por aí de imperialismo – resultante não da própria benemerência, mas da depredação e da ruína de todos os outros que não fossem ou não sejam os nossos nacionais...[41]

Tratava-se então de dar uma outra direção à educação nacional brasileira, de maneira a contornar as dificuldades presentes e dar-lhe um sentido positivo, recuperando-lhe validade. Esta nova educação continuaria baseada em três eixos, como no modelo definido no século anterior por Spencer, com uma modificação, porém: ao invés de física, intelectual e moral, seria física, intelectual e "cívica", de molde a subordinar a moral à pátria. Nos interessa aqui o primeiro eixo, as propostas no campo da educação física e, particularmente, a avaliação do esporte feita pelo autor.

Segundo Afrânio Peixoto, a educação do físico andava mal compreendida uma vez que vinha se restringindo a desenvolver o "muque", quando na verdade seu papel era o de educar tudo o que fosse possível no corpo, da respiração à audição, do sono à visão. Concisamente, enfileira uma sucessão de causalidades para chegar ao resultado de que a educação física é importante, verdadeiramente, não porque educa o físico, mas porque ao fazer isto, facilita o desenvolvimento intelectual e moral, ou seja, a educação física é compreendida como uma

---

[40] Ibid., p. 277.

[41] Ibid., p. 282.

preparação para as outras duas modalidades educativas, ela é mais um meio de chegar àquelas. Nas suas palavras,

> a excitabilidade é mais viva, o sentido muscular mais perfeito, a coordenação motora melhor apropria o movimento, o que traz a rapidez e a delicadeza do trabalho, de onde a aquisição de qualidades que são resultantes complexas de prática e de hábito, de iniciativa e de disciplina, de contenção e de resolução adequadas, que colaboram no desenvolvimento da inteligência e na têmpera do caráter.[42]

Ademais, insiste em que a educação física traz o equilíbrio: nem somente "iniciativa", como pensava Lobato, nem só "disciplina", como mais tarde proporão os fascistas; nem excesso de dispêndio, como era comum no "empirismo" predominante, nem somente a contenção, como já havia proposto Manoel Bonfim (e que veremos adiante). Equilíbrio também entre as três instâncias do humano: física, intelectual e moral. Para Afrânio, como para todos os aficionados pela educação física e pelo esporte, estas atividades além de não atrapalharem o desenvolvimento das duas últimas instâncias, ainda colaboravam positivamente para ele.

É neste quadro que retoma o que já se tornara um clichê: utilizar como exemplos os gregos antigos e personalidades políticas internacionais contemporâneas que também eram aficionadas por atividades físicas, esporte incluído. Segundo ele, estes exemplos provavam que o cérebro "desenvolvido pelo exercício de funções da atividade [física] fica desenvolvido para as funções da inteligência. E a têmpera do caráter se faz pelo exercício corporal".[43]

O exemplo dos "dirigentes do mundo" é o gancho para passar ao elogio específico do esporte. Fundamentalmente, para Afrânio Peixoto o esporte traz a possibilidade de os brasileiros abandonarem o excessivo individualismo que é característica da raça – herdada por um lado dos índios e por outro, dos latinos – e passarem a cooperar para alcançar vitórias.[44] O esporte seria a escola em que os

---

[42] Ibid., p. 283.

[43] Ibid., p. 284.

[44] É importante realçar a diversidade de compreensão das características da "raça" de vários autores que operavam com esse conceito. Afrânio via o brasileiro como individualista, resultado da fusão dos também individualistas índios e latinos: "Já o era, com os nossos antepassados; não os nossos avós, mas os donos desta terra, que no-la deram [sic] com os seus defeitos, dela

brasileiros aprenderiam, como os "anglo-saxãos", a "disciplina, cooperação, solidariedade, isto é, altruísmo, inteligência, caráter, aplicados ao bem comum, forças que movem o mundo".[45]

Como era também lugar comum no pensamento burguês brasileiro, um complexo de inferioridade frente aos "anglo-saxãos" fazia com que se enxergasse nos "brasileiros" apenas defeitos e entre "eles" apenas virtudes. Inferiores que éramos – raça degenerada –, deveríamos nos espelhar na "gente mais forte e mais capaz do mundo" para encontrar meios de "refazer o caráter do Brasil".[46] O nacionalismo de imitação de Afrânio – que Lima Barreto chamava de macaquice – propunha que os jogadores de futebol brasileiros, para obterem maior eficiência no jogo, se adequassem à divisão de trabalho que os ingleses já haviam imposto às suas equipes, em que cada jogador cumpria funções definidas e cooperavam permanentemente na busca do objetivo.[47]

Subentende-se do texto de Afrânio, que os brasileiros, neófitos, adotavam a postura equivocada de cada jogador querer "fazer tudo sozinho", um artesão anacrônico e por isso ineficiente; mais do que uma metáfora, um índice do homem brasileiro que não se percebia "apenas como fração da sociedade", e que não alcançaria a "vitória" enquanto não adquirisse essa percepção, para a qual o

---

recebidos. Calor, exaustivo às vezes, que impede a aproximação; pequena caça, que dispensa a colaboração; a tocaia atrás do pau; a solidão à beira do rio, educaram através dos séculos os primeiros brasileiros no individualismo maninho, em que cada um fia somente em si, e não pode, porque não tem, em quem confiar. Os latinos que para aqui vieram seriam como todos os latinos, desapegados uns dos outros, incapazes de cederem na independência de cada um as quotas que, somadas, dão as vantagens do povo, a vitória nacional", p. 286-287. E por isso propunha o esporte, principalmente o futebol: jogo coletivo, desenvolveria a cooperação. Fernando de Azevedo, pouco tempo depois, entendia que o "brasileiro" era gregário em excesso e precisava desenvolver a iniciativa individual, característica segundo ele, dos anglo-saxãos. Por isso propunha as modalidades esportivas individuais, como o pentatlo.

[45] Afrânio Peixoto, op. cit., p. 287.

[46] Ibid., p. 288.

[47] A divisão do trabalho presente no futebol como uma escola para a divisão do trabalho existente na sociedade tornou-se um argumento recorrente. Em artigo escrito em 1921, F.V. Steidel defendeu essa modalidade esportiva como um exercício para os operários de aprendizagem da especialização de funções e da conjugação de esforços para alcançar uma vitória, tão necessárias à racionalização do trabalho e ao desenvolvimento da economia capitalista. Citado por Maria Helena Capelato, *Os Arautos do liberalismo...*, op. cit., p. 90.

esporte era um valioso instrumento: "No esporte como na vida. Vencem numa os que sabem vencer-se nos outros".[48]

E as vitórias começaram a pulular. Em 1919, a seleção brasileira de futebol conquistou o campeonato sul-americano, disputado no Rio de Janeiro, alegrando um ano que começara sob o signo das mortes causadas pela gripe espanhola. A partir de então o entusiasmo pelo esporte fremiu, como demonstrou Nicolau Sevcenko. E diante desse frêmito, acirraram-se os ânimos daqueles que não incensavam Apolo, ou pelo menos não viam no esporte um culto ao deus grego. No centro desse debate, no campo dos apologistas, colocou-se Coelho Neto.

Em janeiro deste ano pronunciou um discurso na cerimônia de inauguração da piscina do Fluminense Futebol Clube em que, à moda de Bilac, exaltava o esporte como capaz de preparar a "raça" para a defesa da pátria. É significativo que não concebia o esporte como uma atividade de massa. Assumindo uma atitude elitista, em que a maioria da população estava descartada, afirmou que bastavam uns tantos patriotas fortalecidos e preparados para levar a cabo a defesa nacional. Segundo ele, "Não é a multidão que vence, mas o escol heróico. Leônidas tinha consigo apenas trezentos homens e com eles deteve a invasão da Pérsia (...)".[49]

A crença na superioridade de alguns eleitos, ademais fortalecidos pelo esporte, provavelmente advinha da aceitação da idéia de que "o Brasil é um imenso hospital", idéia que marcou época, levou a conversão de Lobato e se ajustou bem ao pensamento elitista de Coelho Neto.[50] Num texto que transpira Grécia por todas as frases, e em vista

---

[48] Afrânio Peixoto, op. cit., p. 287. O trecho da conferência em que Afrânio faz o elogio do esporte é a repetição de artigo que havia publicado no *Jornal do Comércio* (RJ), em 1916. Entretanto suprimiu o trecho em que deixava claro qual era o inimigo imediato que a "nação" brasileira deveria vencer: "O socialismo, a maior revolução econômica da história, está aprendendo e, talvez, domine a sociedade contemporânea, desprevenida e desagregada contra ele". Afrânio Peixoto, "Crônica publicada no *Jornal do Comércio*, 25 out. 1916", in Inezil P. Marinho, *História da Educação Física e do Desporto no Brasil* ..., op. cit., p. 120-122.

[49] "SPORT/ WATER-POLO/ A inauguração official da piscina do Fluminense F. C. – O Guanabara e o Boqueirão são os heroes do dia – Outras notas", *O Paiz*, 30 jan. 1919, p. 4.

[50] Frase proferida por Miguel Pereira, médico e professor da faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916, ela era conseqüência das investigações que Belizário Penna e Artur Neiva fizeram pelo interior do país acerca da saúde da população, publicadas sob o título de *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Pará e de Norte a Sul de Goiás* (1916). Para uma análise abrangente da motivação e repercussão dessa e de outras investigações realizadas no período, veja-se Nísia Trindade &

do flagrante contraste entre a população brasileira e o ideal helênico, somado ao fato de se estar inaugurando um equipamento de uso exclusivo dos grupos sociais dominantes, sócios do Fluminense, só restava a Coelho Neto defender o esporte como uso de uma minoria – que ela se preparasse já era o suficiente. Essa linha de raciocínio sobressai do trecho que continua a evocação de Leônidas:

> Abri um *imenso hospital* e lançai os enfermos contra um pugilo de gente vil e tereis um espetáculo ridículo e comiserador. Pois bem, senhores; isto que aqui hoje se inaugura com a vossa presença, está para o hospital como a escola está para a cadeia e tem cabimento, ainda uma vez, a fórmula do poeta: Ceci tuera cela. Os que por aqui passarem ficarão como Aquiles depois do mergulho no Estige, serão superiores – e nem tanto logrou o herói da Ilíada – invencíveis na vida.[51]

Os esportes aquáticos, especialmente, pareciam remeter a imaginação dos apologistas diretamente para a Grécia – Bilac e o remo, Coelho Neto e a natação. Estas modalidades, apolíneas por excelência, e praticadas quase que exclusivamente pelos grupos dominantes, reforçavam nos autores a defesa da estratificação social em estamentos: há os que trabalham, há os que guerreiam, e esses grupos se excluem. É o início da postura de diferenciar as modalidades esportivas segundo a inserção social dos seus praticantes; as modalidades esportivas se tornam uma metáfora da divisão social.

Era outro o esporte indicado para as camadas populares. Para livrá-las dos vícios (bebida, jogos de azar e o samba) Coelho Neto propunha o futebol, apesar de se irritar com a sua prática nas ruas e terrenos baldios.[52] Ou seja, era uma prática salutar desde que controlada pela instituição esportiva, que por sua vez era dirigida por elementos saídos da "elite". Pois a popularização do futebol no pós-guerra e a inclusão nas equipes de ponta de jogadores oriundos das camadas populares fez com que Coelho Neto lhe subtraísse as virtudes guerreiras, de defesa da pátria, como as havia expressado na letra do hino do Fluminense composta em

---

Gilberto Hochman, "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república", in Marcos Chor Maio (org.), *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 23-40.

[51] Ibid..

[52] Leonardo A. M. Pereira, *Footballmania...*, op. cit., p. 218.

1915.[53] Agora, o futebol era uma escola de obediência e solidariedade, "a força das massas". Não está a cargo do futebol a preparação do "escol heróico", mas a disciplina das "massas".

Coelho Neto registrou este giro num prefácio, escrito em 1919, no crítico ano em que recrudesceu o debate entre as várias interpretações do papel desempenhado pelo esporte na sociedade. Além do novo papel atribuído ao futebol demonstra também o beco sem saída em que se meteu o discurso aficionado por esta época. Depois de cerrada contestação, que analisaremos adiante e que partiu inclusive do próprio campo nacionalista, os aficionados foram obrigados a uma inflexão no discurso, de molde a escapar às críticas e tornar a argumentação mais imune a elas.

O prefácio é curto e seu objetivo é um só: provar que o futebol, ao contrário do que os críticos defendem, é uma modalidade esportiva não violenta que estimula a inteligência.[54]

Seu raciocínio é simples. No futebol, para obter a vitória, a equipe tem de contar com a agilidade, a calma e a sagacidade dos seus jogadores. A equipe que conseguir utilizar essas faculdades com mais freqüência, vence. Para Coelho Neto, o futebol é como o xadrez: as "peças animadas movem-se inteligentemente, em concurso, mas cada qual a seu tempo e como convém à ação". Não é o mais forte que predomina, como vulgarmente se acredita, e sim o mais "inteligente".

Demonstrando que a violência é contrária ao futebol, afirma que o jogador inteligente consegue se esquivar dos adversários, conduzindo a bola "sem a preocupação desleal de os magoar". Ou seja, quanto mais inteligência os atletas aplicarem à disputa menor será o *quantum* de violência presente. Inteligência e violência seriam inversamente proporcionais, e quanto maior fosse o predomínio da primeira, maior a "beleza da vitória".

Coelho Neto reconhece que a inteligência não prevalecia nas partidas ao seu tempo. Esse era um fato irrecusável: os relatos jornalísticos das partidas são

---

[53] Ibid., p. 189-194, para uma análise do hino e das primeiras indicações de Coelho Neto sobre o futebol. Leonardo Pereira não percebeu a mudança de Coelho Neto que estou frisando.

[54] Henrique Maximiniano Coelho Neto, "Prefácio", in John Cameron, *Association-Foot-ball e como é jogado*, Rio de Janeiro, Editores Papelaria Confiança, 1919. Apud Inezil Penna Marinho, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil...*, op. cit., p. 127-128. Como o texto toma somente página e meia, deixarei de abrir notas para as citações.

recheados de descrições dos "coices", das brigas entre as torcidas, das agressões aos árbitros. Não havia como negar. Mas Coelho Neto entende que o futebol não é assim necessariamente; ele é disputado dessa maneira porque falta educar os atletas para que seja disputado inteligentemente. Nesse caso, "se os jogadores realizassem em campo o que se lhes pede para a beleza da vitória, raramente teríamos que lamentar desastres", pois o "*futebol* não é, como muitos o imaginam, um *entrevero* brutal".

Note-se a utilização da forma condicional: "*se os jogadores realizassem*". Coelho Neto admite que eles não realizam, ou seja, que eles não jogam como o verdadeiro futebol exige para preservar o ideal de beleza da disputa. Estão, portanto, a falsear o futebol, que sendo "belo" é "leal", e neste caso, ausente de violência, ausente de "deslealdade". Praticado como professa o autor, o futebol

> seria [novamente a condicional] um esporte completo tão útil para o desenvolvimento físico como para o aperfeiçoamento intelectual, pelas equações que de pronto obriga a fórmulas e pela disciplina moral: pela educação da vontade revigorando-a em energia, atenuada pela obediência e educando-a no princípio da solidariedade, que é a força das massas.[55]

Ou seja, o futebol seria a um tempo instrumento de educação física, intelectual e moral. Muito mais, portanto, do que o simples "divertimento predileto do nosso povo", como afirmara no início.

Tem-se um raciocínio interessante, neste prefácio. Segundo infere-se das afirmações do autor, o livro que está apresentando – que explica as regras do futebol –propõe-se a mostrar a *maneira correta* de disputá-lo. Ou seja, tem um propósito educativo. Ora, quais os requisitos básicos para disputá-lo bem? Disciplina, lealdade, inteligência. Note-se bem, como requisitos; e a pessoa tem que os possuir *antes* de participar da disputa; logo, o futebol não os desenvolve, o futebol os pressupõe, como é próprio aos requisitos.

Essa é uma armadilha lógica em que os aficionados caem freqüentemente. A proposta é a de apresentar o esporte como uma atividade que desenvolve tais e tais

---

[55] Compare-se com a seguinte citação de Afrânio Peixoto para se ver como os aficionados falavam em uníssono: "Porque ganhar no *foot-ball*, vencer nos desportos, significa disciplina, cooperação, solidariedade, isto é altruísmo, inteligência, caráter, aplicados ao bem comum, forças que movem o mundo". Afrânio Peixoto, "A educação nacional", op. cit., p. 287.

faculdades; mas a empresa é mal sucedida, como se vê, na medida em que os resultados que o futebol deveria atingir são na verdade os requisitos de que necessita para existir. Ora, se o indivíduo já possui estas faculdades desenvolvidas, não precisa mais do futebol; se não as tem, não consegue praticá-lo.

Há um atenuante, entretanto. Praticando futebol, de maneira incorreta a princípio, o indivíduo vai tendo que se adequar ao comportamento que é esperado de todo jogador. Mesmo que erre muito, aos poucos vai se educando, e chega a desenvolver as faculdades citadas. A educação é um processo, portanto, que acontece durante a prática; a prática futebolística é educativa.

Isto atenua a contradição lógica do discurso, como citada acima. Mas a realidade que Coelho Neto vivenciava não parecia demonstrar-lhe que esse processo educativo estivesse em curso. A utilização do condicional – "se", "seria" – admite que os atletas, efetivamente, não realizavam o que a beleza esperava, e a violência permanecia ativa.

Logo, além da contradição interna, lógica, do discurso, há uma aceitação tácita de que os adversários do esporte têm razão quando o acusam de violento. As qualidades do futebol são latentes, virtuais; reais são apenas os seus defeitos. Na verdade, virtude reivindicável do futebol sem maiores problemas era o fato de ser um "divertimento". Coelho Neto a cita no início do prefácio: "o jogo bretão (...) constitui, hoje em dia, o divertimento predileto do nosso povo"; afirma ainda que o livro que prefacia, dando mais conhecimento das regras, aumenta o "gozo" do espetáculo. Essa qualidade do futebol, que mais tarde será erigida como a principal, ainda é muito insuficiente para Coelho Neto, tanto que a abandona no resto do prefácio. O parnasiano não quer nada com Dioniso; o esporte deve ser bom porque importa em elevação do espírito, disciplina, inteligência, isto é, remete a Apolo.[56]

E essa é a grande fraqueza da argumentação apologética neste momento: do ponto de vista apolíneo, havia mais o que criticar do que elogiar no esporte; neste campo, os críticos estavam amparados por uma argumentação mais lógica e mais fundamentada na realidade das disputas, principalmente de modalidade disputadas por equipes, como o futebol, em que o contato físico é constante. O classicismo da

[56] A fonte da contraposição apolíneo/dionisíaco é Friedrich Nietzsche, *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo,* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

defesa apolínea se aplicava melhor às modalidades do que chamamos hoje de atletismo - corridas a pé, arremessos, saltos – e aos esportes aquáticos, que, entretanto, nunca foram muito populares por aqui.[57] As piscinas, principalmente, estavam reservadas à "elite", à preparação do "escol heróico". Não foram elas que se tornaram "paixão popular". Foi o esgotamento dessa linha de argumentação para defender o esporte em sua totalidade que levou à viragem para Dioniso nos anos 30, estudada adiante.

Por outro lado, foi ainda a estreiteza dessa argumentação que colocou em sérias dificuldades alguns defensores do esporte, que de tanto levar em conta os "defeitos" (violência, competição, profissionalismo, p. ex.) de várias modalidades esportivas acabavam defendendo um esporte que não era esporte, pois, expurgado desses "defeitos" – em verdade, características fundamentais - tornava-se outra atividade. Dito de outra forma, colocavam tantas restrições ao esporte que acabavam, sem o querer e sem se dar conta, por recusá-lo.

---

[57] Veja-se isto: "*Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético, / Sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada, / Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético, / Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada. // Estremeci fitando esse teu porte estético, / Como diante de Apolo estremecera a dríada. / — Era um conjunto de arte esplendoroso e poético / — Enredo e inspiração para uma helioconíada. // No cenário sem par de um pálido crepúsculo / — Tu te lançando no ar, vibrando em cada músculo / Por entre as aclamações da massa entusiástica. // — Como um deus a baixar o Olimpo, airoso e lépido / Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido, / Belo na perfeição da grega e antiga plástica.*" Anna Amélia C. de Mendonça, "O Salto", in Milton Pedrosa, *Gol de Letra*, Rio de Janeiro, Livraria Editora Gol, 1967, p. 109 [originalmente publicado em *Alma*, dela mesma, 1926]. Um leitor não avisado por Mario Filho (*O negro no futebol brasileiro*, op. cit., p. 103, nota 22, em que também reproduz o poema) jamais poderá supor que a esposa do goleiro do Fluminense F.C, Marcos de Mendonça, não estava se referindo a uma prova de salto no soneto de alexandrinos esdrúxulos e rimas pobres com que pretendeu fazer o elogio do esporte, à moda parnasiana. Ela não remete o leitor diretamente às atuações do marido nos campos de futebol; a utilização da expressão "torneio atlético" faz com que somente a referência extraliterária ao seu matrimônio conduza o leitor a ver ali a descrição da defesa de um goleiro, pois ela "escondeu" as mãos dele, a bola, a meta, os companheiros, os adversários, ou quaisquer outros elementos identificadores de uma partida de futebol. Pode-se especular se não terá sido a insistência na utilização do mito grego o que a empurrou para este resultado.

2. Matizes da recusa às práticas esportivas nos anos 10 e 20

2.1. A posição anarquista

A conquista do campeonato sul-americano disputado em junho de 1919 pela seleção brasileira de futebol, na cidade do Rio de Janeiro, recebeu grande cobertura da imprensa. Como os jogadores eram do eixo Rio-São Paulo, onde a prática se achava mais disseminada, foi na imprensa desses estados que o assunto chegou às primeiras páginas, saudando os campeões com uma forte dose de nacionalismo.

Reagindo a todo esse entusiasmo lá estavam os anarquistas. Os vários periódicos dirigidos por eles primeiro ignoraram e, mais tarde, teceram críticas ao que chamavam de "derivativo domesticador".[1]

Não se deve, entretanto, esperar encontrar um grande número de artigos ou colunas permanentes nos seus periódicos tratando dos esportes, por dois motivos: primeiro, ignorar o assunto era uma forma de crítica, ou seja, esporte não era considerado um assunto de relevância tal que merecesse muita atenção; segundo, cada espaço do jornal era valioso, pois, em geral, seus editores lutavam com muitas dificuldades financeiras para mantê-lo em circulação, e não podiam "desperdiçá-lo", preferindo preenchê-lo com notícias e análises de assuntos políticos, econômicos e sindicais. O esporte era lembrado quando a intenção do jornal era educar seus leitores nos valores anarquistas, "conscientizá-los", quando então era usado como exemplo de má conduta.

Na verdade, anarquistas já vinham criticando o esporte no Brasil desde a primeira década do século. Em 27 de novembro de 1906, *A Terra Livre* criticava a realização de uma partida de futebol entre os operários da empresa Votorantim nos seguintes termos:

> (...) vamos ter também o elegante jogo do *foot-ball*, depois do qual os jogadores fatigados, aborrecidos, vão brigar com a família; é um jogo bom para os parasitas e ociosos que precisam exercitar os músculos em um trabalho inútil, desprezando ao mesmo tempo o

[1] *A Plebe*, 09 set. 1919, p. 2.

> trabalho útil e os que o fazem. Quanto a nós, temos exercício de sobra. Exercício até rebentar.[2]

Na edição seguinte aparece o comentário de "alguns operários", provavelmente os mesmos que haviam enviado a notícia anterior, sobre a iniciativa de alguns outros operários de promoverem esse jogo:

> Quanto ao *foot-ball*, o caso foi assim: Um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de *foot-ball*. Os patrões gostam de que os operários gastem as suas energias nessas coisas e por isso o pedido foi logo satisfeito. Demais o jogo deveria ser entre o coreto e a casa do "senhor coronel", decerto para divertir os amáveis burgueses. O escravo também é palhaço (...) Entretanto, isto [descansar e estudar] seria muito mais necessário e útil do que o esforço brutal e inútil do *foot-ball*, que fatiga e arruina, em vez de desenvolver e fortificar, e só serve para os vagabundos que vivem à custa dos outros na riqueza e nos prazeres sem escopo e sem proveito.[3]

Como contraponto à ironia de *A Terra Livre* temos a inversão dos termos feita dois anos após por um conferencista:

> O que se necessita é que o trabalho seja regularizado de maneira a constituir um entretenimento, uma espécie de passatempo, de ginástica, de exercício físico. É necessário que todos trabalhem, que deixem uns de se esfalfarem, de se definharem, de se torturarem para que os parasitas, para que os que nada produzem, para que os que nunca souberam o que era trabalho se locupletem, engordem, cevem, refestelando-se.[4]

Nesta mesma linha, *A Terra Livre* havia se pronunciado em artigo comemorativo do Dia do Trabalho afirmando que "muitos são os indivíduos que podem eximir-se a essa necessidade [o trabalho]: gastam as suas forças, mas num simples exercício, um esporte, desde as viagens ao *foot-ball* (...)". Entretanto, na sociedade em que o articulista esperava ver os meios de produção socializados, "o

---

[2] "Mil e uma maneiras de explorar", *A Terra Livre*, coluna "Do Brasil Proletário", 27 nov. 1906, p. 4. Em Boris Fausto, *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo, DIFEL, 1986, 4. ed., p. 87, a data deste artigo está citada erroneamente como sendo 09 dez. 1907.

[3] "Votorantim", *A Terra Livre*, coluna "Do Brasil proletário", 22 dez. 1906, p. 4.

[4] Adelino de Pinho, *Pela educação e pelo trabalho. Conferência lida na LIGA OPERÁRIA DE CAMPINAS a 13 de dezembro de 1908*, Porto, Typographia Península, s/d, p. 7.

parasita ou ocioso será um doente ou um inimigo, um ser digno de piedade ou de desprezo. O melhor esporte será o trabalho útil".[5]

Pesquisa realizada em alguns periódicos editados desde 1917 revelou vários artigos que faziam a crítica daqueles operários que se deixavam empolgar.[6] Alguns irônicos, outros de uma seriedade enraivecida, tais artigos estruturavam-se em torno de dois tópicos recorrentes em *A Terra Livre* e de outros que foram sendo acrescentados: a violência dos jogadores e dos torcedores, a inutilidade, o fato de ser um jogo de ricos ou de burgueses, a anulação do intelecto pelo físico.

No número 19 de *A Plebe*, de 1917, Zejo Costa publicava uma espécie de manifesto "à mocidade" em que condenava o futebol (e as "sociedades dançantes"), por considerá-lo um jogo extremamente violento, nas suas palavras, "um funesto jogo com um selvagismo atroz", em que os praticantes "quebram as pernas e os braços, estragam o aparelho digestivo, afetam os pulmões, se arruinam, enfim para todo o sempre". Violento também porque motivava brigas entre os praticantes "onde não raras vezes há feridos".[7]

O tema da violência era particularmente forte porque afetava não só os jogadores mas também os torcedores. Em 1918, em artigo que chamava a atenção para o fato de que o futebol era o único assunto das conversas na cidade ("São Paulo é uma cidade onde o *football* perdeu a sua significação de esporte para assumir proporções patológicas de mania. É o assunto magno da rua, do salão, do bonde, do café, de toda parte"), o autor lamentava a briga que presenciara entre dois torcedores por causa de um córner: "Um fugiu; o outro foi levado pela assistência... Uma tragédia!".[8]

---

[5] "Trabalhai!...", *A Terra Livre*, 01 maio 1907, p. 2

[6] Concentrei-me em *A Plebe* e *Germinal!* pela maior regularidade das edições, coisa não muito comum nos periódicos anarquistas da época. A esse respeito ver Maria Nazareth Ferreira, *A imprensa operária no Brasil*, São Paulo, Vozes, 1978.

[7] Zejo Costa, "A dança e o foot-ball – à mocidade", *A Plebe*, nº 19, 1917 (dia e mês da edição não foram impressos). Ao empregar o termo "mocidade", muito em voga na época, o autor está se referindo à mocidade proletária, para quem era dirigido o artigo. O emprego do termo "mocidade" sem adjetivos, ou seja, sem conteúdo de classe será muito comum entre os educadores que estudaremos adiante, que, com exceção de Maria Lacerda de Moura, referiam-se sempre à raça, ao povo, à nação.

[8] "Do coice ao ideal", *A Plebe*, 13 set. 1918, p. 2.

Em 1919, *A Plebe* noticiava a briga entre dois operários que "por causa do futebol (...) agrediram-se hoje mutuamente a faca e a cacete (...) Naturalmente, os dois briguentos nunca pensaram em se associar e defender os seus interesses".[9]

Para o semanário *Germinal!*, editado em italiano, uma partida de futebol era

> Uma jornada de faina árdua e enervante para os moços bonitos e escovados da nossa melhor sociedade (!?!); bronquite, luxações nas pernas ou deslocamento da clavícula, eis o resultado de um jogo bárbaro (...)[10]

Outro aspecto do futebol que incomodava os anarquistas era o fato de ser um jogo originalmente de burgueses. Viam a adesão dos trabalhadores como uma espécie de capitulação. Por essa razão ridicularizavam os participantes, chegando a compará-los com "burros" como no já citado artigo de *Germinal*: "Um grupo de rapazes destemidos, por exemplo, integrantes das tantas tropas de burros (...)"; e "o povo (...) se associa à alegria burguesa, verdadeira ou falsa, e se integra à companhia dos burros (...) e assim temos, além de operários-máquinas, operários-burros ou escoiceadores".[11] A polissemia do termo "burro" permite um deslizamento para outro significado, para a caracterização do esporte como uma atividade que, pela exclusiva valorização do *físico*, relega o desenvolvimento *intelectual* para segundo plano, ou, pior, o impede.

O citado artigo de Zejo Costa é revelador. A utilização da palavra *coice* no título para referir-se ao futebol, bem como a caracterização da "mania" como "fanatismo escoiceador" aludiam ao que se entendia como um jogo brutal, impróprio para uma mocidade cujo objetivo deveria ser o *conhecimento*, característica maior do homem pleno que o anarquismo, dentro da tradição iluminista, queria construir. Pois na mesma passagem o autor atribui a causa da "mania" à falta de conhecimento, afirmando que "a ignorância é a magna mater

---

[9] "Por causa do futebol entram em cena a faca e o cacete", *A Plebe*, 25 set. 1919, p. 2.

[10] *Una giornata di fatica improba e snervante* para os moços bonitos e escovados *della nostra migliori societá (!?!); bronchiti, lussazioni alle gambe o spaccamento delle clavicole, ecco el resultato di un giuoco barbarico(...)* Iron, "Il giuoco del calcio e la mentalitá del mulo", *Germinal!*, 13 set. 1919, p. 3. Trecho em português no original.

[11] *Un guppo di baldi giovani, per exemplo, affigliati ad uno dei tanti gruppi mulattieri (...) Il popolo (...) si associa all'allegria borghese, vera o finta, e si arregimenta nelle compagini mulesche(...) E cosi avremo, oltre agli operai-macchina, gli operai-muli o calcisti.* Ibid., p. 4.

desse fanatismo escoiceador: ao invés de se preocupar com a busca do conhecimento nas escolas e bibliotecas a juventude ora [é] transviada pelos meios esportivos".[12]

Afirmando que "cansados do trabalho semanal, eles [os operários] se entregam ao jogo caro ao burro e terminam por fazer descer o cérebro ao nível do pé", Iron confirmava o tópico.[13]

Nesse aspecto é relevante a palavra que traduz para o italiano a expressão inglesa *foot-ball*. Enquanto no original inglês o nome do jogo refere-se diretamente à relação entre a parte do corpo que é mais utilizada para atingir a bola e a própria bola, e no Brasil houve apenas o aportuguesamento da expressão inglesa, na Itália utilizou-se uma palavra que já fazia parte do léxico, *calcio*, utilizada anteriormente para designar tanto *coice* (do burro, do cavalo, etc.), quanto *pé*.[14] Dada a marcada influência dos imigrantes italianos entre o operariado e a imprensa operária paulista no primeiro quartel do século, tornou-se corriqueiro o emprego de *coice* como metáfora do ato de jogar futebol. Ela resumia dois dos tópicos que estamos explicitando, o da violência e do bloqueio do intelecto, uma vez que no imaginário popular o burro, um dos animais tradicionalmente domesticados que se valem do coice, é desprovido da capacidade de aprender.[15]

---

[12] Zejo Costa, op. cit..

[13] *(...) stanchi dal lavoro settimanale, esse vano ancora bestialmente col giuoco caro al mulo e finiscono per far discendere il cervello al livello del piède*. Iron, op. cit..

[14] A *Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti* (Roma, Istituto Paligrafico dello Stato, 1949, verbete "calcio", p. 338-340) informa a prática de um outro "giuoco del calcio" na Renascença florentina que sobreviveu até a chegada do *football association* (o nosso futebol), no final do século XIX. Em Antonio Perfumo, *Dicionário Italiano e Portuguez*, Lisboa, Typographya Antonio José da Rocha, 1853, o significado *coice* antecede *pé*, para *calcio*, sugerindo que esta palavra era usada com mais freqüência naquele sentido do que neste. Em P. Petrocchi, *Piccolo Dizionàrio Universali*, Milano, Antonio Vallardi Editore, 1894, *piède* não aparece como sinônimo de *calcio*, mas tão somente o golpe dado com o pé, seja por homem, seja por animal: *colpo dato com un piède*; *d'animali, colpo dati coi piède di dièrro*.

[15] Incidentalmente, observo que os anarquistas imigrados da Itália podiam estar ao par (e escandalizados) de idéias como as de Marinetti que, em seu *Manifesto Futurista*, de 1913, previa a "vitória da ginástica sobre os livros". Marinetti apud Victoria de Grazia, *The culture of consent. Mass organization of leisure in fascist Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981, p. 172.

Ao final, os artigos anarquistas quase sempre propõem que o esporte é uma atividade pelo menos inútil. E essa inutilidade não é neutra. Ou seja, o praticante não está apenas fazendo algo que não lhe serve de nada; ocupar o tempo com esportes é deixar de ocupá-lo com atividades que os anarquistas consideravam fundamentais, como o estudo e a participação nas organizações de classe. Como contraponto à inutilidade lá está a biblioteca, a escola, e se o articulista for de tendência anarco-sindicalista, o sindicato.

Como os anos compreendidos entre 1917 e 1919 foram marcados por uma intensa agitação anarquista entre o operariado paulista que resultou em inúmeras greves localizadas bem como em greves gerais nestes dois anos, compreende-se que os anarquistas estivessem muito preocupados com a difusão da prática esportiva, particularmente do futebol, que era a modalidade que mais empolgava os trabalhadores.

Os resultados catastróficos da Grande Guerra para a Europa, de onde vinha boa parte do operariado paulista e brasileiro e que ainda se sentiam afetados pelo que acontecia nos seus países de origem; o aumento da exploração e do número dos trabalhadores nas fábricas que conheceram um surto de crescimento em virtude da própria guerra, pela substituição de importações; os acontecimentos relacionados com a Revolução Russa, que naqueles anos aumentaram a esperança apocalíptica da iminência da revolução socialista mundial; todos esses fatos colaboravam com a idéia de que o tempo disponível dos operários deveria ser empregado na organização para acelerar o advento da "nova sociedade". Assim, o tempo despendido em futebol era considerado uma inutilidade pois não viam em quê poderia ajudar a causa.

Nas palavras dos articulistas, "imaginem como seriam aproveitáveis essa energias assim mal [despendidas] se a mocidade proletária viesse a conhecer os seus direitos e empregasse o mesmo entusiasmo em reconquistá-los!"[16] Os "briguentos (...) com a energia e a coragem que demonstraram, melhor fariam se as empregassem em melhor causa..."[17] Acrescentavam, ademais, que os

> industriais, e os patrões em geral, ficam satisfeitos ao ver que os operários transformaram-se de homens em uma espécie de burros de circo, porque sabem muito bem que assim,

[16] "Do coice ao ideal", op. cit.. Sobre a "mocidade proletária" veja-se acima nota 7.

[17] "Por causa do futebol entram ...", op. cit..

> perdendo seu tempo em coisas inúteis, fatigantes e prejudiciais, não terão mais tempo para pensar nos seus interesses imediatos ou futuros.[18]

Nesse ponto, como notou Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior,[19] toda e qualquer atividade de pura diversão tendia a ser considerada nociva ao movimento operário. Não só o futebol, mas também os bailes, o carnaval e o cinema eram combatidos, ainda que o futebol e o cinema recebessem um tratamento muitas vezes diferenciado, com alguma aceitação.

No caso específico do futebol, contudo, ao contrário do que Ribeiro Júnior afirma, não houve uma "incorporação" desse jogo às atividades "corretas" por "pressão das bases".[20] O que os anarquistas fizeram, ainda que possa ter sido por pressão "das bases", foi uma *diferenciação*, pois para eles o futebol praticado em clubes burgueses ou filiados a instituições burguesas, como a APSA (Associação Paulista de Sports Athléticos), não era a mesma coisa que aquele praticado por operários em atividades promovidas pelos sindicatos ou pelas ligas operárias.

Assim, "um ferroviário" assinava um artigo condenando a participação das "ovelhas" no clube de futebol criado pelos "finórios diretores da SPR [São Paulo Railway]". Para ele era "claro que o clube de futebol foi fundado para que os operários da S.P.R. nem mesmo aos domingos deixem de estar sob a vigilância dos seus capatazes".[21]

Os anarquistas diferenciaram o futebol segundo a classe social a que pertenciam os seus organizadores e praticantes, bem como a *finalidade* da realização de partidas. Tendo essa concepção em vista, não parecerá contraditório que em edições de *A Plebe* apareçam artigos criticando o futebol às vésperas da realização de um evento, "um festival", patrocinado por ela que contaria entre outras atrações com partidas de futebol. Para *A Plebe*, ao se praticar esporte apenas como diversão e para ocupar o tempo do final de semana, ou em outras

---

[18] *(...) industriali, i padroni in generali, ringaluzziscono nel vedere gli operai transformarsi da uomini in una specie di muli da circolo, perché sanno troppo bene che essi, perdendo il loro tempo in cose inutili, faticose e pregiudiziali, non hanno piu' tempo a pensare ai loro interessi immediati o futuri*. Iron, op. cit..

[19] Jorge C. N. Ribeiro Júnior, *A festa do povo*, op. cit., p. 78-103, passim.

[20] Ibid., p. 88.

[21] "O futebol como derivativo domesticador", *A Plebe*, 09 set. 1919, p. 2.

palavras, praticar "o esporte pelo esporte",[22] estava-se fazendo o jogo dos patrões; mas se a finalidade era aglutinar os operários, colaborando para que assim formassem de fato uma classe, consciente de si, e ainda mais, se era, como agora, para arrecadar fundos para a manutenção das escolas que seguiam a orientação defendida pelos anarquistas (as Escolas Modernas) e para sustentar as edições diárias de *A Plebe*, então o futebol era bem vindo. Até se praticado por clubes que se filiavam a instituições burguesas.

Como entender que entre os eventos do citado festival contava "um match de futebol entre a equipe de um dos mais apreciados clubes esportivos e um escrete constituído por elementos selecionados"?[23] Por que esperava-se a presença do jogador Friedenreich, consagrado na disputa do Campeonato Sul-americano, evento burguês por excelência e não noticiado na época por *A Plebe*? E, finalmente, por que se entregara a organização das provas esportivas, que além de futebol incluíam ciclismo, pedestrianismo, ginástica, à burguesa APSA (Associação Paulista de Sports Athléticos)?[24]

A realização de festivais ou *meetings* pelos sindicatos e ligas anarquistas eram uma prática comum por essa época. Fosse para arrecadar fundos ou para incrementar a solidariedade de classe, eram realizados com bastante freqüência, encontrando-se nos jornais operários as chamadas para a participação. A maioria dos encontros realizava-se em torno de conferências sobre assuntos relativos à organização da classe, à educação, às teorias socialistas ou libertárias. Entretanto, alguns, de maior envergadura, incluíam atividades esportivas e outras formas de recreação, como o de *A Plebe*, citado acima.

Referindo-se aos anarquistas cariocas com considerações que podemos estender aos paulistas, Angela Castro Gomes considera que foram muito importantes os

> *meetings* voltados especificamente para a propaganda de seu ideário, como os comícios contra a lei de expulsão de estrangeiros e os festivais realizados ao ar livre em locais como a Quinta da Boa Vista. Estas grandes festas envolviam, além dos discursos doutrinários, *recreações, como bailes e partidas de futebol*. Um caráter mais lúdico, capaz

[22] "O grandiosos festival proletário teve uma imponência excepcional", *A Plebe*, 23 set. 1919, p. 2.

[23] "O grande festival pró-"A Plebe" diária", *A Plebe*, 07 set. 1919, p. 4.

[24] "O grandioso festival de hoje no Jardim da Aclimação", *A Plebe*, 21 set. 1919, p. 2.

> de atrair um público maior, unia-se a um objetivo mais preciso [novamente a importância da *finalidade*], como o de conseguir recursos para o financiamento de jornais anarquistas ou para o auxílio a famílias de líderes presos.
>
> Esta forma de atuação foi ao mesmo tempo causa e conseqüência da crescente capacidade de mobilização dos anarquistas, que precisavam se tornar visíveis para conseguir reconhecimento social por parte do operariado e das outras camadas sociais.[25]

Ou, como propôs Francisco F. Hardman, ao invés de acusar *A Plebe* de oportunista, melhor será perceber que a passagem da atitude "puritana" de rechaço do esporte para a incorporação dele aos festivais deve-se à própria dinâmica do movimento operário que, no período 1917-1919, deixou os círculos restritos dos salões para ganhar os praças e parques, reflexo da incorporação ao movimento de novos e grandes contingentes de operários. Em certo aspecto, a função da "festa" muda: enquanto as reuniões nos salões pré-1919 estruturavam-se em torno de peças de teatro e conferências pedagógicas, cujo objetivo era fazer propaganda dos ideais anarquistas aos operários, numa palavra, conscientizá-los, os festivais pós-1919 pretendiam ser eles próprios a propaganda do movimento, da sua pujança, da sua capacidade de organização, um "espetáculo".[26]

Contudo não podemos deixar de notar que ao aceitarem o esporte nos seus festivais, os anarquistas estavam paradoxalmente colaborando para a sua difusão, para que caísse no gosto dos operários naquela maneira burguesa em que poucos praticavam, e a grande maioria se acostumava a ser mera assistência. Mas esta era uma contradição difícil de ser pensada, quanto mais de ser resolvida. Ao se renderem à pressão "das bases" aceitando o esporte, o caráter (parcial, é verdade) atribuído aos festivais de propaganda da força operária para o resto da sociedade obrigava a realização de partidas-espetáculo, pois havia a intenção expressa de demonstrar que poderiam ser melhor organizadas do que aquelas que chamavam de burguesas, que quase sempre terminavam em conflitos entre os atletas, entre as torcidas e entre ambos. Afinal, os anarquistas estavam convencidos que na futura sociedade sem classes a ordem e a organização seriam muito superiores do que na atual, e os festivais serviam como demonstração concreta disso.

---

[25] Angela Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo*, op. cit., p. 106-107. Itálico meu.

[26] Francisco F. Hardman, *Nem pátria, nem patrão!*, op. cit., p. 38-43.

* * *

O acompanhamento de tentativa de se criar uma coluna esportiva em periódico operário desse período dá a medida da recusa anarquista do esporte burguês, do "esporte pelo esporte", dessa atividade "inútil".

Tal tentativa ocorreu nas páginas de *A Vanguarda, Diário do Povo Trabalhador*.[27] A partir do sexto número o periódico trazia uma coluna dedicada ao esporte, intitulada "Coisas esportivas". Logo de saída o articulista esclarece que "nós não somos inimigos do esporte" desde que ele não seja uma atividade "inútil" e nem seja "transformado em política absorvente tirando a mocidade da escola, da biblioteca, do lar e da associação de classe". Além dessas restrições, compromete-se a publicar na coluna as contribuições que forem enviadas por leitores, "principalmente quando se tratar de clubes de trabalhadores".[28]

Deve-se notar que a simples existência de uma coluna esportiva já era uma novidade, pois os periódicos operários de tendência anarquista, como se viu, resistiam ao esporte. E para alimentar uma coluna, teriam obrigatoriamente de tratar do esporte "burguês" como fazia a "imprensa burguesa", pois apenas os clubes e associações "burgueses" mantinham um ritmo de atividades capaz de gerar notícias para uma coluna quase diária.

---

[27] Houve muitos periódicos com o nome de *A Vanguarda* nesse período, por isso acrescentei o subtítulo que ele trazia. O primeiro número é de 25 de fevereiro de 1921. Sua fundação era fruto da inciativa de lideranças operárias de várias tendências em consonância com resolução do IIIº Congresso Operário (1920) que decidira pela unificação do movimento operário em alguma Federações. "Em São Paulo, curiosamente, as medidas concretas que serão tomadas visando o fortalecimento do movimento sindical tenderão, muito mais que no Rio, a considerar as opiniões que viam a necessidade de uma "depolitização" do movimento sindical, a despeito dos esforços dos elementos mais radicais. Após o Congresso, um grupo de militantes se esforçou para criar a Cooperativa Gráfica Popular, que em 1921, imprimirá o jornal *A Vanguarda*. Quando o grupo editorial se costitui, já em julho de 1920, lançando uma campanha em prol da aquisição de máquinas para a impressão do que planejava-se ser um diário, o definem como um jornal trabalhista sem cor doutrinária ou filosófica. Diziam-se partidários da neutralidade ideológica dos sindicatos operários". Cristina Hebling Campos, *O sonhar libertário*, Campinas, Pontes/EDUNICAMP, 1988, p. 139.

[28] *A Vanguarda*, 03 mar. 1921, p. 3. Como se verá adiante, essa é uma posição muito próxima à dos futuros comunistas.

De fato, após noticiar em 05 de março de 1921 reunião de um certo "Esporte Club Juventude do Futuro", "esse clube constituído de rapazes cheios de animação", e de tratar da proposta da APEA[29] de criar duas divisões para a disputa do campeonato paulista de futebol, uma para equipes mais (da "elite") e outra para as menos competitivas ("populares"),[30] a partir do dia 6 do mesmo mês a coluna desaparece. E com ela o tema "esporte". Pode-se supor, com razoável probabilidade de acerto, que o "anarquismo" de alguns diretores do jornal percebeu qual rumo as "coisas esportivas" tomavam: defender que os clubes "populares" disputassem campeonatos em pé de igualdade com os times da "elite" não era uma postura suficientemente crítica na medida em que aceitava o "esporte pelo esporte", aceitava a "colaboração de classes", etc..

Esta suposição é reforçada por um artigo publicado três meses mais tarde, em 23 de junho de 1921, em que o articulista relata como vê "um Domingo no Brás" e como desperdiça o seu tempo livre a "mocidade estéril". Entre os exemplos de inutilidades a que ela se dedica, este: "Automóveis cortando, velozes, as distâncias, cheios de rapazes delirantes a berrar desbragadamente, e a dar hurras! a este ou aquele clube esportista".[31]

Outro "caso" deu-se com o pernambucano *Hora Social, Órgão da Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco*, editado em Recife. Aqui se pode acompanhar a luta entre os militantes de várias correntes dentro do movimento operário pelo controle de um jornal que não era de um grupo político particular mas de uma federação sindical, no seio da qual essas tendências interagiam, e por isso, sentiam-se no direito de colaborar com o seu periódico.

O primeiro número saiu com editorial explicando a iniciativa da federação de publicar o periódico e a importância do gesto para o aumento da consciência e organização da classe operária pernambucana.[32] As análises dos acontecimentos e da realidade brasileira e do mundo, sob forte impacto da Revolução Russa, são em sua maioria de molde anarquista, com simpatias pelo bolchevismo, como era ainda comum entre os anarquistas nos primeiros anos após a revolução. Entretanto, a

[29] O abrasileiramento da expressão *sport*, modificou a antiga sigla APSA para APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos.

[30] *A Vanguarda*, 05 mar. 1921, p. 3.

[31] *A Vanguarda*, 23 jun. 1921, p. 2. O autor utiliza o pseudônimo "Caramuru".

[32] *Hora Social*, 26 out. 1919, p. 1.

partir de 29 do mesmo mês, surge uma coluna intermitente sobre esportes, plenamente integrada ao esporte "burguês", na qual aparecem notícias sobre os bastidores do campeonato pernambucano de futebol e jogos a se realizar, seguindo o modelo da crônica esportiva "burguesa".

O auge do desencontro entre o anarquismo dos artigos de análise social e o conteúdo "burguês" dos esportivos ocorre na edição de 19 de novembro de 1919. Na primeira página há um artigo condenando o patriotismo, aproveitando a data comemorativa da bandeira nacional.[33] Entre outras coisas, critica os clubes dançantes e carnavalescos por promoverem o "patriotismo mais rasteiro" e desviarem os operários da luta social, e termina com um "viva à Internacional". Em contrapartida, na página 3 há um artigo que aplaude a decisão da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) de mandar equipe de atletas para participar das Olimpíadas no ano seguinte, para "ir a Anvers levar em seus peitos de atletas o brasão verde ouro da nossa nacionalidade". Completa o artigo a afirmação de que "em face deste gesto cívico pode já a honra esportiva da Nação sentir-se confortada, assegurada que fica, de que ter-se-á alinhado entre os falangeários da civilização que vão, em Anvers, celebrar uma festa apolínea sensacional, a reconquista da concórdia entre a humanidade".[34]

Em 28 de fevereiro de 1920, o editorial "Porque somos anarquistas" explica a orientação do jornal com invectivas contra o Estado, a Lei e a Religião. Mas, somente em 3 de julho de 1920 o editorial "Hora Social" relatará os contratempos pelos quais passou o jornal, entre os quais a saída durante certo tempo dos editores de orientação anarquista, descontentes com a excessiva "abertura" do jornal, que produzia edições como a citada acima.[35] Agora, segundo o editorial, o jornal passaria a seguir firme orientação anarquista, o que nos leva a supor que os anarquistas venceram a disputa com as outras correntes e passaram a ter controle total sobre o jornal. Resultado: desapareceu a seção de esportes.

---

[33] "Bandeira", *Hora Social*, 19 nov. 1919, p. 1.

[34] "Sport – Foot ball – A Olympiada de Anvers", ibid., p. 3. Mesmo levando em conta que o articulista poderia estar expressando um entusiasmo generalizado com um gesto de "concórdia" após uma Guerra Mundial sangrenta e catastrófica, é difícil crer que os anarquistas assinassem semelhante artigo.

[35] "Hora Social", *Hora Social*, 03 jul. 1920, p. 1.

* * *

Passado o pico das agitações anarquistas de 1919-1920, não só diminuiu vertiginosamente o número de periódicos editados por eles, como aqueles que se mantiveram voltaram a silenciar sobre os esportes. Vamos reencontrar o tema somente já em plenos anos 30, no periódico *A Plebe*. Soa como um lamento; não há mais propostas, apenas o reconhecimento de que os operários se deixam levar infalivelmente pelos aproveitadores, completamente alienados:

> atualmente são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas operárias que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos. Nos campos de futebol os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões.[36]

O periódico manifesta também revolta ao ver que militantes do movimento operário – os comunistas – estavam estimulando a prática esportiva e os acusava de estarem destruindo as organizações operárias transformando-as em "centros esportivos".[37]

Depois, o silêncio.

2.2 Lima Barreto e Maria Lacerda de Moura

Antes mesmo que o campeonato sul-americano fosse disputado e vencido pela seleção brasileira – o que ocorreu em junho – mas após o discurso de Coelho Neto por ocasião da inauguração da piscina do Fluminense, foi criada, no Rio de Janeiro, neste ano de 1919, uma *Liga contra o futebol*, por iniciativa, entre outros, do escritor Lima Barreto, que pretendia combater "uma aristocracia que se baseia

[36] Apud Maria A. Guzzo Decca, op. cit., p. 120.

[37] Ibid., p. 123.

nas habilidades dos pés".[38] Sua fundação revelou o desejo de dar mais um passo na recusa dos esportes, evoluindo do protesto através de artigos, que Lima Barreto já publicava em periódicos cariocas, para uma atuação de maior alcance. O escritor conseguiu algumas adesões e chegou a "interessar a gente jovem, como o estudante Carlos Sussekind de Mendonça, que publicou um livro*, O esporte está deseducando a Mocidade Brasileira*".[39]

Falando sobre a *Liga*, Lima Barreto explicou que ela nasceu da tomada de consciência de que o futebol, coisa inútil, estava ocupando tempo demais da "atividade mental" da população do Rio, mas que a Liga não foi avante principalmente pela "falta de dinheiro". Entretanto ela lhe custou muitas polêmicas, principalmente com o Coelho Neto, o entusiasta sócio do Fluminense Futebol Clube.[40]

Carlos Sussekind de Mendonça também se referiu à *Liga* no seu livro sobre os males do esporte, dizendo que "seu programa era gigantesco: estudar, com detalhe, com dados científicos, as desgraças causadas pelo esporte, todas as suas inconveniências, sob todos os aspectos, para depois patenteá-las ao alcance de todos em folhetos, em artigos, em discursos e conferências". Mas a *Liga* teria pecado pelo "teoricismo", ou seja, por tratar de todos esses assuntos de maneira muito abstrata, como se poderia ver pela sua primeira tarefa que era a de publicar uma tradução da *Educação* de Spencer.[41] Para Carlos Sussekind de Mendonça, seria vão tentar convencer um jogador a ler Spencer, tarefa quase tão difícil "como

---

[38] Declaração ao *Rio-Jornal*, 13 fev. 1919, apud Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1975, 5. ed., p. 285, nota 19. Nota publicada no Jornal do Brasil, 13 mar. 1919, dava como seus fundadores "Dr. Mário de Miranda Valverde, médico e comissário de higiene municipal; Dr. Antônio Noronha Santos, advogado e jornalista; Dr. Coelho Cavalcanti, homem de letras e jornalista; Lima Barreto, homem de letras e funcionário público aposentado; Lício Barbosa, funcionário público". Idem.

[39] Idem. Sobre o livro de Carlos Sussekind de Mendonça, ver adiante.

[40] Veja-se, por exemplo, a crônica de Lima Barreto, "Como resposta", in *Marginália*, São Paulo, Brasiliense, 1961, 2. ed., p. 71-73. Publicado originalmente em 8 de abril de 1922.

[41] Na verdade, a Liga propunha-se a traduzir o ensaio "Regresso à Barbárie", de Herbert Spencer; *Educação intelectual, moral e physica*, do mesmo autor, já havia sido traduzido e editado em 1901 por Laemmert & C.

catequizar o selvagem por ofícios, esclarecendo-o sobre a necessidade da sua 'incorporação pacífica à sociedade moderna...'"[42]

Mas, ainda que a *Liga* não tenha vingado demonstrou a intenção de aglutinar os opositores à "mania" do esporte e dar um sentido mais eficiente à sua ação.

Lima Barreto vinha marcando publicamente sua posição, pelo menos desde 1915. Vários artigos publicados até o ano da sua morte, 1922, referem-se ao "jogo de conspícuas patadas em bolas". Utiliza neles, além da sua perspicácia de cronista, as idéias do filósofo Herbert Spencer, particularmente aquelas desenvolvidas no "Regresso à barbárie", cuja tradução para o português era uma das prioridades da *Liga*.[43]

---

[42] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, Rio de Janeiro, Empreza Brasil Editora, 1921, p. 37-38.

[43] Escrevendo sobre Lima Barreto, Astrojildo Pereira afirmou que ele "não era marxista, longe disso (...) Desde jovem se afizera ao trato dos livros, mas sua formação sofria do mal muito comum do ecletismo, uma certa mistura de materialismo positivista, de liberalismo spenceriano, de anarquismo kropotkiniano e de outros ingredientes semelhantes". Astrojildo Pereira, "Prefácio", in Lima Barreto, *Bagatelas*, São Paulo, Brasiliense, 1962, 2. ed., p. 14. Essa "mistura" o aproxima dos anarquistas, inclusive a influência de Spencer, que era a regra entre os anarquistas brasileiros no primeiro quarto do século: "Do ponto de vista das concepções teóricas, paradoxalmente, Spencer figura nas folhas anarquistas como fonte inspiradora, ao lado de Bakunin, Proudhon, Malatesta (...) O que os atraía em Spencer, sob o ângulo programático, não era o progresso, ou obviamente o darwinismo social, porém outros aspectos do liberalismo spenceriano: a redução das grandes fortunas, o equilíbrio entre os produtores, a forte limitação do poder do Estado [e a crítica ao esporte, podemos acrescentar]." Boris Fausto, op. cit., p. 73. Lima Barreto não se identificou explicitamente com nenhuma das correntes socialistas organizadas do período, apesar de se declarar "maximalista"; manteve uma postura independente: "No ataque à sociedade do Brasil-República, a experiência pessoal de Lima Barreto e a sua admiração pelas vertentes revolucionárias da Europa deram-lhe acesso a um ângulo independente de visão." Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, São Paulo, Cia. das Letras, 1992, p. 269. Ou, como afirmou seu principal biógrafo, "Não era dos que se atirassem à ação direta, promovendo agitação, fomentando greves, jogando bombas contra edifícios públicos. Nada disso. Seu maximalismo não ultrapassaria os limites das crônicas incendiárias ou das conversas de café e livraria. Chegaria mesmo a aconselhar a todos os revolucionários que, ao contrário da violência, brandissem contra os poderoso as armas da ironia". Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 282. Se em relação aos socialistas foi independente, em relação à elite burguesa talvez possa ser considerado um *outsider*, se utilizarmos um aspecto psicológico do estudo realizado por Norbert Elias sobre Mozart – que

Será necessário, portanto, para compreender melhor o pensamento de Lima Barreto, uma digressão sobre o ensaio de Spencer.

Nele,[44] Spencer critica a tendência, que verifica ser predominante, de o "espírito militar" estar influenciando as demais atividades de sociedades como a inglesa, que há muito haviam superado o estágio de barbárie, característica básica desse "espírito". Nas suas palavras, "esta difusão de idéias militares, de sentimentos militares, de organização militar, de disciplina militar, está se estendendo sobre tudo", sobre a Igreja, as escolas e as atividades de entretenimento.[45] Tudo estimula o espírito guerreiro, destacando-se "o exercício da força física, sob a forma de atletismo", principalmente o boxe e o futebol. Sobre este, que atrai milhares de pessoas para as partidas mais importantes, "acontecimentos nacionais (...) cuja natureza é tal, que a polícia é sempre chamada a proteger os árbitros", Spencer assinala que

> é o mais brutal; as lutas sem perdão entre jogadores e a intensidade do seu antagonismo provam, com efeito, mesmo sem levar em conta as freqüentes contusões e as mortes acidentais, que o jogo se assemelha a um combate, ainda que lhe falte as armas. [46]

O esporte, eivado de militarismo, prepara e açula os espíritos para a guerra, uma vez que, para Spencer, "a cultura da animosidade contra um objeto imaginário, fortificando o sentimento de animosidade em geral, torna mais fácil direcioná-la contra um outro objeto imaginário". [47]

Além da guerra, outro resultado absolutamente depreciado que será retomado à exaustão pelos opositores das práticas esportivas (e se tornou um lugar comum nos textos dos anarquistas paulistas, como vimos) é o de que o exagero no

---

ele define também como *outsider*: o desejo do artista de ver sua arte reconhecida pelo *establishment* que criticava. Conforme Norbert Elias, *Mozart, sociologia de um gênio*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

[44] Utilizo a tradução francesa, em circulação à época de Lima Barreto: Herbert Spencer, "Retour à la barbarie", in *Faits e commentaires*. Paris, Hachette, 1904, 2. ed., p. 193-21.

[45] Ibid., p. 200-201.

[46] Ibid., p. 205. O termo atletismo é empregado significando que os atletas são profissionais.

[47] Ibid., p. 198.

cuidado com o corpo leva o praticante a esquecer-se do mais importante, a cultura da mente:

> assim diversas mudanças indicam uma regressão até uma época da idade média na qual a coragem e a força física eram as únicas qualidades das classes governantes, enquanto que a cultura era limitada aos padres e aos habitantes dos monastérios.[48]

Levando em conta que os artigos de Lima Barreto nos quais critica o futebol foram escritos sempre em chave irônica,[49] depreciando os praticantes, o encontro dos textos de Spencer vieram a calhar pois podia brandi-los contra os grupos dominantes e seus porta-vozes que se pretendiam modernos e para quem as idéias de Spencer eram uma importante referência.[50] Como os jogadores das principais equipes cariocas ainda eram membros das classes dominantes, brancas, pelas quais o escritor mestiço nutria justificado desprezo, a ironia cumpria a função de desqualificá-los, ou melhor, baixá-los das alturas em que julgavam estar pelo simples fato de fazerem parte do grupo dominante.[51] Para isso os tópicos da violência e do rebaixamento intelectual, aplicados ao esporte por Spencer (aos quais Lima Barreto juntou aqueles dos imigrantes anarquistas, vistos acima), caíam esplendidamente bem.

---

[48] Ibid., p. 207.

[49] João Lyra Filho não percebeu isto, talvez por não ter lido o original e ter confiado em artigo de Jota Efegê (*O globo*, 7 nov. 72), o qual afirma que em "Um ofício da A.P.S.A." (in *Bagatelas*, p. 122-129) Lima Barreto teria mudado de idéia e passado a gostar do futebol. João Lyra Filho, *Introdução à sociologia dos desportos*, op. cit., p. 81. Sem nenhuma ironia, Lima Barreto escreveu sete meses antes de morrer: "Combaterei sempre o tal de *foot-ball*". Lima Barreto, "Como resposta", in *Marginália*, p. 73.

[50] Richard Graham, "Spencer e o progresso", in *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1973, p. 241-260.

[51] A visão de Lima Barreto da sociedade brasileira do seu tempo foi assim resumida por Alfredo Bosi: "Para este mestiço humilhado e ofendido, a sociedade brasileira sob a Primeira República aparece como um simulacro de democracia, um regime de desequilíbrios de raça e de classe, uma fachada de gesso floreal, um discurso parnasiano requentado, um macaquear da "belle époque" internacional". Alfredo Bosi, "As letras na Primeira República", in Boris Fausto (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990, 4ª ed., tomo III, vol. II, p. 307.

"Marmanjos" que se julgavam "finos", na verdade eram "uma malta de desordeiros que se querem intitular sportmen [e que] todos o domingos fazem rolos e barulhos",[52] pondo-se "seminus a dar pontapés numa bola, a esmurrarem-se e a soltar palavrões",[53] dedicando-se "a uma coisa inglesa ou que nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, na Rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimamos em ver lordes e pares do Reino Unido".[54]

Incomodava muito a Lima Barreto o que entendia ser uma farsa no comportamento dos grupos sociais dominantes: enquanto seus elementos mais destacados davam-se ares de refinamento, pretendendo-se continuadores da "alta cultura européia", na verdade entregavam-se apaixonadamente a uma atividade, também européia, porém nada "culta". Para Lima Barreto tal quadro retirava a máscara civilizada com que os grupos dominantes se disfarçavam para mostrar a sua verdadeira e bárbara face. Barbárie que demonstravam em outras situações, como na repressão ao movimento operário, por exemplo.

A mesma função cumpria, na argumentação de Lima Barreto, a classificação do esporte como uma atividade inibidora do desenvolvimento intelectual, na perspectiva aberta por Spencer e pelos anarquistas. Assim como seu mestre inglês, o discípulo brasileiro verberava contra os aficionados afirmando que "o importante é que esses sujeitos do football são de uma mediocridade intelectual a toda prova; e é por isso que eles se julgam de raça eleita por Deus, graças às suas habilidades nos pés".[55] Ironicamente, mais uma vez, observa a propósito da participação de brasileiros em torneio de xadrez, no Uruguai, que

> Tudo hoje é intelectual e o xadrez não podia fazer exceção à regra. O football também o é, apesar de ser jogado com os pés; o atirar de pistola e remar canoas leves, também.

---

[52] Lima Barreto, "O foot-ball", in *Marginália*, p. 153. Publicado originalmente em *Careta*, 24 jun. 1922.

[53] Lima Barreto, "Educação física", in *Feiras e Mafuás*, São Paulo, Brasiliense, 1961, 2. ed., p. 111. Publicado originalmente em 9 abr. 1921.

[54] Lima Barreto, "O meu conselho", ibid., p. 170. Publicado originalmente em 21 dez. 1921.

[55] Idem.

> O que não é intelectual, são as manifestações de arte, de ciência e literatura. Para estas, não há articulista que deite folhetim de lágrimas, lastimando que elas encontrem fortes obstáculos a seu desenvolvimento. Pelo contrário.[56]

Também irritava-se bastante com o interesse das moças pelo esporte. Comungava com os anarquistas a preocupação de que as disputas esportivas não eram lugares apropriados para homens sérios, uma vez que terminavam quase sempre em brigas e cada lance era acompanhado de "palavrões", e menos ainda seriam para a freqüência feminina. As moças que acorriam às partidas e torciam pelos "marmanjos" mergulhavam num ambiente de imoralidade que impregnava seus espíritos fazendo-as, além disso, ocuparem seu tempo com algo que além de imoral era inútil. Escrevendo sobre o comportamento dos passageiros do trem de subúrbio que utilizava para chegar ao centro do Rio de Janeiro, Lima Barreto observa que

> o execrável football também é conversa obrigada das moças e senhoras que gastam em saber nomes e coisas de tão nefando jogo uma energia mental que podia ser mais bem empregada na administração de suas modestas casas".[57]

Horrorizava-o pensar que "as moças eram conhecidas como sendo torcedoras de tal ou qual clube",[58] ou que

> durante as partidas do tal de futebol, as damas e as senhoritas trocam amabilidades de palavras e gestos que faziam corar um frade de pedra; e, às vezes mesmo, que elas se atracam com uma sem-cerimônia digna de valentões consumados.[59]

---

[56] Lima Barreto, "As glórias do Brasil", ibid., p. 271. Publicado originalmente em 7 jan. 1922. O "atirar de pistola" é uma referência à notoriedade ganha nesta época pela modalidade esportiva do tiro ao alvo, depois que a equipe brasileira conquistou uma medalha de outro, uma de prata e outra de bronze (pistola de tiro rápido, pistola livre e pistola livre por equipes, respectivamente) nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1920, as primeiras medalhas brasileiras na história dos Jogos. Conforme Sílvio Lancellotti, *Olimpíadas 100 anos...*, op. cit., p. 108-109.

[57] Lima Barreto, "O trem de subúrbio", *Feiras e Mafuás*, p. 242. Publicado originalmente em 21 dez. 1921.

[58] Lima Barreto, "Como resposta", in *Marginália*, p. 72. Publicado originalmente em *Careta*, 8 abr. 1922.

[59] Lima Barreto, "Carta aberta", ibid., p. 133.

Mas a inovação de Lima Barreto está certamente ligada ao combate ao racismo.[60] Como demonstrou Mário Rodrigues Filho, os clubes de futebol até meados da década de 20 ainda eram avessos à presença em suas equipes de jogadores negros ou mestiços. Friedenreich, e alguns outros eram exceções que confirmavam a regra. Mesmo quando alguns clubes, como o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, resolveram admitir os não-brancos, as entidades que dirigiam o esporte tanto local como nacionalmente mantiveram-se numa posição conservadora. Principalmente quando era necessário compor uma seleção que representasse o futebol brasileiro no exterior.

Tal foi o caso da formação da seleção enviada para participar de disputa na Argentina. Em artigo inspirado, Lima Barreto afirma que a "alta função social" do futebol era ofender metade da população brasileira. O "Sacro Colégio do football" procedia como a Igreja que se recusava a ordenar padres negros. Acertando dois alvos com o mesmo tiro, isto é, a Igreja e o futebol, perguntava-se Lima Barreto: "o sacerdote é um intermediário entre Deus e os homens; um futebolesco o que é? Não sei". Uma vez que o caso fora remetido à decisão do Presidente da República que deliberou pela não inclusão dos negros, e para tornar claro o racismo que os grupos dominantes brancos sempre se esforçaram por dissimular, mas do qual nunca abdicaram, Lima Barreto atribui a ele o pensamento de que "lá fora (...) não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano". Conclui afirmando que todo esse esforço é debalde uma vez que mesmo os brancos

[60] Lima Barreto é o único crítico do futebol citado pelos aficionados. Isto acontece, ao meu ver, não tanto pela sua fama e inclusão atual no cânone da literatura brasileira, mas principalmente porque ressaltando a sua crítica ao racismo apaga-se todas as outras: como o "negro" foi incorporado democraticamente ao futebol, como afirmam esses aficionados na esteira de Mário Rodrigues Filho, o racismo e o preconceito de classe deixaram de existir; ou seja, os únicos motivos que esses aficionados elegeram como legítimos para recusar o futebol deixaram de existir. Claro que essa eleição foi feita *a posteriori*, quando os aficionados conseguiram produzir um discurso sofisticado pregando essa desaparição. O texto base dessa visão é de Mário Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, op. cit.., em que o capítulo final acrescentado à 2ª. edição apresenta o "cordato" Pelé como o redentor dos negros brasileiros; entre seus muito epígonos encontra-se, por exemplo, Joel Rufino dos Santos, *História política do futebol brasileiro*, op. cit.; idem, "Sociedade e problema racial na obra de Lima Barreto", in Affonso Carlos Marques Santos (org.), *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983, p. 35-47.

brasileiros são chamados pelos argentinos de "macaquitos", e que a única solução seria contratar ingleses para representar os brasileiros no exterior.[61]

A esse respeito disse ainda que "é o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O football não é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam",[62] conforme afirmara em outra parte, quando exortara os brancos a deixarem de financiar suas viagens futebolísticas ao estrangeiro com dinheiro público uma vez que parte desse dinheiro vinha dos impostos pagos pelos negros, "tão malsinada origem".[63]

Muito da recusa do futebol, em Lima Barreto, era fruto da suposição de que a "elite aristocrática" brasileira só se entusiasmava pelo esporte, e pelo futebol em particular, porque era uma criação de europeus. Da mesma maneira que havia ironizado a suposta superioridade intelectual que esta elite procurava ostentar, mostrando que o futebol que era tão caro a ela era um jogo embrutecedor, também a acusava de "macaquear" qualquer estrangeirismo acreditando que eram sinais de distinção. Este é o segundo sentido aposto por Lima Barreto à afirmação de que os argentinos denominavam os brasileiros brancos como "macaquitos". Para Lima Barreto era a descrição exata dos "marmanjos futebolescos".

* * *

Contraposta a uma maioria de educadores genericamente nacionalista e conservadora (em termos sociais), que estudaremos adiante, Maria Lacerda de Moura era muito próxima do movimento operário e das suas lideranças anarquistas e comunistas.[64]

---

[61] Lima Barreto, "Bendito football", in *Feira e Mafuás*, p. 93-97.

[62] Lima Barreto, "O meu conselho", ibid., p. 171.

[63] Lima Barreto, "Bendito football", ibid., p. 96.

[64] A professora e jornalista mineira Maria Lacerda de Moura (1887-1945) mudou-se para São Paulo em 1921. Pronunciou várias conferências acerca da condição feminina e da educação em uniões operárias anarquistas e comunistas, sindicatos, lojas maçônicas e fraternidades teosóficas. Sobre os mesmos temas, escreveu vários livros e artigos. A militância de Maria Lacerda de Moura junto aos operários a aproximava muito dos anarquistas: eram pontos em comum a defesa dos explorados, a forma panfletária de escrever, a concepção de educação e a crença nela como agente de transformação social, a luta contra o autoritarismo, assim como a avaliação do esporte, como

Em 1925, publicou *Lições de Pedagogia*.[65] No segundo capítulo deste livro discorreu sobre a educação física, fazendo uma crítica de como era conduzida nas escolas naquele momento. Como de praxe nos textos de educadores, acentuou a falta de método que imperava e propôs que se tornasse essa disciplina verdadeiramente científica, incorporando métodos já apresentados por educadores de vários países (entre eles, Spencer) que permitissem dosar os exercícios de maneira adequada a "proporcionar meios para o desenvolvimento harmônico e a saúde de todo o organismo".[66]

Todo o seu entendimento do que é a educação física mais adequada baseava-se na *moderação*. Analisando o estado da fducação física no seu tempo, Maria Lacerda de Moura, fazendo eco aos seus antecessores, como Manoel Bomfim, concluiu que ela seguia o caminho errado do *esgotamento físico*. Segundo a autora, a educação física deveria levar o indivíduo a se sentir bem, e não esgotado.

É neste enquadramento que se insere a crítica ao "atletismo". Mas como se verá, Maria Lacerda de Moura não condenou apenas os espetáculos de profissionais. Ela fez suas as críticas anarquistas (e de Spencer) ao esporte, fosse ele amador ou profissional, atividade lúdica ou negócio. Recusou-o, simplesmente. No seu entender, da mesma maneira que a ginástica, o esporte leva ao esgotamento físico pela excessiva prática de exercícios.

Para Maria Lacerda de Moura, a educação física, se bem ministrada, é um bem. Mais, é necessária.

> A educação física de que carecemos promove os meios necessários a uma boa saúde, proporciona alegria, disposição para o trabalho, prepara o cérebro para receber a educação intelectual, repara as forças gastas.[67]

---

veremos; a defesa da revolução russa por Maria Lacerda de Moura, durante a década de 20, afastou-os, sem no entanto identificá-la com os comunistas. Conforme Míriam Lifchitz Moreira Leite, *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, Ática, 1984, e da mesma autora, "Maria Lacerda Moura e o anarquismo", in Antônio Arnoni Prado (org.), *Libertários no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1987, 2ª ed., p. 82-97.

[65] Maria Lacerda de Moura, *Lições de Pedagogia*, São Paulo, Typographia Paulista, 1925.

[66] Ibid., p. 79.

[67] Ibid., p. 79.

Ela estava seguindo Spencer também ao considerar que a principal atividade física que atinge os objetivos acima são os "jogos naturais", porque aliam exercícios físicos ao prazer, à alegria.[68] Nesta perspectiva, a ginástica tinha para ela um papel secundário na educação física, o que distancia a autora mais uma vez dos educadores nacionalistas, excetuado Manoel do Bonfim. Maria Lacerda de Moura, ela mesma professora, comentou que cansou de ver suas alunas indispostas para o estudo após as aulas de educação física, devido ao esgotamento físico. Indignada, exclamou: "Ginástica para dar saúde e essa mesma ginástica produzindo dores de cabeça e indisposição sérias!"[69] A ginástica adequada deveria se constituir de exercícios "moderados, calmos e [que] interessarão a todas as partes do corpo", executados em horas adequadas, com método, e respeitando a idade dos praticantes.[70]

A falta de racionalidade da educação física como era ministrada no Brasil, segundo Maria Lacerda de Moura, manifestava-se ainda na falta de cuidado em dosar os exercícios de acordo com a constituição física de cada aluno, em verificar quais benefícios cada exercício poderia efetivamente trazer-lhe. Tal como no futebol. Segundo afirmou, essa modalidade era praticada indiscriminadamente, junto com marchas e ginástica, por "todos os alunos, como uma aula de língua-pátria, história ou geografia". Por isso, "o futebol pode vangloriar-se de haver feito muitas vítimas entre nós".[71]

Uma vez que "o exagero é sempre condenável", e que a falta de racionalidade leva o futebol a ser prejudicial à saúde, o papel desempenhado por ele na vida da juventude era condenável, e por isso devia ser combatido.

> O futebol vai ter repercussão dolorosa entre a mocidade desta geração, porquanto, além de ser exercício de atletismo, condenado por muitos higienistas, é feito sem ordem (o latino é muito diferente do anglo-saxão), sem cuidados especiais, obriga os estudantes a somar duas fadigas, a física e a intelectual.[72]

---

[68] "Admitimos que a ginástica é melhor do que a falta absoluta de exercício; mas contestamos que ela seja um substituto [ao exercício natural e espontâneo] de igual valor aos jogos". Herbert Spencer, *Educação intellectual, moral e physica*, op. cit., p. 245.

[69] Ibid., p. 81.

[70] Ibid., p. 96.

[71] Ibid., p. 82.

[72] Ibid., p. 89.

Para os estudantes, sejam crianças ou adolescentes, o futebol "é um exercício demasiado e precoce". Ele desenvolve a musculatura, mas isto, para a autora, não é educação física. Para ela, "o vigor físico, a saúde, a alegria não dependem apenas do exercício dos músculos. Sem dúvida a operação digestiva, a riqueza do sangue, o fenômeno da hematose têm mais importância que a força do bíceps".[73] Por essa razão, antes de ser recomendado para estudantes, o futebol é um jogo para "atletas".

Por outro lado, considerando que a "educação é sempre individual" e que "os erros e a reparação dos erros são trabalhos mentais do indivíduo e daí é que surge a sua adaptação interior, a evolução psíquica para a auto-educação, para o domínio próprio", Maria Lacerda de Moura valorizava, principalmente para as crianças, atividades desenvolvidas num ambiente calmo que instigassem a sua reflexão. Assim,

> A criança lucra muitíssimo mais quando constrói sozinha, num cantinho, o seu balão de papel de seda ou o seu papagaio ou quando cola e descola pela milésima vez a sua coleção de selos do que quando joga o foot-ball ruidoso ou a peteca ou esses inúmeros brinquedos que abafam a energia interior no ruído exterior.[74]

Impróprio para as crianças e jovens estudantes, ao remeter o futebol aos "atletas", parece que Maria Lacerda de Moura admitia a sua prática por profissionais. Mas não, ela não via nada de positivo no "atletismo". Neste contexto, reprovava os gregos que criaram a ginástica mas pouco a pouco a foram "desvirtuando", "transformando os exercícios e fazendo atletas, os quais eram admirados em público", e elogia Platão e Aristóteles por se contraporem a isto e pregarem a moderação.[75] Segundo Maria Lacerda de Moura,

---

[73] Ibid., p. 90.

[74] Ibid., p. 138.

[75] Ibid., p. 98.

> Os atletas morrem cedo, esgotam-se e nunca chegam a ser pensadores: a sua mentalidade escoou-se para as fibras, para a musculatura; são animais raros, apenas. Cultivar o atletismo é voltar à época paleolítica; não há nenhuma vantagem.[76]

Temos aqui alinhavados concisamente dois tópicos anti-futebolísticos que já conhecemos: a violência, neste caso praticada pelo atleta contra si próprio – o esgotamento –, e o prejuízo das atividades intelectuais. Os dois concorrem para o embrutecimento do indivíduo remetendo-o, animalizado, de regresso à barbárie, como afirmara Spencer. Para Maria Lacerda de Moura, tudo ao avesso do que a verdadeira educação física deveria fazer. Enquanto ela, com os olhos postos no futuro, propunha uma educação física que proporcionasse uma vida progressivamente mais saudável e inteligente pela utilização de métodos racionais que valorizassem a alegria e o prazer, os esportes estariam provocando uma volta ao passado, que nada tinha de idílico e se restringia a uma violenta luta pela sobrevivência.

> Os homens primitivos saíam por necessidade em busca do alimento, e a defesa própria, a luta corporal entre homens e feras faziam-nos fortes. O exercício era meio de vida.
>
> Com as civilizações, essa necessidade imprescindível de força bruta, resistência de selvagem em luta com os elementos, sem outras armas de defesa senão os braços – foi desaparecendo.[77]

No "paleolítico", portanto, o "músculo" era fundamental para a preservação da vida. O desenvolvimento da "civilização" foi atenuando essa necessidade vital do "bíceps", até que no presente, a roda da história parecia querer girar de novo para o passado. Só que agora, o "músculo" não era mais uma necessidade vital, e portanto seu desenvolvimento excessivo constituía-se num "erro, num desvio, numa extravagância, numa aberração da educação do corpo".[78]

---

[76] Ibid., p. 90. Um ano antes escrevera: "(...) o *boxeur*, o *garboso* militar ou o jogador de futebol *de profissão* têm mais de carne do que de alma". Maria Lacerda de Moura, "Como escolher um bom marido", *Renascença*, 5 jul. de 1923 (as páginas dessa revista não são numeradas). *Renascença* era uma revista mensal editada por Maria Lacerda de Moura, em São Paulo. Limitou-se a cinco números.

[77] Maria Lacerda de Moura, *Lições de pedagogia*, op. cit., p. 97-98.

[78] Ibid., p. 79.

Constatando que muito havia a ser feito no campo da educação física, Maria Lacerda de Moura considerava que o esporte ao invés de impulsioná-la para melhor atrasava-a ainda mais. Daí não ver nenhuma vantagem nele, e ao contrário, entender que havia muito o que perder a se continuar a praticá-lo.

Neste que é um texto sobre pedagogia, a autora prendeu-se às considerações das inadequações *físicas* do esporte – à sua incapacidade de constituir-se num elemento de educação física – e de ser obstáculo ao desenvolvimento intelectual. Deixa entretanto entrever a sua condenação ao esporte como "espetáculo de massas" criado para distrair a atenção do público, não só ao nomeá-lo "atletismo", mas também ao aludir a desfiles de cadetes e escoteiros em comemorações cívicas. Além de criticar a exposição de crianças e jovens a um excessivo esforço físico nestes desfiles, sustenta que tais eventos servem para "entusiasmar as massas e alimentar a superstição", pois "o povo se contenta com pouco".[79] Igualmente, em outra passagem já citada, criticou os gregos por terem transformado a ginástica em espetáculos para o "público".

Quanto ao futebol, especificamente, a autora havia sido mais explícita em outra parte, na qual o incluíra entre os elementos do "mundanismo" em que via serem educadas as mulheres de então. Comentando as dificuldades de levá-las a se interessarem por temas relativos ao que considerava uma educação correta, Maria Lacerda de Moura perguntara: "E nós que só conhecemos o "*Para Todos*", a "*Scena Muda*", e só nos preocupamos com os *Tom Mix* e congêneres, *Bertinis* e etc., com as corridas de cavalo, o futebol e o jogo do bicho – como fazer essa transição [para uma educação adequada]?"[80] Se percebe aqui que o espetáculo de futebol era para Maria Lacerda de Moura um fator de "deseducação das moças", portanto era passível também de uma condenação de ordem moral, fechando-se o quadro da sua tríplice inadequação – física, intelectual e moral.

---

[79] Ibid., p. 82.

[80] Nota ao artigo de Domingos Ribeiro Filho, "O veneno literário", *Renascença*, 3, abr. de 1923. *Paratodos*: sala de cinema paulistana; *Scena Muda*: revista semanal carioca, da Companhia Editora Americana (a mesma da *Revista da Semana*), que publicava em forma de "contos" roteiros de filmes norte-americanos, ilustrados com alguns fotogramas; *Tom Mix*: "O rei dos *cowboys*", ator de muitos filmes *western*; *Bertinis*: referência às atrizes de melodramas como Francesca Bertini, a principal estrela do cinema italiano nos anos 20.

2.3. A recusa nacionalista do esporte

Apesar de apresentado em separado, não podemos perder de vista a sincronia entre o discurso dos "educadores" que analisaremos a seguir e o dos socialistas já analisado. Eestes discursos se interpenetram, utilizam fontes muitas vezes comuns, e uns aos outros como fontes ou interlocutores.[81] A apresentação em separado acontece aqui não por uma obsessão classificatória, mas para ressaltar as diferenças; as semelhanças entre eles serão destacadas no texto.

Vale para o estudo do pensamento desses nacionalistas, de extração liberal, a advertência feita por Alfredo Bosi a propósito do estudo das vanguardas literárias latino-americanas – esse texto é uma luta constante contra as dificuldades apontadas por ele:

> Causa embaraço ao seu historiador atual qualquer tentativa de exposição sintética desses movimentos, pois a busca de traços comuns esbarra a cada passo em posições e juízos contrastantes (...) as nossas vanguardas conheceram *demasias de imitação* e *demasias de originalidade* (...) Mas uma visão que persiga os modos e os ritmos diferentes não deverá, por sua vez, camuflar a imagem de uma outra unidade, sofrida e necessariamente contraditória: a unidade do processo social amplo em que se gestaram as nossas vanguardas. As diferenças entre movimento *a* e movimento *b*, ou entre posições do mesmo movimento, só são plenamente inteligíveis quando se consegue aclarar por dentro o sentido da *condição colonial*, esse tempo histórico de longa duração no qual convivem e conflitam, por força estrutural, o prestígio dos modelos metropolitanos e a procura tacteante de uma identidade originária e original.[82]

Tanto os adeptos do esporte como os seus críticos, colocando-se numa posição de vanguarda, mesmo que ilusória, oscilavam entre as balizas mostradas

---

[81] Não por mera coincidência se observa que o registro das primeiras manifestações nacionalistas e anarquistas contra o esporte aponta para a sua quase simultaneidade: 1905 (Jorge de Moraes) para os primeiros e 1906 ("alguns operários") para os segundos. E foram realizados por autores apartadas tanto espacial (Manaus-Rio de Janeiro/Sorocaba) quanto socialmente (médico de origem burguesa/operários), demonstrando que a resistência, ainda que pequena, se manifestava em vários segmentos sociais.

[82] Alfredo Bosi, "A Parábola das Vanguardas Latino-Americanas", in Jorge Schwartz, *Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*, São Paulo, EDUSP/Iluminuras/FAPESP, 1995, p. 19-20.

por Bosi, entre a aceitação tácita de inovações culturais gestadas no estrangeiro, neste caso a educação física e o esporte, e a luta por adequá-las a um projeto nacional. Mesmo a recusa do esporte que será aqui apresentada se faz com base em estrangeirismos, que julga mais adequados à constituição da nacionalidade brasileira.

Quinze anos depois de José Veríssimo ter iniciado a defesa do esporte como importante atividade de educação física o deputado pelo Estado do Amazonas, Jorge de Moraes, iniciou o processo de recusa nacionalista do esporte, pronunciando discurso na Câmara dos Deputados propondo a criação de escolas de educação física no Brasil, em 1905. Novamente deputado, voltou ao assunto 22 anos depois.[83] O primeiro desses discursos chegou a ser impresso em Manaus, e utilizado como material de propaganda a favor das referidas escolas, ao mesmo tempo em que defendia uma certa concepção de atividades físicas adequadas ao processo educativo.[84]

Em seu primeiro discurso, Jorge de Moraes faz a defesa da "ginástica científica" como exercício físico adequado para retirar o "povo brasileiro" do estado de decadência física em que, segundo o autor, ele se encontrava, e ao mesmo tempo como corretivo para a "ginástica deformante" que se improvisava nas escolas brasileiras. Entre os erros que o "empirismo" – reverso do desconhecimento teórico dos professores – utilizava como supostos meios de educar o corpo, encontrava-se o "atletismo".

---

[83] Os discursos estão reproduzidos na íntegra em Inezil Penna Marinho, *Contribuição para a História da Educação Física no Brasil...,* op. cit., p. 104-113 e p. 146-173, respectivamente. Jorge de Moraes (1872-1947) era cirurgião e professor, tendo sido senador pelo Estado do Amazonas, prefeito de Manaus e duas vezes deputado federal, também pelo Amazonas. Fez cursos de especialização na França, Alemanha, Suíça, Áustria e Itália. Conforme Leonardo Leite Neto, *Catálogo Biográfico dos Senadores Brasileiros, de 1826 a 1986*, Brasília, s/e, 1986, vol. III, p. 1455-1456. Jorge de Moraes foi também presidente da Seção de Educação Física da Associação Brasileira de Educação, em 1930.

[84] O debate naquela cidade sobre estes temas resultaram na criação de uma cadeira de educação física, anexa à Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado do Amazonas, em 1906. O discurso do deputado, com certeza, era fruto desse debate que se realizava em Manaus, que por essa época mantinha um contato bastante estreito com os EUA e a Europa em função do *boom* da borracha.

> Na antiga Roma, os atletas eram pagos, admirados, mas nunca tidos entre os primeiros homens daquele tempo. Não eram dignos de consideração, e a arte não deixou de materializar para sempre o espírito desse apreço. De fato, diz Mosso que a estátua de bronze encontrada na *Via Nazionale* representa a figura característica de um atleta; *quem a contemplar uma só vez jamais esquecerá a face estúpida e brutal daquele pugilista*.[85]

O termo "atletismo" chegou até Jorge de Moraes, como se vê, através das obras de Angelo Mosso, a principal referência teórica não só de Jorge de Moraes mas de outros autores que estudaremos. É importante aqui uma digressão para explicitar o que este pesquisador italiano queria fazer significar com essa expressão que veremos retornar em vários textos analisados neste trabalho.

Angelo Mosso[86] não se opunha aos esportes de maneira irrestrita. Pelo contrário, ele tinha uma visão francamente favorável, tendo se encantado com a prática esportiva nas universidades norte-americanas.[87] Ele não concordava com o "atletismo". Essa expressão não tinha à época a significação de hoje, quando denomina um conjunto de modalidades esportivas em que se incluem os saltos, corridas, arremessos. Para Mosso, "atletismo" era a transformação das disputas esportivas em espetáculos somada à profissionalização dos atletas. A expressão é pejorativa, e aparece sempre com carga negativa quando o autor está criticando o exercício físico como atração de espetáculos. A palavra esporte não têm a mesma carga negativa. Traduzida em termos atuais, é sinônimo de esporte amador, diletante.[88]

---

[85] Ibid., p. 108, itálico do autor.

[86] Angelo Mosso (1846-1910) formou-se em Medicina e dirigiu por vinte e cinco anos (1879-1904) o Laboratório de Torino, onde pesquisou a fisiologia humana e os efeitos produzidos nela pelos esforços a que é submetida. Os resultados de suas pesquisas estão em *La fatica*, Milano, Fratelli Treves, 1891, 1ª. ed.. No final de sua vida dedicou-se à Arqueologia, interessado em recuperar o passado greco-romano, sobre o qual propunha assentar a nacionalidade italiana. Conforme Lando Ferretti, *Angelo Mosso, Apostolo dello sport*, Milano, Garzanti, 1951.

[87] Conforme o capítulo "L'educazione fisica nelle Università" de seu *Mens sana in corpore sana*, Milano, Fratelli Treves Editori, 1911, 5ª. ed., p. 193-230.

[88] O pensamento de Mosso acerca do esporte foi expresso de maneira mais completa em seu *Mens sana in corpore sano*, cuja primeira edição é de 1903. Nele, retoma idéias apresentadas nos anteriores *L'educazione fisica della gioventù*, de 1893, e *La democracia nella religione e nella scienza*, de 1901. O primeiro foi traduzido para o português e publicado em São Paulo,

Descrevendo a ginástica grega e fazendo uma apreciação do pensamento dos autores gregos acerca dela, refere-se a Hipócrates e à visão crítica do "atletismo" que o médico tinha, resumida nesta passagem:

> Já naquele tempo a ginástica tornando-se uma profissão por meio do atletismo, Hipócrates propunha que se fechassem as palestras. "O ginásio (se diz) é a arte de educar o menino, mas é coisa diversa: se ensina a não seguir a lei e até a ser justamente injusto, até a enganar, a roubar, a raptar, a tomar pela força tanto o que aí é mais belo, como o que aí é mais bruto; aquele que não procede assim é mau, aquele que procede assim é, ao contrário, bom: lá se mostra como delira o vulgo, lá se escolhe um como modelo dentre a multidão e se considera todos os outros maus; muitos observam, poucos praticam".[89]

Neste mesmo sentido, Angelo Mosso afirmava que

> Nada era mais contrário ao ideal estético dos Gregos do que o desenvolvimento excessivo dos músculos realizado pelos atletas, o qual agora tende a produzir-se através da ginástica, como ornamento que o público admira nos circos como emblema de força.[90]

Falando sobre os esportes nos EUA, e o medo que ali existiria de que os atletas se tornassem profissionais, comenta que os estudantes estavam proibidos de aceitar qualquer tipo de ajuda para se apresentarem em espetáculos nas cidades. Segundo ele, os norte-americanos entendiam que "o esporte deve ser um

---

provavelmente em 1914; no prefácio, Ruy de Paula Souza demonstra preocupação com o excesso nas práticas esportivas. Angelo Mosso, *A educação Physica da Juventude*, São Paulo, p. IX-XI [no único exemplar que encontrei, na Biblioteca Mário de Andrade, há uma etiqueta colada sobre a data da publicação e o nome da editora; o prefácio está datado de abril de 1914].

[89] *Già a quei tempi la ginnastica essendosi fatta un mestiere per mezzo dell'atletismo, Ippocrate proponeva che si chiudessero le palestre. "Il ginnasio (egli dice) è l'arte di allevare i fanciulli, ed ecco invece cosa è: si insegna a non eseguire la legge e ad essere giustamente ingiusto, ad ingannare, a rubare, a rapire, a prendere colla forza quanto vi è di più bello, come ciò che vi è di piu brutto; quegli che non fa così è cattivo, quegli che fa queste cose invece è buono: là si mostra come sragiona il volgo, si sceglie come modello uno tra la folla e si giudicano tutti gli altri cattivi; molti ammirano, pochi conoscono*". Angelo Mosso, *Mens sana in corpore sano*, op. cit., p. 20-21.

[90] *Nulla era più contrario all'ideale estetico dei Greci quanto lo sviluppo eccessivo dei muscoli che hanno gli atleti, e che ora tende a prodursi colla ginnastica agli attrezzi e che il pubblico ammira nei circhi come l'emblema della forza*. Ibid., p. 31.

divertimento e um jogo para diletantes, excluída toda sombra de profissionalismo e de ganho que lhe ofusque a nobreza".[91] O que explica o retraimento da "elite" – dos "diletantes" – daqueles esportes que se tornam populares e atraem um grande público.

> O atletismo é uma doença que não tem remédio. Quando um jogo atlético adquire tal ascendência sobre o povo e passa a ser praticado por profissão, em busca de ganhos, o diletante o abandona e se volta para um novo exercício. É por essa razão que agora está crescendo rapidamente o jogo do golfe, para o qual é necessária a superfície extensa de um terreno acidentado que não se presta a um espetáculo público, por causa das irregularidades do relevo onde deve ricochetear a bola, impulsionada pelo golpe do bastão, antes que chegue perto do buraco onde se decide a disputa. [92]

Deve-se ressaltar também que Angelo Mosso reivindicava como originalmente sua a recusa de Spencer ao "atletismo", afirmando que ele, Mosso, já a havia escrito dez anos antes no capítulo "Ginnastica atletica", do seu *L'educazione fisica della gioventù*.[93] Entretanto, apesar de Spencer referir-se também ao "atletismo", em momento algum se declara favorável a alguma forma alternativa de disputa esportiva. Para ele, haveria disputa em qualquer situação, fosse profissional ou não, espetáculo ou prática diletante, e era a idéia de *disputa*, implícita em qualquer encontro esportivo, que Spencer não aprovava. Ou seja, recusava o esporte e ponto. Por conseguinte, ou Mosso não entendeu o que Spencer quis dizer, ou maliciosamente tratou de identificá-lo a si próprio para descaracterizá-lo.

---

[91] *Lo sport deve essere un divertimento ed un giuoco pei dilettanti, exclusa ogni ombra di professionismo e di guadagno che ne offuschi la nobiltà.* Ibid., p. 204.

[92] *L'atletismo è una malattia che porta seco il rimedio. Quando un giuoco atletico prende tale ascendente sul popolo da procurare un guadagno a chi l'esercita per mestiere, i dilettanti lo abbandonano e si volgono a nuovi esercizii. Forse è per questa ragione che ora va estendendosi rapidamente il giuoco del* golf*, per quale sono necessarie delle superfici estesissime di terreno accidentato, che non si presta ad un pubblico spettacolo, causa le anfrattuosità del terreno dove rimbalzano le palle, spinte dai colpi delle mazze, prima che arrivino presso le buche dove si decide la gara*. Ibid., p. 208.

[93] Ibid., p. 218. Para Spencer, veja-se seção "Lima Barreto e Maria Lacerda de Moura", acima.

Podemos então retornar a Jorge de Moraes, e ver que ele utilizou os tópicos de Mosso, que também são de Spencer, ao reforçar aquela primeira imagem citada acima que ilustra o tópico do rebaixamento intelectual – imagem que se prende aos aspectos propriamente físicos, à aparência do corpo do "rebaixado". Neste sentido, acrescenta que o atleta

> Além de não ser o tipo de beleza varonil, pois não possui a elegância de atitudes, a nobreza de movimentos, tem um curto domínio intelectual, digno de lástima. São homens [sic] preparados para as sensações de um espetáculo, mas não para servir de modelo a uma raça que pretenda desenvolver-se e dominar.[94]

Outro tópico de que Jorge de Morais lança mão é o da inutilização física provocada pelos espetáculos esportivos. Por esgotar o organismo, mergulhando-o na fadiga, o "atletismo" colaborava para a morbidez do "atleta".

> E, de fato, o atleta, tanto nos tempos passados como hoje, oferece facilidade relativa para ser invadido pelas infecções, *maxime* por esse terrível *morbus* que tanto zomba da profilaxia e da terapêutica de todo o mundo – a tuberculose. De fato, de que vale uma bela caixa torácica se encerra pulmões miseráveis?[95]

Ao propor a prática de alguns jogos que nós hoje colocaríamos no rol dos esportes, como a "canoagem" e a "carreira", "jogos que determinam sensação de fadiga geral",[96] o deputado revelava que sua restrição fundamental era ao esporte profissional. Era sobretudo contra o *espetáculo* que estava se batendo; era o atleta profissional que tinha uma face "estúpida e brutal".

* * *

Depois de um longo hiato, no pós-guerra, autores movendo-se nos marcos do nacionalismo, agora com um certo acento positivista, participaram ativamente da polêmica disputa em torno do esporte no campo opositor, dando continuidade a Jorge de Morais. Em meio às discussões médicas e educacionais sobre a

---

[94] Inezil Penna Marinho, op. cit., p. 108.

[95] Idem, ibid..

[96] Ibid., p. 110.

"regeneração da raça", aprofundou-se entre muitos educadores e higienistas a idéia de que o excesso era um grave problema das atividades esportivas. Sob influência de uma certa leitura de *La fatica*, de Angelo Mosso, que valoriza a moderação do dispêndio de energia, e da observação de que o exagero na atividade física, cujo resultado é o esgotamento, é muito comum nas disputas esportivas, passou-se a perguntar se não havia algo errado com o esporte, fosse espetáculo ou não.

Antônio Vieira Marcondes, delegado de saúde da cidade de São Paulo, fez uma palestra em 1917 na qual manifestava claramente a compreensão de que o esporte não era a maneira mais indicada de cultura física. Segundo ele, a fadiga era a regra nas práticas esportivas e, mau sinal, o esporte tinha a capacidade de absorver a atenção dos praticantes a tal ponto que o uso da razão – o freio da fadiga – era impossível.

> A maioria deles [dos esportes] sofre de um mal congênito, o *excesso*. Principalmente nos clubes de regatas, é corrente que há vantagem na estafa para o treino, e que ela contribui para o enrijamento [sic] do organismo.
>
> Desse erro estão imbuídos todos os indivíduos dados a esportes, até mesmo os médicos, porque nos clubes eles deixam de ser médicos, para serem sportsmen.[97]

No Rio de Janeiro, a Academia de Medicina promoveu um debate cujo tema era "Faz mal o futebol às crianças?", que se prolongou em artigos pró e contra nos jornais,[98] enquanto os anarquistas e Lima Barreto seguiam combatendo o esporte, sob todos os aspectos. Era o debate intelectual que se processava à vista do vertiginoso aumento dos aficionados.

Foi nesta conjuntura que, em 1919, o estudante carioca de Direito Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968) discursou afirmando que a "mocidade" se iludia pensando-se forte, inteligente e vitoriosa quando na verdade só fazia "mimetizar" o estrangeiro, numa atitude acrítica que denotava a sua

---

[97] Antônio Vieira Marcondes, "Da necessidade da cultura física", in idem, *Cultura Física, estética e higiene*, São Paulo, Imprensa Oficial, 1932, p. 42. Itálico do autor.

[98] Segundo Fernando de Azevedo, *Da educação física*, São Paulo, Melhoramentos, 1960?, p. 171-175.

"imbecilização" estimulada pelo seu "desportismo, nesse culto exagerado pela força".[99]

No mesmo ano, aprovando a iniciativa de Lima Barreto quanto à *Liga contra o futebol*, comentava que os estudantes estavam descuidando dos problemas sociais e nacionais, acometidos de uma "sportomania" que, entre outras coisas, provocava "a resignação bovina a todos os desmandos e a tolerância incrível, vergonhosa, acovardada de todos os esbulhos ..."[100]

A "resignação bovina" era a contribuição retórica de Carlos Sussekind de Mendonça ao tópico do embrutecimento, do descaso com o intelecto. Para ele, como para os anarquistas, o descaso com o intelecto levava à inação, ou melhor, à aceitação passiva da realidade social e política, sobre a qual todavia ele não se estende.

O pensamento de Carlos Sussekind de Mendonça, admirador e biógrafo de Silvio Romero, está no cruzamento de duas "tradições" anti-esportivas. De um lado, a tradição anarquista; de outro, a tradição dos nacionalistas preocupados com a educação. Carlos Sussekind de Mendonça expurgou da primeira o conteúdo de classe e agregou-lhe os tópicos elaborados por autores preocupados com os efeitos do esporte sobre a educação da "mocidade brasileira", dando assim um forte cunho nacionalista às suas idéias.

A contribuição mais decisiva de Carlos Sussekind de Mendonça foi a publicação, em 1921, de *O sport está deseducando a mocidade brasileira*. Primeiro livro inteiramente dedicado a combater a prática de esportes escrito no Brasil, estão ali alinhavados de maneira didática quase todos os tópicos anti-esportivos em circulação no período.[101] Ao mesmo tempo, a obra tem um intuito

---

[99] Carlos Sussekind de Mendonça, "Discurso de recepção na sociedade d'Estudos Nacionaes", in *O que se ensina e o que se aprende nas escolas de direito do Brasil*, Rio de Janeiro, Empreza Brasil Editora, 1921, p. 94-95.

[100] Carlos Sussekind de Mendonça, "Uma iniciativa de Lima Barreto", ibid., p. 95-96.

[101] João Lyra Filho, membro do Conselho Nacional dos Desportos, criado pelo Estado Novo, e responsável pela primeira legislação esportiva brasileira, em saudação à posse de Carlos Sussekind de Mendonça em cadeira da Academia Carioca de Letras, em 1939, caracterizou-o como um precursor das preocupações higiênicas no Brasil, apesar de ter uma posição oposta quanto à valoração dos esportes. Considerou inclusive como uma piada do presidente da Academia a sua escolha para saudar o novo membro uma vez que era "tão obstinada a malquerença com que tratais de assuntos desportivos (...)". Numa atitude característica de anulação da oposição pela

polêmico, apresentando os argumentos dos aficionados em favor do esporte para rebatê-los um a um. Esse trabalho, para ele, era um dos fundamentos da campanha correta contra o apego exagerado ao esporte, uma campanha que combatesse a "sportorhéa" de maneira mais adequada do que aquela de Lima Barreto, marcada pelo "teoricismo":

> Tu o conheces bem, meu caro Lima Barreto! E sabes que este erro é tão profundamente nosso, que, insensivelmente, foi o teu, na tua nunca assaz lembrada "Liga contra o futebol". Não há melhor exemplo para mostrar a inanidade das campanhas teóricas. Deste-lhe todo o seu amor, toda a sua coragem (...) E a tua "liga" pereceu (...) O seu primeiro ato foi ter sede, instalar-se , eleger diretoria, convocar assembléia e ... mandar publicar uma edição portuguesa da "Educação" de **Spencer**! Ora, nada mais inócuo.[102]

A receita de Carlos Sussekind de Mendonça para a "chaga" era a "campanha descoberta da combatividade franca" que trataria de convencer com argumentos que remetessem à vida concreta, mostrando como ela seria muito prejudicada caso se baseasse numa educação deficiente, apegada exageradamente ao esporte. A tentativa de convencer deveria apelar para exemplos da vida familiar quotidiana, excluído o recurso a autores e exemplos estrangeiros; era necessário, portanto, restringir-se aos "fatos nacionais",[103] utilizando sempre exemplos extraídos da análise da inserção do esporte na sociedade brasileira.

Importa observar que Carlos Sussekind de Mendonça não se apresentava como opositor irredutível que considerasse o esporte um "mal" em sua totalidade. Argumentava que o problema estava no apego *exagerado*. Entretanto isto pode ser recurso retórico pois ao dar a medida do que considerava exagero acabou por desqualificar o esporte sob todos os ângulos possíveis: considerava o esporte um

---

aceitação de uma versão deturpada, afirmou que "Quando chegaste à Promotoria Pública, já vos devia a cultura brasileira larga soma de serviços. Mesmo o vosso livro sobre o "Sport está deseducando a mocidade brasileira", escrito aos vinte anos, constitui uma contribuição de monta para a obra de higiene e eugenia, hoje tão largamente considerada no programa de assistência social a que se devotam os dirigentes do país. Não digo que sois um precursor, porque antes de mim, já Carlos Seidl assim vos considerou, acrescentando, com sua autoridade de higienista, que antecedeste ao próprio Chavigny, professor da Faculdade de Medicina de Satrasburgo". João Lyra Filho, *O Promotor Sussekind*, Rio de Janeiro, Tipografia Alba, 1940, p. 14 e 64, respectivamente.

[102] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está* ... , p. 36-37.

[103] Ibid., p. 40.

"mau fator de educação física", "de educação intelectual" e "de educação moral".[104] Chegou mesmo a afirmar que o esporte era a causa principal de o Brasil encontrar-se "à beira do abismo", porque

> Protege, ou, pelo menos, sofre indiferentemente, a corrupção política, porque os políticos corruptos lhe dão, de quando em quando, vantagens pessoais.
>
> Protege e colabora na imoralidade dos cinemas, criando-a e entretendo-a, porque ela cria e entretém um atrativo novo aos seus encargos gremiais.
>
> Protege a incultura, ou dela se aliena [da cultura, é claro], porque se sabe incompatível com as preocupações contrárias.
>
> Protege e desenvolve o mundanismo acanalhado para aumentar o interesse das suas reuniões remuneradas.
>
> Protege, impulsiona e agrava a própria agonia física da nacionalidade, porque ilude um soerguimento coletivo, que tranqüiliza o povo, e é apenas o proveito imediato de meia dúzia de indivíduos.[105]

"Mundanismo", "incultura", "imoralidade", nesta passagem temos também novo tópico acrescentado por Carlos Sussekind de Mendonça envolvendo "corrupção política". Ele não aprofunda a análise sobre este ponto no resto do livro, mal sabendo da longevidade deste tópico na pena da própria crônica esportiva. Quanto aos outros, praticará a condenação anarquista aos bailes, cinemas e ao abandono do estudo.

A "agonia física da nacionalidade", porém, o afasta dos anarquistas. Com efeito, estes não se preocupavam com a *nacionalidade*; a eles interessava a *classe social*. Não por acaso, enquanto para os anarquistas o esporte era um "mal" para os operários (no limite, para os trabalhadores), Carlos Sussekind de Mendonça referia-se à "mocidade brasileira". A única menção a classes sociais feita por Carlos Sussekind de Mendonça servia para demonstrar que o esporte conquistou enorme e preocupante popularidade, com "mais do que a nossa submissão, o nosso entusiasmo (...) [e] teve, por si, a imprensa, a burguesia, a nobreza e o clero..."[106]

---

[104] Os títulos de três dos quatro capítulos em que o livro se divide são: "O sport, mau factor da nossa educação physica", "O sport, mau factor da nossa educação moral", "O sport, mau factor da nossa educação intellectual". Cada um dos quatro capítulos do livro é apresentado como "Carta aberta a Lima Barreto".

[105] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está...* , p. 21.

[106] Ibid., p. 31-32.

No mais, ao criticar os aficionados, eles são sempre os "desocupados", "rapazes", "mocidade", nada que identifique a condição social. O que faz regularmente, isto sim, é usar a oposição "nacionais"/"estrangeiros":

> **A educação física da nacionalidade é a educação física de meia dúzia de rapazes, muitos já anteriormente fortes, outros profissionais e diversos estrangeiros, de berço, sangue e coração.**[107]

A sua preocupação com o fato de o esporte ser atividade de apenas "meia dúzia" e, portanto, não desempenhar papel relevante na educação da "nacionalidade" leva-o a se estender sobre este tópico. Carlos Sussekind de Mendonça afirma que se a "nacionalidade" precisa ser educada fisicamente não é através do esporte que se conseguiria este intento, uma vez que é prática restrita à "meia dúzia". Este será o argumento fundamental utilizado por ele para combater o esporte: mesmo quando concorda em ver alguma qualidade positiva no esporte, lembra que poucos se beneficiam dela.[108] Porém, concorda sempre com a necessidade da educação física da "nacionalidade", só não com métodos esportivos para alcançá-la. Carlos Sussekind de Mendonça coloca-se assim no campo dos "nacionalistas", dando novo impulso à luta anti-esportiva em que argumentos de caráter "nacional" tiveram um papel importante.

O futebol, especialmente, Carlos Sussekind de Mendonça considerava o mais inadequado dos esportes.[109] "Se o Brasil era fraco", com o excessivo apego ao

---

[107] Ibid., p.77. Negrito do autor.

[108] Para se ver como um mesmo argumento podia ser usado para se chegar a conclusões opostas: enquanto Carlos Sussekind de Mendonça associa "meia dúzia" à "mania" e propõe o abandono do esporte, o PC associava "meia dúzia" a "privilégio de burgueses" e propunha a massificação do esporte. Para os comunistas ver adiante, p. 139 e seguintes.

[109] Segundo Carlos Sussekind de Mendonça, os esportes estão em último lugar dentre as atividades próprias a uma pedagogia do físico, pois "não há como confundir o 'esporte' com a 'educação física'. Esta é um todo inteiriço, de que aquele é apenas uma parte, e uma parte menos que acessória, complementar". Ibid., p. 53. E o futebol era o último dos esportes. Esta classificação hierarquizada das atividades físicas foi tomada do francês Georges Hébert (*Guide pratique d'education physique*). Georges Hébert (1875-1957), oficial da marinha francesa, não tinha simpatia pelo esporte como atividade de educação física. Ele acreditava que havia exercícios naturais, como marchar, correr, saltar, levantar, nadar e defender-se, muito mais adequados à educação física, e neles baseou o seu método chamado de "natural", com o qual obteve grande

esporte "continuará fraco";[110] restringindo-se ao futebol, mergulharia no "abismo". Se o *esporte* no Brasil era "um erro coletivo"[111] que devia e podia ser corrigido – daí a utilidade da sua campanha -, o *futebol* era seguramente o mais "nocivo". Havia sido "importado" acriticamente, "por macaqueação", como escrevera Lima Barreto, e por isso foi aqui "estragado".

Para auxiliá-lo na argumentação de fundo nacional, Carlos Sussekind de Mendonça cita dois autores estrangeiros que resistiam também à influência inglesa nos seus respectivos países. Por um lado, chama a atenção para o insucesso que costuma coroar "importações" citando o português Agostinho de Campos quando este se lembrara de que

> o futebol não é a única instituição inglesa que nós temos importado e estragado. Da Inglaterra nos veio, também, o Parlamentarismo, que, por lá continua a funcionar como um relógio, e aqui nunca deixou de andar aos trambolhões...[112]

Por outro lado, segundo o francês Phillipe Daryl, de quem cita longo trecho antifutebolístico extraído de *La Renaissance Physique*, o futebol "a que a besta anglo-saxônica se entregava com toda a violência de seu espírito animal" provavelmente evocava a resistência à invasão dinamarquesa, antes da conquista normanda, quando "a bola se fazia de um crânio de vencido". Condenada e reprimida pela revolução puritana, voltou a ser praticada e a encontrar defensores, que baseavam sua defesa no fato de ser um esporte "nacional", "viril", e portanto ser um "dever patriótico". Carlos Sussekind de Mendonça conclui que para os ingleses, o futebol não era "um benefício físico, senão um 'dever moral', como um 'princípio tradicional', uma fidelidade legendária, quase mítica, a velhos hábitos

---

destaque no congresso de educação física realizado em Paris, em 1913. Seu método excluía a idéia de competição ou recordes. Conforme Gilbert Andrieu, *L' éducation physique au XXe siècle: une histoire des pratiques*, Paris, Édition Actis, 1993. Em 1925 Hébert publicou um livro similar ao de Carlos Sussekind de Mendonça, *Le Sport contre l'Éducation physique*, em que aprofunda suas críticas ao esporte.

[110] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está...*, p. 76.

[111] Ibid., p. 33.

[112] Ibid., p. 28.

nacionais", ou seja, para os ingleses o futebol fazia sentido por "razões nacionais", dentro de "limites nacionais". [113]

Lá para os ingleses, diz ele, o futebol poderia ter alguma utilidade. Para os brasileiros, além de não se constituir num esporte nacional, sua importação não era desejável, pois como dissera Daryl, "onde está a razão de ir procurar um jogo de selvagens, incorreto e brutal, pouco científico e provavelmente mais prejudicial que útil, para o ir ensinar aos nossos filhos?"[114]

Às provas da inadequação *nacional* do futebol para os brasileiros, Carlos Sussekind de Mendonça somava portanto provas de inadequação *funcional*.

Considerava, em primeiro lugar, o clima quente do Brasil inadequado para o esporte, particularmente para o futebol - "Tanto mais violento um 'sport' quanto mais conveniente às raças setentrionais", afirmou.[115] Portanto, devia ser praticado apenas no inverno. Como no Brasil (e ele devia estar pensando sobretudo no Rio de Janeiro) o inverno inexistia, devendo mais propriamente ser chamado de "verão-fraco", o futebol não podia ser praticado aqui.

Em segundo lugar, o esforço excessivo despendido na prática do futebol, principalmente nas ruas e nos terrenos baldios, onde se praticava o dia todo, todos os dias, constituía-se em verdadeira "penitência" que provocava o "comprometimento quiçá irrevogável dos mais fracos e, quando menos, a predisposição doentia dos mais fortes".[116]

Em terceiro, as crianças eram particularmente afetadas pelo exagero, tornando uma falácia o dito de que o esporte é bom para a infância. Elas sofriam sobretudo com a mistura das idades, que exigia demais delas nas disputas com os mais velhos.[117]

Em quarto, a maioria dos aficionados era, paradoxalmente, composta de não-praticantes; supondo-se que o esporte fosse um bem, esses, os torcedores, não

---

[113] Ibid., p. 56-60.

[114] Ibid., p. 62.

[115] Ibid., p. 66.

[116] Ibid., p. 70.

[117] Carlos Sussekind de Mendonça apóia-se aqui em Fernando de Azevedo, que em *Da Educação Física* havia aconselhado a interdição da prática dos esportes, especialmente do futebol, para crianças até 11 anos, pois era esporte "violento" e "cerebral" demais para elas. Para as idéias de Fernando de Azevedo ver adiante, p. 119 e seguintes.

eram beneficiados pois limitavam-se a assistir e a comentar o desempenho dos "sportmen". Portanto, era uma *ilusão* a crença no papel desempenhado pelo esporte no "desenvolvimento físico da nacionalidade", pois a "assistência estúpida" acreditava estar forte apenas vendo e discutindo o desempenho dos poucos que praticavam.[118]

Não terminava aí a análise de Carlos Sussekind de Mendonça. Além de não ser um bom modo de aprimorar o corpo da "nacionalidade", ou seja, de ser uma forma imprópria de educação física, o futebol era também um fator de "deseducação moral".[119]

Um "maníaco mediano" – "3% da espécie", segundo o autor, "que ainda guarda um sobejinho de cultura e de boa vontade" – [120] dava três motivos para explicar que o esporte ajuda na "educação moral", os quais Carlos Sussekind de Mendonça refutou à medida que os apresentava.

"É um derivativo para o vício, fazendo com que os aficionados ocupem o seu tempo livre com o esporte e não com bebedeiras, etc." Carlos Sussekind de Mendonça objetou que "o entretenimento da ociosidade ainda é um vício" recorrendo ao tópico de que o esporte é uma atividade inútil. Mesmo que fosse uma atividade útil, como é curta, ocupa poucas horas de poucas pessoas não podendo ter a eficácia que apregoam. Além disso, apenas adia o vício na medida em que os viciados continuam a sê-lo antes, durante e depois da atividade esportiva, e ademais o profissionalismo ameaçava tornar-se o vício maior.[121]

---

[118] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está ...,* p. 66-77.

[119] Carlos Sussekind de Mendonça passa freqüentemente do esporte, tomado em seu conjunto, para o futebol, em particular, e vice-versa. Como o futebol já praticamente monopolizava a atenção dos esportistas, ele toma a parte pelo todo muitas vezes, pois é obrigado a transitar da bibliografia estrangeira que utiliza, que quase sempre se refere ao *esporte*, para a realidade brasileira de predomínio do *futebol*. É o que se dá principalmente nos dois últimos capítulos, aqueles em que trata da deseducação "moral" e "intelectual", nos quais se restringe mais aos "fatos nacionais": a análise é dos esportes, mas os exemplos são extraídos do futebol. Não podemos perder de vista sua crítica aos brasileiros por terem se fixado na modalidade que ocupava, junto com o tênis, a última posição na hierarquia dos esportes criada por Hébert.

[120] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está ...*, p. 89-90.

[121] Ibid., p. 90-93 e 103-104. Talvez inadvertidamente, Sussekind alinha-se com a "elite" na defesa do esporte amador ao dizer que o profissionalismo "vai degenerando a dignidade do 'sport'

Descongestiona a sexualidade, ou, "os jogos esportivos são (...) um meio de substituir o prazer sexual pelo prazer do movimento". Segundo Carlos Sussekind de Mendonça o efeito é contrário: o esporte, ao cultuar o corpo, realça os instintos sexuais. Mais uma vez se utiliza do argumento da "meia dúzia" ao afirmar que mesmo que essa tese fosse verdadeira, o fato de somente "3%" da população brasileira praticar esporte faz o resultado ser quase nulo. Lançando mão do puritanismo exacerbado que herdara dos anarquistas e de Lima Barreto (para não falar da moral cristã, apesar do seu declarado anticlericalismo), Carlos Sussekind de Mendonça aduziu que o "descongestionamento da sexualidade" era também uma falácia pelo fato dos "sportmen" serem os mais assíduos freqüentadores dos "cabarés" e dos "assírios", e os clubes esportivos serem os maiores promotores da dança de "caracter corruptor", colaborando para a "obra positiva de deseducação moral que a dança vai levando a efeito na nossa sociedade".[122]

"É uma escola de solidariedade", pois para o time vencer é necessário que as individualidades se anulem, ou pelo menos se submetam ao ideal comum, à obtenção da vitória. Carlos Sussekind de Mendonça está aqui polemizando explicitamente com Afrânio Peixoto, que em *A educação nacional* afirmara que "esse jogo de futebol, esses desportos todos, que dão saúde e força, ensinando a disciplina e a ordem, fazendo a cooperação e a solidariedade, me enternecem, porque são as grandes escolas onde se está refazendo o caráter do Brasil..."[123] Para Carlos Sussekind de Mendonça, no entanto, "o esporte é um vivificante de discórdias, de malquerenças, de animosidades". Cita exemplos estrangeiros e nacionais de que o esporte estimula "o cultivo da violação das regras e da fraude das penalidades, erigida em virtude apreciadíssima". A "solidariedade", diz ele, "faz até rir". Ela não existe dentro dos clubes, tampouco nas disputas entre eles – o futebol "é uma ojeriza visceral que divide a cidade em hostes inimigas" –, e menos ainda nas disputas interestaduais e internacionais.[124]

Para completar sua ação "nociva", o esporte deseducava também intelectualmente. Pelo menos no Brasil, onde, longe de comprovar a divisa de

---

brasileiro". Ibid., p. 104. Entretanto, mais à frente , contemporiza, afirmando que o profissionalismo é um "meio, bom ou mau, mas lícito, de ganhar a vida". Ibid., p. 147.

[122] Ibid., p. 94-97 e 105-114.

[123] Afrânio Peixoto, "A educação nacional", op. cit., p. 288.

[124] Ibid., p. 97-103 e 114-119.

Juvenal, Carlos Sussekind de Mendonça estava "para ver mentes sãs em corpos sãos (...)[;] desde o colégio, onde se via repontar um bíceps mais saliente, a inteligência logo se encolhia, envergonhadasinha [sic]".[125]

A acolhida dada à frase de Juvenal pelos aficionados brasileiros do esporte demonstrava apenas que foram "entupidos de ilusões", tarefa que fora facilitada pelo tipo de educação excessivamente intelectualizada que antecedera a chegada dos esportes ao Brasil, a educação "romântica". Vergando a vara em sentido inverso, os aficionados pensavam, segundo Carlos Sussekind de Mendonça, que "para a vida no Brasil, valia mais uma geração de animais que de românticos, comprometidos com toda sorte de degenerescências":

> Para quem restringiu o mundo inteiro a um retângulo de pau pintado com uma rede atrás, não há de que surpreender-se a gente de que conceba tudo assim. No seu Olimpo, feito às pressas, outros não podem ser os deuses senão **backs** ou **zagueiros**. Nem nada pode ser mais justo que preferir o músculo ao talento, à sensibilidade a força, os pés ao cérebro.[126]

Num quadro intelectual desse porte, a acolhida da divisa de Juvenal poderia representar um avanço. Carlos Sussekind de Mendonça trata de desfazer o equívoco, demonstrando que também a divisa era equivocada. Ao considerarem esporte sinônimo de educação física, os arautos do "Bom Senso"[127] consideraram ser possível combiná-lo com a educação intelectual. Tarefa vã, segundo Carlos Sussekind de Mendonça. Por seu caráter absorvente, que leva o praticante ao excesso, o esporte acaba com as energias do corpo, esgotando-o. Demonstrando conhecer *A Fadiga* de Ângelo Mosso, Carlos Sussekind de Mendonça argumenta que tanto o excessivo trabalho intelectual fatiga os músculos quanto o excessivo trabalho muscular fatiga o cérebro. Portanto, o efeito é o inverso daquele que supõe o "Bom Senso": ao invés de predispor o corpo para a atividade intelectual, ao invés de completá-la, o esporte a impede, substituindo-a, pois ele

> Anula os seus adeptos.

---

[125] Ibid., p. 136.

[126] Ibid., p. 127. Negrito do autor.

[127] "(...) o estupidíssimo Bom Senso, que pega as coisas pelos cimos e acha que pode conciliá-las por um conluio de aparências". Ibid., p. 128.

> Fá-los inúteis e imprestáveis para o mais simples quefazer [sic] que lhes requeira inteligência.
>
> Depois, no auge do cinismo, procura convencer de que são estes os capazes, os válidos, os bons, os úteis ao país.[128]

Num processo que Carlos Sussekind de Mendonça denomina "inversão de valores", os sucessos do esporte passam a ser falsamente apresentados como sucessos da "nacionalidade", da "pátria", como nos discursos em que os aficionados

> Falam "**em nome da nossa amada terra**", do "**nosso pobre país**" e acabam apelando todas as energias para a "**sua cruzada**"...
>
> Os onze jogadores que saem do país – são "**embaixadas**".
>
> A sua atuação nos jogos, nos banquetes, nas festas e nas gafes – é a "**nossa** atuação".
>
> Seu "goal" vitorioso é "**a vitória do Brasil**".
>
> Seus "**matches**" fracassados são a "**nossa derrota**", a "**nossa perdição**".[129]

Longe de ser um internacionalista, o que Carlos Sussekind de Mendonça criticava era a fixação nacionalista no objeto errado. Para ele, estava se caracterizando como patrióticas atitudes esportivas que, além de fúteis, eram nocivas ao próprio fortalecimento da pátria, por escamotearem aquilo que faz os povos realmente grandes, as conquistas do intelecto. Neste aspecto, é relevante para ele a comparação com a Inglaterra, que também tinha "os rapazes que estudam e os rapazes que esporteiam [sic]". Ocorre que lá

> Não são grupos diversos, distintos, separados, como aqui. O que estuda não estuda apenas, nem o que esporteia só esporteia. Honra lhes seja feita, a uns e outros, sobretudo a estes! Mas é àqueles, aos primeiros, aos que se caracterizam, não pela obcecação mas pela preponderância do estudo, é a eles que cabe a formação das

---

[128] Ibid., p. 154.

[129] Ibid., p. 155. Negrito do autor. Como exemplo dessa identificação que Carlos Sussekind de Mendonça está criticando veja-se a letra da canção composta por Eduardo Souto e Mademoisele Tell [sic] às vésperas da disputa do Campeonato Sul-Americano de Futebol, de 1919: *Brasileiros, sempre avante/Brasileiros, com fervor/Que o céu desta pátria amante/Cobre-nos com seu fulgor/Filhos da terra do sol/Lutemos até morrer/Que o Brasil, nosso país/Há de vencer*. Cf. Sérgio Cabral, *Pixinguinha: vida e obra*, Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1997, p. 49-50.

> maravilhas que nos pasmam, a obra ignorada e muitas vezes anônima daquela floração coletiva, que veste de virtude o defeito dos outros...[130]

Mesmo na desenvolvida Inglaterra portanto, o esporte era para Carlos Sussekind de Mendonça uma "obcecação", um "defeito", sobrepujado, contudo, pelo predomínio do esforço intelectual. De passagem, observemos a admiração do autor pela Inglaterra, que deixa claro o horizonte que embasava suas esperanças para o Brasil.

* * *

A idéia de que a sociedade brasileira vivia "à beira do abismo", dentro da qual se encaixava a visão decadentista do futebol como elemento degenerador da nacionalidade, que perpassa o livro de Carlos Sussekind de Mendonça, encontrou eco na obra de outro carioca, Adelino Magalhães (1887-1969). Este escritor, jornalista e professor deu um tratamento estritamente literário à aversão ao futebol após a publicação de *O esporte está deseducando a mocidade brasileira*. Acompanhando sua obra, percebe-se que ele foi evoluindo para uma recusa do futebol cada vez mais radical que culminou, em 1922, no livro *Inquietude*, um ano após a publicação do livro de Mendonça.[131]

---

[130] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está...*, p. 25.

[131] A concordância desses autores nesta questão devia ser fruto também de discussões, que incluíam ainda Lima Barreto (até sua morte, em 1922), o irmão de Carlos S. de Mendonça, Edgar, José Oiticica, anarquista carioca amigo de Edgard Leuenroth, entre outros. Conforme a biografia de Adelino Magalhães fornecida por seu filho, Luiz Augusto Magalhães, em Adelino Magalhães, *Sebastianópolis (antologia de contos)*, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994, p. 263. Na introdução da sua *Obra Completa* é lembrado que Adelino Magalhães conhecera os irmãos Carlos e Edgar Sussekind de Mendonça no Grêmio Euclides da Cunha por volta de 1916, e que eles estiveram presentes em um jantar em homenagem a Adelino pelo lançamento de *Inquietude*. Ainda que não fizessem parte do círculo mais íntimo de amizades de Adelino Magalhães, por certo mantiveram uma discussão intermitente nos cafés, livrarias e nas sessões do Centro de Cultura Brasileira, fundado por ele em 1920. Conforme Xavier Placer, "Roteiro para a 'ilha' Adelino Magalhães", in Adelino Magalhães, *Obra Completa*, Rio de janeiro, Aguilar, 1963, p. 27-37, passim. Lima Barreto se referiu elogiosamente às "Vesperais" organizadas pelo Centro, em que se discutia a obra de autores e poetas brasileiros, em "Uma iniciativa", in *Marginália*, p. 160, publicado originalmente em

Não se pode relevar o fato de que suas referências ao futebol aparecem em obras de ficção, muito mais abertas, no sentido dado à expressão por Umberto Eco,[132] do que os textos jornalísticos anarquistas ou o livro de Carlos Sussekind de Mendonça, um ensaio crítico. As citações ao esporte aparecem dentro da trama ficcional e é preciso ter cuidado para compreendê-las dentro do contexto da obra, sob pena de desvirtuar o pensamento do autor. Da mesma maneira é preciso ponderar até que ponto as afirmações expressas por personagens são as opiniões do próprio autor. Contudo, por não ser este um trabalho de análise literária, fixarei apenas que o próprio fato do autor conceber a idéia, para expressá-la através do narrador ou de personagens, ainda que ele não concorde com elas, registra o fato de elas estarem em circulação.

Em 1916, no conto "A greve", publicado no seu livro de estréia, aparecia já o futebol. Numa demonstração de descontentamento dos operários com a comissão que os representa durante uma greve, pela sua inépcia nas negociações com o patrão, "o Zeca-tintureiro, o *center-half* do Clube da Fábrica, quis chutar o adolescente Lulu, o calça-mijada da comissão (...)".[133]

Careta, 30 set. 1922. O Centro teria sido o responsável por verdadeiras "ressurreições literárias": "Os simbolistas não existiam antes das Vesperais!" afirma Zé Velho, que apresenta também um resumo das atividades do Centro, que dão bem a mostra do nacionalismo que movia o seu criador: "(...) começaram a ser enviados às autoridades federais, estaduais e municipais, memoriais solicitando medidas tendentes ao melhor ensino no país, especialmente da história pátria; preservação dos monumentos e objetos de arte pelo governo; alertando contra a desnacionalização do ensino em certos colégios de religiosos e colégios estrangeiros; pedindo providências para o hasteamento da bandeira nacional, em condições dignas; pregando contra a desnacionalização do comércio e da indústria e revelando a situação desfavorável dos trabalhadores nacionais em empresas estrangeiras; batendo-se pelas férias dos comerciários, pela primeira vez no Brasil; pugnando por uma escola de Jornalismo, para a qual elaborou excelente e detalhado programa; defendendo a dignidade dos atores nacionais; defendendo a prioridade dos artistas nacionais na feitura dos monumentos pátrios; batendo-se pela publicação e divulgação de obras literárias de valor, de autores patrícios e tantas outras coisas (...)". Zé Velho, "Centro de Cultura Brasileira (1920-1928)", *Nação Brasileira*, jan. 1956, p. 7-9.

[132] Umberto Eco, *A obra aberta*, São Paulo, Perspectiva, 1971, 2ª. ed..

[133] Adelino Magalhães, "A greve", in *Casos e Impressões*, in *Obra Completa*, op. cit., p. 236. As citações seguintes das obras de Adelino Magalhães remetem sempre às páginas dessa *Obra Completa*.

Note-se o efeito conseguido com a caracterização do personagem como futebolista e o fato dele querer agredir com *chutes*. Pode-se ler o trecho como uma insinuação do adestramento à violência presente no futebol. Entretanto, o agressor, apesar de jogador do time da fábrica, está insatisfeito pelo fato de o movimento não estar conseguindo ver suas reivindicações atendidas, portanto está lutando contra o patrão, o mantenedor do time. Para Adelino Magalhães, então, o fato de jogar no time da fábrica não significa que o operário tenha sido cooptado pelo patrão. Como vimos, os anarquistas não pensavam assim.

Há outro trecho do mesmo conto com menção ao futebol:

> A tarde fora calma: alguns operários jogavam mesmo a malha, os futeboleres andavam treinando no *ground* aos rudes pontapés de futeboleres operários; as crianças andavam às voltas com os papagaios, as mulheres faziam crochê ou costuravam, assentadas às soleiras da porta... numa calma fresca e amanteigada, apenas fosquinhada pelos gritos dos jogadores e dos petizes, pela chateza sonora da malha, pelo oco estrondo, deglutido, da bola: - uma calma das tardes comuns que punha à sombra, no encalistramento deles, os agitadores.[134]

A disputa futebolística se insere no momento de "calma fresca e amanteigada" que precede o clímax do conto, o combate noturno que os operários travam com a polícia. O futebol aparece uma atividade tranqüila e inocente, como empinar papagaios ou costurar, apesar dos "rudes pontapés". Pois os próprios "rudes pontapés" não estão aí para criticar o futebol, ainda que façam referência à violência novamente, mas para consolidar a diferenciação que o autor realiza no conto entre as famílias operárias e o resto da sociedade. O resto da sociedade não é descrito, afinal trata-se de um conto, mas a descrição das famílias operárias as diferencia, e ao leitor cabe completar a diferenciação utilizando os seus conhecimentos da realidade social na qual os operários estão inseridos, seguindo a matriz dada pelo autor.

É o que ocorre com a distinção entre o futebol dos operários e o da "elite": caracterizando os pontapés operários como "rudes" o autor leva o leitor a supor, por oposição, que os pontapés da "elite" são refinados. Isto demarca uma distância

[134] Ibid., p. 237.

entre Adelino Magalhães e os anarquistas, que consideravam o futebol "rude", independente de quem o praticasse.[135]

Em 1918, numa crítica ácida aos jornalistas que vivem de "cavações" ("golpes", diríamos hoje), Adelino Magalhães recorre a alguns dos tópicos anti-esportivos de que já tratamos. O conto "Na redação de 'O Justiceiro'", publicado em *Visões, Cenas e Perfis*, retrata sarcasticamente o cotidiano da redação de um pequeno jornal carioca que o autor nos leva a ver como a síntese de muitos jornais da época, cujo *métier* consistia em publicar, ou ameaçar publicar, notícias falsas sobre personalidades com o objetivo de chantageá-las para conseguir dinheiro.

Os redatores e jornalistas discutem muito e conversam sobre os seus "expedientes", demonstrando tanto estreiteza de caráter quanto de intelecto com suas "cavações" para ganhar a vida. Numa entrecortada discussão entre o "esportivo" responsável pela seção "Esporte e Ar Livre" e Amaral, uma "cabeça nosoculosa de velho colaborador da seção científica", que solicitava um sinônimo para "senhor", vemos, em primeiro lugar, Adelino Magalhães, como narrador, demonstrar bom conhecimento do jogo de futebol:

> Pôs-se o redator [esportivo] impaciente a fremir sobre a cadeira, tal qual um *goal keeper* temendo que o *back* faça *penalty*; e, decretante como um *referee*, trombonou:
>
> — Cala a boca, seu cretino!
>
> (...)
>
> O gramaticólogo teimoso, que afastara a bolada imperativa do "Esporte e Ar Livre", com uma cabeçada superior de intelectual, lá persistia (...)[136]

Depois, a discussão recrudesce e o "gramaticólogo" atinge o outro com os tópicos da violência e da imbecilização, utilizando-se do "coice", e de referências às bestas, cavalos e zebras,:

---

[135] As comparações que faço entre Adelino e os anarquistas devem-se ao fato de o primeiro abordar no conto as lutas operárias que nesta época (1916) eram quase sempre organizadas pelos anarquistas, com os quais Adelino não simpatiza, como se vê na maneira como o líder sindical anarquista é apresentado no conto.

[136] Adelino Magalhães, "Na redação de 'O Justiceiro'", in *Visões, Cenas e Perfis*, op. cit., p. 274-275.

— Sai-te daí, seu apanha-ventosidades de quanto imbecil escoiceador de bola existe, e de quanto cavalo do Jóquei e do Dérbi... Sai-te figurinha-satélite, e pretensiosa, desses músculos zebróides, que por aí se desembestam!...[137]

Não temos aqui a reiteração pura e simples dos tópicos, pois o acusador havia sido de antemão desqualificado, com todo o pessoal da redação. Ou seja, a passagem não expressa ainda uma adesão incondicional de Adelino de Magalhães ao campo anti-esportivo. Mas ele já demonstra familiaridade.

Familiaridade reforçada em *Tumulto da Vida*, publicado em 1920. Depois de colocar o futebol entre as recordações do personagem que está para enterrar sua filha morta pela epidemia de gripe espanhola, em "Um prego! Mais outro prego!...",[138] Adelino Magalhães emprega mais um tópico anti-esportivo em "Dedeco, discípulo amado de Tranquilino".

O conto traça em tom irônico o perfil de "Dedeco", um tipo que se supõe superior, diferente dos demais, afidalgado, que vive só, "pela antipatia da inferioridade dos 'estranhos'". Tal personagem, a quem desgosta a cidade ("Não ama a cidade, Dedeco!...), a arte, ("sempre fútil"), a amizade, a democracia ("ele é pela fidalguia do pequeno número"), que é "generoso", "imprevidente", triste e "mórbido", e que, entretanto, "muito sofre (...) em ter sido feito assim!...", nutre um entristecido desprezo pelos "jornalistazinhos" que não se dão conta da sua insignificância, pelos "mestiços farejadores das verdades mastigadas dalém-mar (e das mentiras, outrossim)", que aprovam e acatam acriticamente quaisquer "banalidades quilométricas" que lhes são apresentadas, e pelo futebol:

Aliás, Dedeco se sente mal num país onde o pé dos *foot-ballers* tem mais valor do que o cérebro dos pensadores!

---

[137] Ibid., p. 283.

[138] "— Lá, no campo do Maracanã, vendo os trens céleres a demandarem a saudade das roças*, e vendo os corpos ágeis de rapazes em camiseta listrada a se desarticularem no embate da bola*, ele e a boa noivinha e a futura cunhada – que boa era a Lili! – iam passo a passo, indo e voltando, na desorientação das mil coisas, que lhes atiçavam a curiosidade – até se assentarem numa pedra, ou se encostarem na cerca". Adelino Magalhães, "Um prego! Mais outro prego!...", in *Tumulto da vida,* op. cit., p. 344. Itálico meu.

> Um povo destes que quer levar a cabeça ao nível dos pés não pode agradar, pela sua atitude muar, ao nosso filósofo.[139]

Como vemos, Adelino Magalhães considerou adequado arrolar no perfil do seu afidalgado personagem o tópico da imbecilização. Poderíamos então ler a passagem como uma crítica ao tópico, que seria caro apenas aos presunçosos que se julgam superiores, como Dedeco. Entretanto, é indisfarçável a simpatia do narrador, nesta passagem, pelo personagem. Somemos a essa simpatia o nacionalismo do autor, que o aproxima de Dedeco na crítica aos "cachola vazia" adeptos de quaisquer idéias estrangeiras, e a crítica já feita pelo autor aos "jornalistazinhos" em "Na redação de 'O Justiceiro'", para concluirmos que a crítica de Dedeco ao futebol também já é a de Adelino Magalhães.[140]

A posteriori podemos dizer que a crítica ao futebol não foi integralmente assumida, ainda veiculada através de personagem complexo, com o qual o autor mantém uma relação ambivalente, utilizando refinada ironia para manter o leitor incerto quanto aos limites da sua (do autor) aprovação/reprovação do personagem.

A incerteza desaparece dois anos após, com *Inquietude*. O tom geral deste livro é dado pela percepção de que a sociedade vive um "mal-estar". São vários contos, alguns, pequenas historietas, outros, fluxos de consciência, nos quais a "Cidade", "Cosmópolis", "Sebastianópolis", como ele denomina o Rio de Janeiro, é apresentada como vivendo uma época de decadência. Os contos cantam essa decadência a partir de flagrantes do cotidiano dos moradores transformados em personagens. O primeiro conto, cujo título revelador é "Raiva a maldição", introduz o tema, e nele se lê que:

> Granizam flocos de decadência sobre Cosmópolis! Tão escuro! Caem bátegas de punição sobre Cosmópolis! O cataclismo estrondou! Oh! o inconcebível Fim, o inapreensível Dies Irae que nosso intelecto, nossos sentidos...

---

[139] Adelino Magalhães, "Dedeco, discípulo amado de Tranquilino", in *Tumulto da vida*, op. cit., p. 398.

[140] O "nacionalismo" permeia toda a obra de Adelino Magalhães. Para um exemplo bastante evidente, ver o conto "Clube Internacional – Clube dos Super-Homens (Recordações de um sócio)", incluído em *Visões, Cenas e Perfis*, op. cit., p. 213-215.

> É a Agonia: a agonia da Civilização, que se esboroa – do Gozo são os clarins cavernentos (ouves?) – do Gozo, que escancara as fauces para o Castigo, a morrer![141]

O futebol é atacado em "Ontem (A sinfonia de uma metrópole do século)".[142] Um dos "interlúdios" desta "sinfonia" é uma reflexão que resume o livro de Carlos Sussekind de Mendonça.[143] Introduz o tema pelo grito de guerra dos futebolistas da época, "Ale guá! guá! guá!". A presença do grito de guerra reforça a crítica que lhe é aposta logo a seguir, com o evocativo "Eis os cretinos do músculo que aí vêm". Tais "cretinos" exercitam-se sob os olhares das moças, das "elegantes da Urbe", elas também decadentes a acompanhar a disputa com "guinchos, caretas, emocionais comichões e impropérios". O "despudoramento" das moças, que, no jogo de oposições caras ao nosso autor, estariam melhor se continuassem recatadas, retoma tópico expresso tão bem por Sussekind de Mendonça, que preferia as "quase monásticas de ontem" e não a "linda multidão de frívolas de hoje".[144]

Entretanto o tópico central é o da imbecilização. Incomoda Adelino Magalhães que o "ar livre" com que o futebol bafeja as "tradições boloradamente livrescas" padeça de "falta de orientação intelectual" e desvie-se para a "licenciosidade dos músculos". Aumenta o mal-estar a atividade dos cronistas esportivos, os "analfabéticos jornalistas", "que nos forçam à criação de nova língua-materna, para nos livrarmos da que eles deturparam!" Esses jornalistas dão ao futebol, segundo Adelino, uma dimensão que excede de muito a sua real importância social, relatando os jogos como se fossem batalhas nas quais se decidisse o destino humano. Aqui não há o atenuante empregado no conto "Na redação de 'O Justiceiro'", quando o personagem que destratava o jornalista

---

[141] Adelino Magalhães, "Raiva a maldição", in *Inquietude*, op. cit., p. 494.

[142] Eugênio Gomes definiu "Ontem" como um "monólogo", "uma série de reflexões sobre a vida e o destino humano", que "como o subtítulo indica, subordina-se a uma razão musical", dividido em "interlúdios". Eugênio Gomes, "Adelino Magalhães e a moderna literatura experimental", in Adelino Magalhães, *Obra completa*, op. cit., p. 67-68, passim. Contudo, não são apenas "reflexões": há trechos ("interlúdios") que se pode classificar como fluxos de consciência, outros como histórias curtas, e outros sim, como reflexões.

[143] "Ontem", in *Inquietude*, op. cit., p. 538-539.

[144] Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está* ..., p. 120

esportivo vinha sendo apresentado como figura ridícula. Agora é o próprio autor, pela voz do narrador, que tece as críticas; não há mediação de personagens.

Por fim, a torcida. Adelino contesta a confraternização que os aficionados atribuem ao futebol, criando um jogo de palavras que atinge certeiro a idéia do congraçamento ao referir-se às comemorações do gol: "É a pompa berrante de *meia unanimidade* que decreta o triunfo do 'alvinegro' da façanha de uma bolada lá, para dentro do pau horizontal". Confrontado com as manifestações da "boca arretada dos milhares" fica anulado o "bom senso".[145] Anula-se a capacidade de refletir serenamente, rendida pelo prazer sensual que toma a multidão, que "dos 'peboleiros' lhes sacode masturbadoramente as articulações" ao carregá-los em cortejos de vitória.

Apesar de não condenar o futebol irremediavelmente, e sim "a falta de orientação intelectual e a falta de pudor genuinamente animalizada", Adelino Magalhães se utiliza de termos e adjetivações que desqualificam a instituição futebolística de sua época, assim como fizera Carlos Sussekind de Mendonça. O alvo de Adelino Magalhães não é o futebol-recreação, mas o futebol-competição, o conjunto formado por jogadores, clubes, torcidas e crônica esportiva, para a qual os jogadores são heróis e as partidas, batalhas. Para o autor, os jogadores são "peboleiros", os jogos são "pontapedrestes pugnas", e os dois sentidos de gol, tento e meta, são resumidos na expressão "*bolada lá*, para dentro do *pau horizontal*". A utilização dessas expressões denota o esforço por adequar sua descrição à crueza da realidade, como se levantasse o véu de parnasianismo com que a crônica esportiva recobrira o futebol, opondo-lhe a literalidade dos termos como manifestação do "bom-senso", de que o autor se faz porta-voz.[146]

---

[145] O autor vê o "bom senso" de maneira positiva, como uma aplicação da razão para julgar ou raciocinar discernindo entre o verdadeiro e o falso, diferentemente de Carlos Sussekind de Mendonça.

[146] Adelino Magalhães, foi incluído no grupo daqueles autores que o modernismo elegeu como seus predecessores e prenunciadores - os *pré-modernistas* - como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Lima Barreto. Era um crítico feroz do parnasianismo e seu primeiro livro, *Casos e Impressões*, de 1916, causou escândalo quando lançado, pelas inovações formais e pelo manejo do idioma. Conforme Wilson Martins, *História da inteligência brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1978, vol. VI, p.62-66.

A escolha desses termos revela também a utilização do tópico que Adelino Magalhães vinha manejando desde 1916, o da violência do esporte: a violência explícita no *pontapé* e na *bolada*, a violência latente no *pau*.

Por fim, o tópico da evasão. Ele é utilizado em outro dos interlúdios de "Ontem". Um pai, Augusto-Carteiro, é preso por desacato à autoridade ao esbofetear Paulo, um "patife [que] era o inatingível sobrinho do 'Chefe'" e que havia estuprado sua filha, menor de idade. O desacato ocorrera quando o pai protestara contra o juiz que se deliciava com o relato feito pelo estuprador durante interrogatório. Dois aficionados pelo futebol que conhecem o estuprador – não sabemos se jogadores ou meros torcedores – comentam o caso, lamentando que Paulo possa desfalcar seu time no próximo e difícil jogo:

> — "Então, o Paulo Gomes trepou na filha do Augusto-Carteiro?"
>
> — "O pai da pequena está preso. Houve uma turumbamba..."
>
> — "E o Paulo? Se ele, com essa história, não pode jogar pelo "Royal" domingo é que é o diabo!
>
> O Time do "Estrela" está muito forte.
>
> Só o Juca Lopes é que talvez..."[147]

Esta passagem retrata e denuncia o desprezo social pelo destino dos membros das chamadas camadas inferiores da população, daqueles cujas vidas não valem uma novela, que só são citados nas conversas na medida em que interferem na vida das camadas abastadas. Mas, subsidiariamente, até mesmo pela escolha do futebol como modo de veicular esse desprezo, nota-se que Adelino o está criticando por ter se tornado uma obsessão que monopoliza os pensamentos: da mesma maneira que os "inferiores" só importam quando interagem com a "elite", assim também tudo o mais só importa quando interfere com o futebol.

Adelino Magalhães voltará ao assunto em *Câmera*, de 1928, quando o futebol já estava definitivamente popularizado. Apesar do nacionalismo, e até de certa xenofobia de Adelino Magalhães, os personagens deste conto, ao comparar os torcedores portugueses do Vasco da Gama com a torcida do Fluminense, criticam ambos, mas carregam contra a última por ser "cheia de bazófias", por pensar "que vale ela mais do que as outras, por ter aqueles ares formalizados", de quem se acha

[147] Adelino Magalhães, "Ontem", op. cit., p. 556.

superior. À "cretinóide" torcida do Fluminense, os personagens preferem os portugueses "insuportáveis", apesar de chegados a uma "pancadaria". Fica claro que, para Adelino Magalhães, a "elite" esnobe é ainda mais abjeta do que a "portuguesada insuportável" e violenta.[148]

Não passam despercebidos os tópicos da violência, presente da caracterização dos torcedores do Vasco da Gama como propensos à *pancadaria* mesmo em caso de vitórias, nem o da imbecilização, evocado pelo neologismo *cretinóide*.

* * *

Quando Adelino Magalhães publicou *Câmera*, Jorge de Morais já havia voltado à carga, vinte e dois anos depois da sua pioneira intervenção anti-esportiva, novamente na tribuna do Congresso Nacional. É novo discurso defendendo a reapresentação do projeto de criação de duas escolas de educação física, uma militar, outra civil.[149]

Agora, o deputado não condena apenas o "atletismo", como em 1905. A disseminação das práticas esportivas desde então e a leitura de Carlos Sussekind de Mendonça marcaram intensamente o seu discurso, fazendo-o não aceitar mais a prática esportiva, absolutamente.

O discurso, proferido em 30 de junho de 1927, inicia recordando o anterior e lamentando o fato de que, apesar de seu projeto ter recebido parecer favorável da Comissão de Instrução Pública, não foi sequer votado pelo Plenário. Segundo Jorge de Moraes esse descaso é correlato ao do poder executivo com as questões relativas à implementação de um programa de educação física para a população. Segundo ele, nessa área imperava um "empirismo cego e prejudicial", eivado de "vícios", "erros", que fizeram com que o Brasil ficasse atrasado em relação à

---

[148] Adelino parece influenciado pelo fato do Fluminense ser o clube da "elite", avesso ao "povo", e o Vasco da Gama, apesar de ser fundado pela colônia portuguesa, ter sido o primeiro clube carioca da divisão principal a escalar negros em seu time. Ver novamente Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, op. cit., p. 117-128.

[149] Inezil P. Marinho, *Contribuição para a história da educação física no Brasil...*, op. cit., p. 147-173.

maioria dos outros países (claro está que se refere aos países europeus, os que para ele contam).

Diz não passar pela sua cabeça que a "intelectualidade" brasileira possa ainda ser contrária à educação física, pois lhe parece bem evidente que ela proporciona saúde, além de "graça, força, elegância e mais do que isso, a alegria de viver".[150] Mas, e é isso que interessa aqui, a educação física que produzirá esses efeitos é aquela baseada em "exercícios racionalmente orientados, atendendo ao coeficiente individual, ao sexo, à idade, às condições do meio, aos climas, mas, sobretudo, à sua medida" pois para o autor é "incontestável que o excesso gímnico pode ser prejudicial".[151]

Refere-se à fadiga da mesma maneira que Maria Lacerda de Moura, porém sem citá-la, fazendo uma leitura spenceriana de Angelo Mosso, digamos assim, ao afirmar que o abuso de exercícios impossibilita os alunos de estudarem, o que segundo ele comprova que não está tratando de "frioleira de nonada" mas de "problema grave, ingente, do qual resulta o futuro do Brasil".[152]

Para Jorge de Moraes a situação brasileira era deveras preocupante. A disseminação da prática esportiva havia ocupado o espaço que deveria caber à uma pedagogia "científica" que, esta sim, seria "um meio harmônico de desenvolvimento". O esporte, ao contrário, é muito inferior "do ponto de vista educativo" porque

> encerra uma idéia de luta, de combate, perdendo por completo a sua primitiva função (...) é um meio, preocupado com o intuito constante de melhorar condições de tempo e de espaço, lançando o indivíduo a esforços desabalados, até o rendimento máximo, inteiramente sem escrúpulos, sem cogitar das conseqüências funestas, imediatas e remotas, sobre o organismo humano.[153]

Temos já aqui, portanto, a utilização do tópico da violência (contra o opositor e contra si próprio), e a condenação da competição e da busca de recordes por suas "funestas" conseqüências físicas. A afirmação de que o esporte perdeu sua "primitiva função" inclui Jorge de Moraes no grupo que considerava o esporte

[150] Ibid., p. 154.

[151] Ibid., p. 155.

[152] Idem.

[153] Ibid., p. 156.

desvirtuado, ou seja, de que em suas origens era bom, mas com o seu ulterior desenvolvimento foi adquirindo defeitos em tal número que acabaram por inviabilizá-lo como atividade física recomendável. Pelo que afirma posteriormente, se verá que o profissionalismo era um dos principais destes defeitos.

Demonstrando mais uma vez ser leitor de Carlos Sussekind de Mendonça, recorre também ao tópico *da meia dúzia* afirmando que a "ginástica desportiva só beneficia pequena minoria com o sacrifício perigoso da grande massa que aí fica desamparada".[154]

Apesar de referir-se ao esporte, sem dúvida a modalidade que mais o incomoda é o futebol, pois era aquela que estava mais popularizada. Que o futebol era um dos seus principais alvos fica claro na referência aos "11 indivíduos" feita no exemplo para a aplicação do tópico *da meia dúzia*, em que afirma:

> Enquanto que na educação física racional e analítica todos se exercitam, jovens, velhos, mulheres, homens, crianças, no esporte, tal como acontece, vê-se enorme estádio onde dois grupos, no máximo de 11 indivíduos, se exercitam e 10.000 olham e torcem, como se olhar e torcer por tal ou qual cor de clube constituísse exercício físico e a raça pudesse daí se beneficiar.[155]

Essa atividade de poucos, que os tornava "maníacos" com uma "mentalidade doentia", para os quais "tudo serve de pretexto para a luta, para o combate, para querer vencer", além disso provocava sérios danos ao organismo, fazendo-os mais fracos e mais susceptíveis às doenças do que até aquelas pessoas que se eximiam de qualquer atividade física. Esse tópico da inadequação do esporte para o desenvolvimento físico, ou por outras palavras, do esporte como agente mórbido, vem comprovado no discurso de Jorge de Morais por pesquisas efetuadas na Europa em que atividades físicas "científicas" se mostraram muito mais adequadas na terapêutica de doentes pulmonares do que atividades esportivas, a partir do que conclui que

---

[154] Ibid., p. 157. Jorge de Moraes tece elogios ao livro de Carlos Sussekind de Mendonça: "faz observações por vezes impiedosas, mas sinceras; é por vezes violentíssimo, mas patriótico", mas não concorda com a tese de que é impossível existir mente sadia em corpo sadio, considerando essa postura de Carlos Sussekind de Mendonça "um pessimismo inqualificável". Ibid., p. 163

[155] Ibid., p. 157.

> o esporte na sua inaplicabilidade a todos, na sua produção de desenvolvimentos desarmônicos, na sua impossibilidade de correção de atitudes, com ausência de dosagem, jamais se preocupando com o porquê de seus movimentos, forçosamente não preencherá todas as condições com que a ginástica analítica beneficia os seus executantes.[156]

Mais grave ainda, o esporte pode provocar problemas cardíacos, a dilatação ou hipertrofia, e é em um exemplo do futebol que Jorge de Moraes se apóia, invocando informações que colheu para afirmar que esse novo mal também existia:

> Pessoalmente posso dar testemunho do caso verdadeiramente doloroso, de um rapaz de 20 anos, vítima dessa moléstia nova, e estou seguramente informado de inúmeros outros em virtude de tal esforço.[157]

A última "circunstância" que o autor diz afetar o esporte para torná-lo desaconselhável como fator de aprimoramento físico é o "profissionalismo", um dos aspectos do esporte brasileiro que mais motivou discussões por todas as décadas de vinte e trinta, antes e depois de ter sido aceito e regulamentado pelo Estado.

Defensores e críticos do profissionalismo ocupavam as páginas esportivas dos periódicos para apresentar seus argumentos. O principal argumento favorável era o de que a regulamentação normatizaria uma situação que já existia de fato, acabando com a hipocrisia dos jogadores "marrons", ou seja, profissionais disfarçados de amadores, uma vez que a profissionalização era um movimento mundial irreversível.[158]

Jorge de Moraes se alinha no campo contrário (como aliás todos aqueles que resistiam ao esporte) argumentando em primeiro lugar através de uma analogia entre atletas e cavalos de corrida. Segundo ele, tanto quanto os cavalos de corrida se mostraram ineficazes para o exército francês durante a Grande Guerra, pois não davam conta do esforço que lhes era exigido ("Os cavalos que serviram, os que ajudaram a salvar a França foram os outros, os rústicos, aos quais um turfista que

---

[156] Ibid., p. 158-159.

[157] Ibid., p. 160.

[158] Para um relato pormenorizado dessa polêmica entre os próprios dirigentes dos clubes de futebol veja-se Waldenyr Caldas, *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)*, op. cit..

se preza nem sequer se dignaria lançar um olhar de curiosidade!"),[159] assim também era o "campeão", que mesmo requerendo tratamento especial como os cavalos do turfe, "longe está de representar o tipo do homem forte, resistente e sadio":

> Que é o atleta? É um monstro, é o fruto, a conseqüência de agonística infeliz e antifisiológica: caracteriza-se por um excessivo desenvolvimento muscular, em detrimento de outros órgãos e funções mais nobres: é um anômalo, fácil vítima de várias enfermidades. É até comum a tuberculose, entre eles. Sua aparência é enganosa; o excessivo desenvolvimento muscular, sobretudo da caixa torácica, simula grande capacidade respiratória que, na realidade, não existe.[160]

E não pára aí a condenação do profissionalismo. A atividade que produz esse "monstro" volta-se para o "espetáculo", que nada tem a ver, na opinião de Jorge de Moraes, com a educação física. Além do vício de ser a prática de meia dúzia, o espetáculo lança os atletas em esforços além de suas capacidades através dos apupos do público, sempre a exigir mais dos seus heróis. E dos males físicos, o espetáculo faz o esporte enveredar pelos males morais na medida em que são baseados em lutas e combates tenazes em busca do recorde e da vitória no campeonato, fazendo a exaltação do egoísmo, do orgulho, da hipertrofia, da vaidade (...) assim a educação física seria antagonista da educação moral".[161]

2.4. Restrições às práticas esportivas

2.4.1. Nacionalistas

A exiguidade de autores nacionalistas críticos do esporte apresentados até aqui – apenas três –, pode levar a considerar que se tratava de uma inexpressiva minoria, ainda mais se pensarmos que um deles, ficcionista, não se tornou "canônico", e outro era um deputado neste particular absolutamente malsucedido.

---

[159] Inezil P. Marinho, *Contribuição para a história da educação física no Brasil...*, op. cit., p. 161.

[160] Ibid., p. 164.

[161] Ibid., p. 162. Jorge de Morais está citando, neste trecho, um certo professor Bouchard, que "há 32 anos" – portanto em 1895 – reprovava a realização de jogos escolares em forma de campeonatos.

Entretanto, muitos dos autores que a princípio aceitavam o esporte faziam-no com tantas restrições que praticamente se alinham com estes críticos assumidos, dos quais afirmam divergir.

Sob certo aspecto, o discurso destes autores que faziam restrições ao esporte é mais revelador que o anterior, pois percebe-se um grande trabalho intelectual para driblar a recusa pura e simples, trabalho que muitas vezes não é realizado a contento (do ponto de vista lógico). As lacunas por vezes revelam uma recusa subjacente que o discurso explicitado não consegue esconder.

Essas lacunas tornam-se mais evidentes após a publicação do livro de Carlos Sussekind de Mendonça. Antes, predominava a condenação aos espetáculos, influenciada por Mosso. O único autor que analisaremos a publicar antes de Sussekind, Manoel Bomfim, ainda não tinha claras as conexões entre o esporte praticado na escola e os espetáculos esportivos. Após Sussekind, os problemas se avolumaram e tornaram-se mais complexos para os autores que seguem ainda dentro do paradigma apolíneo.

Jorge Nagle observou que a quase totalidade das análises e discussões educacionais até a década de 20, e mesmo nesta, se dava no âmbito do Congresso Nacional, sendo poucas as publicações a respeito, excetuados os *Anais* do próprio Congresso.[162] Em relação ao esporte publicam-se livros sobre algumas modalidades específicas de autores nacionais e várias traduções. Textos que recusassem de alguma maneira o esporte ou lhe fizessem restrições, no período anterior à Grande Guerra, são mais exíguos ainda.[163] Depois de Jorge de Moraes, em 1905, apenas em 1915 Manoel Bomfim retomará o assunto em um capítulo de *Lições de Pedagogia: teoria e prática da educação* (ignorada por Jorge Nagle), neste que é um texto "técnico" destinado a professores, como o próprio título sugere.[164]

---

[162] Jorge Nagle, *Educação e Sociedade na Primeira República*, op. cit., p. 263-264.

[163] Para uma relação das publicações veja-se Inezil Penna Marinho, *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil...*, op. cit., v. 2, passim.

[164] Manoel Bomfim, *Lições de Pedagogia: teoria e prática da educação*, Rio de Janeiro, Livraria Escolar, 1915. Por não encontrar nenhum exemplar desta obra, utilizo a transcrição do capítulo "Cultura Ginástica" feita por Inezil Penna Marinho em *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil...*, op. cit., p. 105-111, ciente das limitações de utilizar apenas parte da obra. A publicação de *Lições de Pedagogia* acontece num período em que Manoel José do Bomfim

Segundo Manoel Bomfim, compete à educação física cuidar, além dos "órgãos musculares" [sic], de todos os "órgãos de enervação, e até mesmo os centros superiores de coordenação dos movimentos".[165] Como a educação física deve agir sobre todos os órgãos, não pode se restringir à ginástica – unicamente preocupada, segundo ele, com os músculos – pois nada era mais contrário ao bem-estar do corpo do que o excessivo desenvolvimento muscular. É nesta recusa do esforço excessivo que Bomfim retoma a condenação do "atletismo".

> A ginástica só pode fazer crescer diretamente o poder muscular; donde resulta que, como simples exercício de desenvolvimento, a ginástica tem emprego restrito. Não há necessidade de desenvolver ou crescer grandemente a força muscular; não é necessário, nem vantajoso, nem educativo, esse forte desenvolvimento. *Um dos mais nefastos preconceitos em Educação Física é o do "atletismo".*
>
> O desenvolvimento que se busca em educação – quer nas atividades físicas, quer nas funções psíquicas – é um desenvolvimento harmônico e equilibrado do conjunto. Se a ginástica só produz diretamente e necessariamente o crescimento das forças musculares, o seu emprego se deve limitar à realização de um desenvolvimento muscular, que não exceda as proporções necessárias e harmônicas no conjunto do organismo do indivíduo. *O atleta não é o tipo ideal do bom organismo, ou do corpo "são"...*[166]

A educação física (ou a "ginástica educativa") procura então corrigir no corpo os desequilíbrios "que os trabalhos comuns da vida e os exercícios esportivos vão deixando no conjunto do sistema muscular".[167]

(1868-1932) ainda via a Educação como solução para a libertação do "povo-nação" da exploração dos "parasitas sociais", os grupos dominantes. Em seu último livro, *O Brasil nação* (1931), descrente da possibilidade dos grupos dominantes se interessarem pela instrução daqueles que eram objeto de sua exploração, passou a defender a revolução social. Ao contrário de outros educadores seus contemporâneos, sempre abominou a explicação do atraso brasileiro em função da miscigenação de raças, idéia que refutou em várias obras como, por exemplo, *A América Latina, Males de origem* (1905) e *O Brazil na história: deturpação das tradições, degradação política*, (1930). Para uma interpretação das idéias de Bomfim veja-se Flora Sussekind; Roberto Ventura, "Uma teoria biológica da mais-valia? Análise da obra de Manoel Bomfim", in *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim,* São Paulo, Editora Moderna, 1984, p. 9-59.

[165] Inezil P. Marinho, op. cit., p. 105.

[166] Ibid., p. 105-106. Itálico meu.

[167] Ibid., p. 107.

O raciocínio de Bomfim é o de que a educação física deve educar o indivíduo de maneira que ele economize esforços físicos, não despendendo nunca mais energia do que o estritamente necessário, otimizando assim o trabalho muscular. Ele chama a atenção para os indivíduos não educados que utilizam mais "músculos" do que o necessário para produzir determinado movimento ou realizar determinada tarefa. Como o sistema nervoso é o responsável pelo controle muscular, é aquele que precisa ser educado para otimizar o trabalho deste. Por isso reafirma que "não há vantagem prática no desenvolvimento exagerado da força muscular" que só provocará um desequilíbrio orgânico e um dispêndio desnecessário de energia. A "vantagem" para Bomfim está em economizar movimentos, em realizar tarefas com a menor mobilização muscular possível. Ele propõe uma educação da *contenção* e não do *dispêndio*.[168] Essa contenção reduziria a fadiga ao mínimo.

> O desenvolvimento do sistema muscular deve ser o bastante para permitir a franca realização dos movimentos e atos comuns da vida, num justo equilíbrio com o sistema ósseo, e o desenvolvimento das vísceras, de forma que o indivíduo possa andar e trabalhar metodicamente sem maior esforço. Para obter esse grau de desenvolvimento muscular, bastam os jogos comuns da infância, alguns esportes, e os movimentos ordinários que o normal da vida exige de todo indivíduo.[169]

Bomfim afirma também o primado da inteligência, sutilmente insinuando que o dispêndio exagerado de energia muscular denota uma subordinação do intelecto à força, o que na espécie humana seria em tudo o contrário do que se deveria esperar. Ainda que um indivíduo viva em função do trabalho manual, o dispêndio de energia deve ser dosado para que não exceda o mínimo necessário.

> O trabalho humano é caracterizadamente o trabalho inteligente e metódico, mesmo para os produtos manuais, a força muscular é simples instrumento da inteligência; é necessária, mas não é o essencial, de forma que, ainda mesmo quando o indivíduo tem de viver de trabalho muscular, o importante na simples Educação Física, é o bom aproveitamento da

[168] Bomfim está atualizando, numa perspectiva inversa, o tópico anti-esportivo atribuído por José Veríssimo à "mocidade enfatuada" de que o clima brasileiro imporia a contenção de energias. Bomfim leva o tópico em consideração mas conclui que ele não impede a prática da educação física, como vemos a seguir.

[169] Ibid., p. 105-106.

> força muscular (...) *a ginástica educativa não é uma escola de atletismo, e sim – uma educação apuradora do sistema motor*.[170]

E como opera a contenção? Para Bomfim, todos fazemos uma "representação premonitora [sic] do ato a realizar". Essa *concepção do ato*, que o antecede, precisa ser educada. Se operamos com "representações imperfeitas, falhas, desatentas, do ato a praticar", o resultado é sempre imperfeito, irregular, precipitado, incoerente devido aos erros nos movimentos, que foram mal preconcebidos – as "representações" não foram adequadamente produzidas.[171]

Desta forma, a educação física é ao mesmo tempo uma educação psicológica na medida em que os treinamentos físicos propostos devem corrigir os erros das "representações", do planejamento das ações. Nas palavras do autor, não é paradoxal que a educação física seja "uma educação que se dirige à consciência... Os defeitos que aí se corrigem vêm da imperfeição dos processos mentais na organização do movimento (...)".[172] Por isso, o treinamento dos educandos deve ser lento, para que as imagens corretas dos movimentos fiquem bem gravadas em suas consciências e eles possam, com o tempo, acessá-las instantaneamente quando necessário, reduzindo a fadiga, ou o dispêndio inútil de energia.

Ao final, contudo, e apesar da condenação ao "atletismo", Bomfim não descarta o esporte. A utilização pedagógica dele é positiva, desde que seja praticado sob vigilância para que não se "desvirtue" em "atletismo". A educação física pode se fazer através da dimensão esportiva, cujas virtudes Bomfim considera adequadas à formação do caráter da juventude.

> Da adolescência para a mocidade, são esses exercícios muito indicados, não só pelos seus efeitos no desenvolvimento e no apuro muscular, como, principalmente, pelo seu caráter de escola moral – cultura da vontade, formação do caráter, prática de temperança, hábito de método, espírito de disciplina, desenvolvimento da atenção, sistematização da tenacidade, capacidade de esforços...[173]

---

[170] Ibid., p. 106. Itálico meu.

[171] Ibid., p. 108.

[172] Ibid., p. 109.

[173] Ibid., p. 111.

Não deve passar despercebido que a prescrição dos esportes se fará para alunos que já ultrapassaram a infância. Neste período não poderia dar os resultados morais que Bomfim espera deles, pois é precisamente por tais resultados que eles são prescritos, muito mais do que pelo "apuro muscular" que proporcionam. A recusa do esporte como "atletismo" significava excluir a sua prática como espetáculo.

Considerando que pelo menos o futebol já era disputado em campeonatos anuais em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras, para cujas partidas a platéia pagava ingressos, fica claro que o pensamento de Manoel Bomfim ainda consegue distinguir o esporte praticado pedagogicamente nas escolas daquele dos campeonatos estaduais, como se não se tratasse de uma mesma prática. O apoio em Mosso é bastante evidente.

Entretanto, o desenvolvimento dos esportes já era, em 1915, de tal monta que hoje, retrospectivamente, podemos ver conexões entre a prática amadora e a profissional, tanto na educação do gosto popular quanto na preparação de atletas da primeira para a segunda. Os espetáculos têm um efeito educativo muito maior sobre a população do que os mestres-escolas. São os espetáculos, como as partidas de futebol do campeonato paulista descritas por Antônio Figueiredo citadas em nossa Introdução, que estimulam as crianças a praticarem nas escolas e o surgimento das equipes varzeanas, que durante a década de 10 já pululam pelos bairros das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

A rejeição pura e simples do "atletismo", portanto, já estava se tornando insuficiente, e até certo ponto extemporânea. O autor está operando com uma argumentação insuficiente para dar conta do desenvolvimento contemporâneo das práticas esportivas.

Não deve ser reprochado por isso, claro. Trata-se aqui de verificar os limites da sua argumentação e verificar como se articulava com a vida social do período. A rigor, somente ao final da 1ª. Guerra é que estas questões se tornam mais claras, uma vez que então os autores foram confrontados com o pensamento anarquista, a quem os movimentos grevistas deram mais visibilidade, e tiveram que sofisticar sua argumentação. Se muitos nacionalistas puderam evitar a polêmica intelectual com os anarquistas, satisfeitos com a repressão estatal que desabou sobre eles, a publicação do livro de Carlos Sussekind de Mendonça inseriu uma

cunha no próprio campo nacionalista, que não podia ser ignorada. Agora, era necessário intervir.

A repercussão alcançada pelo livro de Carlos Sussekind de Mendonça não foi pequena. A maneira virulenta e articulada como atacou os defensores das virtudes pedagógicas do esporte fez com que os educadores refletissem mais demoradamente sobre o tema. De certa maneira, foi o contraponto a *Da educação Física*, de Fernando Azevedo, publicado um ano antes.[174] Este que foi o primeiro livro publicado no Brasil exclusivamente dedicado à educação física tratava favoravelmente os esportes. Ainda que desaconselhasse veementemente a prática esportiva para crianças, no programa de Fernando de Azevedo havia um lugar de destaque para ela, para os alunos maiores.

Entretanto, o próprio Fernando de Azevedo oscilava quanto à sua avaliação. Uma primeira versão deste texto fora originalmente apresentada como tese de concurso para a cadeira de educação física no Ginásio Estadual, de Belo Horizonte, com o título *A poesia do corpo ou a ginástica escolar*.[175] Ali, o tratamento do esporte era um pouco diferenciado, crítico, tanto que o capítulo a ele dedicado chamava-se "Nada de atletismo. Os desportos", inserindo-se na tradição de criticar os espetáculos esportivos e o "atletismo". Na edição ampliada e revista de 1920 isto foi atenuado, e o capítulo passou a chamar-se "Os esportes e sua justa situação num programa escolar. Atletismo e Atlética". Vê-se que desapareceu a conotação negativa; o "atletismo" aparece apenas citado e não negado.

No texto de 1920, o atletismo, ou seja, "*a cultura profissional da força pela força*, da idolatria muscular, que faz a glória do artista de feira, e cujos frutos nocivos têm sido postos em foco por uma observação diuturna",[176] ainda podia ser apresentado como deturpação do esporte. É neste sentido que se insere na tradição mais antiga, iniciada por Angelo Mosso na Itália. Para Fernando de Azevedo, entretanto, desde que a prática esportiva fosse precedida pela ginástica, que predisporia o corpo àquela, só traria benefícios.

---

[174] Fernando de Azevedo, *Da educação física, o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*, São Paulo, 1920. Nas citações, remeterei para a 3ª. edição feita pela Melhoramentos (provavelmente em 1960), que já venho citando.

[175] Fernando de Azevedo, *A poesia do corpo ou a ginástica escolar*, Belo Horizonte, 1915.

[176] Fernando de Azevedo, *Da educação física...*, op. cit., p. 76.

Contudo, o debate do pós-guerra criou problemas para Fernando de Azevedo. Defender o esporte e condenar o "atletismo" era uma posição por demais simplista. Já estava claro, como notou o delegado de saúde de São Paulo, Antônio Vieira Marcondes, em 1917, que algumas características eram próprias do esporte: sempre que praticado, levava a disputas e excessos.

Fernando de Azevedo, seguindo a tradição, criticava o "atletismo", mas tudo o que via de mal nele podia ser imputado ao esporte como um todo. O livro de Carlos Sussekind de Mendonça deve ter-lhe mostrado mais claramente os limites da sua análise. Então, algo que estava apenas sugerido em *Da educação Física*, foi desenvolvido para se tornar uma nova explicação do papel do esporte na educação.

Em artigo publicado n'*O Estado de São Paulo*, em 1922, classifica a tese de Carlos Sussekind de Mendonça de "especiosa", e ainda elogia os esportes por terem despertado a juventude do marasmo, na mesma linha de José Veríssimo.[177] Entretanto já se percebe uma certa hesitação. Fernando de Azevedo reconhece a importância do esporte no despertar da mocidade mas o divide em dois grupos, e os hierarquiza. O esporte anglo-saxão, o responsável pelo despertar, é inferior ao esporte grego, à atlética, àquilo que chamaríamos hoje simplesmente de atletismo – modalidades esportivas disputadas individualmente, como salto, arremessos, corridas, etc.. A grande virtude do primeiro teria sido a de abrir caminho no Brasil para o segundo, superior:

> Antes o entusiasmo sem freio. Agora o ardor dominado. Antes a exibição espetacular da agilidade e da força. Agora a familiaridade, que não exclui a grandeza. Ontem o incêndio da emoção. Hoje a beleza da chama. Antes a solidariedade dos músculos e dos nervos encadeados na luta. Agora a individualidade perseverante – o atleta que conta consigo mesmo e se apóia na sua própria vitalidade e resistência.[178]

Tanto que entre o ponto máximo eleito pelo autor na história esportiva brasileira não é a conquista do campeonato sul-americano por uma *equipe* de futebol, em 1919, e sim a realização da corrida "Estadinho", organizada pelo jornal

---

[177] Fernando de Azevedo, "A evolução do esporte no Brasil (1822-1922), in *Da educação física...,* op. cit., p. 281-306.

[178] Ibid., p. 296.

O Estado de São Paulo, a partir de 1918, prova em que valia acima de tudo o esforço individual, que remetia à "atlética" grega.

Em discurso pronunciado em 1923, em Ribeirão Preto, por ocasião da inauguração das competições promovidas pela Escola de Cultura Física daquela cidade, precisou a distinção antes apenas anunciada entre "Atletismo" e "Atlética", estabelecendo uma dicotomia maniqueísta entre os dois termos.[179]

Segundo Fernando de Azevedo, era hora de reorientar a educação física, subtraindo-a da influência exclusiva de certos esportes:

> Ora, a nossa educação física, que, durante vinte anos, foi absorvida no ventre poderosamente assimilador dos esportes anglo-saxônios, que, no entanto, já prestaram o inestimável serviço de atrair para os jogos o interesse da multidão, já está em termos de orientar-se para *a concepção superior* de uma atlética proposta, a exemplo dos gregos, a procurar a saúde do corpo, mas a do espírito; a força muscular, mas a beleza viril; o amor da luta, mas o domínio de si mesmo, que deriva de um perfeito equilíbrio dos órgãos e das faculdades.[180]

Ao conceber a "atlética" grega como uma concepção superior aos esportes anglo-saxões, Fernando de Azevedo estava procedendo da mesma maneira que aqueles, como Carlos Sussekind de Mendonça, que pregavam a superioridade da ginástica sobre os esportes, atribuindo a estes uma pobreza intelectual e uma ausência de ciência, que comprometiam a educação física da nação.

Para não capitular, entretanto, Fernando de Azevedo criou outra utopia, de extração coubertiniana, qual seja a de recuperar o pentatlo grego como a prática esportiva por excelência. Segundo ele, as cinco modalidades do pentatlo, apesar da sua simplicidade, foram capazes, paradoxalmente, de elevar os gregos a modelo de civilização.

> O jovem grego saltava, corria, lançava o disco e o dardo e lutava. Mas, como serem tão simples esses exercícios, sobretudo vistos através da trama complexa dos jogos anglo-

---

[179] Fernando de Azevedo, "A lição da Grécia", in *O segredo da Renascença*, São Paulo, Empresa Editora "Nova Era", 1925, p. 89-129.

[180] Ibid., p. 97-98. Itálico meu.

> saxônios, os resultados modeladores dessa educação profundamente humana foram tão surpreendentes, que bastaram a constituir o prestígio sólido de toda uma raça (...)[181]

Do alto deste ideal, utilizando esta figura idealizada do atleta grego, pôde Fernando de Azevedo retomar a crítica aos "idólatras do músculo", que se especializam numa única modalidade. Segundo ele, além de outras, uma das grandes virtudes do pentatlo era a de fazer desenvolver o corpo por completo, evitando a hipertrofia de certos membros ou grupos de músculos pela sua utilização exclusiva.[182]

Não bastasse esse ensaio de olimpismo para demonstrar a superioridade da "atlética" sobre o "atletismo", Fernando de Azevedo apresenta uma outra explicação para a melhor adequação da primeira em relação ao segundo. Aos anglo-saxões o seu esporte permitira combater a tendência desta "raça" ao excessivo individualismo; para os brasileiros, a "atlética" teria o condão de promover esse individualismo, tão falto numa "raça" em que o grupo sempre se sobrepõe ao indivíduo:

> Não há, pois, negar que, se tivermos de procurar nos esportes atléticos uma satisfação das necessidade nacionais, em vez de darmos primazia aos jogos por turmas, em que a tendência é de entregar a mocidade a uma mecânica estratégica e a uma empresa solidária, que interdiz, em grande parte a iniciativa; é à atlética antiga, que havemos de tornar, como a verdadeira escola de individualismo, que, entre os gregos, chegou mesmo ao ponto de, a poder de exaltar a consciência da própria força, criar, com o pendor ao isolamento, uma certa repugnância orgulhosa às manobras coletivas.[183]

---

[181] Ibid., p. 102. Os gregos eram tão superiores, segundo Fernando de Azevedo, que substituíram o bárbaro pugilato pela luta "corpo a corpo" no pentatlo. Ibid., p. 103. O quanto era idealizada a visão da atlética grega em Fernando de Azevedo, que se baseava em Ângelo Mosso e no olimpismo de Coubertin, é demonstrada pelo relato de Norbert Elias e Eric Dunning da crueldade que marcava as disputas olímpicas gregas, em que a luta "corpo a corpo" terminava apenas quando da morte ou invalidez do oponente. Neste aspecto, estes autores viram no esporte moderno uma atenuação da violência das provas antigas. A documentação apresentada prova convincentemente a tese. Norbert Elias & Eric Dunning, *A busca da excitação*, Lisboa, DIFEL, 1992.

[182] Fernando de Azevedo, "A lição da Grécia", op. cit., p. 104.

[183] Ibid., p. 106. Fernando de Azevedo discorda aqui de outros autores – Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Manoel do Bomfim e Afrânio Peixoto – nacionalistas que caracterizavam o "brasileiro" como um individualista a quem o esporte traria os benefícios do aprendizado da cooperação.

Faltava ainda ao esporte anglo-saxão a arte. Entre os gregos, a "atlética" modelava os corpos buscando a beleza, de tal forma que pôde a arte se desenvolver impulsionada pela visão dos atletas como modelos.[184] Somente se pudesse imitar os gregos poderia o esporte se tornar completo, podendo desta maneira se colocar acima "do materialismo estreito, que faz do esporte apenas um meio de conquistar o ideal da perfeição fisiológica, quando não o degrada a um instrumento de procura exclusiva da força brutal".[185]

Foi quase uma rendição. Fernando de Azevedo estava anatematizando o esporte quase como Carlos Sussekind de Mendonça. Para salvá-lo, somente através do caminho aberto pelo barão de Coubertin, recuperando a simplicidade e a arte dos gregos. O esporte como vinha sendo praticado no Brasil, o "esporte anglo-saxônio", acabou sendo identificado implicitamente por Fernando Azevedo com "atletismo" e, portanto, devia ser recusado. Ao contrário da elevação da atlética, constata que

> decadente e rasteira é a prática de esportes, em cujos torneios já se esqueceu muitas vezes, entre nós, o próprio espírito de cavalheirismo, que é, aliás, uma das mais sólidas tradições da educação anglo-saxônia. Em uma de suas crônicas, em que a observação justa destilou um pouco de fel de amargura e revolta, Amadeu Amaral referia-se à "materialidade chapada dos esportes, sem nenhum objetivo elevado", e poluídos do mercantilismo profissional, com o que se pretende reduzir o vigor e a agilidade a fontes de renda individual ou coletiva.[186]

Ainda que o profissionalismo e os espetáculos sejam no fundo os grandes problemas do esporte para Fernando de Azevedo, ele acrescenta às práticas esportivas falta de elevação cultural. Por outras palavras, o autor está dizendo que o esporte tal como o vê ser praticado no Brasil sofre de carência cultural. Na perspectiva adotada pelos seus antagonistas de ontem, como os anarquistas, Lima

---

[184] Tese de Ângelo Mosso, que apresentou a arte grega expressa na estatuária como função da cultura física, a qual teria chamado a atenção dos artistas gregos para a beleza do corpo humano: "Fu l'educazione fisica che dette altre inspirazione aprendo nuovi orizzonti alla plastica". Ângelo Mosso, *Mens sana in corpore sano*, op. cit., p. 9.

[185] Fernando de Azevedo, "A lição da Grécia", op. cit., p. 107.

[186] Ibid., p. 108.

Barreto e Carlos Sussekind de Mendonça, desvia-se de Mosso para Spencer, e ainda que não fale em barbárie sugere carência de cultura.

> O fato é de uma evidência meridiana. Não há quem não o veja, e, vendo-o, não condene estes males, cuja eclosão nunca foi possível onde os vencedores, "para que a glória fosse extreme de toda a idéia de lucro", não recebiam senão uma coroa de louros ou de oliveira... Certo, porém, se uma das causas da deturpação do espírito esportivo reside na falta de disciplina social, visível em outras manifestações da vida coletiva, não há contestar que a razão também está na dissociação completa entre o esportes e as artes, entre o esporte e a cultura (...)[187]

Citando *La culture virile et les dévoirs physiques*, de Georges Hébert,[188] afirma que a nacionalidade brasileira, ainda em formação – e vê-se novamente a idéia de carência cultural, pois a formação da nacionalidade se operaria pelo acréscimo de cultura através da Educação – deve "procurar uma forma de educação em que o desenvolvimento físico não se conquiste a preço das cousas do espírito, senão com o auxílio e em favor da inteligência, como na Grécia antiga (...)"[189]

Era a capitulação. Reconhece, indignado, que as disputas esportivas no Brasil não primam pela elevação de espírito, que julgava comum na Grécia antiga. Assim, pergunta:

> Ora, qual é a parte que tem tomado o espírito em nossos grandes torneios atléticos, como nos recentes jogos latino-americanos, em que andava para cada hora a explosão felizmente recalcada de escândalos pressentidos e eram de todos os dias as surpresas desedificantes da mais completa desorganização esportiva? Qual é o lugar que se tem reservado à inteligência nesses festins báquicos, em que se celebram, no alamiré agudo das ovações, as vitórias dos clubes empenhados em manter à fina força uma supremacia, a cuja conquista muitas vezes se arma o profissionalismo sórdido e toda a espécie de hostilidades rasteiras? Qual a influência que tem exercido no movimento artístico do país a vida atlética entanguida nos seus campeonatos, sem ideal e sem grandeza, em que nunca se tentou realizar a associação dos esportes e das artes (...)? [190]

---

[187] Idem.

[188] Georges Hébert, *La cultura virile et les dévoirs physiques*, Paris, G. Oudin et Cie., s/d.

[189] Fernando de Azevedo, "A lição da Grécia", op. cit., p. 117.

[190] Ibid., p. 118-119.

Por fim, se rende ao tópico da barbárie ao dizer que, excetuando-se a escola de educação física, que homenageia,

> Na maior parte, porém, das agremiações congêneres o que se vê é falsearem os esportes o problema fisiológico e sacrificar-se o ideal higiênico ao triunfo da força bruta e a essa alegria um pouco bestial de atletas, que não conhecem senão seus músculos.[191]

Discursando numa entidade da sociedade civil, fazia então Fernando de Azevedo uma crítica demolidora à ação do mercado na área das atividades esportivas. Essa é a linha de raciocínio também de Annibal Silveira no seu *Educação Physica*,[192] escrito em 1925 e publicado somente em 1929, e que, como o subtítulo indica, tinha como alvos não só professores mas os esportistas em geral, pretendendo dialogar inclusive com aqueles que atuavam nos espetáculos tão criticados.

---

[191] Ibid., p. 125. A aceitação não admitida das principais teses de Carlos Sussekind de Mendonça ainda levava, em 1960, Fernando de Azevedo a caracterizar o conjunto das idéias apresentadas em *O sport está deseducando a mocidade brasileira* como tese "especiosa", e ao mesmo tempo afirmar dos espetáculos esportivos que "os campeões cobrem-se de glória, e, entre entusiasmos e decepções, dispersa-se a multidão que acudiu ao esporte-espetáculo. Este o perigo que já previa e resultou da crescente profissionalização dos esportes, do progresso extraordinário das técnicas modernas de comunicação (cinema, rádio, televisão), da falta de uma política educacional que se esforçasse por conseguir uma "expansão e aperfeiçoamento das facilidades educacionais", e por ensinar ao povo, estudantes, empregados, operários, "a fazer um uso civilizado de suas horas de lazer". Se se tivesse procurado multiplicar por toda parte praças de jogos para crianças e de esportes para jovens e adultos, o povo, em vez de se tornar, como se tornou, "vítima de divertimentos comercializados e das vulgaridades de uma imprensa e televisão sensacionalistas", se disseminaria, ao menos em grande parte, pelas praças e por locais adequados em que pudesse empregar com proveito suas horas de lazer, distribuídas entre concertos, teatro, bailados ao ar livre e a prática habitual de atividades esportivas e atléticas". Fernando de Azevedo, "Um problema e duas épocas. Confronto de idéias e de situações. Prefácio", in *Da educação física*, op. cit., p. 20.

[192] Annibal Silveira, *Educação Physica, Obra destinada aos professores primários, aos gymnastas, esportistas, educadores e á mocidade em geral*, São Paulo, Casa Editora Antonio Tisi, 1929, 1º vol. da coleção "Educação Nacional". Segundo o autor informa na introdução, o livro estava pronto desde 1925 e não fora publicado ainda devido a problemas não especificados com editores.

Não é destituído de significado o fato de a primeira obra publicada numa coleção dedicada à "Educação Nacional" versar sobre a educação física, como é o caso desta de Annibal Silveira. Os editores por certo respondiam a uma preocupação crescente dos meios intelectuais com a questão do controle do corpo, com a necessidade de instruir os professores a trabalharem esta questão com seus alunos. Para além das motivações mercadológicas que envolvem os lançamentos editoriais e que podem ter norteado a escolha desta obra para inaugurar a coleção, diferenciando-a de outras em circulação,[193] a preocupação com o controle do corpo vinha num crescendo desde o século XIX e ganhara novo impulso com a sua transformação em política de Estado na URSS e na Itália de Mussolini.[194]

Quanto ao esporte, especificamente, Annibal recomenda que ele deve fazer parte das atividades voltadas para o "aperfeiçoamento corporal da mocidade" desde que seja liberto dos "vícios". Sob essa condição torna-se um apropriado "termo de passagem entre a atual indolência física dos moços e a submissão ao exercício corporal raciocinado".[195]

Entretanto, há que ter cuidado. Segundo Annibal existem esportes adequados à educação corporal da mesma maneira que outros que não o são. Estes últimos, "contrários aos ensinamentos da biologia",[196] Annibal deve analisá-los para ver quais são os seus defeitos.

O futebol é o mais popular dos esportes no país, mas torna-se um fator de preocupação, "um perigo sério para a integridade da raça".[197] Apesar de possuir "virtudes", como as de ser prática ao ar livre, benéfica aos pulmões, exigir iniciativa e "raciocínio", trabalhar o caráter e o aprimoramento da solidariedade, tais virtudes são anuladas pelos muitos "vícios" que o "fanatismo" dos praticantes provoca.

---

[193] De A *Biblioteca de Educação*, organizada desde 1927 por Lourenço Filho e publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e da *Coleção Pedagógica*, cuja publicação iniciou-se no mesmo ano do lançamento do livro de Annibal Silveira, 1929. Conforme Jorge Nagle, *Educação e Sociedade na Primeira República*, op. cit., p. 272.

[194] Para a URSS, veja-se algumas indicações na p. 139 e seguintes; para a Itália fascista, Victoria de Grazia, *The culture of consent...*, op. cit..

[195] Annibal Silveira, *Educação Physica...*, op. cit., p. 123. Segue neste aspecto Fernando de Azevedo que creditava aos esportes o despertar da mocidade para a educação física.

[196] Ibid., p. 124.

[197] Idem.

Dentre os muitos, Annibal Silveira destaca alguns de ordem física e moral. Tratando do tópico da violência com o apuro que o desenvolvimento da medicina de seu tempo permitia, Annibal comenta que o esforço provocado pela prática do futebol no verão e em "regiões abrasadoras" do país somado ao excessivo tempo e a violência com que é praticado levam à contusões diversas, "velhice física prematura", "invalidez e morte" com uma freqüência assustadora. O autor chama a atenção para deformação anatômica provocada pelo solicitação desproporcional dos membros inferiores, para os problemas circulatórios e cardíacos, para as fraturas.

Por outro lado, a "raça" brasileira, já de si tão frágil, corria o risco de se desmoralizar pelo vício do apego ao dinheiro, numa atividade que deveria estar isenta de interesses de ordem monetária. A preocupação dominante em auferir ganhos com o futebol acirrava as disputas e estava levando à temida esgarçadura do tecido social. O alarmismo do autor era expresso assim:

> Nem somente o antiestético das formas, as moléstias orgânicas, os acidentes de todo o matiz aí estão a clamar o carinho dos higienistas e dos pedagogos, a exigir o amparo de espíritos orientados. Há pior. Degenerescências de ordem moral, e fermento de iminentes discórdias que poderão, quem sabe, levar à desagregação social. Não foi por acaso que empregamos o termo "fermento". Foi mais para lembrar, por analogia, que causa infinitamente pequena em aparência é capaz de operar transformações de extraordinárias conseqüências.[198]

Transformadas em "pugnas", as disputas futebolísticas estavam separando aqueles que deveria aproximar, ou seja, estava alimentando rivalidades totalmente sem sentido entre cidades, estados e países.

Annibal têm reparos a fazer também a outras modalidades esportivas. Ao boxe, pelo emprego excessivo de violência contra o corpo do adversário, que torna muito curto o "ciclo ativo dos heróis do tablado", senão pela morte em plena luta, pelo envelhecimento prematuro. Mas, como no futebol, o pior é o aspecto moral. No caso do boxeador, o "apelo constante à força bruta e a idéia de ter sempre diante de si um adversário a subjugar, determinam o exacerbamento [sic] do egoísmo", que por sua vez causa a

[198] Ibid., p. 127.

> venalidade, resultante de combinações fáceis e presumíveis [e] o rebaixamento do caráter devido à condição do esportista, que se exibe ante a turbamulta mendigando os aplausos ou sofrendo-lhes os doestos.[199]

O emprego da expressão "turbamulta" para se referir à assistência das lutas já indica o juízo de Annibal acerca dela. Adiante ele é mais explícito, apresentando com talento o comportamento da "turba":

> Se esse espetáculo degrada os combatentes, deprava ao mesmo tempo a índole dos que a ele assistem habitualmente. Não quer a assistência presenciar a superioridade incondicional de um dos pelejadores. Quer a luta equilibrada, quer vibrar ante os revezes e as reações de cada qual. Não lhe bastam as cenas degradantes de dois brutamontes esbofeteando-se friamente debaixo de sinais e de regras preestabelecidos. É preciso que cada um esmurre com mais encarniçamento, que atinja ao inimigo no rosto e nos olhos quantas vezes alvejar, e que não role definitivamente no tablado senão quando, titubeante, já não lhe restem forças para ofender o alvo, também vacilante e igualmente a sangrar.
>
> Hão de estrugir então as aclamações bestiais que saúdam o herói. Porque os instintos maus, a obsessão do sangue e da carnagem, que se foram exaltando a cada arietaço [sic], entumecendo a cada cambaleio, que suspenderam a respiração da turba feroz durante os dez segundos em que se abateu um dos combatentes, irrompem agora desenfreados e estuantes, para agradecer ao vitorioso os momentos de bárbara diversão.[200]

Para analisar este que foi, quase sem exceção, o esporte mais combatido pelos educadores, Annibal mobiliza o tópico da violência e da brutalização, e acaba se deixando levar por eles. Enquanto se referia aos boxeadores, referira-se sempre a eles como lutadores e pugilistas; no máximo, para criticá-los, chamara-os ironicamente de "heróis". Agora, ao descrever a disputa, quando seu objetivo é fazer a crítica da assistência, os lutadores tornam-se "dois brutamontes". Todo o seu esforço por tratar de maneira neutra esse esporte, encontrando até algumas "virtudes" na sua prática – como faz sempre antes de iniciar a crítica desqualificadora – caem por terra com esses "dois brutamontes". A retórica se desvela: o emprego da expressão trai a real visão que Annibal tinha dos praticantes do boxe.

---

[199] Ibid., p. 132.

[200] Ibid., p. 132-133.

O aspecto espetacular da disputa do boxe baseado no afloramento dos "instintos maus" e o profissionalismo dos pugilistas eram dois grandes índices de degradação moral que Annibal acaba generalizando para os esportes cuja popularidade levou a serem praticados assim, como o futebol. Mas outros, ainda amadores, também eram criticados, como o ciclismo e a esgrima. Esta, Annibal a recusava uma vez que fazia os contendores encararem seus adversários como "adversários a eliminar" – dentro de suas preocupações morais, o autor não podia concordar com um esporte em que a morte, ainda que figurada, aparecia como o objetivo. O ciclismo padecia de um mal comum a todos os outros esportes, a especialização e o decorrente desenvolvimento de anormalidades estéticas, pelo emprego exclusivo de apenas uma parte do corpo.

Referindo-se ao atletismo – aqui entendido em seu sentido moderno de modalidades como corridas, saltos, arremessos, a que o autor acrescenta as lutas –, Annibal alude à "tríade funesta: especialização, profissionalismo, recordemania", responsável pelos aspectos negativos que todas as modalidades podiam adquirir. Apesar de todas as virtudes que possuíam, os "exercícios atléticos" podiam degenerar sob a pressão dessa "tríade":

> Também os exercícios atléticos, praticados sem método, sem uma orientação que lhes neutralize os senões originários, sem uma firme finalidade moral, aportam a lamentáveis prejuízos de toda espécie. Não lhe são estranhas as moléstias orgânicas, as hipertrofias, as deformidades, as luxações, as distensões, a estafa.
>
> Entretanto não é em tais acidentes – possíveis mesmo na prática do método racional – que reside a falha mais vultosa do atletismo. É na ambição dos recordes. É no profissionalismo, rendosíssimo para lutadores de palco. É ainda na especialização do trabalho. Essas três aberrações, por lhe serem inerentes, constituem o ponto vulnerável dele.[201]

Deve-se fixar aqui que Annibal está considerando que esses "vícios" são *inerentes* ao atletismo. Para serem adequados à prática sã da "raça" deveriam ser modificados de forma a excluí-los. A exclusão de duas dessas características, a especialização e a busca de recordes, entretanto, transformariam o esporte em outra coisa, uma vez que como o próprio autor reconheceu, elas lhe são inerentes. O que mais uma vez, apesar dos volteios, confirma nossa suposição de que o autor não

[201] Ibid., p. 141.

aprova os esporte enquanto tal. Somente modificado a ponto de deixar de sê-lo é que seria aceito.

Sobre a "tríade" ainda, quais são exatamente as restrições?

> A especialização representa uma necessidade no atletismo tal como é compreendido hoje. E não há maior inimigo desse próprio ramo, cuja vantagem está justamente em abranger várias espécies de trabalho muscular.[202]

E como Annibal havia dado a entender, o correto seria praticar todas as modalidades alternadamente, de maneira a absorver todas as vantagens para o físico que cada uma delas poderia proporcionar sem causar "deformidades anatômicas". Como as coisas não se passam como quer o educador, a especialização, que já é um mal, traz como conseqüências os dois outros elementos da "tríade":

> O olvido da bela finalidade do atletismo, que nelas [nas disputas] impera, termina produzindo, ao cabo de algumas gerações, a degenerescência individual e coletiva, principalmente no domínio moral. Outra coisa não é o profissionalismo.[203]
>
> Outro fruto doentio da especialização, a recordemania.
>
> Ao recordista não se lhe dá de ficar inutilizado por exceder a capacidade física. Quer ultrapassar os limites permitidos à sua compleição, com o intuito vazio de maravilhar aos contemporâneos, ou pela presunção de se considerar – numa pequena especialidade – superior aos demais.[204]

"Degenerescência", "doentio", o vocabulário herdado da Higiene oitocentista é o eixo em torno do qual giram as críticas de Annibal, que não foge neste aspecto à regra do seu tempo. O que marca sua diferença[205] é a afirmação de que esses "males" não são *desvios* de um esporte autêntico, verdadeiro, mas são-lhe partes constitutivas, inerentes. Ao invés de clamar pela volta à pureza desportiva, clama por transformar o esporte em algo que nunca foi, livrando-o desses "vícios" de origem.

---

[202] Idem.

[203] Ibid., p. 142.

[204] Ibid., p. 144.

[205] E nos faz lembrar pela terceira vez do discurso de 1917 do delegado de saúde de São Paulo.

Em verdade, se tivesse levado às ultimas conseqüências o seu raciocínio, teria proposto o abandono puro e simples do esporte. Não ter chegado a esta formulação indica que ele também titubeava nesta questão: queria que o esporte fosse uma atividade aceitável, pois via nele virtudes que justificavam um esforço de sua adequação; ao mesmo tempo, tinha consciência de que certos aspectos, os "vícios", não podiam ser entendidos como desvirtuamento, como era praxe em outros autores. Ou seja, para Annibal, o esporte não era intrinsecamente bom, e só viria a sê-lo se fosse expurgado de uma parte dos seus elementos constitutivos, a "tríade nefasta".

Outro aspecto novo da obra de Annibal, ou melhor, um aspecto que ele desenvolve e que não havia sido abordado ainda, é a adaptação dos esportes às mulheres. Lima Barreto e Carlos Sussekind de Mendonça já haviam se referido à presença feminina nas platéias dos espetáculos esportivos. Annibal se atém ao que era agora uma novidade, a notícia da participação das mulheres nas próprias disputas. Também aqui Annibal via problemas. Manifestando um marcado conservadorismo sexista, considera que o esporte deve ajudar na preparação da mulher para a sua "destinação" fundamental, a reprodução. Portanto, não se podia simplesmente adaptar uma atividade que surgiu masculina a praticantes femininas.

Annibal verificou que, sob influência do feminismo de origem norte-americana, as mulheres começavam a se dedicar aos "jogos brutos" dos homens. Para seu escândalo, verificava que nos EUA as mulheres "cumulando na descida aos precipícios da somaticultura mal compreendida têm agora acesso às arenas para exibir o fôlego, o jogo de pernas e assombrar a platéia com a violência do soco".[206] Se as lutas já não eram recomendadas aos homens por tudo o que já foi exposto, muito menos o seria para as mulheres. Era urgente então tentar evitar que as brasileiras enveredassem pelo mesmo caminho, pois dos tablados aos estádios seria um passo e as conseqüências por demais nefastas. Nas palavras de Annibal,

> Ressalta à indução mais bisonha que se não opusermos à invasão de tal forma de degenerescência um movimento sério, capaz de evidenciar às nossas patrícias o perigo desse e de outros jogos brutais, eles arrebatarão ao fim as camadas femininas. Ao cabo de

[206] Ibid., p. 191.

> alguns decênios teríamos então de chorar a cegueira e desorientação que empurraram o sexo nobre para os campos de futebol, de atletismo, e para as arenas públicas.[207]

O resultado desse descaminho que poderiam tomar as mulheres é, na opinião de Annibal, a deformação física da mulher e o comprometimento das gerações futuras, descrito de maneira que faria arrepiar as feministas:

> E seria a mulher envelhecida aos quarenta anos; a mulher transformada em virago, espadaúda, abrutalhada no corpo acidentado de nós e de cordas musculares; a mulher hipertrofiada, sem a harmonia plástica nem a graça de movimentos com que a seleção a dotou no decorrer dos séculos; a mulher inamoldável [sic] à destinação do seu sexo e imprestável, senão antes prejudicial, à evolução humana.[208]

A mulher devia ser saudável, bela, desde que continuasse com aparência "frágil", "não-masculinizada", como aos homens parecia bom. Para o movimento anti-esportivo esse tipo de argumento poderia ser simpático aos homens, que como já vimos, desde os anarquistas, não abriam mão da submissão e recato feminino. Às feministas, textos como este provavelmente eram um convite ao incremento da militância e conduziam à crença de que os esportes deveriam ser também atividades das mulheres, como eram dos homens, na perspectiva de igualdade dos gêneros que adotavam. Annibal prestava assim, com sua histrionice, um desserviço à causa que estava defendendo, afastando do movimento as mulheres que não se acomodavam aos papéis previamente destinados a elas pela sociedade machista. Seria, entretanto, demais esperar que Annibal partilhasse idéias que os homens do seu tempo não partilhavam. Na década de vinte, a causa das mulheres ainda estava

---

[207] Ibid., p. 192. Este era um debate que estava se dando em todos os países engajados no movimento olímpico do barão de Coubertin. A participação das mulheres nas Olimpíadas foi muito controlada desde o começo, permitindo que elas disputassem apenas algumas modalidades, que os organizadores consideravam adequadas ao "sexo nobre". Até o momento em que Annibal publicou seu livro, a participação feminina que havia começado nula nos Jogos de Atenas (1896) crescera para 290 (de um total de 3.014 participantes) nos Jogos de Amsterdã (1928). Nestes últimos, a primeira vez em que as mulheres competiram em provas de Atletismo, devido à reação antifeminista provocada pela exaustão das corridas, o Comitê Olímpico Internacional decidiu que as moças só correriam doravante provas abaixo dos 200 m.. Conforme Sílvio Lancellotti, *Olimpíada 100 anos*, op. cit., p. 151.

[208] Annibal Silveira, *Educação Physica...*, op. cit., p. 192.

sendo descoberta por elas próprias, como atestam os escritos, por exemplo, de Maria Lacerda de Moura.[209]

* * *

O esporte já havia interessado negativamente a um jurista, Carlos Sussekind de Mendonça, todavia investido do papel de educador. *Strictu sensu*, e sob uma ótica desfavorável ao esporte, o pensamento do magistrado Bento de Faria é pioneiro no campo do Direito no Brasil. Este ministro do Supremo Tribunal Federal escreveu um artigo, e o publicou várias vezes nos anos de 1929 e 1930, defendendo o caráter criminal do ato de infligir danos físicos aos adversários nas disputas esportivas, e propondo que os atletas que assim procediam deviam ser enquadrados no Código Penal.[210] Era parte de um debate que se desenrolava desde o início da década, e que se prolongou até o período do Estado Novo, em que se batiam três classes de entendimentos: havia os que, como Bento de Farias, consideravam o ato esportivo violento como ilícito, os que o consideravam lícito e ainda aqueles que propunham fosse apreciado como caso jurídico excepcional, não devendo ser imputado devido ao costume, ao consentimento dos atletas que sofrem a violência, ou à sua aceitação pelo Estado.[211]

---

[209] Que ela não tenha embarcado na aprovação dos esportes como forma de combater pela "igualdade dos sexos" demonstra que ela não perdia de vista as questões sociais, o que inclusive a distanciou dos movimentos feministas do seu tempo. Conforme Míriam Moreira Leite, *Outra face do feminismo...*, op. cit..

[210] Bento de Faria, "A criminalidade nos esportes", *Jornal do Comércio (Rio de Janeiro)*, 8 dez. 1929, p. 5; *Pandectas Brasileiras,* 1929, vol. 7, 1ª parte, p. 121-132; *Archivo Judiciario (Suplemento)*, 1929, vol. 12, p. 159-172; *Revista de Direito*, 1930, vol. 35, p. 28-32; *Revista dos Tribunais*, 1930, vol. 73, p. 5-10. As citações remeterão sempre ao texto publicado no Suplemento do *Archivo Judiciário*. Antônio Bento de Faria (1875-1959) foi o ministro do Supremo Tribunal Federal de 1925 a 1945. Para se ver como a luta contra a violência no esporte unia contrários, foi ele quem decretou a ilegalidade do PCB e encerrou as atividades de *A Nação*, em agosto de 1927 e negou *habeas corpus* para Olga Benário, em 1936. Conforme *A Nação*, 03 ago. 1927, p. 1, e *Dicionário histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983)*, Rio de Janeiro, Forense/FGV-CPDOC/FINEP, 1984, v. II, p. 1229.

[211] Conforme Ari de Azevedo Franco, "Aspectos jurídicos das práticas esportivas", *Estudos e Conferências*, 14, 1941, p. 30.

Bento de Faria se baseia (e copia o título) em livro de Giuseppe Del Vecchio, *La criminalità negli "Sports"*,[212] para considerar que há modalidades esportivas que são criminosas, como o boxe, a luta greco-romana, o futebol, o automobilismo (para Del Vecchio, também o ciclismo)[213] devido à brutalidade que lhes é intrínseca e que infringe o "princípio da ordem pública".

A brutalidade presente nessas disputas, já de si ruim, torna-se pior uma vez que essas modalidades são ocasiões para a expansão da maldade de certos indivíduos que se aproveitam da tolerância da sociedade à violência esportiva para agredirem seus adversários.

O futebol, que para o autor a princípio não deveria ser comparado ao boxe, cuja violência é sua própria razão de ser, o futebol, que é praticado por tantos e tão diferentes adeptos (jovens e velhos, ricos e pobres), é também ele portador de duas caraterísticas – "furor bestial e violência extrema" – que o empurram para o mesmo rol. Parafraseando Del Vecchio, afirma:

> Neles [nos golpes contra os adversários] mal se oculta o animus criminoso, denunciado, entretanto, pela vontade consciente do mal praticado, com o propósito de causar um prejuízo físico ao jogador adverso, ou para diminuir-lhe a capacidade de movimentação, ou para pô-lo fora do campo.[214]

E continua, com respeito à torcida:

> A paixão mórbida dos espectadores fanáticos, que deliram de prazer tanto maior é a fúria dos grupos contendores, mais os sugestiona [os jogadores] e incita à prática de atos evidentemente inconciliáveis com o respeito à lei penal.
>
> Assim, os freqüentes desastres ocorridos durante tais atuações e a série não pequena de graves e lamentáveis conseqüências legitimam fundadamente a presunção do intuito perverso, pelo menos, de muitos dos seus causadores.[215]

Bento de Faria procura então discutir juridicamente a violência esportiva para poder caraterizá-la efetivamente como crime. Recorre a autores e exemplos para demonstrar que essa é uma questão controvertida no mundo todo, uma vez

---

[212] Giuseppe Del Vecchio, *La criminalità negli "Sports"*, Torino, Fratelli Bocca Editori, 1927.

[213] Ibid., p. 179.

[214] Bento de Faria, "A criminalidade nos esportes", op. cit., p. 161.

[215] Ibid., p. 161-162

que certos países imputam os boxeadores, outros não, alguns imputam os atletas em geral que cometem violências contra seus adversários, outros não. No Brasil ele constata reinar a tolerância, que se propõe combater refutando os argumentos daqueles que inocentam *a priori* a violência esportiva.

Discute três argumentos dos tolerantes, a começar pelo "costume", ou seja, pela idéia de que se deveria aceitar a violência esportiva porque é um uso na nossa sociedade. Bento de Faria contrapõe a idéia de que o uso ou o costume são instâncias "pré-jurídicas" e que portanto não podem se sobrepor à lei. Segundo ele, basta que se faça uma lei incriminando a "brutalidade" para que o "costume" deixe de ser um argumento válido.[216] Em seguida, o "consentimento anterior da vítima": para Bento não se pode invocar tal coisa pois, ainda que os atletas saibam que correm riscos, o direito à vida, no qual está implícita a integridade física, é um direito inalienável – em hipótese alguma alguém pode dele abrir mão.[217] Por fim, a "aquiescência da autoridade pública" só pode ser invocada, mesmo assim dando motivo à discussão, naqueles países em que o ordenamento jurídico aceita o esporte violento como legal; como o autor está propondo que se elabore leis para incriminar os "brutos", esse argumento perderia a validade no Brasil, e a "autoridade pública" não poderia permanecer indiferente quando os casos violentos se verificassem.[218]

Como conclusão, lembra que está pedindo punição para os atletas violentos e não a proscrição dos esportes ditos violentos:

> É claro que tal entendimento não envolve a condenação dos questionados esportes, mas tão somente regras ou convenções permissivas de violências e brutalidades com aqueles efeitos.
>
> Essas, sim, são imorais e ilícitas porque, sobre atentarem contra a fisiologia, ofendem o corpo, transformam o caráter, humilham, abatem e deprimem o indivíduo com desvantagem para suas condições físicas e morais e manifesto desproveito para perfeição da sua prole.[219]

---

[216] Ibid., p. 166-167.

[217] Ibid., p. 167-169.

[218] Ibid., p. 169-171.

[219] Ibid., p. 171-172.

Este trecho é capital, sob vários aspectos. A afirmação de que não condena os referidos esportes é desmentida no próprio texto, quando se referiu à violência do automobilismo e afirmou que

> Deixando mesmo de lado a idéia de criminalidade, a simples exposição dessas incontáveis ocorrências e das suas causas não permite considerar como lícito o esporte ou profissão, quando seus prazeres ou vantagens são conseguidos por orientações que fazem perder aos indivíduos o predomínio sobre suas faculdades inibitórias.[220]

Ou ainda quando, resenhando as idéias de Giuseppe Del Vecchio, considerou que "não é desarrazoada a observação do escritor" acerca da caracterização das cinco modalidades como esportes criminosos, o que é uma condenação tácita.[221] O que Bento de Faria faz é atenuar a crítica de Del Vecchio,

---

[220] Ibid., p. 164.

[221] Ibid., p. 159. Del Vecchio não só condena os praticantes dos cinco esportes como considera os próprios cinco esportes essencialmente criminais, devendo portanto serem colocados na ilegalidade. Sobre o futebol, por exemplo: "(...) classifico este esporte entre os cinco incriminados. A razão é óbvia: o futebolista que se exibe na presença de milhares de pessoas, e que é sustentado moralmente por inúmeros aficionados, no desenrolar da partida fica inteiramente sugestionado. O empenho que os jogadores demonstram depois da vitória e a manifestação clamorosa de raiva ou de alegria que lado a lado explode ao término da partida, em caso de vitória ou de derrota (...) não pode fazer caracterizar a mania individual e coletiva pelo esporte senão como verdadeiramente doentia (...) o delinqüente futebolista dá vazão a todo o seu instinto natural e se serve de toda a modalidade mais brutal do jogo para infligir danos físicos ao adversário direto, e colocá-lo "fora de jogo". Este *animus* é criminal; pois se aproxima do mal com a consciência de fazer o mal (...) Como o criminoso boxeador e o delinqüente da luta livre, do mesmo modo o criminoso futebolista usa o pé, a bola e golpes para eliminar o adversário, mais do que para dirigir a bola para a rede(...)" Giuseppe Del Vecchio, *La criminalità negli "Sports"*, op. cit., p. 155-157, passim. Apesar de diferenciar entre o futebolista "honesto" e o "criminoso", o que aparentemente justifica a asserção de Bento de Faria, Del Vecchio faz uma diferenciação entre esporte e ginástica em que o primeiro é qualificado sempre negativamente, em oposição à segunda. Alguns trechos: "O esporte, ao contrário, é a negação de todo princípio são, é a aberração da ginástica e não se preocupa com as conseqüências que produz nos seus adeptos, nem com a utilidade social", ibid., p. 87; "(...) o esporte, ao contrário, além de estar em perfeita contradição com a norma de higiene salutar, hipertrofia os músculos, sobrecarrega o físico de um dispêndio gravíssimo de força, o deteriora com o abuso e causa danos incalculáveis à pessoa", ibid., p. 88; "O esporte quer o *campeão*, o *recorde*, a *temeridade*: fomenta o sentimento da vaidade humana, a disputa odiosa, e freqüentemente a brutalidade contra o concorrente para vencê-lo", idem. Por fim, a generalização:

provavelmente temendo que a condenação *in totum* desses esportes, particularmente do futebol já tão popular, poderia comprometer seu projeto de tornar a violência esportiva punível com os rigores da lei civil brasileira. Age como também o fizera Carlos Sussekind de Mendonça, que, condenando os esportes desde o título da sua obra, em algumas passagens se dizia favorável ao "verdadeiro esporte" - aquele que ainda não se havia degenerado e que, na verdade, só existia como recurso retórico utilizado pelo autor para não se apresentar como opositor irredutível. O ministro do Supremo Tribunal Federal não podia proceder com o conjunto dos aficionados esportivos, que já se contava aos milhares espalhados por todo o país, como fizera com os escassos comunistas, em 1927.

Um outro aspecto é que, depois que o texto fora todo construído em torno do tópico da violência (ou "brutalidade"), eis que no final Bento de Faria utiliza rapidamente o tópico da deseducação moral. Ali afirma que os problemas provocados pelo esporte não são apenas de natureza física, os males não se restringem às contusões e mortes. Seguindo seus antecessores, particularmente Carlos Sussekind de Mendonça, dá um sentido moral aos problemas ao apresentar como um dos seus efeitos a "transformação do caráter" dos praticantes - que, está implícito, é para pior. Utilizando termos que sugerem uma aproximação até mais propriamente psicológica, mas com conseqüências morais, afirma que os degenerados são "deprimidos", "abatidos" e "humilhados".

Há aqui uma sutil inversão de perspectiva: o criminalista que investia contra os atletas criminosos analisando os agravantes que sobre eles supunha pesar, agora se concentra neles como vítimas, ainda que essas vítimas sejam os próprios agressores degenerados que devem ser punidos pela lei civil. Portanto, parece estar apresentando atenuantes de ordem psicológica, apesar de não se estender nesta direção; aliás, encerrado aí o texto, permanecem apenas a sugestão, ou mesmo uma contradição não resolvida pelo autor quanto à qualificação dos atletas como criminosos, uma vez que agora eles são apresentados como vítimas, ainda que de maneira um tanto enviesada.

"Nós não nos limitamos aqui a considerações particulares relativas somente à luta [ao boxe]; as nossas são considerações gerais que se podem aplicar a todos os gêneros de esportes, e em especial àqueles esportes degenerativos que veremos no momento adequado [os já citados boxe, luta greco-romana, futebol, automobilismo e ciclismo]", ibid., p. 92.

Por fim, Bento de Faria afirma que os problemas físicos e morais dos atletas serão prejudiciais a suas "proles", ou pelo menos, provocarão nelas distúrbios que, contudo, não qualifica. Vemo-lo portanto, utilizar argumento extraído da Biologia, e não apenas como uma simples hipótese; o autor tem certeza de que esses efeitos se produzem e continuarão se produzindo enquanto sua causa, a degeneração do pai (porque a esta altura os atletas das modalidades esportivas em questão eram exclusivamente homens), estiver ativa.[222]

Este tópico é novo. Ainda que careça de qualquer comprovação científica e pertença ao campo da *opinião*, é apresentado ao final do texto como mais uma prova de que, não bastasse a "brutalidade" em si mesma e o seu caráter de crime, as futuras gerações estariam comprometidas pela ação dos atletas criminosos sobre os pais delas, que "abatidos", "humilhados" e "deprimidos" não conseguiriam gerar uma "prole" sadia. Em última instância, se estaria comprometendo o futuro da "raça", o futuro da "nação", quando as atividades físicas deveriam, ao contrário, estar atuando no sentido de fortalecê-la. Bento de Faria havia afirmado anteriormente, a propósito, que

> Não há de ser desse modo que se cultivará o físico da nossa mocidade com a permissão ou a tolerância de atos que escarnecem das preceituações repressivas e se divorciam dos rudimentares sentimentos de piedade e da boa educação social.[223]

Há, então, um deslizamento do campo do Direito para o campo da Política, mediado pela Biologia, explicitando uma preocupação nacionalista da qual aparentemente o texto estava isento. Isenção aparente, está claro, porque a própria utilização da idéia de *degeneração*, tomado das ciências biológicas, carregava toda essa carga de significação acerca da "raça", que era uma outra forma de referir-se à "nação", muito própria desta época e herdada do cientificismo do século XIX.

---

[222] É importante ressaltar que o vocábulo "degeneração" não é utilizado pelo autor ao longo do texto. Entretanto, a idéia que ela exprime aparece não só nesta passagem que citei como também da afirmação relativa aos boxeadores que "adquirem ou formam uma segunda natureza, que os conduz na vida como se estivessem sempre no *ring* (...) se tornam valentões prepotentes e grosseiros para melhor desfrutarem a posição física privilegiada". Bento de Faria, "A criminalidade nos esportes", op. cit., p. 160.

[223] Ibid., p. 162.

Tal como os outros críticos (Manoel do Bomfim, Fernando de Azevedo, Annibal Silveira), Bento de Faria fica a um passo da completa condenação dos esportes, apesar de permear seu discurso com frases de elogio ao esporte "verdadeiro", essa construção mítica que não traria prejuízos de ordem moral, intelectual ou física a ninguém.

2.4.2. Comunistas

Leôncio Basbaum tinha 11 anos, vividos em Recife, quando se encerrou a Grande Guerra. Em suas memórias afirma que a festa que se seguiu ao encerramento do conflito mundial o fez se interessar, apesar da idade, por outras questões além do estudo e do futebol. Aos 16, gastava o pouco dinheiro que recebia do pai assistindo a sessões de cinema e partidas de futebol. Em 1924, com 17 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro para cursar Medicina, e sua vida se resumia a "aulas, estudos, passeios, cinema, serviço militar, banho no Flamengo, aos domingos, vez por outra um namorico ou um bailarico, algumas vezes um futebol jogado no campo do Colégio Militar, onde por vezes fazíamos exercícios do Tiro de Guerra". Neste mesmo ano, entrou para o Partido Comunista, tendo sido encarregado de organizar a Juventude Comunista.[224]

Essa trajetória é importante porque revela um padrão diferente daquele seguido pela maioria dos membros do PC de então, principalmente os que vinham de sua recente fundação: Leôncio Basbaum não foi anarquista antes de aderir ao PC, e desde a infância o futebol fazia parte da sua vida, seja como praticante, seja como espectador. É claro que não foi ele quem definiu as diretrizes do PC quanto ao esporte, mas sem dúvida, era um membro adequado para implementá-las.

Pois os comunistas se distanciaram dos anarquistas também na questão esportiva. Deram o passo que, digamos assim, os anarquistas se recusaram a dar, aquele de não só aceitar o esporte como um fato consumado na vida operária, mas de passar a incentivar a sua prática como método de arregimentação, abandonando definitivamente qualquer atitude intrinsecamente anti-esportiva.

---

[224] Este parágrafo se baseia em Leôncio Basbaum, *Uma vida em seis tempos (memórias)*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, 2ª ed., p. 18-34.

Os anarquistas tentaram demover os operários da adesão ao esporte, aceitando-o apenas como atividade que completasse as suas reuniões de afirmação como classe, como os festivais, assim mesmo somente na efervescência de 1919-20. Lidavam com uma situação consumada, ou seja, aceitaram o futebol nos festivais porque constataram que o futebol estava crescendo rapidamente em popularidade. Mas jamais deram o passo de organizar a prática esportiva. No seu projeto de mundo melhor, não havia lugar reservado para ela: nas suas horas de folga, os trabalhadores se dedicariam ao estudo e, quanto a atividades físicas, jogos e brincadeiras.

Os comunistas resolveram ser pragmáticos. Admitiram que o esporte era um dado da realidade social e não viam nenhum problema na sua prática, considerada em si mesma. Faziam certo tipo de restrições ao esporte, porém restrições que não eram de ordem interna, que não se dirigiam para a prática esportiva em si mesma, mas aos seus condicionamentos externos. Preocupava-os o *contexto* em que uma partida de futebol, por exemplo, era disputada; preocupava-os o *clube* em que o operário treinava, *quem* o dirigia.

Neste aspecto, a biografia de Leôncio Basbaum é paradigmática: de adepto do esporte, que ao seu tempo era praticado dentro de clubes "burgueses" ou filiados (e portanto, submetidos) a instituições "burguesas", passou para a defesa do esporte "proletário", ou seja, aquele praticado em clubes "proletários", filiados (e submetidos) a instituições "proletárias".[225]

O PC não tinha qualquer crítica ao esporte tomado em si mesmo; ao contrário, considerava-o uma atividade "boa", "salutar". Entre os benefícios do esporte para os operários, as primeiras defesas do esporte proletário intuíam um benefício "físico", na medida em "ele é exercício para o desenvolvimento físico do indivíduo que dele precisa por sua condição de serviço".[226] Mais tarde foi possível dar uma aparência científica ao raciocínio, afirmando-se que

---

[225] Paulo Sérgio Pinheiro estranhou e ironizou essa posição comunista, mas eles a levavam a sério, como veremos: "[O delegado uruguaio ao VI Congresso da IC] Sala já havia indicado a necessidade de levar ao esporte a luta contra o imperialismo: 'Nós devemos lutar contra as associações esportivas burguesas, tendo um caráter definido de classe'. Um futebol proletário, quem sabe." Paulo Sérgio Pinheiro, *Estratégias da ilusão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 168.

[226] "Foot-ball operário", *O solidário*, 20 jan. 1926, p. 2.

> Para contrabalançar a ação nociva das oficinas anti-higiênicas, sem ar, sem luz, sobre o organismo dos trabalhadores, nada melhor do que a prática do esporte ao ar livre. O trabalho nas fábricas, hoje em dia, exige do operário certos e determinados movimentos. Isso ocasiona um desenvolvimento exclusivo de certos músculos, de certos órgãos. O esporte corrigirá isso, trazendo um desenvolvimento mais harmônico.[227]

Referindo-se aos benefícios do esporte na construção da sociedade socialista, ressaltou-se que ele prepara também para o trabalho, e por isso era incentivado na URSS, pois

> um operário fraco e doente não pode nunca desenvolver um trabalho tão completo e produtivo, como outro que, além da sua inteligência e conhecimento de sua responsabilidade na formação de seu país, possui uma cultura física que o ajude a levar com alegria e energia suficiente a rudeza do seu trabalho ou a pesada monotonia de uma oficina.[228]

No mundo capitalista, no qual o Brasil ainda estava inserido, os comunistas não tinham como objetivo usar o esporte para aumentar a produtividade do trabalho, como na URSS; sua meta era utilizá-lo na contestação da ordem vigente. Aqui, os proletários deviam participar de clubes exclusivamente seus, reunidos numa Federação dos Esportes Proletários, que por sua vez se filiaria a Internacional Vermelha Esportiva, vinculada à Internacional Comunista.[229] Outros

---

[227] "Deve o trabalhador praticar esporte?", *O Proletário*, *Órgão da Federação Sindical Regional de São Paulo* [comunista], 9 jun. 1931, p. 2, coluna "O Esporte Proletário".

[228] "A insígnia esportiva Soviética", *O Jovem Proletário*, nov. 1934, p. 3. Jornal da FJCB.

[229] O projeto do esporte proletário não foi gestado no Brasil. Era uma diretriz da Internacional Comunista, que procurava subtrair os operários de contatos e da influência "burguesa". Em 1921, foi criada pela IC a *Internacional Vermelha Esportiva*, cujo objetivo era se contrapor tanto ao movimento olímpico iniciado pelo barão de Coubertin, no final do século XIX, quanto à organização dos esportes operários ligada à 2ª Internacional, a *Internacional Esportiva de Lucerna*. A Internacional Vermelha Esportiva estimulava o surgimento de federações proletárias em todos os países onde havia seções comunistas e organizava as *Spartakiadas* – como as de Berlim (1931), Lyon (1932) e Moscou (1934) –, competições que congregavam os atletas filiados às federações comunistas. A Internacional Vermelha Esportiva expedia diretivas às seções nacionais que eram tarefas principalmente da Juventude Comunista implementar, segundo uma resolução do 3º Congresso da IJC, em 1921. Conforme Léon Strauss, "Le sport travailliste français pendant l'Entre-deux-guerres", in Pierre Arnaud (org.), *Les origines du sport ouvrier en Europe*,

países já vinham de organizar as suas federações, como os vizinhos Argentina e Uruguai, e esta devia ser a meta dos proletários brasileiros também. Evidente que a direção "proletária" da federação estaria nas mãos do PCB, em cujo discurso os termos "comunista" e "proletário" eram intercambiáveis quando referidos à direção do movimento "revolucionário".

O esporte proletário seria amador, e como tal, prática do conjunto do proletariado. Devia ser incentivado, adequando-se às necessidades físicas dos trabalhadores, das crianças[230], da mulher[231]. Não era, portanto, "privilégio de ninguém".[232] Defendia-se que a prática esportiva se tornasse atividade de "operários e operárias em maior número possível, sem o desejo de se tornarem

---

op. cit., p. 193-198; e André Gounot, Sport réformiste ou sport revolutionnaire? Les débuts des Internacionales sportives ouvrières", ibid., p. 219-246.

[230] *A Nação*, 07 jan. 1927, p. 4. coluna "Desportos". Quase todas as demais citações deste periódico também foram extraídas dessa coluna; as exceções serão indicadas. *A Nação* esteve sob controle comunista de janeiro ao início de agosto de 1927, quando foi fechado concomitantemente à decretação da ilegalidade do PC pelo Supremo Tribunal Federal. A trajetória dessa coluna lembra aquela das "Coisas Esportivas" de *A Vanguarda* no seguinte aspecto: começa criticando com muita força o esporte "burguês" e defendendo o esporte "proletário", e, paulatinamente, mesmo mantendo as críticas ao primeiro, vai cada vez mais noticiando-o até chegar a tratá-lo da mesma maneira que fazia a crônica esportiva da imprensa "burguesa", com elogios aos clubes "burgueses" e a utilização de vocábulos característicos como *team*, *eleven*, *players*. Como essa linha não aparece nas demais publicações do PCB ou da FJCB, é plausível a seguinte hipótese: *A Nação* havia sido cedido ao PCB pelo seu dono Leônidas Rezende; representava, portanto, um compromisso do PCB com a pequena burguesia; o jornal foi utilizado para fazer a campanha do Bloco Operário, bloco eleitoral através do qual o PC procura se articular com a pequena-burguesia; logo, o esporte, que já era uma "paixão" popular, ao menos no eixo Rio-S. Paulo, era tratado com condescendência mesmo quando era organizado pelas instituições burguesas – era uma tática para não afastar os setores pequeno-burgueses aliados; isto provavelmente explica a aceitação da organização do festival de natação de fevereiro de 1927, promovido pelo jornal, pela "burguesa" Federação do Remo (anteriormente, a UTG paulista – controlada pelos comunistas – havia promovido um festival em que a organização das provas de ciclismo e atletismo também estava a cargo das respectivas federações "burguesas" ["Grande festival campestre", *O Trabalhador Gráphico*, 11 out. 1925?, p. 1]); a partir de 1928, com a ilegalidade do partido e a consigna da IC "classe contra classe", todos esses compromissos foram repudiados.

[231] *A Nação*, 08 jan. 1927, p. 4.

[232] *A Nação*, 05 jan. 1927, p. 4.

'azes', mas de serem apenas uma utilidade para a grande e sagrada [sic] campanha de nivelação social!"[233]

O que nos leva a outro aspecto, talvez o mais importante, do "esporte proletário": a sua *utilidade*. Para os comunistas o esporte era um importante meio para aglutinar operários sob sua influência. Os clubes eram pensados não apenas como locais de prática esportiva, mas também de doutrinação política e possível conquista de quadros para o partido: "nós precisamos de clubes proletários, que sem nos explorar com mensalidades ou jóias, nos proporcionem exercícios e divertimentos a par da explicação da nossa situação e nosso papel na sociedade atual".[234] Nesse sentido,

> a união de todos os proletários é absolutamente necessária. Nos domínios desportivos, tem o mesmo cabimento a luta que as classes vêm travando na grande vida. O desporto bem organizado e melhor orientado, será uma arma terrível em nossas mãos.[235]

O clube que se fundara na comunista União dos Trabalhadores Gráficos, no Rio de Janeiro, em 1927, tinha como meta não só a prática do esporte "proletariamente" como a demonstração por sua direção, também "proletária", "aos sócios, [d]a situação econômico-política dos jovens proletários do Brasil, comparando-a às doutros países onde a união operária já se tornou realidade".[236]

Esses países eram utilizados como exemplos do bom esporte. Jogos de futebol entre equipes proletárias argentina e uruguaia transcorriam em perfeita harmonia;[237] jogos entre equipes russas, também, nos quais não se assinalavam

---

[233] *A Nação*, 05 jan. 1927, p. 4.

[234] *A Nação*, 14 jul. 1927, p. 2, coluna "Juventude Proletária".

[235] *A Nação*, 05 jan. 1927, p. 4.

[236] *A Nação*, 26 jul. 1927, p. 4. Leôncio Basbaum já havia empregado esta tática para fundar células da Juventude Comunista em Pernambuco, quando para lá fora enviado com essa missão: "Não era fácil enfiar problemas políticos na cabeça deles. Mas alguma coisa consegui. Compreendi que era preciso primeiro uni-los em torno de alguma coisa: o mais prático era organizar times de futebol. Uma vez reunidos, alguma preleção sobre a Rússia e a diferença entre a vida deles e a vida na Rússia, dentro do socialismo." Leôncio Basbaum, *Uma vida em seis tempos*, op. cit., p. 43.

[237] *A Nação*, 02 abr. 1927, p. 4.

"sequer um acidente", muito ao contrário do que era comum nos jogos "burgueses".[238]

Numa palavra, o esporte "proletário" era "solidário".

E como os comunistas viviam na expectativa de uma guerra social, aprenderam junto com os fascistas que o esporte podia ser um instrumento de preparação para essa guerra, atribuindo ao esporte a capacidade de suprir carência de preparo físico para que o proletariado pudesse participar dela vitoriosamente, pois

> o movimento proletário necessita de homens fortes, corajosos, bons lutadores. Os grupos de defesa, as brigadas de choque são, em todos os países, formados principalmente dentre a juventude proletária e esportista.
>
> Fortalecendo-se, os jovens trabalhadores terão maiores possibilidades de prestar serviços a sua classe.[239]

Os comunistas não descartaram os tópicos anti-esportivos consolidados pelos anarquistas e também incorporados por autores nacionalistas, como veremos adiante. Mas houve uma adaptação: as referências à violência, à imbecilização, à inutilidade apareciam somente quando estavam analisando "o jogo de burgueses". O esporte proletário estava livre desses vícios pautando-se pela solidariedade. Jogos de futebol entre equipes soviéticas ou entre equipes filiadas a federações proletárias são sempre citados como exemplo do verdadeiro comportamento esportivo, em que os jogadores se relacionam cordialmente e nos quais o desejo da vitória não supera o respeito pelo outro.

Houve, portanto, uma mudança radical: agora o futebol não era mais recusado liminarmente, com afirmações como a do anarquista *A Terra Livre* de que "exercícios já temos de sobra", em referência ao dispêndio de energia física pelos operários no processo de trabalho; era agora recusado somente quando praticado através de instituições "burguesas", quando então era "desvirtuado". Maria Auxiliadora G. Decca já observou essa caracterização do futebol, mostrando que os comunistas não consideravam o futebol como uma atividade burguesa em si

---

[238] *A Nação*, 10 jan. 1927, p. 4.

[239] Ibid..

mesma, e sim como um elemento neutro na sociedade.[240] Era um instrumento, uma arma, que tanto podia servir aos interesses burgueses quanto aos proletários: utilizada pela burguesia essa arma tinha como meta criar novas fontes de lucro e de dominação de classe (os esportes, junto com o "rádio, a imprensa, o cinema, a escola, etc., também são armas que os nossos sanguessugas utilizam para melhor explorar e oprimir"),[241] utilizada pelos proletários serviria para cimentar a solidariedade de classe e ajudá-los no combate pela sua libertação.

Aqui no Brasil, capitalista e injusto, o "esporte é privilégio de meia dúzia, e quando é praticado pelos operários é sem método (...)".[242]

O esporte enquanto arma podia, portanto, segundo os comunistas, ser utilizado de duas maneiras: para libertar ou para escravizar o proletariado. Se fosse praticado pelo proletariado sob a direção do PC, serviria à causa da libertação, na medida em que aglutinaria, e ao mesmo tempo divertiria, desenvolveria a consciência de classe, fortaleceria fisicamente e compensaria os efeitos nocivos do trabalho fabril sobre o corpo. Por outro lado, se praticado em clubes burgueses, estaria sendo utilizado para criar mais uma indústria em que a burguesia acumularia lucros à custa da exploração dos atletas e para desviar os operários de suas lutas. Na forma sintética dada pelo jornal *Nossa Voz*, "o futebol, e também outros esportes organizados e dirigidos pela burguesia, é uma indústria rendosa e também um terrível ópio que, entorpecendo o trabalhador, desvia o proletariado de suas lutas".[243]

Servia também como reserva de força para combater o movimento operário ou outro que ameaçasse o poder burguês. Assim,

> em 1919, por ocasião da greve da Light, apareceu uma palavra de ordem pelos clubes todos: "SERVIR A POPULAÇÃO, SUBSTITUINDO OS CONDUTORES E RECEBEDORES"(...) A burguesia colocou como seu instrumento nessa greve os clubes, e também os estudantes.

---

[240] Maria Auxiliadora Guzzo Decca, *A vida fora das fábricas...*, op. cit., p. 119-127.

[241] "'Carta Aberta' da Federação da Juventude Comunista do Brasil (Secç. da Internacional Juvenil Comunista – Região de S. Paulo) a todas as organizações políticas, culturais, sindicais, esportivas, recreativas, estudantis, etc. da Juventude Proletária e Popular", *Nossa Voz. Órgão de Defesa dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares*, 1 jan. 1935.

[242] Ibid..

[243] Ibid., 15 ago. 1934.

> Ainda, recente, por ocasião do golpe de 32, os clubes tiveram a sua participação no "sagrado dever de servir S. Paulo", contra "a invasão dos tenentes".[244]

Dito de forma mais incisiva, "não somente as organizações esportivas de fábrica e usinas, mas na generalidade, todas as organizações burguesas esportivas fornecem os chamados 'furões' de greves".[245] Ou participam de tentativas de desmobilizar as concentrações operárias no Dia do Trabalho, como denunciava *O Proletário*:

> Os companheiros querem um exemplo concreto de como a burguesia se serve do nosso entusiasmo esportivo para afastar-nos do caminho das nossas lutas? A 1º de Maio, dia de luta do proletariado, a polícia exigiu das organizações esportivas (a A.P.E.A., entre outras), que realizassem os seus j ogos nesse dia.[246]

Nas mãos da burguesia, ainda, o futebol especialmente padecia de dupla violência: os jogadores não passavam de operários violentamente explorados pelos donos dos clubes, e nos clubes de fábricas os operários eram coagidos a contribuírem com descontos na folha de pagamento sob pena de serem despedidos. Ao mesmo tempo, os jogadores desses clubes, "os *azes* do jogo bretão, andam com o *canastro amarrotado*, com falta de uma perna ou sem um braço, perambulam pelas cidades sem recursos pedindo esmolas".[247]

Se os clubes de futebol "controlados e dirigidos pela burguesia" eram indústrias que exploravam os jogadores, um corolário lógico para os comunistas era a luta contra a profissionalização do atleta.

O profissionalismo era condenado por vários motivos. Ele fazia com que os atletas se dedicassem a uma única modalidade esportiva provocando a "paralisação do desenvolvimento do verdadeiro esporte".[248] Ao fazê-lo, os atletas se entregavam à exploração dos "poderosos" transformando-se "em indivíduos verdadeiramente

---

[244] Ibid..

[245] Benigno Rodrigo Fernandes, "Considerações em torno do Sport proletário", *Cultura*, mar./abr. 1929, p. 9. Essa revista, da qual se publicou oito números, era editada por Fernando Mangabeira, membro da Juventude Comunista carioca.

[246] "O esporte proletário", *O Proletário*, 18 maio 1931, p. 2.

[247] *O Proletário*, 17 jul. 1934. Itálico no original.

[248] *A Nação*, 04 jan. 1927, p. 4.

parasitários".[249] A atração exercida pelo "regime argentário que os clubes afidalgados introduziram em nosso meio pobretão" fazia com que os falsos amadores se passassem de um clube a outro, atrás da melhor oferta.[250] Para os comunistas, essa era uma evidente prova de que o futebol "burguês" estava "precocemente decrépito".[251] Neste quadro, o retrato do falso amador é cáustico:

> Não há como fiar mais nas palavras de um jogador de futebol. E isso é o produto do tratamento que lhes têm dispensado os responsáveis e dirigentes dos clubes.
>
> Crianças inexperientes, mal desapegados dos cós das saias das mamães, vêem-se de repente popularizados e celebrizados como azes famosos do apreciado desporto [o futebol]. Não se lhes vê procedimento incorreto, que tudo que fazem são gestos divinos aos olhos de tais "sportmen"... Resultado, o desporto desvirtuado engendra um amador onde vão desaparecendo a pouco e pouco todas as qualidades apreciáveis.
>
> Não tem ele mais noção do cumprimento do dever. Torna-se ocioso e incompatível com o trabalho. É-lhe incômodo o menor preceito disciplinar. Acaba perdendo de todo a vergonha.[252]
>
> O jogador de futebol pode ser comparado ao político... Impera o dinheiro. Quem pagar melhor tem o melhor team.[253]
>
> (...) elementos sem aptidão para o trabalho (...) vagabundos, desanimados, desprotegidos da sorte, que nada mais são do que fruto desse regime pútrido.[254]

Note-se que não se está falando, como vimos em Lima Barreto, de uma maioria de jogadores egressos da "elite", mas de membros do "proletariado". Neste particular, a crítica comunista retoma o caminho traçado pelos anarquistas, para quem o esporte provocava a corrupção dos valores morais dos praticantes. Descontada a idéia de que o esporte estava se desvirtuando, todo o resto da citação acima poderia estar publicado num jornal anarquista. Entretanto, a defesa do amadorismo era um diferencial fundamental. Defendendo a conservação dos jogadores como verdadeiros amadores, isto é, pessoas que praticavam única e exclusivamente por prazer, para quem o esporte não era um meio de subsistência,

---

[249] Ibid..

[250] *A Nação*, 08 fev. 1927, p. 5.

[251] *A Nação*, 05 fev. 1927, p. 5.

[252] *A Nação*, 17 mar. 1927, p. 4.

[253] *A Nação*, 23 mar. 1927, p. 4.

[254] Ibid..

os comunistas aceitavam tacitamente o esporte. Por isso muitos artigos trazem a frase característica "não temos nada contra o esporte" seguida em geral de um "mas" após o qual se qualificava o esporte contra o qual não se opunham, o "esporte proletário".[255]

O profissionalismo colocava a prática esportiva sob controle "burguês" e por isso era tão severamente combatido. Segundo os comunistas, ao participar desses clubes como profissionais, os proletários estavam se deixando explorar pois a sua atividade culminava em espetáculos que proporcionavam lucros para os referidos clubes, transformados dessa maneira em verdadeiras empresas. Primeiro foi a "burguesia estrangeira [que] estudou os meios de controlar com o capital os lucros provenientes dos jogos de futebol. Começou a mandar ao Brasil teams estrangeiros, para aqui disputarem partidas com diversos clubes burgueses, auferindo lucros com esses encontros".[256] Depois, os clubes brasileiros seguiram a mesma senda, tendo sido "transformados em sociedades anônimas industriais, cuidando-se nelas mais do dever e haver que do desporto".[257]

O fato de a Municipalidade carioca ter aprovado taxação sobre os ingressos das partidas de futebol, em 1926, só veio confirmar para os comunistas que os interesses econômicos se sobrepuseram aos interesses esportivos. Constatava-se assim que

> ultimamente os clubes fizeram do futebol uma fonte de exploração do público. Retribuíram os favores que o grande público lhes concedia, principalmente o elemento proletário, que sempre foi de maior brilho nas assistências de futebol, extorquindo-lhe o dinheiro por caríssimas entradas. A preocupação da renda passou a dominar todas as outras. O futebol passou a ser um espetáculo.[258]

---

[255] Um exemplo: "Não se conclua disso que dissemos [a desqualificação o esporte "burguês"], que somos contra o esporte (...) Mas o que não devemos permitir é que os nossos exploradores se aproveitem disso para desviar-nos do nosso caminho revolucionário. Ao contrário (...) demos ao esporte praticado por nós um sentido de classe. Formemos uma federação proletária de esportes!". "O esporte proletário", *O proletário*, 18 maio 1931, p. 2.

[256] *A Nação*, 10 jan. 1927, p. 4.

[257] *A Nação*, 12 mar. 1927, p. 4.

[258] *A Nação*, 05 jan. 1927, p. 4.

A afirmação de que a assistência "proletária" era de 'maior brilho" sugeria não só que os "proletários" afluíam em grande número aos estádios como também que o seu comportamento enquanto torcida era melhor do que o da "elite". Independentemente da veracidade dessa afirmação, o que está em jogo é uma idealização da torcida "proletária" e a transferência para a torcida "de elite" de toda a responsabilidade pelos freqüentes casos de distúrbios e violências ocorridas nas partidas. Neste aspecto, mais uma vez, a violência é fruto do "esporte burguês", provocada pelos "elementos burgueses" dos clubes ou pelos jogadores "proletários" profissionalizados que, como já vimos, perderam a pureza "proletária" e se corromperam.

O comportamento violento da torcida "de elite" brasileira nos jogos de futebol, as "arruaças", eram mais um sinal de que "o futebol burguês está ficando de um tal jeito, que para a gente tratar dele só com um lenço perfumado no nariz... Está ficando insuportável".[259] Para realçar esse fato recorria-se até à idealização da torcida inglesa, tomada como modelo de bom comportamento e de verdadeiro espírito esportivo. Lá, na Inglaterra,

> essas "torcidas" [organizadas] têm vulto grandioso e alcançou o fim desejado que é a aproximação esportiva dos grêmios locais, com saudações afetivas, fraternais e simultâneas. Debaixo da melhor ordem e harmonia elas são organizadas, ensaiados os seus cânticos incentivadores com apuro, e no dia dos grandes prélios, com a maior educação e cordialidade as "torcidas" dos grêmios disputantes, vencedores ou vencidos – não saem da norma da conduta cavalheiresca, para deprimir os adversários, nem para provocar arruaças.[260]

---

[259] *A Nação*, 08 fev. 1927, p. 5.

[260] *A Nação*, 20 abr. 1927, p. 4. Os comunistas incorriam num engano, comum à época, aqui no Brasil, de considerar o futebol inglês "feito com ordem". Veja-se o estudo sobre a torcida inglesa realizado por autores que estudaram a violência no futebol britânico a partir dos registros da Federação Inglesa de Futebol e de vários jornais britânicos: "Sumariamente, as nossas principais descobertas são as seguintes: antes da Primeira Guerra Mundial, a incidência de desordens com espectadores de futebol no Reino Unido era elevada; entre as duas guerras, essa incidência baixou marcadamente em Inglaterra [porém esteve longe de desaparecer, como demonstram a seguir], mas não na Escócia (...)". Em 18 temporadas, de 1921 a 1939, houve 8 interdições de campo e 64 advertências aos clubes devido a "comportamento incorreto dos espectadores e desordens em jogos da Liga". Patrick Murphy, John Williams, Eric Dunning, *O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança*, Oeiras, Celta Editora, 1994, p. 74-75. É

Idêntica condenação se fazia do comportamento dos "azes" e dos árbitros. Tratando sarcasticamente a violência habitual das disputas, uma crônica relatava uma fictícia partida disputada entre "dois aguerridos teams burgueses: Mauser Athletico Club e Ponta de Faca F. C, no campo do Elite F.C." em que sobram pontapés, murros, tiros e sangue, tudo aplaudido com entusiasmo pela assistência, de onde também muitos saíram feridos.[261]

Em relação à violência entre os espectadores, é interessante observar que para os comunistas continuava sendo execrável a participação das mulheres nas contendas, coisa que já havia escandalizado os anarquistas. Este é o sentido do trecho: "Nas arquibancadas foram medicados vários feridos, torcedores de ambos os clubes e de ambos os sexos".[262]

A violência crescente era fruto, para os comunistas, de o esporte burguês se basear na "competição absurda pelo 'recorde'": "vencer a todo preço é o único objetivo, que se pretende ser desportivo..."[263] Para alcançar esse objetivo, os atletas se utilizavam de toda sorte de expediente, a torcida e os dirigentes procuravam atemorizar os juízes e os adversários, abandonando qualquer laivo de um "fair play" que os próprios burgueses insistiam em apregoar. Aliás, o próprio barão de Coubertin é citado como um descrente na possibilidade dos clubes "burgueses" se tornarem modelo de civilidade. Segundo ele, "é necessário não contar muito com os clubes de milionários para ajudar na civilização de um Estado: os "Clubes de Operários" podem seguramente melhor consegui-lo".[264]

---

interessante notar que a contraposição latinos/anglo-saxãos, na qual está subjacente uma visão idealizada e positiva dos ingleses, em cujos campos não ocorreriam brigas entre jogadores, entre torcidas etc., terá sua valoração invertida quanto ao mesmo futebol por autores brasileiros "integrados", de Gilberto Freyre e Mário Filho a Roberto Da Matta: neles, a desordem do brasileiro (não mais "latino") enquanto defeito será transmudada em virtude, em "malandragem", que supera, negaceando, a ordem, a rigidez européia (e não mais apenas "anglo-saxã").

[261] *A Nação*, 15 jan. 1927, p. 4.

[262] Ibid..

[263] *A Nação*, 12 mar. 1927, p. 4.

[264] *A Nação*, 17 jan. 1927, p. 5. "(...) a oposição fixada ao 'esporte espetáculo' profissional, às perversões do esporte por dinheiro, etc., aproximam paradoxalmente os objetivos proletários da FSGT [resultado da fusão das federações comunista e socialista, sob a Frente Popular, na França] do ideal coubertiniano, favorável à divulgação do esporte para todos. (É, com efeito, graças a essa

Então, para não ter a sua "mentalidade desviada", para não sucumbir à violência e ao "argentarismo", o "proletariado" devia abandonar os clubes "burgueses" e criar clubes "proletários" onde seria praticado o esporte "proletário".

* * *

Qual foi o resultado dessa política do PC? Será que conseguiu dinamizar o esporte proletário? Os proletários atenderam à palavra de ordem de abandonar o esporte burguês?

Nada disso aconteceu. O fracasso do PC nesta área acompanhou o fracasso nas demais. Os comunistas tenderam a encarar a ilegalidade do partido como o obstáculo fundamental para o sucesso. Argumentaram que, nos países onde o PC tinha atuação legal, o esporte proletário se desenvolvia rapidamente.[265] Seja este o motivo real ou não, o fato é que no Brasil o proletariado continuou a participar maciçamente dos clubes e eventos dominados pela burguesia, e o trabalho dos comunistas estava sempre começando.

É o que se depreende da leitura dos jornais comunistas e também dos comunicados e relatórios internos do PCB e da Juventude Comunista.

---

aparente adesão ao espírito olímpico por parte dos países do Leste, preocupados em mostrar, senão em demonstrar, a eficácia de seu sistema, que o movimento olímpico pôde se manter e prosperar após a [2ª] guerra)". Jean-Paul Clément, "La représentation des groupes sociaux et ses enjeux dans le développement du sport", in J.-P. Clément; J. Defrance; C. Pociello, *Sport et pouvoir au XX^e siècle*, op. cit., p. 77.

[265] Usavam Argentina e Uruguai como exemplos de experiências bem sucedidas. Não disponho de informações para corroborar ou refutar essa afirmação. Disponho entretanto do exemplo francês, analisado por Jean-Paul Clément. Segundo essa análise, o esporte proletário encabeçado pelo PCF contou nos anos 20 com menor número de adeptos do que aqueles organizados pelo Partido Socialista e pela Igreja Católica; em meados dos anos 30, com a fusão das federações comunista e socialista, chegou-se a congregar 5.000 clubes e cerca de 310.000 adeptos, o que ainda não era maioria, malgrado o governo da Frente Popular, controlado pela coalizão socialistas-comunistas. Jean-Paul Clément, "Las représentations des groupes sociaux...", op. cit., p. 53-104, passim.

Há notícias da criação de um clube de futebol "genuinamente operário" em Santos, em 1926, e de outros dois, em Sertãozinho (SP) e no Rio de Janeiro (da União dos Trabalhadores Gráficos), ambos em 1927.[266]

No Rio de Janeiro, enquanto não floresciam clubes proletários em quantidade que viabilizasse a constituição da sonhada Federação dos Esportes Proletários, os comunistas passaram a elogiar os clubes de bairros, compostos por "proletários", que disputavam os campeonatos "burgueses", tentando atraí-los para suas posições. Junto ao elogio criticavam sempre a instituição a qual esses pequenos clubes estavam filiados – a Associação Metropolitana de Esportes Amadores – por ela beneficiar sempre os clubes "burgueses" com os seus regulamentos.[267]

Ao informar, em dezembro de 1928, o Secretariado de Organização da Internacional da Juventude Comunista da próxima realização do 1º Congresso da FJCB, "Leôncio" relatava o estado da organização esportiva comunista:

> Fundamos um comitê pró-Federação Nacional do Esporte Proletário com representantes em vários Estados, inclusive S. Paulo. Há muitas probabilidades de dentro de um mês organizarmos a Federação aqui no Rio de Janeiro.[268]

---

[266] "O 1º de Maio Foot-ball Club", *O Solidário*, 13 maio 1926, p. 2; *A Nação*, 14 jul. 1927, p. 2, coluna "Juventude Proletária"; e *A Nação*, 26 jul. 1927, p. 4, respectivamente. É importante salientar que, não obstante o desejo dos comunistas de desenvolverem o *esporte* proletário, restringiram suas iniciativas ao *futebol*, salvo pelo "grande concurso popular de natação" que *A Nação* organizou em conjunto com a "burguesa" Federação Brasileira do Remo, em 13 de fevereiro de 1927, no Rio de Janeiro. Contradição à parte, os comunistas não conseguiram disfarçar a sua frustração com os resultados desse "concurso" em que poucos foram os participantes. *A Nação* informa em 8 de fevereiro (p. 5) que as provas para "operários", "choferes", "colegiais", "soldados", "marinheiros", "tipógrafos" e "nadadores sem vitória na Federação do Remo" tiveram apenas uma inscrição cada, e por isso foram canceladas. A frustração é perceptível nos artigos da cobertura do festival, mas não nos títulos ("Alcançou excelente êxito o nosso primeiro certame esportivo"), de 14 e 15 de fevereiro (ambos na página 4).

[267] *A Nação*, 24 fev. 1927, p. 4.

[268] *Carta ao Secretariado de Organização do KIM*, 7 dez. 1928, datilografada, Coleção Internacional Comunista, rolo de microfilme n.º 8, Arquivo Edgar Leuenroth-UNICAMP. Os documentos da FJCB e do PC citados a seguir encontram-se neste mesmo rolo de microfilme, salvo indicação em contrário.

O incremento do esporte estava na pauta do III Congresso do Partido Comunista, realizado no final de dezembro de 1928 e início de janeiro do ano seguinte, e também foi discutido no I Congresso da FJCB realizado em seguida.[269] Neste mesmo janeiro, o periódico da Juventude Comunista latino-americana publicava artigo de um certo "L.G." dando conta de que, no Brasil,

> O desporto proletário começou a ser organizado em 1927. Iniciou-se com a organização do departamento desportivo da União de Trabalhadores Gráficos, que nessa primeira tentativa fracassou, porém hoje ressurge com perspectivas muito boas.
>
> Outros clubes têm sido organizados ao calor da juventude comunista. Na atualidade, faz-se propaganda pelo esporte proletário na *A Classe Operária* e quase todos os sindicatos estão organizando departamentos desportivos.[270]

O otimismo ainda estava presente no relatório sobre esportes desse 1º Congresso da FJCB, escrito em março de 1929, no qual se fazia um balanço das "vitórias" comunistas:

> As seções [esportivas de sindicatos] são as que seguem: U. dos O. em Bebidas F. Club, U.T.G. Sport Club, Mobiliária Sport Club, Regional Sport Club, Sapateiro Sport Club, Cosmopolita Sport Club.
>
> Os festivais esportivos proletários, organizados pela vanguarda do proletariado podem-se contar pelas vitórias que estes representam para os trabalhadores conscientes do Brasil. O primeiro, que se realizou no dia 16 de setembro de 1928 foi um magnífico festival, puramente operário; a ele compareceram vários pequenos clubes e todos os departamentos esportivos dos sindicatos. Ao contrário do que se passa entre os burgueses, este acontecimento realizou-se sob a melhor das ordens revestindo-se de um tal brilho e esplendor que marcou para o proletariado do Brasil uma das maiores vitórias.
>
> A segunda vitória logo após esta, deu-se em setembro do mesmo ano; foi o festival organizado pelo Ideal Sport Club, que teve uma dupla concorrência, comparecendo a este festival os então candidatos do Bloco Operário.
>
> As outras conquistas que conseguimos são: o controle da Juventude Comunista sobre o Ideal Sport Club, Encarnado Sport Club, Nilopolitano Sport Club, 7 de Novembro Sport Club. Resumindo: os clubes e departamentos sindicais que estão sob o nosso controle perfazem um total de 450 membros, que constituem a base da futura "Federação dos Sports Proletários". Também acha-se sob a nossa influência a Federação Esportiva de

[269] Moisés Vinhas, *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*, op. cit, p. 12.

[270] L.G., "A Organização Juvenil Comunista", *Correspondencia Juvenil Latino Americana*, enero de 1929, in Edgard Carone, *O movimento operário no Brasil (1887-1944)*, op. cit., p. 544-545.

Santos (já criada), as iniciadas: Federação Sportiva de Pernambuco, São Paulo, Sertãozinho, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, etc..[271]

Em agosto do mesmo ano, respondendo a uma circular do Secretariado Sul-americano da IJC, "Leôncio" fazia nova avaliação do trabalho esportivo da FJCB. Por ela ficamos sabendo que foi constituída uma "Comissão Nacional Esportiva composta dos respectivos encarregados esportivos do P.C. e da J.C.". Além disso, em tom de entusiasmo contido, é feito novo balanço da situação nacional do esporte dirigido pelos comunistas. Ainda que a citação seja longa, ela é importante pois retrata o ponto máximo a que chegaram os comunistas no Brasil.

O esporte proletário no interior promete bastante, estão criados comitês locais em diversas regiões devendo ser desenvolvido a medida do possível; no Rio Grande do Sul fundou-se a Federação dos Desportos Proletários do R. G. do Sul, com sede em Pelotas (capital) na conferência realizada em 11 de março do corrente ano, contando com 11 clubes aderentes, disputando o campeonato e sendo dirigida pelo respectivo encarregado esportivo regional da J. C. auxiliado por alguns companheiros militantes, porém, até agora, sem ideologia, não sendo difícil fazê-los ingressar em nossas fileiras pois são bem dedicados.

Em S. Paulo, fundou-se a Federação Operária Esportiva de Santos (principal porto do país) em 12 de dezembro deste ano, possui um bom número de aderentes, faltando orientações práticas aos camaradas que constituem o comitê provisório, que receiam perder a direção da Federação, que por esse motivo ainda não deu início ao campeonato.

No Rio fundou-se a Federação dos Esportes Proletários do Rio de Janeiro, na Conferência Regional dos Pequenos Clubes, realizada em 27 de março e 4 de abril – data da fundação –, sua direção é comunista, a maior parte dos dirigentes são membros da Comissão Nacional de Esportes, camaradas bem experimentados e regularmente conhecedores da organização esportiva proletária, mas por falta absoluta de capital necessário que possa desenvolver a F.E.P. do R. de Janeiro, ainda não começou o campeonato estando paralisada, assim como em Santos, o que muito nos atrasa.

A reação desencadeada no Rio dificultou, ainda mais, a marcha da Federação, que graças a iniciativa dos nossos camaradas que a dirigem, já tinham [sic] conseguido a

[271] *Relatório do Encarregado Sportivo da J. Communista do Brasil*, anexo ao *Relatório dos Trabalhos do 1º Congresso da Federação da Juventude Comunista do Brasil*, 26 mar. 1929, datilografado. O congresso realizou-se em 5, 7 e 8 de janeiro de 1929 e contou com a presença de 17 delegados.

confecção do material necessário para o início do campeonato; a okrana[272] desenfreada invadindo a Confederação Geral do Trabalho do Brasil, onde se achava localizada a Federação E.P. do R. de Janeiro, levou todo o material (restando apenas o livro de atas da fundação e algumas folhas de papel de cartas que se achava em poder do Secretário Geral da F.E.P. para correspondência).

Atualmente lutamos aqui para registrarmos os estatutos da F.E.P. do Rio a fim de melhor nos ajeitarmos (devido à reação) porém a burocracia burguesa exige grande dispêndio monetário e os nossos clubes são verdadeiramente pobres e muito sacrifício estamos fazendo para tal conseguir.

A F.E.P. do Rio, tem vinte clubes aderentes genuinamente operários, sendo (praticamente) regularmente desenvolvidos; possuindo dentre eles, além do futebol, basquetebol, pingue-pongue, atletismo ligeiro, arte cênica e seção feminina, embora que vivendo com dificuldades.

As frações comunistas existem aqui no Rio nos clubes sindicais, e nos clubes locais, contamos um bom número de simpatizantes. Em Santos somente existe o comitê provisório, sendo bastante necessário enviarmos para lá um instrutor, pelas razões de dificuldades financeiras, (como já citamos) ainda não pudemos enviar um da Comissão Nacional de Esportes para esse fim. No Rio Grande do sul, existe somente um jovem que é o Secretário Geral contando também um número de simpatizantes que o auxiliam.

O movimento esportivo sindical, aqui no Rio, é bom [;] contamos oito clubes que aguardam a palavra de ordem da Federação.

Muitos são os clubes de oficinas, fábricas, usinas etc.. Uma grande parte está com dirigentes pequenos burgueses e com o patronato, esperamos o desenvolver da Federação para arrastá-los, porque uma boa parte dos jogadores são sócios dos sindicatos.[273]

Como se vê, apesar da repressão, da falta de recursos para legalizar a federação carioca e da falta de confiança no trabalho dos militantes dos estados, o tom geral era de otimismo. Segundo esse balanço os comunistas dirigiam pelo menos 30 clubes – 11 no RS e 19 no RJ – e contavam com a adesão de outros, sem falar na situação de Santos, para a qual não se apresenta números.

Entretanto, já em setembro, o 2º Plenum do CC da FJCB não parecia tão animado com o desenrolar dos acontecimentos esportivos. Até este momento, ao comunicar a situação brasileira para as instâncias superiores internacionais, a FJCB procurava passar a melhor impressão possível, mas nos comunicados

[272] Okrana era a polícia política do Czar; os comunistas adotaram o termo como gíria para referirem-se às polícias políticas que os combatiam.

[273] *Carta do Secretariado do Comitê Central da F. da J. C. do Brasil ao Secretariado Sul-americano da Internacional Juvenil Comunista*, 5 ago. 1929, manuscrita.

dirigidos às células e às instâncias inferiores brasileiras, o tom era outro. Assim é que a circular distribuída às células em outubro de 1929, dando conta do teor das discussões do 2º Plenum, afirma em relação à "questão esportiva" que "também se fizeram várias críticas ao trabalho que vinha sendo feito, trabalho só de superfície sem instruir as células de como se deve realizar o trabalho desportivo de base isto é de formação e de penetração nos pequenos clubes de esquina". Apesar das críticas, o Plenum esperava que a Federação dos Esportes Proletários estivesse constituída e ativa em meados de 1930, para preparar equipe brasileira para a "Spartakiada Latino Americana".[274]

A partir de janeiro de 1930 as dificuldades de organização vão se impondo no discurso presente nos relatórios. Mesmo naqueles dirigidos às instâncias internacionais o otimismo foi em grande parte refreado, predominando o relato dos obstáculos, seguidos de pedidos de ajuda. Neste mês, "Leôncio" assinou relatório da FJCB afirmando que "uma atividade bem desenvolvida e conseguiremos o nosso objetivo. Mas dificuldades de ordem técnica e econômica dificultam o nosso trabalho". Tais "dificuldades técnicas" eram a falta de comunicação com o "Sportintern" – provavelmente o comitê executivo da Internacional Vermelha dos Esportes –, a perda do material impresso da Federação do Rio de Janeiro, que já havia sido relatada anteriormente, o tamanho do Brasil e a falta de dinheiro para passagens.[275] Carta com idêntico teor havia sido endereçada ao Secretariado Sul-americano Juvenil, dez dias antes.[276]

Em meados do ano, o tom já era de completo desânimo. Fazendo um balanço do ano e meio de trabalho a que os comunistas já se haviam dedicado para a construção da federação esportiva carioca, chegava-se à conclusão de que muito pouco se realizara, tendo essa federação existido "unicamente no papel". Explicitava-se a falta de recursos que cobrissem as exigências para conseguir o registro da federação na CBD ("200.000 réis", "campo oficial"), o que fez vários clubes abandonarem a federação pela não realização do campeonato. Informava-se

---

[274] *Circular sobre o 2º Plenum do CC da FJCB*, 25 out. 1929, datilografada.

[275] *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil*, 13 jan. 1930, p. 3, datilografado.

[276] "No terreno esportivo, apesar das grandes possibilidades que a situação oferece, no Rio pouco temos feito". *Carta da Federação da Juventude Comunista do Brasil ao Secretariado Sul-americano Juvenil da Internacional Juvenil Comunista*, 3 jan. 1930, datilografada.

também que a federação de Santos desaparecera, sem que se soubesse os motivos e que "em São Paulo, Sertãozinho, Ribeirão Preto, Petrópolis, nada temos feito no terreno esportivo". Apenas os "camaradas do Rio Grande do Sul e de Vitória têm realizado nos últimos meses um bom trabalho esportivo".[277]

Segundo o autor da *Situación* o problema era não ter na direção do trabalho esportivo "camaradas decididos e dispostos ao sacrifício". As causas do fracasso, portanto, estavam muito mais relacionadas a problemas de quadros do que à falta de recursos, ainda que estes não fossem desprezíveis:

> O P.C.B. em parte tem culpa em tudo isto, uma vez que nas células do partido não existe um só encarregado esportivo.
>
> [O] Encarregado Geral Esportivo do Partido não faz nenhum trabalho prático. Não discutem questões esportivas (...)
>
> O Encarregado Esportivo da Juventude abandonou nossa Federação, não tendo sido substituído até esta data. Nosso C.C. há muito que não tem nenhum informe sobre o trabalho esportivo.[278]

Em outubro, quando o sonho de montar uma equipe para a Spartakiada havia se esfumado, reconheceu-se que "organizações burguesas" como a Associação Cristã de Moços e os clubes burgueses conseguiam mobilizar com muito mais eficiência a "massa proletária". O erro comunista, que permitiu à burguesia conservar-se absoluta no campo esportivo, foi que

> depois de perdermos tempo e energia em um trabalho burocrático, não pudemos fortalecer a nossa influência em todos os clubes e na própria Federação Esportiva, realizando um

---

[277] *Situación de la juventude proletaria del Brazil*, incompleto, sem data, sem assinatura, datilografado. O que permite situar sua data em meados de 1930, aproximadamente junho ou julho, é a menção à realização próxima da Spartakiada Latina Americana (realizada no segundo semestre daquele ano, no Uruguai), acompanhada da esperança de ser ainda possível organizar uma equipe brasileira para participar. Além disso, os documentos microfilmados no rolo 8 estão em ordem cronológica, e este relatório aparece logo após carta datada de 5 de junho de 1930. O fato de estar escrito em espanhol sugere ser um informe ao Secretariado Sul-americano da IJC. Por motivos que se vê a seguir, o autor não é o encarregado esportivo da FJCB.

[278] Ibid.. Não se trata de Leôncio Basbaum, que já se havia transferido da FJCB para os quadros "adultos" do PCB, em meados de 1929.

verdadeiro trabalho de conquista de massas. *Todos esses fatos permitiram a rápida desorganização de nossas organizações esportivas*.[279]

O tom de lamento não abandonará mais os documentos comunistas que tratam do esporte, até o final do Estado Novo, exceto por um breve interlúdio no primeiro semestre de 1935. O discurso passou a ser cada vez mais o de que "precisamos retomar o trabalho", "o trabalho foi abandonado", "nossos clubes estão desorganizados". Contudo, o tom apocalíptico da última citação não deve levar-nos a pensar que todos os clubes controlados pelos comunistas desapareceram. Alguns permaneceram, mas sua presença era muito tênue, não cumprindo a tarefa de servir de polo aglutinativo das "massas proletárias" e muito menos como um espaço de educação política.

O Bureau Sul-americano da IJC percebeu isto. Comentando em tese o trabalho da FJCB, afirmou que este enveredou por um "desvio" que consistiu em "retirar-lhe [do trabalho esportivo] todo o aspecto político de classe, para 'facilitar' o nosso trabalho entre as massas e, ao mesmo tempo, evitar a repressão policial". Recomendava, então, que "a Federação da Juventude Comunista deve organizar os clubes operários não só com o intuito de praticar o esporte ou ligar-se simplesmente com as massas, e sim como um meio para que possa estender e organizar o trabalho revolucionário".[280]

Mas estava difícil. Os informes, durante o ano de 1931 não eram animadores. Ao mesmo tempo em que o CC da FJCB recomendava aos "camaradas" do Norte-Nordeste que seguissem o exemplo dos pernambucanos,[281] esses informavam ao CC que a situação esportiva no estado ia de mal a pior: "existe [sic] dois times sobre [sic] o nosso controle [,] todos dois quase fracassados à falta de auxílio nosso; existe [sic] dois sobre [sic] o controle do PC com os quais

---

[279] *Boletim Interno da Juventude Comunista do Brasil*, n.º 1, out. 1930, p. 4-5, datilografado. Itálico meu.

[280] *Tese do Bureau Sul Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil*, sem data, p. 47, impressa.

[281] *Resolução sobre a conferência do Nordeste e Ext.-Norte, do Secretariado Político do C.C. da FJCB aos camaradas das Regiões Juvenis do Nordeste e Extremo Norte do Brasil*, 23 jul. 1931, datilografada.

não temos nenhuma ligação".[282] Como tarefa imediata da FJCB, no início deste ano, estava o "reerguimento da [federação esportiva] do Rio Grande do Sul", o que nos revela que aquela que em 1929 era elogiada por conseguir realizar um campeonato de futebol havia se desarticulado.[283]

No final de 1932, a juventude comunista tentou sair do marasmo, e começou mais uma vez por fazer autocrítica. O CC da FJCB reconheceu a preponderância de duas atitudes opostas entre os membros da juventude comunista, dois erros capitais no campo esportivo: o descaso com o esporte como fator de mobilização e de educação do "proletariado", e a aceitação do "esporte pelo esporte". Era a incorporação das críticas da tese do Bureau Sul-americano.

> Depois do esfacelamento, pela reação, da Federação dos Esportes Proletários, em 1929, até agora, nenhum trabalho sério temos desenvolvido nesse sentido. A tendência geral imperante em nossa Federação Juvenil Comunista [é] de que "não devemos nos preocupar com esportes", de que "não podemos organizar a Federação dos Esportes Proletários porque estamos na ilegalidade (...) Outra tendência, não menos perigosa e que deve também ser combatida fortemente, é o colaboracionismo com o inimigo. Muitos clubes criados ou conquistados sob nossa influência têm sido perdidos pelo relaxamento dos nossos próprios companheiros, pelo mau trabalho realizado por nossas frações e oposições, porém em grande parte, têm sido perdidos pela *concepção falsa e contra-revolucionária de realizar o esporte pelo esporte* que tira todo o conteúdo proletário e classista do nosso esporte.[284]

---

[282] *Carta do Comitê Regional de Pernambuco ao CC da FJCB*, 11 set. 1931, datilografada. Dois meses depois, a informação mais detalhada: "Temos desprezado ultimamente o trabalho esportivo. Até o Pioneiros fundado por nós está completamente desorganizado; o 1º de Maio fundado pelo departamento juvenil dos panificadores devido à desorganização deste está também desorganizado; em outros clubes nada temos feito". *Carta do Comitê Regional de Pernambuco ao C.C. da FJCB*, 22 nov. 1931, datilografada.

[283] "Plano Concreto de Tarefas para a Federação no período de 2 meses (março e abril) aprovado pelo Bureau Político", *Boletim Interno da FJCB*, n.º 3, fev. 1931, 2ª fase, p. 3, datilografado.

[284] "Resolução sobre o trabalho esportivo", in *Resolução do 2º Pleno do CC da FJCB sobre a situação do país e sobre a situação e tarefas da Juventude Comunista do Brasil*, sem data, datilografado. Itálico no original. Menções à realização da Olimpíada de Los Angeles (junho de 1932) e à "luta armada de 3 meses" (a chamada Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida entre julho e setembro) datam essa resolução para o final de 1932.

Em 1933 a avaliação ainda era negativa. Lembrava-se da tentativa de organizar a federação esportiva carioca, em 1929, como se tivesse sido o auge do movimento esportivo comunista, oposto a situação presente em que apenas "contamos com alguns clubes esportivos sob nossa direção e influência em algumas regiões como Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, etc.", mesmo esses, "clubes relativamente fracos".[285]

Em 1935, no bojo do processo de construção da Aliança Nacional Libertadora, seguindo a nova orientação da IC de "frentes populares", o movimento esportivo da FJCB teve um novo arranque. Em abril, explicando como estavam os trabalhos da juventude comunista no Rio de Janeiro, "Souza" defendia que um bom método para melhorar o trabalho e conseguir novos adeptos seria "centralizarmos o centro [sic] de gravidade do trabalho celular para as organizações de massas: clubes esportivos, associações culturais, tiros de guerra, associações femininas, clubes recreativos (...)" e dá exemplos para demonstrar que seu método era eficiente: informa que as células de Catumby, do Morro do Pinto e da Cruzeiro, na cidade do Rio de Janeiro, controlam clubes esportivos e com isso aumentaram seus adeptos e simpatizantes.[286]

O otimismo voltara. Mesmo assim, reconhecia-se que havia muito o que fazer no terreno esportivo. Em junho, às véspera da realização do Congresso da Juventude promovido pela ANL, informava-se que no Rio de Janeiro a "Zona Esportiva (...) é a mais fraca [do que as Estudantil, Têxtil e Sindical]". Trabalhava-se pela formação de uma "União dos Pequenos Clubes", perseguindo a meta de enfim conseguir realizar um campeonato de futebol. Esta "Zona" contava então com "5 células", o que nos dá uma idéia do quão diminuta era a ação comunista. As "células":

> Morro do Pinto (clube Antártica com 40 sócios), com 5 elementos.
> Catumby (bloqueia 3 clubes), com 9 elementos.
> Largo do Machado (é de um clube), com 5 elementos.
> Gávea (Gávea Sport Club), com 9 elementos, quase não funciona.

---

[285] *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil apresentada pelo camarada Arnaldo no Secretariado da América do Sul e do Caribe do Comitê Executivo da IJC*, 24 mar. 1933, p. 20, datilografado.

[286] Souza, título ilegível, *Boletim* [do CC da FJCB], n.º 1, abr. 1935, datilografado.

Itapiru (bloqueia o Navarrinho), com 5 elementos.[287]

A situação em São Paulo não era melhor – havia "2 células de clubes" –, mas a militância demonstrava estar qualificada pois apresentaria uma "tese esportiva" no referido congresso.[288]

Vivia-se, portanto, um clima de grande expectativa. A criação da ANL, cuja fundação data de 23 de março de 1935, e as atividades organizadas por ela que se seguiram até junho, como a fundação da Liga de Defesa da Cultura Popular (16 de abril), a realização do Congresso de Unidade Sindical (28 de abril – 12 de maio), as manifestações de rua (1º de maio, 13 de maio, entre outras), as lutas contra os integralistas, apresentavam-se aos comunistas como os preparativos da revolução, que já estaria a caminho. Desta expectativa da revolução social iminente participava também a FJCB, que encarava o Congresso da Juventude como o ponto de partida para a criação de uma organização juvenil "de massa" ligada à ANL.[289] Quanto ao esporte, os jovens comunistas avaliavam que o trabalho era "fraco" mas estava evoluindo, juntamente com todos as outras atividades relacionadas a luta social.

A decretação da ilegalidade da ANL, em 12 de julho de 1935, e a repressão que seguiu à insurreição militar de novembro do mesmo ano desarticularam o trabalho esportivo comunista. Seguiu-se em 1936 a dissolução da FJCB pelo próprio PC, considerada dois anos mais tarde um grande erro, uma vez que à FJCB cabia colocar em prática um "programa que abrisse à mocidade brasileira maiores horizontes para a concretização de suas sentidas aspirações [que] deveria compreender uma campanha juvenil pela cultura popular ampla, pela proteção à recreação e ao esporte dos jovens".[290] São os últimos estertores do discurso esportivo comunista neste período, emudecido doravante até o final do Estado

[287] "Informe sobre a região do Rio da FJCB", in *Relatório do CC da FJCB*, 5 jun. 1935, p. 4, datilografado. *Bloquear* parece ser um jargão utilizado para dizer que os comunistas controlavam um clube que não havia sido criado por eles próprios.

[288] "Informe da região de São Paulo da FJCB", ibid., p. 6-7.

[289] Conforme Marcos del Roio, *A classe operária na revolução burguesa...*, op. cit., p. 283-294, passim.

[290] *A Classe Operária*, jan. 1938, p. 3, coluna "Vida Juvenil".

Novo. Novamente se proclama qual o trabalho que está por fazer; novamente se pretende despertar a juventude

> contra os seus inimigos que são afinal os mesmos inimigos das massas trabalhadoras do proletariado e da pequena-burguesia, nas cidades e nos campos, os quais impedem à juventude a cultura, a diversão, o esporte, o trabalho higiênico e bem remunerado.[291]

Não tê-lo feito, esse despertar, era uma das causas do fracasso do levante de 35, segundo a conclusão a que chegou Honório de Freitas Guimarães (Martins) em relato apresentado a Moscou, em 1938. Explicando a pequena adesão comunista nas forças armadas argumentou que "nós não sabíamos utilizar possibilidades legais de trabalho de massa (no Exército e Marinha), como clubes de dança, *esportes* etc." [292]

[291] *A Classe Operária*, mar. 1938, p. 5, coluna "Vida Juvenil".

[292] Martins, "Rapport sur le soulèvement du 27 novembre 1935, à Rio", Moscou, datilografado, 5 abr. 1938, apud William Waack, *Camaradas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 126. Itálico meu.

3. O debate nos anos 30 e 40

Após 1935, a divergência de esquerda, incluída aí a das lideranças anarquistas e comunistas, praticamente desapareceu sob a repressão. Suprimida a liberdade de expressão e presos muitos ativistas, o pouco espaço de comunicação que restou para estes setores foi ocupado pelo discurso político, dada a premência da luta contra o autoritarismo. As questões esportivas, nas quais o ativismo não havia conseguido nenhuma proeminência – para negá-las ou para controlá-las –, ficaram esquecidas. Quando ainda conseguiram fazer circular *A Classe Operária*, em 1938, os comunistas se reportaram ao esporte como um meio de conseguir a adesão das massas. Mas foi um estertor. Doravante, até o final do Estado Novo, o ataque ao esporte só foi possível de posições à direita, ou pelo menos não facilmente identificáveis como à esquerda. E serão sobretudo ataques ao *futebol*, pois nesse momento, sem dúvida, ele cristalizou-se como a modalidade esportiva *nacional* por excelência.

A despeito dos esforços do próprio Estado ou de educadores e aficionados pelo desenvolvimento do gosto por outras modalidades, o futebol disparou na preferência tanto de setores populares como de elite. O propalado apego de Vargas ao golfe dava ao chefe de Estado distinção, identificando-o às estrangeirices de certos setores das camadas dominantes, e portanto, a elas próprias.[1] Mas o grande líder não se furtou de posar diante da multidão ao lado de jogadores de futebol quando de vitórias nacionais, como em 1932 (Copa Rio Branco) e em 1938 (Copa da França). Pragmático, sonhava com o perfil atlético grego enquanto se aproveitava das conquistas mestiças.

A performance da seleção brasileira de futebol na Copa da França, o terceiro lugar conquistado, o sentimento generalizado de injustiça pela derrota diante da seleção italiana,[2] Leônidas artilheiro da copa, a excelência dos jogadores brasileiros apresentada pela imprensa européia – "les rois du foot-ball", segundo a imprensa esportiva francesa

[1] Identificação necessária para o oligarca gaúcho ser melhor aceito na cosmopolita Rio de Janeiro?

[2] Domingos da Guia derrubou Piola dentro da área e o árbitro marcou pênalti, convertido em gol. O que se discutiu, e muito, é que a bola estava fora de jogo, e que portanto a marcação prejudicou a seleção brasileira, que já perdia por 1 a 0. A derrota para a seleção italiana pelo placar de 2 a 1 excluiu a seleção brasileira da decisão do título e a levou a disputar o terceiro lugar contra a seleção sueca, vencendo por 4 a 2.

–, as transmissões radiofônicas das partidas,[3] a exibição dos jogos nos cinemas à medida que a competição se desenrolava, em películas da 20th Century Fox, a grande cobertura dos principais jornais, todos esses fatores colaboraram para firmar o futebol como "paixão nacional". Some-se a vigência de um Estado autoritário repressor do dissenso e interessado em se aproveitar dessa modalidade esportiva tanto por ver nela um instrumento de controle do tempo livre como para lhe tomar emprestada a popularidade, e se terá recuperado algo da importância de 1938 para o futebol no Brasil.

Já foi delineada aqui uma tradição antifutebolística dentro da tradição maior de oposição ao esporte. "Jogo de burros escoiceadores" para os anarquistas, "conspícuas patadas na bola" para Lima Barreto, passando por Carlos Sussekind de Mendonça e Fernando de Azevedo, entre outros, o futebol tornava-se objeto de análises desfavoráveis à medida que se difundia. Os demais esportes, porém, não foram esquecidos. Comecemos, entretanto, pela defesa do esporte.

3.1. O projeto autoritário de Tomás Mazzoni

Devemos partir deste princípio humano:
Onde há disciplina, há ordem e prosperidade.[4]

Nada apresenta melhor o discurso "integrado" sobre o futebol nesse momento do que a crônica esportiva. O acompanhamento diário das atividades dos clubes e do desenrolar dos campeonatos com o intuito de motivar os aficionados a acompanharem os espetáculos faz da crônica um depositário de vários argumentos a favor da prática futebolística em nossa sociedade.

---

[3] "Gagliano narrou diretamente da França, onde estava em disputa a III Copa do Mundo. Ele irradiou os cinco jogos do Brasil, para a cadeia das Emissoras Byington (formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo), em combinação com o Globo e o Jornal dos Sports, com o patrocínio exclusivo do Cassino da Urca (...) Muitas pessoas que não tinham rádio se aglomeraram no Largo do Paissandu, em São Paulo, e diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro, para acompanhar as narrações de Gagliano, ampliadas por alto-falantes. A irradiação chegou com alguns chiados, mas foi possível entender bem o som que ligava Brasil e França." Edileuza Soares, *A bola no ar*, São Paulo, Summus, 1994, p. 33. O comentarista nestas transmissões era Tomás Mazzoni.

[4] Tomás Mazzoni (Olimpicus), *Problemas e aspectos do nosso futebol*, São Paulo, A Gazeta, 1939, p. 170.

No início do século, os jornais noticiavam a realização das partidas, sem maiores comentários. Entretanto, o desenvolvimento subseqüente do esporte cuja principal característica foi a sua popularização, fez com que os jornais reservassem um espaço específico para a sua cobertura. E essa cobertura passou a promover o espetáculo. O passo seguinte foi o surgimento de periódicos dedicados exclusivamente ao mundo dos esportes, e que por isso mesmo, dependiam desse mundo para sobreviver, como o *Jornal dos Sports* carioca, fundado em 1932.

A despeito do surgimento dessa imprensa especializada, a importância das seções esportivas dos jornais ecléticos não foi diminuída. Em São Paulo, por exemplo, durante os anos 30, as seções esportivas de *A Gazeta*, de *O Estado de São Paulo*, do *Diário de São Paulo*, entre outros, seguiram debatendo e propagandeando – cada qual a seu modo, dentro da sua linha editorial – o mundo esportivo.[5]

Os interesses desses periódicos ligaram-se organicamente aos do esporte. Por um lado, alguns fizeram uma opção clara pelo mercado entendendo que dependia do interesse do público pelos acontecimentos esportivos a sua rentabilidade. Outros optaram pelo que consideravam uma missão educativa, tentando convencer os leitores a optarem por esportes ou atividades que melhor correspondiam às teorias correntes da educação física. De qualquer modo, buscaram incessantemente colaborar para que o esporte aumentasse seus adeptos, tanto em relação aos praticantes quanto aos aficionados. Cada periódico, à sua maneira, dedicou-se a propor medidas que levassem a uma melhor organização da estrutura esportiva, e alguns cronistas cumpriram um papel de destaque estabelecendo os parâmetros editoriais do jornal.

O período que precedeu a promulgação do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, com o qual o Estado Novo reorganizou o esporte no Brasil, foi intensamente marcado pelas discussões acerca da necessidade ou não de o Estado legislar sobre o tema e, em caso dele vir a fazê-lo, qual deveria ser o conteúdo dessa legislação. Um importante participante desse debate, em São Paulo, foi Tomás Mazzoni (1900-1970), que transformou a sua coluna n'*A Gazeta*, durante toda a década de 30, numa tribuna de

[5] Plínio J. L. de Campos Negreiros compara as posturas esportivas de *A Gazeta* e de *O Estado de São Paulo*, especialmente durante o Estado Novo, em sua tese de doutoramento *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40,* op. cit.. Para o que nos interessa aqui, ele ressalta muito bem as diferenças entre ambas as publicações: a adesão ao futebol (e ao mercado) de *A Gazeta*, e a preferência pelos outros esportes de *O Estado* (alinhado com os educadores, como Fernando de Azevedo).

defesa de idéias muito precisas sobre a necessidade de o Estado normatizar o esporte. Mazzoni não tinha em vista apenas a estrutura esportiva e a legislação; propunha regras de conduta para os torcedores, dirigentes, para a própria crônica esportiva e até para a vida privada dos jogadores – nada escapou ao seu furor normativo.

O eixo do seu pensamento encontra-se nas crônicas de 1930 a 1939 que o próprio Mazzoni julgou mais significativas e publicou no volume intitulado *Problemas e aspectos do nosso futebol.*[6] Estes textos oferecem um quadro claro do pensamento do autor, de suas propostas e de suas esperanças. Além das crônicas publicadas n'*A Gazeta*, publicou relato da participação da seleção brasileira de futebol na Copa de 1938, defendeu o esporte como cimento da pátria, participou de concursos literários.[7]

Mazzoni não era um estilista, muito ao contrário. A força do seu discurso não residia nos seus dotes literários e sim nas idéias que defendia. Elas estavam bem de acordo com o pensamento autoritário que boa parte do espectro das forças políticas de então comungava. O tópico recorrente é o diagnóstico de que a organização do esporte era falha, principalmente devido aos princípios liberais pelos quais se pautava, sendo por isso necessária a intervenção estatal na organização do esporte como medida corretiva. Nas suas palavras, "o esporte brasileiro somente poderá encontrar felicidade, tranqüilidade e progresso quando se ver livre dos vícios que o levaram à degeneração completa, à desordem e à desmoralização".[8]

3.1.1. Diagnóstico: liberalismo, indisciplina, desordem

Facções, clubismo, pessoalismo,

liberalismo, anarquias, tudo isso é lixo...[9]

O liberalismo era a fonte de todos os "males" do futebol brasileiro. A liberdade para que os clubes se organizassem em quantas entidades organizadoras de

---

[6] Tomás Mazzoni, *Problemas e aspectos do nosso futebol*, op. cit..

[7] Respectivamente: *O Brasil na Taça do Mundo* (1938), *O esporte a serviço da pátria* (1941), *Primeiro Concurso Literário Esportivo do S. Paulo F. C.* (1942).

[8] Tomás Mazzoni, *Problemas e aspectos do nosso futebol*, op. cit., p. 14.

[9] Ibid., p. 41.

campeonatos quisessem, muitas vezes numa mesma região, "enfraquecia" o futebol na medida em que muitos clubes com times de baixa qualidade técnica passavam a disputar os principais campeonatos[10]. Segundo Mazzoni, "como tem sido até agora, com o regime de livre ação, nenhuma paz, nenhuma organização pode garantir o bom futuro do esporte brasileiro". [11]

Não apenas nas entidades organizadoras dos campeonatos o liberalismo era nocivo; também nos clubes as disputas em torno dos cargos punha em perigo a unidade necessária ao sucesso. Os debates irritavam Mazzoni, que os considerava estéreis e desmoralizantes, "conversa fiada", único sentido em que emprega a palavra *política.*

> Que têm representado os "conselhos", as "Comissões", as "Assembléias" e outros órgãos e conclaves políticos? São sem tirar nem pôr a Câmara de Deputados, o Senado, onde no antigo regime se discutia fiado, onde se fazia política e nada mais.[12]
>
> Enquanto deixarmos a cargo de assembléias, de correntes partidárias e de ambições pessoais a escolha dos postos diretivos nos clubes, nas nossas entidades, é inútil tentar-se qualquer passo em prol desse melhoramento.[13]

As "cisões" sempre eram provocadas pelos principais clubes, descontentes com alguma atitude da entidade a que estavam filiados. Não conseguindo fazer valer seu ponto de vista, um "grande" clube descontente criava uma nova entidade a qual filiava outros "pequenos", interessados em disputar com ele. Como resultado, as partidas eram desinteressantes para os espectadores que, desmotivados, deixavam de comparecer aos estádios. A iniciativa dos clubes de fundarem novas entidades, a "cisão", é caracterizada como ato de "indisciplina", que corrói a "autoridade", e que leva o futebol à "degeneração".

> A indisciplina é a sífilis do nosso esporte.[14]

---

[10] Até a década de 30, por três vezes o futebol paulista conheceu "cisões", com a coexistência de duas entidades estaduais: 1913-1917 (Liga Paulista de Futebol e Associação Paulista de Esportes Atléticos - APEA); 1925-1929 (APEA e Liga Amadora de Futebol); 1934-1937 (APEA - Liga Paulista de Futebol).

[11] Tomás Mazzoni, op. cit., p. 13.

[12] Ibid., p. 18.

[13] Ibid., p. 180.

[14] Ibid., p. 14.

> Até agora nada disso [organizar] temos feito nesse terreno. Ao contrário... tudo foi desvirtuado, tudo falhou e degenerou, inclusive a base mestra do esporte: a disciplina![15]

Funcionando ao mesmo tempo como motor e como resultado das "cisões" estava o "clubismo". Tratava-se de uma paixão irrefreável pela qual estavam tomados os dirigentes dos clubes. Levados por ela, defendiam nas entidades apenas os interesses dos seus clubes ainda que essa defesa fosse "nociva" ao interesse geral. A acomodação dos diversos interesses dava margem a acordos que, segundo Mazzoni, desmoralizavam o esporte, pois a sua base era a impunidade.

> O "association" brasileiro tem dado a impressão de uma fábrica próspera, dinâmica, mas muito mal dirigida, com fases até de verdadeiros colapsos (...) É eterna a crise de direção do nosso futebol (...) Os diretores infelizmente especializam-se em política. Aprendem a arte maquiavélica da politicalha com perfeição. Sua missão é, antes de tudo, trabalhar pelos seus clubes, e nada para a coletividade.[16]
>
> [O dirigente é] um político e não um técnico, um fanfarrão não um orientador, um apaixonado e não um esportista, um demolidor e não um construtor, um falso idealista, enfim![17]

Essa "sífilis" alastrou-se também para as partidas, nas quais a autoridade dos árbitros era solapada não só pelos jogadores mas principalmente pelos dirigentes. Em vários textos Mazzoni trata das arbitragens, sempre isentando os árbitros das confusões que "truncavam" as partidas sem que nenhuma punição fosse aplicada aos responsáveis. Segundo ele, muitas partidas não terminavam, pois os jogadores e dirigentes de uma equipe, discordando de alguma decisão do árbitro, deixavam o campo, não sem antes tentar agredi-lo.

> Os dirigentes não sabem impor disciplina, deixam os jogadores abusar e vão [sic] a campo com má vontade.[18]
>
> Os futebolistas são os menores culpados dos incidentes que provocam. Se temessem a justiça do futebol, o rigor dos clubes, não teriam péssimo comportamento.[19]

---

[15] Ibid., p. 41.

[16] Ibid., p. 51.

[17] Ibid., p. 180.

[18] Ibid., p. 133.

[19] Ibid., p. 170.

O único recurso empregado para pôr fim à rebeldia era a força policial que, invadindo o campo, reprimia o confronto. Para Mazzoni, entretanto, os problemas do futebol "não eram casos de polícia"; o esporte dispunha de mecanismos próprios para manter a disciplina e a ordem; se não eram empregados, isso se devia à "paixão clubística". Assim, o recurso à polícia era mais um fator de desmoralização do esporte brasileiro, mais uma demonstração da imaturidade dos dirigentes.

> A disciplina somente deve ser cultivada pelo próprio rigor das leis esportivas e não com prisões e chanfalho (...) O problema da nossa educação esportiva não é policial.[20]
>
> A disciplina em nosso futebol não deve ser cultivada com a polícia, mas com as leis do esporte.[21]

Entretanto, Mazzoni faz questão de ressaltar que não adianta trocar esses dirigentes pois o "mal" não está nas pessoas mas na forma como o futebol está organizado, no "liberalismo" que quebra a disciplina, o respeito às regras, minando toda a estrutura com o vírus da "desordem".

> Nas nossas entidades, para se ser bom diretor, deve-se demonstrar pouco espírito realizador e muita habilidade política, porque esta é de lobos, como temos tido muitas vezes. Um deve devorar o outro. A coletividade, para eles, deve estar sempre em segundo plano.[22]

Quebrou-se assim, ou melhor, não se constituiu o princípio da hierarquia, tão caro a Mazzoni ("Não existem princípios hierárquicos"[23]) o que fazia o desrespeito às regras deixar de ser exceção. Cientes de que nenhuma punição seria aplicada pela fraqueza da autoridade hierarquicamente superior, jogadores e clubes (e segundo Mazzoni os responsáveis eram estes e não aqueles) abandonavam o "espírito esportivo", entregando-se a todo tipo de comportamentos "degenerados", como agressão a árbitros, abandono de campo, "cisões".

---

[20] Ibid., p. 34.

[21] Ibid., p. 169.

[22] Ibid., p. 52.

[23] Ibid., p. 18.

Nem se poderia afirmar que o "mal" era recente, fruto da adoção do profissionalismo, como queriam alguns "saudosistas". Apesar de falar em "degeneração", Mazzoni entendia que os defeitos da organização do futebol brasileiro haviam nascido com ele. Não poderia Mazzoni pensar de outra forma, pois essa era a conclusão lógica do argumento de que o liberalismo era a causa principal dos problemas. Como a implantação e organização do futebol no Brasil deu-se pela "livre iniciativa" de rapazes que voltavam dos estudos na Europa, no final do século XIX, os clubes e as entidades eram resultado da vontade dos aficionados. Como a 1ª República pautava-se pelo liberalismo, o Estado absteve-se de se imiscuir nessa atividade. Daí Mazzoni afirmar que

> Todos esses defeitos, todos esses maus hábitos são herança dos esportistas do passado! A degenerência [sic] do espirito esportivo veio de longe.[24]
>
> Tudo que está aí "apodrecido" começou a se "bichar" e nada se fez em contrário desde que se fundou o primeiro clube, que se jogou a primeira partida de futebol entre nós...[25]

O "mal" podia, sim, se intensificar pela ação da imprensa. Na década de 30 ela já era a grande responsável pela promoção dos espetáculos. Segundo Mazzoni, podia fazê-lo de maneira adequada ou não. Tinha portanto uma grande responsabilidade pelos acontecimentos do desenrolar das partidas. Muitas das confusões em campo eram o resultado das declarações de jogadores e dirigentes nos dias que precediam as partidas, que provocavam os adversários e açulavam a torcida contra eles.

> A imprensa, no mais das vezes, é quem forma o ambiente (...) se é escandalosa e perniciosa, envenena o ambiente. Os jogadores vão a campo mal intencionados, os "torcedores" ficam de prevenção contra tudo que não seja do seu lado, degeneram, e a tara da indisciplina, que é horrivelmente anti-esportiva quando se manifesta no futebol indígena, tudo desvirtua, tudo arruina.[26]
>
> A imprensa esportiva é quem faz o "choro", cria rivalidades e às vezes ódios, mesmo porque o "choro" não é mais do que um desabafo da paixão bairrista, e que quanto mais se alimenta, mais cega fica.[27]

---

[24] Ibid., p. 60.

[25] Ibid., p. 61.

[26] Ibid., p. 31.

[27] Ibid., p. 68.

A imprensa era, portanto, uma das principais culpadas pelo estado degenerado do esporte nacional. Não só porque açulava os espíritos, mas também porque não cumpria o que Mazzoni considerava uma de suas tarefas precípuas, a de educar os leitores, ensinado-lhes as regras dos esportes para que pudessem acompanhar as partidas entendendo as decisões dos árbitros, principalmente aquelas tomadas contra a equipe da sua preferência. A irresponsabilidade da imprensa estava caracterizada então também por não disseminar a "cultura esportiva":

> Grande culpada em primeiro lugar pela nossa inferior cultura esportiva é a imprensa, porque, salvo honrosas exceções, sempre se tem preocupado apenas de suas paixões partidárias e de sensacionalismos reles, nada instruindo, nada fazendo para generalizar os conhecimentos esportivos.[28]

Mas o que se podia esperar da imprensa esportiva, se perguntava Mazzoni, se as condições de trabalho desses profissionais eram absolutamente degradadas pelas próprias empresas jornalísticas que os empregavam. Da maneira como estava posta a profissionalização do cronista esportivo, não se poderia esperar muito do seu trabalho. Aliás, nosso autor esperava que continuassem perpetuando a degeneração do mundo esportivo. Eis como ele relatava a condição do cronista:

> Vivendo de insignificante ordenado, ou deficientemente recompensado em relação aos outros redatores especializados, apesar do seu trabalho ser intenso (...) como poderemos ter uma classe de jornalistas esportivos que se dediquem de corpo e alma e com ética à sua profissão? Eis porque a classe tem estado ao alcance de elementos nocivos, destituídos de qualquer cultura especializada, improvizando-se o crítico esportivo da noite para o dia, prevalecendo ou mesmo sendo preferido o descobridor de escândalos e o fazedor de intrigas ao invés de surgirem os educadores e orientadores (...) É sabido que a parte mais podre dessa imprensa não tem hoje sequer escrúpulos de viver de "chantage"! Os dirigentes têm pavor a essas "chantages", aos

[28] Tomás Mazzoni (Olimpicus), *O esporte a serviço da Pátria*, São Paulo, s/e, 1941, p. 84. A "incultura" dos cronistas esportivos era provada por Mazzoni como uma experiência pessoal, uma vez que os seus livros, que pretendia serem exposições da "doutrina", não eram lidos: "(...) uma obra doutrinária e que deveria ser lida por todos que se interessam pelo progresso do "Association" brasileiro, ou seja o livro "Problemas e aspectos do nosso futebol", foi um fiasco completo!". Idem.

> insultos, às difamações e atendem a tudo que se lhes exigem!... Conhecem-se casos de extorsão de dinheiro aos próprios jogadores, aos árbitros!...[29]

O resultado desse comportamento podia chegar a ser absolutamente desonroso para o jornalismo em geral, e para Mazzoni em particular, como se verificou em 1939:

> Que maior exemplo poderemos ter de irresponsabilidade e perniciosa ação dessa parte contaminada e nociva da nossa crítica esportiva senão aquele da própria "Copa Roca" e do Campeonato Brasileiro [de futebol] de 1939? Em São Paulo e no Rio essa crítica abandonou-se a tal campanha de confusão e derrotismo que sucedeu um caso virgem na história esportiva, não somente no Brasil como na América do Sul a de um jornal ter sido censurado e depois suspenso por alguns dias![30]

Contudo, a imprensa podia desempenhar um importante papel na promoção das partidas interestaduais, amenizando rivalidades ao invés de excitá-las, como era o mais comum. Tais partidas deviam colaborar, para Mazzoni, para a integração nacional, essa era a sua "nobre missão", e a imprensa devia contribuir para que as coisas corressem bem, uma vez que o "futebol interestadual (...) tem por finalidade fazer conhecer-se, unir e querer bem os brasileiros, das diferentes regiões!" [31]

A "massa" de aficionados, os torcedores, Mazzoni a dividia em dois grupos: os sócios, que freqüentavam as sedes, participavam da vida diária dos clubes e tinham lugares reservados no estádio do seu clube, e os simpatizantes, que acompanhavam a vida do time pela imprensa e as partidas, nas "gerais", lugares de visão menos privilegiada e com ingresso pago. Os primeiros eram parte dos causadores de confusões durante as partidas, ainda que Mazzoni explicasse suas atitudes irracionais pela paixão que nutriam pelo clube e que a estrutura degenerada do futebol não conseguia disciplinar. Os segundos, pouco citados, eram inocentados de qualquer culpa e constituíam-se nos grandes prejudicados pelas confusões, que os educavam na "anarquia".

---

[29] Ibid., p. 88. Notar que a descrição é semelhante à caracterização elaborada por Adelino Magalhães em "Na redação do 'Justiceiro'". O que Adelino chamava de "cavação" agora é "chantage".

[30] Ibid., p. 94.

[31] Tomás Mazzoni, *Problemas e aspectos do nosso futebol*, op. cit., p. 32.

A massa associativa de um clube, os afeiçoados que o sustentam, apenas têm contato e se empolgam com o seu grêmio em campo. A sua única e grande satisfação é ver o "onze" predileto vencer (...) É assim a psicologia do publico futebolístico (...) É essa a psicologia do futebol, esporte que domina e apaixona as massas...[32]

> Por que as arruaças nunca partem do público das gerais, que não é "sócio"? (...) Tais agressões aos juízes e outras cenas apaixonadas começam sempre nas arquibancadas de sócios, às vezes animadas pelos próprios dirigentes.[33]

[32] Ibid., p. 161-162.

[33] Ibid., p. 35-36.

3.1.2. Profilaxia: hierarquia e disciplina

Devíamos impor a disciplina...

a ferro e a fogo, até sanar o mal.[34]

Se o "liberalismo" era a fonte do mal, o remédio devia passar pelo seu abandono em favor de uma estrutura autoritária. Essa nova postura faria com que os clubes se submetessem a decisões emanadas do alto, de escalões hierarquicamente superiores. Segundo Mazzoni, assim se acabaria com a "política clubística" pois se retiraria dos dirigentes de clubes qualquer poder para tomadas de decisões nas entidades. Ao mesmo tempo, como não estava submetida aos interesses dos clubes, a nova diretoria das entidades conseguiria impor as penalidades que coibissem a "rebeldia". Ficava, portanto, excluída a possibilidade do dissenso e, por conseguinte, todos os clubes permaneceriam aglutinados na mesma entidade.

> Um dos grandes problemas que o esporte oficializado, como função do Estado Novo, tem que resolver é justamente esse: os clubes devem obedecer e não mandar (...) Garantida assim a impossibilidade do dissídio, garantir-se-á a ordem e a obediência permanente dentro das respectivas entidades que assim saberão cultivar a disciplina.[35]

Deixava, pois, o cargo de dirigente de ser preenchido por eleições, essa fonte de discórdias e "politicalhas", que só seriam dirimidas com "a criação do cargo de confiança, a obediência aos órgãos superiores, à hierarquia".[36] Mesmo nos clubes, as eleições continuariam existindo todavia controladas pelas "autoridades superiores". Em outras palavras, propunha que as eleições se transformassem num simulacro, já que apenas os nomes previamente aceitos pela hierarquia teriam sua eleição confirmada: "Formar, na direção das entidades regionais, nacionais e clubes, uma

---

[34] Ibid., p. 238.

[35] Ibid., p. 97. É importante frisar que Mazzoni sempre se refere às tarefas do Estado Novo como por fazer. Ele tinha o desejo de que o Estado Novo encapasse suas idéias, mas a insistência nas proposições demonstra que outros projetos também encontravam eco na política esportiva estadonovista. Estamos portanto diante de uma das vozes em disputa.

[36] Ibid., p. 179.

cadeia de confiança dos seus dirigentes, guiando o esporte para um só caminho pela voz do comando..."[37]

Considerando que os atuais dirigentes não tinham condições de levar adiante um processo de "moralização" do esporte, por suas atitudes infantis e egoístas, somente a tutela do Estado poderia pô-los no bom caminho. Seriam, portanto, nomeados a partir de cima, numa escala hierarquizada, em cujo cume estava o próprio chefe de Estado, o "chefe supremo".

> O seu cargo [do dirigente] será de confiança, quer seja na entidade, quer seja no clube (...) Nada de cargos por eleições através de cambalachos politiqueiros ou de proteções pessoais. Todos devem ser responsáveis perante os seus superiores hierárquicos pelo bom desempenho das suas funções. O chefe supremo deve ser responsável perante o Estado; o presidente da entidade nacional perante aquele chefe, o presidente da entidade regional deve dar conta da sua ação ao seu superior federal, o mesmo deve acontecer com o presidente do clube (...) nunca um esportista será eleito para qualquer cargo sem a aprovação das autoridades esportivas superiores estaduais ou nacionais.[38]

Desta maneira, a monitoração das atitudes dos dirigentes por parte do Estado seria permanente. Apostando na isenção do Estado e na sua onisciência, Mazzoni acreditava que a rigidez hierárquica da nova estrutura impediria ações dispersivas. Contudo, caso elas acontecessem, seus promotores seriam sumariamente afastados e substituídos. Assim,

> quando [o dirigente] perder a confiança dos seus superiores, quando não seguir a orientação traçada pelos chefes, as diretrizes dos maiores responsáveis pela vida do esporte nacional, perderá o seu posto (...)[39]

Quais características deveriam ter as pessoas futuramente investidas para a regeneração do esporte brasileiro? Mazzoni apelava para o tecnicismo ("nas direções do esporte precisamos de técnicos, administradores apolíticos, enfim, de idealistas"[40]), única maneira ao seu ver de obstar a ação "politiqueira", viciada, dos dirigentes atuais. Considerar o técnico um ser apolítico era supô-lo estranho às disputas mesquinhas, com

---

[37] Ibid., p. 155.

[38] Ibid., p. 75.

[39] Ibid., pp. 179s.

[40] Ibid., p. 155.

o pensamento direcionado unicamente para o bem do esporte. Não tendo que depender de "conchavos" com os dirigentes de clubes para chegar ao posto, e nem sendo ele próprio ligado a direção de algum clube, se manteria neutro frente às disputas, e essa neutralidade era a garantia da justiça. Então as penalidades seriam aplicadas e, em conseqüência, por medo delas, dirigentes e atletas observariam a mais estrita disciplina, "acatarão as decisões superiores ante a inutilidade de questionarem, ressurgindo, pois, os princípios de obediência, e de disciplina há muito desaparecidos".[41] Uma das sugestões de Mazzoni é a de que se deve usar o "grande remédio":

> Usemos o castigo da interdição de campo e outras penas rigorosas, e ver-se-á como, em pouco tempo, dirigentes, sócios e adeptos terão, nos dias de jogos, o senso de responsabilidade, medindo bem as conseqüências dos incidentes para os seus clubes.[42]

Ao Estado caberia então instaurar a ordem. Em vão se esperaria que ela brotasse dos "conchavos" costumeiros nos quais os dirigentes estavam permanentemente envolvidos. Em vários momentos Mazzoni acalenta esperanças de que o Estado Novo conseguirá impor ao esporte a mesma estrutura hierarquizada que propunha para os outros setores da sociedade. Como um pai que educa um filho, com carinho mas também e principalmente com energia, o Estado Novo iria educar as "massas" dentro do espírito esportivo, regenerando a prática dos esportes no país.

> Esse é justamente um dos grandes serviços que o esporte requer dos nossos governantes mediante a oficialização, a tutela por parte do Estado Novo: (...) educar, disciplinar, incutir a todos os que lidam com o esporte o verdadeiro espírito esportivo (...) tanto deve ser disciplinado o dirigente como o jogador, o orientador e o simples espectador. (...) Dentro do espírito e da doutrina do Estado Novo, essa disciplina e o sentido de responsabilidade devem levar-nos a fazer do esporte o que realmente deve ser (...) força viva de uma nação.[43]

De tal modo que Mazzoni, se não se integrava ao grupo dos educadores que já estudamos, que tinham reservas aos espetáculos esportivos por não verem neles virtudes educativas, também não entendia o esporte como um fim em si mesmo. Para ele

---

[41] Ibid., p. 98.

[42] Ibid., p. 36.

[43] Ibid., p. 166.

também o esporte era um instrumento, um meio. Todos os seus textos partem da premissa de que a prática esportiva devia ser estimulada e regrada por ser algo muito além do que mera diversão. Explicitamente disse que

> O esporte é algo de mais sério do que se tem julgado até agora, erradamente, entre nós, especialmente de parte dos homens públicos (...) pois o que representa hoje em dia é muito mais importante do que simples brincadeira de rapazes sem preocupações, como se julgava no início do século e como infelizmente, certas mentalidades tacanhas pensam ainda hoje..."[44]

O que o esporte representava para ele, quais eram as suas funções na sociedade brasileira ficava claro já a partir do título do livro de que extraí a última citação. A construção da nação, essa obra que se pensava sempre inacabada e o mais das vezes mal começada, era o princípio que norteava todas as suas propostas. Mesmo defendendo o mercado muito mais do que os educadores, na medida em que valorizava o espetáculo esportivo – coerente com o fato de ser empregado de uma empresa privada –, Mazzoni não abdicou da defesa de um caráter educativo do esporte. Não propriamente como educação *física* da nacionalidade; sua defesa se pautava mais pelo que o esporte poderia incutir na população em termos de hábitos de respeito ao poder hierárquico e união em torno dos símbolos pátrios, entre os quais via as equipes ou os atletas que representavam o país em competições internacionais.

A defesa do Estado autoritário estava consoante com suas expectativas em relação ao esporte. Excluída a associação que ele faz entre República Velha e os conflitos do mundo esportivo, que o levava a acreditar na possibilidade de extinguir permanentemente esses conflitos, Mazzoni percebia que somente um Estado forte poderia se colocar acima desse mundo esportivo, normalizá-lo e controlá-lo, impossibilitando a eclosão de conflitos pela coerção. O que era próprio do esporte, o conflito, fruto de uma das suas características fundamentais, a competição, Mazzoni atribuía a causas externas a ele. Mesmo assim, percebeu que o esporte só promovia a decantada união nacional quando equipes brasileiras estavam em disputas com equipes estrangeiras. Por mais que esperasse que as disputas inter ou intra-estaduais promovessem a comunhão, percebia que o máximo a esperar era a contenção do conflito pela ação enérgica do poder estatal.

---

[44] Tomás Mazzoni, *O esporte a serviço da pátria*, op. cit., p. 30-31.

Daí o entusiasmo com outros estados autoritários. O grande modelo de Mazzoni (e aqui se pode supor que a sua ascendência contasse um pouco) era a Itália fascista (muito mais do que a Alemanha nazista). É o que o faz incorporar as idéias do fascista brasileiro Lourival Fontes que afirmou acerca do controle estatal do esporte que "os atletas passarão a ser reservas do Exército e da Marinha, como acontece na *Itália*. E quem se bate na pátria de Mussolini contra esse grande regime esportivo?"[45] Foi mais direto ainda ao escrever que

> A Itália fascista oferece o espetáculo da maior tentativa de educação estatal da juventude de que fala a História desde a antigüidade. Mesmo as nações que, como Esparta, usavam outrora um sistema semelhante, não tinham a grandeza e a complexidade de um Estado moderno. Por essa razão, a experiência que o fascismo tenta no domínio da educação é da mais vasta repercussão na vida dos outros povos (...) Na Itália, o esporte constituiu a base da educação de toda a mocidade, e a sua organização, que é das mais perfeitas, permite aguardar resultados compensadores.[46]

A opção pela Itália fascista como modelo a ser seguido levou-o a considerar os Estados Unidos como aquele a ser evitado. E aqui entramos mais diretamente nas suas idéias acerca da relação esporte-mercado.

A maior evidência de que o esporte havia se tornado uma mercadoria estava na profissionalização dos atletas. Para Mazzoni o processo através do qual o atleta se especializou e profissionalizou foi "natural", um corolário lógico do desenvolvimento da atividade esportiva. Diz ele que

> O jogador profissional de futebol é uma conseqüência natural da grande evolução desse jogo popular que conquistou as massas. Os que jogam futebol de categoria superior têm que se dedicar a ele, segundo o exige as atividades modernas dos clubes, durante toda a semana, porque são contínuas as viagens, os jogos, rigoroso o preparo, de modo que têm que estar constantemente afastados do seu trabalho. Um "ás" de futebol, portanto, além de empregar todo o seu tempo em servir seu clube, como o exige hoje o esporte-espetáculo, também não pode se dedicar a outras profissões eu lhe possam prejudicar suas formas técnicas e físicas. A eficácia de

---

[45] Ibid., p. 35.

[46] Ibid., p. 125-126. Essas manifestações de adesão ao fascismo são anteriores a 1942. Somente uma pesquisa nas suas crônicas posteriores poderão revelar sua atitude frente à posição assumida pelo governo brasileiro de aderir aos Aliados. À luz dessa adesão ao fascismo torna-se estranha a afirmação de Plínio Negreiros de que o autor é "reconhecido por suas análises ponderadas e serenas". Conforme Plínio J. L. de C. Negreiros, op. cit., p. 4.

> um "ás" de futebol depende de seu ótimo preparo, descanso, enfim, da sua melhor possível dedicação ao futebol.[47]

Nesta passagem Mazzoni assume também que o esporte seja entendido como um "espetáculo", como uma mercadoria, portanto. Ele considera que é impossível objetivar a situação defendida por alguns de que se possa ver a multidão dos espectadores praticando ao invés de assistir. A demonstração dessa impossibilidade é um tanto vaga, mas Mazzoni não tem dúvidas de que a torcida é a "alma da competição", tanto num espetáculo profissional como em um amador, pois sempre será espetáculo, uma exibição para outrem. Nosso autor não faz distinções fictícias entre amadorismo e profissionalismo esportivo, pois para ele o esporte é um só, obedece sempre a uma mesma lógica, e a sua prática tem sempre o caráter de exibição para espectadores, é sim atividade de "meia-dúzia". Só que, ao contrário de Carlos Sussekind de Mendonça, Mazzoni não vê nada de mal nisto.

Para se amparar e guarnecer o flanco, associa o esporte a atividades artísticas, as quais se realizam também através de performances, e que ninguém, pelo menos que ele conhecesse, em sã consciência, teria coragem de recusar:

> Curiosa teoria. Fosse assim e mandaríamos Bidú Sayão ou Guiomar Novaes para a platéia e para o palco as centenas de espectadores dos seus concertos... Não seria possível! Isso não impede que tenhamos uma legião de discípulos das "divas" e cultores do canto e do piano.[48]

Mazzoni não concebe essas atividades, sejam esportivas, sejam artísticas, senão como espetáculos: a platéia que lota o Pacaembu ele não quer vê-la praticando ali mesmo, local reservado para *experts*. Fosse outro autor e proporia que as pessoas que compõem a referida platéia fossem praticar por diletantismo, para o seu próprio gozo, sem intenção de se exibir. Não Mazzoni; ele propõe que os diletantes devam ir aos pequenos campos, e até aí parece estar no caminho do nosso autor fictício; mas acrescenta que excluir a platéia "nada mais seria do que a condenação à morte do esporte, não só espetacular como o próprio esporte amador. (...) Matar-se-ia, pois, o

---

[47] Thomaz Mazzoni, "Amadorismo, profissionalismo e os novos rumos do esporte", in *Primeiro Concurso Literário Esportivo do S. Paulo F. C. patrocinado pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo*, São Paulo, Legionário, 1942, p. 78-79.

[48] Ibid., p. 87.

esporte profissional e amador sem o público que o incentiva, que traz seu calor partidário, que é enfim a grande alma das competições."[49]

Apresentando uma proposta de classificação das modalidades esportivas, Mazzoni corrobora o que estamos defendendo ser a sua visão. Ele propõe dividir as modalidades em quatro categorias: "espetacular, amadora, recreativa, turística". Entretanto, logo a seguir esclarece que na categoria amadora está incluindo todas as modalidades de competição, exceto aquelas profissionalizadas. O que torna o uso da palavra "espetacular" para caracterizar a categoria profissionalizada enganadora; o leitor poderia pensar que amador não é espetacular, mas não é isso que pensa Mazzoni: o seu critério para separar as modalidades entre essas duas categorias é o de serem ou não profissionalizadas. Seguindo seu raciocínio, podemos concluir que, logo que uma modalidade se profissionalizasse, passaria à primeira categoria. Ora isto não acontece entre as duas outras categorias, recreativa e turística. O que classifica como modalidades recreativas e turísticas, a bem da verdade, nem esportes são (xadrez, pesca, caça, campismo, entre outras).[50] Isto deixa entrever que Mazzoni está, na verdade, operando com duas categorias, cada uma delas subdividida em outras duas; o critério da divisão é ser ou não ser espetacular: *esporte espetacular*, dividido em profissional e amador; *esporte diversão*, dividido em recreativo e turístico. De onde se conclui que o pólo espetacular é o que de fato lhe interessa, pois é a partir dele que o outro é definido.

Por fim, um ato falho de Mazzoni também pode ser outra pista de que estamos interpretando corretamente o seu pensamento. Ao concluir esta passagem do seu texto, omite a categoria amadora, incluindo-a na categoria espetacular, identificando-as. Escreve ele: "Estamos certos de que todos os esportes espetaculares, de diversão e de recreação, classificados devidamente, trariam um maior e melhor aperfeiçoamento a nossa organização esportiva."[51]

Por outro lado, era o dinheiro arrecadado pelo espetáculo profissional que subvencionava o esporte amador no Brasil, segundo Mazzoni, tanto nos clubes quanto através da CBD [Confederação Brasileira de Desportos]. Para o autor, fora o esporte profissional que sustentara as vitórias conseguidas pelo esporte amador, tornando

---

[49] Ibid., p. 88.

[50] Como utiliza o termo esporte em sentido amplo, incluiu aí atividades que não são praticadas de forma competitiva, o que não deixa de ser um contra-senso, que entretanto não interfere no que estamos afirmando.

[51] Ibid., p. 95.

possíveis, por exemplo, o tricampeonato de atletismo e o campeonato de natação sul-americanos, em 1941. Logo, os "puristas" que condenavam o profissionalismo deviam renunciar ao dinheiro assim conseguido pelo amadorismo, o que não faziam. Por isso eram falsos puristas, segundo Mazzoni.

Contudo, apesar de apoiar o "espetáculo" e a conseqüente profissionalização dos atletas, Mazzoni colocava um limite à ação do mercado. Tal limite era o "serviço da pátria". Nunca, segundo ele, as disputas esportivas poderiam trabalhar contra a preservação do binômio hierarquia/disciplina e tampouco da moral. É a partir desse último aspecto, o moral, que Mazzoni pondera que o mercado não poderia exigir do atleta o sacrifício da sua saúde sob nenhum pretexto. Trocar a saúde por dinheiro seria um comportamento tão degenerado quanto subverter a hierarquia e a disciplina. Por isto, apesar de concordar que o esporte assuma a forma mercadoria, critica a maneira adotada nos EUA para tal.

> Aquilo que nós chamamos degeneração espetacular, no esporte profissional, é a volúpia de se atingir, com fins lucrativos, a posição de herói, indo mesmo ao encontro de perigos mortais. Esse é, infelizmente, um dos mais desagradáveis aspectos do progresso espetacular do esporte norte-americano, cheio de acidentes fatais, de sacrifícios inúteis de vida pela ambição de satisfazer interesses de empresários e de ganhar dinheiro, atraindo as massas também dominadas pela volúpia do sensacionalismo.[52]

Somente a pátria poderia exigir dos seus filhos sacrifícios tão grandes. Temos aqui um dos pólos do debate entre liberalismo e estatismo: Mazzoni é mais um daqueles que pretendiam subtrair ao mercado o controle absoluto sobre as atividades esportivas, colocando o próprio mercado sob a tutela estatal.[53] Para ele, o esporte devia estar primeiramente a serviço da pátria (conservando e fortalecendo a saúde, preparando para

---

[52] Ibid., p. 103.

[53] Esta é uma das arenas em que se deu o confronto entre o liberalismo e o estatismo, o primeiro deixando ao mercado o controle do esporte, o Estado somente interferindo no processo de maneira acessória, e o segundo defendendo o controle estatal – nas suas vertentes nazista e fascista não excluindo, entretanto, o mercado. No Brasil, mesmo durante o Estado Novo, o controle estatal não chegou ao extremo nazista; o mercado foi preponderante, o Estado permaneceu a reboque, mesmo quando interferia e legislava; a *ação* sempre esteve controlada majoritariamente pelo mercado, as iniciativas governamentais que prescindiram dele tiveram solução de continuidade.

a guerra e obtendo vitórias internacionais) e não da obtenção de prêmios, salários e lucros:

> Heroísmos e sacrifícios de vida, o esporte só compreende aqueles do esportista que se bate pela pátria no campo de batalha. Que belos exemplos não tivemos nas guerras, onde a mocidade esportiva dos países em luta foi a mais valorosa, esteve sempre na primeira fila, expondo-se ao maior perigo Somente pela pátria o esportista deve se expor aos maiores sacrifícios.[54]

O exemplo liberal norte-americano possibilita a Mazzoni precisar definitivamente, segundo seu pensamento, o lugar da violência no esporte. Este tópico, o primeiro utilizado pelos opositores que estudamos, é aplicado ao esporte organizado pelos princípios liberais. Durante toda a década de 30, como vimos acima, Mazzoni atribuiu ao liberalismo a permissividade em relação à violência. O desenvolvimento esportivo norte-americano era a prova final de que o liberalismo enquanto tal era um problema, e não apenas o liberalismo brasileiro. Lá como aqui, sob o liberalismo o esporte revelou-se brutal uma vez que foi mercantilizado, uma vez que os interesses comerciais prevaleceram sobre os patrióticos. Sob o império do liberalismo o esporte degenerou e regrediu ao Circo Romano.[55]

Uma última palavra sobre as propostas autoritárias de Mazzoni pode ser dita acerca do procedimento sugerido por ele em relação à imprensa esportiva. Não é difícil imaginar a profilaxia que ele defende: "Quando pretendemos que o campeonato brasileiro de futebol atinja sua verdadeira finalidade, devemos antes de mais nada estabelecer rigorosa censura à imprensa e ao rádio esportivos."[56] Estando já o Brasil sob o regime do Estado Novo, nosso autor não via porque o governo deveria ser *liberal* com a imprensa. Para ele era essencial que o Departamento de Imprensa e Propaganda adotasse uma atitude mais incisiva, evitando que os cronistas continuassem a agir de acordo com o mais nefasto liberalismo. Já que a crônica estava "podre" era necessário uma medida de força, como de resto fora tomada com a regulamentação do esporte. A ação governamental neste campo deveria pautar-se pelo rigor máximo de forma a frustrar as pretensões dos chantagistas e dos desviadores da juventude. Ante a objeção de seus colegas jornalistas à sua defesa da censura, Mazzoni escreveu que

---

[54] Ibid., p. 103.

[55] Ibid., p. 104.

[56] Tomás Mazzoni, *O esporte a serviço da pátria*, op. cit., p. 90.

> Não é o caso de recusarmos reconhecer essa responsabilidade, como o exterioriza – segundo seus pontos de vista – um nosso prezado colega carioca, vendo na invocação de um futuro controle do D.I.P. somente um "arrolamento", uma "censura", etc., como se tudo que tem feito, até o presente, parte dessa nossa imprensa esportiva tenha sido obra sã! (...) Somente o D.I.P. poderá tornar generalizada essa obra altamente idealista e patriótica, evitando que a mocidade esportiva seja intoxicada cada vez mais pelo veneno da crítica partidária e anarquizada.[57]

Obviamente nosso autor se incluía na parte "sã", naquela sobre a qual a mão censora do Estado não precisaria cair. Essa convicção ele adquiriu não apenas por ser partidário do autoritarismo, e julgar-se no mesmo time do DIP, mas também por se achar com a consciência tranqüila pelo dever cumprido uma vez que *A Gazeta*, provavelmente por sua iniciativa, vinha promovendo várias campanhas para disciplinar principalmente as torcidas. Afirmou nesse sentido que "desde 1931 que conseguimos em São Paulo dominar o espírito maligno e partidário dos "torcedores", *mediante boas campanhas disciplinares*, com palavras amigas e serenas através da imprensa."[58]

3.2. O debate pedagógico

Nos anos 30 continuou o debate entre os educadores sobre a as práticas esportivas com instrumentos de educação física. Uma das matrizes desse debate era o pensamento de Fernando de Azevedo – de que o esporte era uma atividade útil na educação desde que restrita a certos limites. Se fora do campo da Educação continuava

---

[57] Ibid., p. 96-97. O DIP de fato censurou o rádio e a imprensa esportiva: "Em dezembro de 1944, os cronistas desportivos foram advertidos para não comentarem assuntos ligados ao último campeonato de futebol: não convinha acirrar os ânimos e provocar desentendimentos entre entidades cariocas e paulistas (aliás, a partir dessa data, as crônicas e comentários esportivos também ficaram sujeitos à censura prévia)". Silvana Goulart, *Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*, SP, Marco Zero, 1990, p. 126. Como se pode ver pelo exemplo de 1940 citado por Plínio Negreiros (op. cit., p. 79-80) esta censura pode ter se instalado bem antes do que supôs Silvana Goulart.

[58] Tomás Mazzoni, *O esporte a serviço da pátria*, op. cit., p. 89. Itálico meu. Plínio Negreiros delineou com clareza uma dessas campanhas, empreendidas por *A Gazeta* em 1943, um concurso de torcidas uniformizadas em que vencia aquela mais disciplinada, organizada, harmônica e numerosa. Quanto maior fosse o número de membros dessas torcidas se esforçando por vencer o concurso, melhor seria o resultado em termos de inculcação dos valores pretendidos. Plínio J. L. Campos Negreiros, op. cit., p. 84-88.

a crescer o número dos adeptos e defensores do esporte, que utilizavam inclusive argumentos educacionais em suas defesas, para muitos pedagogos a coisa se colocava assim: esporte na infância, nunca; na adolescência, com muitas restrições; somente na fase adulta, após os 18 anos, aproximadamente, é que o esporte poderia ser praticado mas mesmo aí não livremente, devendo ser precedido de exercícios ginásticos (uma prevenção terapêutica) e sem cair na "especialização", ou seja, o atleta não deveria praticar uma única modalidade sob pena de prejudicar sua saúde física, pela exigência descompensada de apenas certas partes do corpo, e sua saúde moral, pela adesão ao profissionalismo.

A condenação da especialização era a maneira de condenar a ação do mercado no mundo esportivo: sem especialização não haveria espetáculos. Esses educadores perceberam que falar o tempo todo contra o mercado não surtia efeito; então utilizaram principalmente argumentos médicos, adotando uma posição aparentemente neutra, desinteressada, deslocando o centro da questão do campo da moral – da condenação do profissionalismo como prática do esporte voltada para ganhar dinheiro – para o campo da ciência, especificamente da ciência médica, aquela que por tratar de questões literalmente vitais tinha mais condições de convencer.

Essa restrição ao esporte ficou visível nas práticas levadas a cabo pelos educadores em encontros programados pela Associação Brasileira de Educação. Nesses encontros sempre havia demonstrações de práticas das diversas áreas pedagógicas e aquelas relativas à educação física seguiam invariavelmente o caminho das exibições de ginástica. Em 1929, a ABE organizou no Rio de Janeiro a 2ª Semana de Educação. No "Dia da Educação Física, sob orientação do prof. Ambrósio Torres realizou-se uma demonstração coletiva de ginástica no Stadium do Fluminense F. Club, em que tomaram parte alunos e alunas de várias escolas e colégios desta capital (...)"[59] Na 3ª. Semana, em 1930, não foi diferente: o professor Ambrósio Torres, a quem voltaremos, organizou um programa que compreendia ginástica pedagógica e jogos recreativos, organizados no estádio do Fluminense F.C.. Só que os jogos recreativos não eram partidas de futebol, lutas de boxe ou qualquer outra modalidade olímpica; eram jogos "folclóricos" como corridas de centopéia entre alunos do sexo masculino e corrida de lenço entre alunos do

[59] Citado por Marta Maria Chagas de Carvalho, *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*, Bragança Paulista (SP), EDUSF, 1998, p. 204.

sexo feminino. Além disto, foi feita uma saudação à mocidade ginasta pelo nosso já conhecido Jorge de Morais, de cuja fala apesar de não termos o registro, podemos inferir, pelo que já conhecemos de seu pensamento, não brotou nenhum elogio ao esporte.[60]

Em 1935, em congresso dedicado exclusivamente à educação física promovido pela mesma ABE, houve demonstrações mais numerosas. Exceto nos segundo, terceiro e quarto dias do congresso, quando houve demonstrações de esgrima, levantamento de peso e de boxe, nos demais as demonstrações giraram todas em torno de ginástica e canto orfeônico.[61] Pode-se especular que as demonstrações esportivas aconteceram por influência dos dirigentes que faziam parte da comissão executiva do congresso (Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense F. C. e Luiz Aranha, presidente da CBD), mas os educadores fizeram valer o seu ponto de vista impondo as demonstrações ginásticas em 12 dias do congresso.

Não se pode, entretanto, considerar que o conjunto dos educadores tinha uma opinião comum acerca do esporte. Já vimos as restrições que lhe foram apostas por Fernando de Azevedo e que continuavam influenciando seus pares. Por outro lado havia uma nova influência, vinda de homem que ocupou cargos relevantes na área da Educação no Governo Federal, durante a década de 30: Lourenço Filho. A despeito de assinar junto com Fernando de Azevedo o "Manifesto dos pioneiros da educação nova", e de se colocar assim no campo da renovação educacional proposta pela chamada Escola Nova, este autor tinha uma apreciação positivamente favorável do esporte. Lourenço Filho era um entusiasta.

Lourenço Filho deixou registrada a sua posição de maneira clara. Fez uma transição direta dos jogos defendidos por Dewey como situações ótimas de aprendizagem para o esporte. Retendo deste último apenas os seus aspectos lúdicos, identificou-o a jogo, e transferiu para ele as virtudes pedagógicas que Dewey defendia para os primeiros. Como defendia o ensino ativo, contraposto ao passivo – aquele da escola tradicional, "jesuítica", em que o aluno era concebido como depositário passivo dos ensinamentos transmitidos autoritariamente pelo professor –, Lourenço Filho

---

[60] Ibid., p. 207-208

[61] *Anais do VII Congresso Nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, 1935, p. 13-16.

valorizava o jogo como situação adequada de aprendizagem uma vez que estimulava o aluno a se relacionar criativamente com o conhecimento. Nas suas palavras,

> "(...) compreendamos que a atividade realmente educativa deve ser tão semelhante quanto possível a uma atitude criadora. O trabalho em situação de jogo é o recurso natural para introduzir-se a vida na obra educativa da escola. O jogo, como no dizer de Ernesto Nelson, representa, na Educação, como que um programa imposto pela natureza. É o instrumento que a natureza pôs em nossa alma, para que sirva de motivo e núcleo de atividades que realmente nos eduquem e nos reeduquem".[62]

A identificação jogo/esporte valorizava o último elemento do par como situação educativa, como elemento importante de educação física. Que a educação física era necessária, Lourenço Filho não tinha dúvidas. Fazendo um interessante uso do par nietzscheano Apolo ("domínio do espírito")/Dioniso ("natureza biológica") afirmou que a educação moderna deveria se apoiar em ambos e desenvolvê-los buscando o equilíbrio, grande meta de todas as pedagogias renovadoras.[63] Neste sentido, a educação física não se encerrava nas preocupações com o desenvolvimento do corpo, ela se tornava um elemento de educação moral e cívica. Lourenço Filho se colocava, portanto, dentro da tradição de não advogar o esporte apenas pelos suas características lúdicas. O esporte não era importante e recomendável apenas porque servia como recreação. Seu valor estava além disto: exercita o físico, mas muito mais do que tecer músculos, fortalece o caráter. Era a sua leitura do desenvolvimento esportivo realizado na Inglaterra a partir do século anterior. Utilizando os clichês em circulação no Brasil desde pelo menos os artigos de Monteiro Lobato acerca do futebol, de 1905, escreveu que o esporte

> oferece ocasião para a prática da solidariedade, da compreensão do valor do grupo, do respeito às regras de uma atividade conjunta. E isto é *educação cívica*, no melhor sentido da expressão. Apresenta oportunidade ao jovem para o exercício da lealdade, para consigo e para com os outros; para o esforço porfiado, no sentido de vencer, vencendo-se a si próprio; para a estima da limpeza do corpo e do espírito; para a modéstia e para a tolerância; para a disciplina pronta e consciente, para a iniciativa, a coragem, o valor. E tudo isto é *educação moral*.[64]

---

[62] Lourenço Filho, "Educação e Educação Física", *Estudos e Conferências*, 14 dez. 1941, p. 15.

[63] Ibid., p. 11.

[64] Ibid., p. 17.

Lourenço Filho estava já bastante influenciado pela experiência esportiva norte-americana que, nos anos 30, maravilhava os aficionados brasileiros. O esporte universitário nos EUA se afigurava para eles (alertados que foram pelo italiano Angelo Mosso, desde o final do século XIX) como a síntese almejada entre a "educação do corpo e do espírito". Desde a ida de Anísio Teixeira para os EUA, onde estudou com Dewey, os educadores brasileiros começaram a insistir na excelência daquele país no campo da educação física por meio do esporte. Contrapondo-se mais uma vez a Fernando de Azevedo, que criticara ainda nos anos 20 os espetáculos esportivos norte-americanos como degradação da educação física, Lourenço Filho se apoiou nas observações de Afrânio Peixoto durante sua viagem àquele país:

> "Podemos também nos referir a uma impressão pessoal. Ao visitarmos uma grande universidade americana, em 1935, perguntamos ao chefe do departamento de educação comparada que nos definisse, do melhor modo, o que se poderia compreender por espírito universitário. E ele nos disse o seguinte: "Espírito universitário é o que resulta do "college" comum e de um comum campo de desportos". Aliás, nessa famosa universidade, o que não é excepcional, o "coach" [técnico] dos esportes tem maiores vencimentos do que o diretor do departamento de filosofia."[65]

Ademais, não apenas a escola e o ensino nela praticado teriam muito a ganhar com a prática esportiva; Lourenço Filho percebe também as suas possibilidades como atividade controladora do tempo livre da população. Como demonstrou Maria Auxiliadora Guzzo Decca, o governo federal passou a se preocupar, nos anos 30 com o controle do tempo livre da população, construindo áreas de lazer em que se desenvolviam atividades dirigidas, incentivando e regulando espetáculos mercantis esportivos, cinematográficos, teatrais.[66] O próprio chefe de Estado acreditava no esporte como um poderoso meio para esvaziar inclusive a ação dos movimentos de oposição, a confiar-se na afirmação de João Lyra filho que citamos em epígrafe, no início deste trabalho.

Lourenço Filho segue a mesma trilha, se é que não foi um dos seus mentores no Brasil, propondo impedir que as pessoas dispusessem do seu tempo livre em ocupações que pudessem questionar a ordem estabelecida, e mais do que isto, com atividades que

---

[65] Ibid., p. 19.

[66] Maria Auxiliadora Guzzo Decca, *A vida fora das fábricas*, op. cit., passim.

não ajudassem na construção da nação. A bem da verdade, propunha que o tempo deixasse de ser propriamente *livre*:

> Terminado o dia escolar e o trabalho, ficam as crianças e jovens sem destino, ocupando suas horas de lazer, as mais das vezes, em atividades de duvidosa influência educativa. Os campos de jogos, parques infantis e associações escoteiras poderiam, ao contrário, encaminhar essas energias malbaratadas, em alguma coisa de construtivo, no sentido da melhoria física e moral do povo. A prática dos jogos e desportos, a educação sanitária, inclusive a da alimentação, poderá muito dever a essas iniciativas.[67]

Tal defesa era coerente com o pensamento global do autor acerca da sociedade brasileira, de defesa da disciplina social, da "liberdade com eficiência", ideal a ser alcançado por intermédio da educação.[68] Entendendo que o Estado não poderia permanecer neutro nas questões educacionais, advogava que assumisse um papel ativo no controle dos indivíduos. Para ele, no momento crucial de disputas econômicas entre as nações que se vivia nos anos 30, o Brasil só poderia ser bem sucedido se conseguisse ser eficiente sem sacrificar de todo a liberdade da população; ao mesmo tempo não poderia sacrificar todo o resto pela liberdade – tais extremos de que URSS e EUA eram exemplos deviam ser evitados. A obra de construção e desenvolvimento nacional só seria possível se a população internalizasse a disciplina indispensável à eficiência, de tal maneira que não fosse necessário o sacrifício total da liberdade sob o tacão do Estado, e nem soçobrasse a eficiência pela liberdade em excesso. Defender, portanto, o controle do tempo livre da população e ver o esporte como um bom instrumento para isto estava de acordo com a sua concepção de liberdade, submetida aos condicionamentos impostos pelo Estado pela via educacional.

A eficiência como resultado da iniciativa individual era mais um ponto de contato entre a leitura do esporte feita pelo autor e as propostas da Escola Nova.

---

[67] Ibid., p. 23. A menção ao escotismo era uma outra forte influência norte-americana no período. Muitos autores fizeram proselitismo dessa atividade como forma de educar civicamente as crianças e jovens, e a própria ABE abriu um grande espaço para discussão de estratégias para disseminar a sua prática no seu sétimo congresso, de 1935: na terceira sessão, em 26 de junho, das três conferências realizadas, duas versavam sobre o escotismo. Conforme *Anais do VII Congresso Nacional de Educação*..., op. cit., p. 95-113.

[68] *Anais do VII Congresso nacional de Educação*..., p. 22. Discurso proferido por Lourenço Filho na sessão de abertura dos trabalhos.

Lutando contra o "tradicionalismo" brasileiro em que os postos de comando no Estado eram ocupados como privilégio e não por merecimento, advogando uma escola única para toda a população de maneira a selecionar os melhores, Lourenço Filho via o esporte como uma prática em que a vitória pelo merecimento e esforço pessoal lhe era inerente e se coadunava portanto com os preceitos educativos que o autor defendia.[69] O "novo" neste caso era provocar a introjeção pela população dos valores individuais burgueses, particularmente o da livre-iniciativa e do merecimento, contraposto ao "velho", aos privilégios ossificados. O que Monteiro Lobato intuíra no início do século em relação ao futebol era agora categorizado cientificamente: esporte e Escola Nova eram uma cunha de modernidade no tradicionalismo da sociedade brasileira.[70]

Entre os marcos da restrição de Fernando de Azevedo e do entusiasmo de Lourenço Filho oscilaram as posições dos demais educadores. Acompanhemos por um momento as posições defendidas no VII Congresso Nacional de Educação, promovido pela ABE em 1935. Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e dezenas de outros educadores estiveram presentes. O Congresso contou ainda com o reconhecimento oficial do governo federal tendo como presidentes honorários o próprio Vargas e Gustavo Capanema, Ministro da Educação e da Saúde Pública, além do prefeito do Distrito Federal Pedro Ernesto.

Enquanto o Ministro saudava o retorno à tradição helênica de se trabalhar com vistas à educação integral, voltada para o corpo e para o espírito, e desprezava a herança

---

[69] A atividade esportiva, pelo que tem de imponderável em suas disputas, coloca o praticante diante de desafios sempre novos que exigem o desenvolvimento das suas capacidades para superá-los. Este aspecto do esporte também se identificava com um importante preceito da Escola Nova exposto por Lourenço Filho nos seguintes termos: "É pela ação que o homem se educa e se reeduca; a obra educativa, porque não cessa, não pode ser tomada como 'preparação para a vida'. Ela é agora posta em termos de experiência, funcionalmente aproveitada ou incorporada à personalidade do educando, de tal modo que possa ser 'reconstruída', segundo *as novas situações que o educando defronte*. É assim, menos um desenvolvimento e preparação, que um ajustamento e *capacidade* para progressivo reajustamento. Nessa compreensão, todas as *capacidades* do indivíduo interessam, as do corpo, as da mente, as do caráter – a todo momento e sempre juntas." Lourenço Filho, "Educação e Educação Física", op. cit., p. 9, itálicos meus.

[70] Esta compreensão do esporte teve um longo curso. No início dos anos 80 Roberto da Matta utilizava o mesmo argumento para defender o futebol frente àqueles que o acusavam de ser "ópio do povo". Veja-se por exemplo o seu artigo "Futebol: ópio do povo x drama de justiça social", *Novos Estudos CEBRAP*, 1982, 1, 4, p. 54-60.

cultural indígena e africana,[71] na mesma sessão o Secretário de Educação e Saúde Pública da Bahia, L. A. de Barros Barreto, considerava um erro a tomada da Grécia como modelo para a educação brasileira, uma vez que isto levaria ao desprezo das características étnicas e regionais do país. Era um claro ataque a, entre outros, Fernando de Azevedo e ao próprio Ministro que tinham a Grécia como horizonte. A preocupação com a adequação da educação física à idade dos alunos era consoante às preocupações de Fernando de Azevedo, mas o secretário foi incisivo na crítica ao ideal grego:

> Delinear um plano de educação popular, padrão imutável de dogmas intangíveis, sem levar em conta os nossos fatores étnicos e as características bio-tipológicas do brasileiro, sem considerar as variantes regionais de idade fisiológica e mental dos alunos nas diferentes zonas do país, erigir em modelo ideal de atleta nacional os cânones da antiga Grécia ou da Roma dos Césares, é arquitetar um programa inoperante, é franco devaneio, é fazer ciência no espaço, é desservir ao Brasil.[72]

A utilização do esporte como controle social, na linha proposta por Lourenço Filho, adquiriu novos contornos e deixou de ser preocupação para momentos extra-escolares com Diumira Campos de Paiva. Aprovando os esportes mesmo na escola primária ela considerava que "nos jogos e provas de competição, o indivíduo se manifesta tal como é, desfazendo-se da capa social exterior, deixando a descoberto os seus motivos próprios, sua verdadeira personalidade".[73] Os jogos e competições esportivas seriam assim situações ótimas para conhecer verdadeiramente o caráter das crianças de modo a corrigir eventuais desvios. O que é um elogio do esporte às avessas: a autora admite implicitamente que nas competições haveria o que se chamava então de "afloramento dos instintos", a manifestação brutal tão criticada pelos opositores. Ela procede a uma inversão muito interessante, então: a competição esportiva é encarada

---

[71] "As nossas raízes morais e intelectuais mergulham no Lácio. Latina é a língua em que pensamos. Romana é a religião da grande maioria dos brasileiros. A literatura, a arte e a ciência, que contribuem também para formar a atmosfera espiritual do país, tem em grande parte uma inspiração latina. Quaisquer tentativas, pois, de reivindicação das tradições precolombianas ou das reminiscências africanas, não poderá deter o contínuo progresso da nossa integração na civilização ocidental." *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 17-18.

[72] Ibid., p. 26-27.

[73] Diumira Campos de Paiva, "Educação Física na Escola Primária", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação*, op. cit., p. 41.

como um laboratório em que o professor, travestido de psicólogo, analisaria os comportamentos e os corrigiria; o que era unanimemente considerado o aspecto negativo por excelência do esporte, as manifestações de brutalidade, era alçado agora à categoria positiva de exame dos indivíduos.[74] Para a autora, as competições não eram elas próprias garantias de mudanças de comportamentos, não eram a terapia, eram situações-diagnóstico. Essa idéia ela explicita:

> A sublimação do instinto da luta, o sacrifício pessoal para o bem do grupo, a lealdade, o controle emocional, o respeito às opiniões alheias, são importantes itens educacionais, que oferece a participação nos jogos (...) [mas] não se deve considerar que as atividades físicas, de per si, formem bons caracteres. É um erro pensar que o foot-ball, o volley-ball, dão inevitavelmente à criança coragem, espírito de cooperação e domínio próprio.[75]

Cyro de Morais era mais otimista. Posicionou-se decididamente a favor do esporte como formador do caráter. Para ele, "os jogos esportivos constituem meios para o desenvolvimento de estados mentais, morais e emotivos, os quais exercem poderosa influência na formação do caráter".[76]

A influência norte-americana neste tipo de análise, que já verificamos em Lourenço Filho, reapareceu no curso do congresso na conferência do Dr. Arauld S. Bretas. Ele estava encantado com o cientificismo da educação física norte-americana manifestada nas disputas esportivas, uma vez que para elas eram mobilizados os mais acurados conhecimentos no campo da "fisiologia, anatomia, psicologia e sociologia". Não bastasse isto, as competições esportivas norte-americanas eram idealizadas por ele a ponto de serem consideradas aulas de democracia racial, uma vez que "o campo

---

[74] Idéia similar foi defendida no mesmo congresso por Dora Gouveia de Azevedo em relação aos jogos: "Nos jogos há também a considerar um outro aspecto: a criança agindo livre e espontaneamente revela a sua verdadeira índole; diz e faz cousas que, ao refletir ou em circunstâncias mais restritas e convencionais não diria nem faria. O professor, conhecendo assim as diferentes índoles, aproveita a oportunidade para que cada criança receba o tratamento de que precisa para o seu desenvolvimento." Dora Gouveia de Azevedo, "A Educação Física elementar", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 53.

[75] Ibid., p. 41-42.

[76] Cyro de Morais, "A organização de institutos ou escolas de Educação Física", *Anais do VII Congresso nacional de Educação...*, op. cit., p. 130.

esportivo é o único lugar onde não há diferenças de classes e nem mesmo de raças. Os pretos competem com os brancos e o país se orgulha de seus campeões de cor."[77]

Por fim, as próprias mulheres eram chamadas a se beneficiarem dos efeitos das competições esportivas. O professor Mário de Queiroz Rodrigues utilizava em relação a elas os mesmos argumentos de fundo moral que já conhecemos. Segundo ele, "por meio de jogos e esportes a perseverança, o espírito de grupo, a lealdade, o altruísmo, a disciplina racional, enfim todos os elementos que constituem o caráter moral e social do indivíduo podem ser perfeitamente educados e desenvolvidos".[78] Na medida em que "o estádio é uma escola onde se cultiva o caráter", o autor se estendia sobre os efeitos benéficos do esporte e o considerava mesmo o pilar fundamental para a educação física no ensino secundário, estava "realmente convicto, que por meio de pequenas demonstrações de esportes devidamente dosados e ministrados, e do intercâmbio escolar, se pode realizar esta obra grandiosa que é a Educação Física ligada à educação moral e social". Os benefícios do esporte aparentemente já eram parte do senso comum, daí o autor afirmar que

> como é do conhecimento de todos, os grandes jogos e os esportes propriamente ditos exigem para a sua boa execução além de qualidades físicas de força, destreza, controle sobre o sistema nervoso e independência muscular, as qualidades morais de disciplina, lealdade, perseverança, confiança em si otimismo e as qualidades sociais de colaboração, altruísmo, espírito de grupo tolerância e outras; o que eqüivale a dizer que exigem que o indivíduo esteja integralmente desenvolvido."[79]

E repetir que

> Os jogos de competição deverão merecer do professor uma especial atenção, uma vez que eles pela lealdade, pela cooperação, pela persistência, pelo cumprimento rigoroso das suas regras e pelo acatamento às decisões do árbitro formam incontestavelmente a verdadeira educação esportiva.[80]

---

[77] Arauld S. Bretas, "Bases científicas de educação física – aspecto psicológico", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 177.

[78] Mário de Queiroz Rodrigues, "Educação Física feminina no ensino secundário", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 187.

[79] Ibid., p. 189.

[80] Ibid., p. 190.

Esses os educadores mais alinhados com Lourenço Filho. A influência de Fernando de Azevedo também se fez presente, apesar de o próprio não ter feito nenhuma conferência no congresso. Veio dos meios militares a primeira intervenção propondo a restrição aos esportes, através do capitão Horácio Cândido Gonçalves. Além de restringir a prática esportiva aos adultos, desaconselhando-a definitivamente às crianças e aos adolescentes, o capitão se posicionava firmemente contra a especialização. Entendia que os esportes tinham um importante papel a cumprir na vida dos adultos, principalmente como contrapeso ao trabalho, mas os indivíduos deviam evitar se dedicar a apenas uma modalidade. Por extensão pode-se perceber que o capitão não via com bons olhos os espetáculos esportivos. Para ele o interessante seria a prática generalizada e desinteressada. Afirmou neste sentido que a depender dele, "o Governo Federal proibirá, desde já, as competições públicas esportivas entre menores de 16 anos".[81]

[81] Horácio Cândido Gonçalves, "A organização dos serviços administrativos de Educação Física", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 123. Outras vozes se ergueram contra a especialização e os espetáculos esportivos nos meios militares. Não se pode dizer que era a posição predominante, o que provavelmente não era, mas se fez ouvir na própria Escola de Educação Física do Exército. Veja-se os seguintes trechos de livro de professor daquela escola: "Os esportes coletivos, quando bem conduzidos e dosados são a melhor escola de virilidade, coragem e decisão. Mas, quando mercantilizados, desviados dos seus verdadeiros fins educativos, deixam de ser uma forja de virilidade para se converter numa escola de violência e deslealdade. As várias situações que se apresentam, o entusiasmo, o prazer que o esporte suscita não constituem desculpas para as violências, trapaças e deslealdades. É preciso não só saber vencer, como saber perder. A preocupação única e exclusiva da vitória desvia o esporte do seu papel educativo. A especialização excessiva constitui um desequilíbrio orgânico, um mal. A competição como fim exclusivo, que alimenta esta especialização, um mal maior. O esporte só poderá ser um benefício para o organismo quando praticado variadamente, sem preocupação de vitórias nem de recordes. Onde começam esses objetivos cessa a parte educativa." "No ciclo superior [educação física dos 18 anos em diante] não deverá o professor procurar imediatamente a especialização. Esta por maiores que sejam os cuidados, principalmente quando se visa um recorde, foge aos fins educativos. Por força de sua própria finalidade rompe o equilíbrio orgânico, opõe-se à consecução do atleta completo que é o que reúne em si não só a força e velocidade como resistência e agilidade. No esportista completo está a verdadeira educação superior. Pouco importa que os resultados não sejam dignos de nota, sensíveis. O que deve ser buscada é a saúde e esta tende a desaparecer, a prejudicar-se, toda a vez que se rompe o equilíbrio orgânico. José Benedito de Aquino, *Pedagogia da Educação Física*, São Paulo, Brusco & Cia., 1939, p. 72 e 80, respectivamente.

Sem o arroubo militar do capitão Horácio, o professor Ambrósio Torres também tomou posição contra as competições escolares por entender que elas induziam os estudantes à "surmenage", ou seja, ao excesso de atividade física:

> Sem competição, só raramente o adolescente cansa, porque, se no esforço sentir sinal de fadiga, não hesitará em diminuir a velocidade ou parar; em competição, o fato é encarado por outro prisma: os mais fracos se deixam arrastar à prática do impossível; vem o delírio e, em conseqüência, a estafa.[82]

Ambrósio já vinha defendendo esta idéia desde a década de 20, quando na primeira conferência da ABE realizada em 1927, em Curitiba, propusera que somente depois dos 21 anos os indivíduos poderiam se dedicar ao "atletismo", mesmo assim se tivesse passado corretamente pelos estágios anteriores de preparação que compreendiam jogos recreativos na infância e a prática variada e contida de modalidades esportivas na adolescência.[83] Agora aprofundou suas convicções anti-competições, em especial quando disputadas por adolescentes. Mesmo reconhecendo a sua utilidade não deixou de observar que todo cuidado com os esportes seria pouco, nesta fase.

> A competição esportiva é baseada na emulação; ora, a emulação é um processo pedagógico delicado, que é necessário empregar para dar atrativo ao exercício; daí a sutileza e cuidado que merece. A competição nesta idade é um "erro fisiológico". É imoderada e sobretudo espetacular; pode ser tudo, menos educação física.[84]

Havia quem aprofundasse a restrição às competições e adotasse uma postura radicalmente anti-espetáculos, mesmo quando os praticantes eram adultos. O professor Oswaldo Magalhães defendia a educação física como recreação mesmo para os adultos, que dela necessitariam tanto quanto as crianças e os jovens. Ainda que essa recreação fosse realizada através de disputas esportivas, o autor defendia a posição que mais tarde se cristalizou na expressão "esporte para todos", de que *todos* deveriam se exercitar

---

[82] Ambrósio Torres, "A Educação Física nas escolas normais", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 145.

[83] Idem, "Metodologia do ensino da educação física", in Maria José Franco; Denilson Roberto Shena; Maria Auxiliadora Schmidt (orgs.), *1ª. Conferência nacional de Educação*, Brasília, INEP, 1997, p. 181-182.

[84] Ambrósio Torres, "A Educação Física nas escolas normais", op. cit., p. 145.

ativamente. Insistiu que a "recreação é uma grande necessidade para todos; até para os velhos. Não é a recreação passiva, como assistir a um espetáculo qualquer; é a recreação ativa."[85] Esse pensamento o resumia proverbialmente assim: "Mais vale um lugar no campo de jogo do que mil nas arquibancadas".[86]

* * *

O advento do Estado Novo não modificou muito o panorama das idéias dos educadores acerca do esporte. O debate sobre o emprego do esporte nos meios educacionais continuou, pelo menos é o que depreende de um ciclo de conferências promovido pela Associação Brasileira de Educação Física em 1940.

Notamos neste ciclo, além disto, uma maior preocupação de relacionar o desenvolvimento da educação física e dos esportes com a civilização industrial. É interessante observar como em cinco anos decorridos desde o VII Congresso da ABE este aspecto adquiriu grande relevância. Lourenço Filho, na conferência de abertura do ciclo da ABEF a que já nos referimos acima, chama a atenção para a relação entre esporte e controle do tempo livre. Esse caminho de encarar a educação física e o esporte como uma forma de adaptação à chamada vida moderna será seguido por outros autores, e se revela um novo argumento bastante importante. Senão vejamos.

Arthur Ramos participara do VII Congresso da ABE, em 1935. Mas então se limitara a ressaltar a importância da educação física como parte inseparável da educação integral e dos jogos como meios de conhecer a criança, uma vez que ela "não pode expandir a sua personalidade na vida comum, em virtude da censura familiar primeiro, escolar e social depois, [e] aproveita-se dos jogos para executar atos que de outra forma seriam inibidos".[87] Em 1940, falando sobre "Antropologia e Educação Física", seu intento é o de explicar a preocupação com a educação física na sociedade contemporânea. A idéia é demonstrar que a educação física e o esporte (o autor não discerne os termos) são fenômenos *culturais* das sociedades civilizadas enquanto eram atividades *naturais* nas sociedades primitivas. E essa atividade cultural é uma atividade

---

[85] Oswaldo Diniz Magalhães, "O valor da recreação para o adulto", *Anais do VII Congresso Nacional de Educação...*, op. cit., p. 223.

[86] Idem.

[87] Arthur Ramos, "A educação física elementar", *Anais do VII Congresso nacional de Educação...*, op. cit., p. 36.

tornada necessária pelo advento da industrialização. Nas suas palavras, "o homem não se adaptou de todo ainda à civilização mecânica que ele próprio criou (...) A educação física veio restabelecer o funcionamento muscular humano, que a máquina havia atrofiado."[88] Não há aqui qualquer crítica à sociedade industrial ou à sociedade de classes; apenas a constatação de uma dissimetria entre a dinâmica corporal e a dinâmica industrial que necessita de compensação.

É um novo argumento, sem dúvida. Com ele a justificativa para a educação física mudou. No final do século XIX, e mesmo durante a 1ª República, a defesa da educação física se fazia anatematizando os jovens "enfatuados e efeminados" que se preocupavam apenas com a cultura intelectual e, desleixados do corpo, degeneravam fisicamente comprometendo o futuro da nacionalidade. Em Arthur Ramos a necessidade da educação física aparece imposta pela civilização urbana e industrial e pelas mudanças introduzidas por ela no quotidiano das populações. Segundo ele, a sociedade industrial colocou problemas para o corpo humano que seria tarefa da educação física resolver.

Não há neste raciocínio necessariamente uma questão nacional subjacente, ainda que ela não possa ser descartada de todo. Mas a questão central é que para se adaptar à nova realidade é necessário educar o corpo. Antes, os autores que defendiam a educação física e o esporte não explicitavam essa questão de adequação à sociedade industrial. Talvez não tivessem consciência de que este era o fundamento da sua luta. Lutavam por adaptar as pessoas à nova realidade, mas não tinham uma visão mais profunda de que realidade era esta. Seu discurso se abeberava na Biologia mas a sua função era sociológica, digamos assim. E a consciência "biológica" da questão era a consciência possível para esses autores.[89] Nos anos 30 e 40 um setor dos produtores do discurso integrado brasileiro – o mesmo que abandonou as explicações biológicas da sociedade bem como a idéia de que ela padecia degenerando – absorveu o tópico da sociedade industrial. Não se tratava para esses autores, repito, de fazer a crítica dessa sociedade, mas de ver como seria possível adaptar os homens à nova realidade, a esse novo estágio

---

[88] Idem, "Antropologia e Educação Física", *Estudos e Conferências*, op. cit., p. 70.

[89] Neste aspecto, o pensamento de esquerda também divergia: anarquistas e comunistas tinham claro que era a civilização industrial que havia criado as condições de degradação física dos trabalhadores, com a extensão ao absurdo da jornada de trabalho, a "favelização" das habitações operárias, a alimentação deficiente etc.., do que derivavam todas as reivindicações operárias por redução da jornada de trabalho, pela salubridade dos locais de trabalho, aumentos salariais, etc..

do desenvolvimento da humanidade que se lhes apresentava como resultado de uma evolução natural. Nestes termos, Arthur Ramos pôde afirmar que "a educação física, dentro dos pontos de vista que desenvolvo neste rápido trabalho, é uma conseqüência obrigatória da civilização da máquina. Ela está salvando o homem da mais perigosa de todas as doenças: a doença da inação e da passividade".[90]

O Major Inácio Rolim, diretor da Escola Nacional de Educação Física, precisou a ação benéfica da educação física e do esporte sobre a vida dos operários. Descreveu com muito realismo as condições de trabalho dos operários brasileiros (para logo após elogiar Vargas pelos esforços feitos para modificar essa situação). Depois de listar as agressões que o corpo sofre durante o processo de trabalho na fábrica, afirmou que "focalizados o homem e o meio, o operário e a oficina, parece que houve a preocupação de se criar um quadro dantesco ou um inferno para colocar o heróico obreiro da grandeza do Brasil nas condições mais precárias possíveis."[91] À diferença dos povos primitivos,

> O homem, em frente destas novas atividades, sem uma adaptação adequada, sofre uma fadiga prematura, dada a natureza mais fatigante e exaustiva dos processos em uso; consequentemente se evidencia a necessidade que há de apelar-se para a vida ao ar livre, onde possam ser exercidas as primitivas atividades que constituiriam precioso derivativo para a vida imposta pelos caprichos da civilização.[92]

---

[90] Arthur Ramos, "Antropologia e Educação Física", op. cit., p. 78. A classificação de Arthur Ramos como "integrado" refere-se apenas ao universo da educação física. Não se desconsidera aqui as suas divergências políticas – principalmente em relação às questões raciais – que o levaram duas vezes à prisão sob o Estado Novo, em 1937 e 1942. Em 1935 assinou o "Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial"; em 1937, o "Manifesto aos republicanos espanhóis"; em 1942, o "Manifesto da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia"; todos eles na contramão dos grupos majoritários encastelados no Estado Novo. Para uma visão mais ampla do seu pensamento sobre as questões raciais veja-se o seu *Guerra e relações de raça* (Rio de Janeiro, Departamento Editorial da UNE, 1943), no qual se encontram também os citados manifestos.

[91] Inácio Rolim, "Educação física nas classes trabalhistas", in *Conferências sobre Educação Física*, 1, 1942, p. 178, revista editada pela Associação Brasileira de Educação Física. Aqui estão publicadas todas as conferências realizadas pela ABEF neste ciclo. *Estudos e Conferências*, que vínhamos citando, publicou algumas.

[92] Ibid., p. 179.

Como se vê, a crítica do esporte como um desvio daquilo que realmente importaria ao operário, a sua luta pela emancipação social, como a defendiam anarquistas e comunistas, foi incorporada e re-significada pelo discurso de defesa da ordem. O esporte é um "derivativo" das agruras da vida, e isto é positivo. Segundo o major, os operários necessitam sim do que anarquistas e comunistas consideravam uma "fuga". Até um tratamento "social" é dado ao elogio do esporte praticado pelos operários, na medida em que se valoriza o fato de, sendo o esporte uma atividade boa, não ser mais privilégio dos "afortunados".

> (...) por uma organização inteligente e decidida, todos esses óbices [temor à fadiga e materiais esportivos caros] foram vencidos e hoje se vêem operários com limitadas possibilidades financeiras em plena atividade desportiva, que era julgada monopólio das classes mais afortunadas. Assim, vêem-se operários fazendo exercícios físicos, natação, boxe, tiro, tênis, golfe, ciclismo, esgrima, hipismo, remo (...)[93]

O esporte como "derivativo" havia decididamente entrado para o rol dos tópicos utilizados por muitos educadores. João Lyra Filho, membro do Conselho Nacional de Desportos, órgão criado pelo Estado Novo para regulamentar o mundo esportivo brasileiro, entendia que o fato de ser um "derivativo" era a principal razão pela qual se podia aceitar o futebol em meio à sociedade brasileira, esporte que de outro modo não contava com a sua simpatia. Para este apolíneo pragmático, definamo-lo assim, o futebol, pela dimensão que a sua prática atingiu no Brasil, não pode ser analisado apenas pelo ângulo da sua adequação a uma pedagogia do corpo, especificamente. Não deve ser encarado como se fora apenas mais um "método" de educação física e constatada a sua ineficiência em formar um corpo mais adequado à nacionalidade, mais rijo e belo, recusado. João Lyra Filho oferece uma explicação sociológica do motivo pelo qual o futebol não pode liminarmente ser descartado, pois se não cumpre as funções biológicas que seus defensores propõem, ele cumpre uma certa função social surgida pela entrada da sociedade brasileira na "era da máquina", na "civilização

[93] Ibid., p. 181. O major não menciona o futebol, provavelmente de todas as modalidades de então aquela que ele podia contar verdadeiramente como praticada por operários. A ausência do futebol na lista do major permite supor que o pensamento (que precisaria ser estudado com profundidade) predominante nas escolas de educação física era mesmo de condenação ao esporte espetáculo, como já mencionamos na nota 23, acima, quando citamos o professor José Benedito de Aquino, da Escola de Educação Física do Exército.

industrial". Nesta, o homem (e ele está pensando no trabalhador) precisa, além de educação física para compensar os desmandos físicos da máquina, de uma fuga para descarregar as tensões acumuladas nos processos de trabalho, e o futebol, essa função ele cumpre muito bem.

Explicitamente ele se refere às "classes menos favorecidas da fortuna" (expressão que naturaliza as diferenças de classe pois atribui a riqueza ou a pobreza à sorte) como as mais necessitadas do futebol pois não têm como descarregar suas emoções na fruição de obras de arte ou de operações intelectuais mais elevadas – elas não têm "cultura". É fundamental ler as suas próprias palavras:

> A desgraça, porém, é que o futebol não deve ser visto, socialmente, como prática de desportos que interesse a 22 atletas, mas como gênero de diversão que prende multidões, de tal modo intensivamente, que descarrega o mal das emoções compactas, trabalhadas em dias sucessivos de atividade e produção (...) serve, sobretudo, às classes menos favorecidas da fortuna, que não têm outro derivativo para solapar as angústias da vida agitada dos tempos correntes, não têm paciência, para disciplinar os gestos nas posturas dos espetáculos fechados, nem têm cultura, para evadir-se, por um sopro de arte ou aceno de beleza, que sejam, simultaneamente, o reconforto da alma e a atenção reparadora do olhar.
>
> A intensidade da vida absorve o espírito de quem trabalha numa sucessão imprevista de quadros insípidos ou penosos, deixando de resto, na hora do descanso, o comprometimento do humor, a inquietação da fadiga mal curada, o destempero, muitas vezes insolente, que explode num descarregamento virulento (...) e o caminho do estádio é o menos nocivo.[94]

A apropriação do tópico da alienação assim se completa, invertendo-lhe o sinal. Para os anarquistas a presença no estádio também era uma forma do trabalhador descarregar suas emoções, mas eles acreditavam que esta era uma forma alienada de fazê-lo, uma vez que não questionava a ordem vigente produtora desse acúmulo de emoções necessitadas de serem aliviadas. Os anarquistas, longe de defenderem a presença operária nos estádios, a criticavam pois a viam como uma capitulação; além do mais nem gratuita era a alienação, os operários tinham que pagar ingresso para exercê-la. João Lyra Filho, ao contrário, positiva a alienação, apesar de lamentar o modo como se realiza – através de uma atividade brutal –, quando poderia se dar através das artes, admitidas como formas mais elevadas. O autor então se curva às imposições da realidade:

---

[94] João Lyra Filho, "Raça, educação e desporto", *Estudos e Conferências*, op. cit., p. 64.

> Eis porque, reconhecendo a excelência dos conselhos que a ciência biológica prestigia, forçoso é acreditar na necessidade do funcionamento dos espetáculos desportivos mais ao agrado das multidões.
> É para as multidões que o dever social se orienta, num país onde a indústria ainda não tornou acessível às classes médias outras fontes de encantamento e de prazer sadios.[95]

Se é assim, deve-se aceitar o futebol até que o desenvolvimento material do país possa criar condições para que o "povo" aprenda a evadir-se por meio das tais atividades superiores, como as artes, ainda um privilégio dos grupos dominantes. De muita má vontade, dado o estágio cultural do "povo", nosso autor se resigna a projetar no futuro a sua situação ideal de fruição generalizada das artes e o abandono de atividades brutais.

> Quando se operar mais intensivo desenvolvimento da riqueza nacional, outra cultura terá o povo, de outras intenções a alma popular será alimentada, mais gratos recreios favorecerão a calma e o retempero das multidões.
> O espetáculo desportivo do futebol é um fato social. Podemos regulá-lo, devemos corrigi-lo, mas seria demais que o condenássemos.[96]

Um passo foi dado aqui pelo pensamento apolíneo. Enquanto Fernando de Azevedo havia parado na condenação do futebol, João Lyra Filho aceita-o como mal menor. A situação de cada autor explica em parte as suas posições. Fernando de Azevedo não ocupava cargos na burocracia do Estado Novo. Pelo contrário; afinado com a elite liberal paulista, particularmente com o grupo ligado ao jornal *O Estado de São Paulo*, participava de iniciativas desse grupo, como a Universidade de São Paulo. O ideário liberal paulista, ainda que tenha se composto com o autoritarismo do Estado Novo a duras penas e com rupturas, como demonstra a expropriação pelo governo do jornal *O Estado de São Paulo*, de 1940 a 1945, no campo esportivo apresentava muitas

[95] Idem. Observar que de "classes menos favorecidas pela fortuna" os trabalhadores foram promovidos a "classes médias". Essa imprecisão terminológica é característica do discurso que procura naturalizar as divisões sociais obscurecendo a expropriação e a exploração exercidas pelos grupos sociais dominantes sobre os grupos subordinados.

[96] Idem.

convergências com setores desse mesmo governo.[97] A condenação aos esportes populares, particularmente ao futebol, eram comuns.[98] Entretanto, o jornal podia continuar seu proselitismo pela "verdadeira educação física" e pelos esportes supostamente mais conformes a ela (tênis, remo, natação, atletismo, principalmente), uma vez que isto não afetava a sua inserção no mercado e a sua viabilidade como empresa. Para o governo a questão se apresentava de outra forma: o "pai dos pobres" não podia desprezar a popularidade que virtualmente conseguisse com o apoio ao futebol (como seus contemporâneos Hitler e Mussolini, aliás). Além do mais, para se identificar com os "pobres" nada melhor do que se identificar com os seus gostos, ainda que o objetivo último do "pai" fosse dirigir seus "filhos" para gostos mais refinados.[99]

Foi nesta perspectiva que se colocou João Lyra Filho. O futebol era o gosto de uma nação de degenerados e, ao mesmo tempo, era a maneira de no momento controlar esses degenerados. Inserindo-se na já longa tradição apolínea brasileira, entendia que a formação da nacionalidade havia sofrido interferências perniciosas, desde a escravidão[100] até a imigração, passando pela indolência dos grupos dominantes. Entendia que o "tipo" brasileiro ainda não existia. Medidas drásticas poderiam ser tomadas para apressar essa formação, mas o autor afirmava que "desgraçadamente" era impossível escolher uma delas.

> Todos sabemos que o homem possui, à escolha, dois métodos aplicáveis à melhoria da raça: - por um, podem ser multiplicados os elementos superiores, por outro, podem ser subtraídos os

[97] Para o ideário liberal paulista, veja-se Maria Helena Rolim Capelato, *Os arautos do liberalismo*, op. cit..

[98] Para a posição do jornal sobre este tema, veja-se Plínio J. L. de Campos Negreiros, op. cit., p. 53-93.

[99] Daí o propalado apego de Vargas ao aristocrático golfe, disseminado pelos meios de comunicação através de fotografias em que aparece em posição de dar uma tacada. O livro de Tomás Mazzoni, *O esporte a serviço da pátria*, traz uma dessas fotos como intróito, à página 3.

[100] "Ainda quando se recenseou, em 1872, a riqueza humana do país, era apavorante o quadro que as realidades expunham. Um milhão e meio de escravos. Um milhão de índios inúteis. Cinco milhões de agregados das fazendas e dos engenhos, caipiras, matutos, caboclos, vaqueiros do sertão, praieiros, capoeiras, pequenos artífices, operários rurais, pequenos artífices dependentes. Dois milhões ou um milhão e meio de negociantes, empregados públicos ou particulares, criados e servidores de todas as profissões. O povo brasileiro existente como realidade viva não podia deixar de ser, apenas, as trezentas ou quatrocentas mil pessoas pertencentes às famílias proprietárias de escravos, os fazendeiros, os médicos, os engenheiros, os altos funcionários, os diplomatas, os chefes de empresas, únicas pessoas que sabiam ler, tinham alguma noção positiva do mundo e das coisas." João Lyra Filho, op. cit., p. 52.

> elementos inferiores. (...) *Mas, desgraçadamente, é impossível definir-se o tipo [de método] mais desejável, em face das condições sociais modernas*.[101]

Não houvesse essas "condições sociais modernas" a impedir e o problema seria facilmente resolvido com a solução nazista. É verdade que adiante João Lyra Filho define o segundo método não como eliminação física dos degenerados mas como impedimento à sua procriação; porém, o primeiro trecho, "subtrair os elementos inferiores", trai uma proposta radical de eliminação muito de acordo com as idéias eugenistas (agora, nazistas) vigentes. Inviabilizado este caminho, entretanto, restava seguir outro mais longo, o da educação física.

> A educação do corpo repara anomalias, corrige extravagâncias, reajusta o organismo, reivindica para o homem o equilíbrio que o predispõe à execução da sua vontade viril, armada de energia e de saúde, curada de recalques, neuroses e afetações, compensada de *deficits*, originários das próprias fatalidades biológicas que ele carrega de herança.[102]

Não bastassem os "vícios de herança", João Lyra Filho afirma que a vida moderna centrada na indústria é também perniciosa para o corpo humano, daí a importância da educação física para corrigir "os males biológicos inerentes ao trabalho."[103] Perniciosa também para o caráter, a vida moderna tendia a mergulhar a parcela mais fraca (mais degenerada) da sociedade em novos vícios, para os quais a educação física era também poderoso antídoto. Parodiando Victor Hugo ["escolas suprimem prisões"], o autor afirma que "nós bem poderíamos admitir que a abertura de um centro de educação física e de desportos coincidirá com a extinção de uma taberna".[104] Leitor de Durkheim, apregoa que a educação física e os esportes podem restabelecer laços sociais rompidos pela "vida moderna":

> Durkheim atribuiu a freqüência dos suicídios, nos países civilizados, a uma sorte de relaxamento dos laços que fazem a união dos indivíduos. Os centros de educação física e de desportos fortalecem esses laços. Prendem os cidadãos.[105]

---

[101] Ibid., p. 45, itálico meu.

[102] Ibid., p. 47.

[103] Ibid., p. 56.

[104] Ibid., p. 57.

[105] Idem.

Para se conformar a esses propósitos, a educação física não poderia, portanto, dar-se através de competições esportivas já que elas não atendem exatamente aos seus objetivos. Por isso, principalmente os esportes em que a disputa se dá entre dois grupos antagônicos não têm a sua simpatia. Como promover a "união" com uma atividade que separa? Assim declara, citando Bertrand Russel:

> A qualidade requerida no alpinismo, na manipulação dum aeroplano, ou em dirigir um *yacht* num temporal – dizia – parece-me muito mais admirável que a demonstrada nas competições desportivas. Tanto quanto possível, portanto, eu treinaria as crianças das escolas na destreza manual, em vez de em coisas como o futebol. Onde há um inimigo a vencer, é preferível que esse inimigo seja uma força da natureza, um obstáculo físico e não outra criatura humana.[106]

O corolário lógico dessa argumentação não poderia deixar de ser a utilização do tópico anti-esportivo da violência. Se o objetivo em mira é tanto a educação do corpo quanto a coesão social, competições esportivas não lhe pareciam adequadas, pois "proclama-se que ensinam a cooperação, quando na realidade, só a inoculam sob forma competitiva, isto é, sob a forma que a guerra requer, não a indústria ou as boas relações sociais". Considerando que o desenvolvimento científico "tornou tecnicamente possível substituir a competição pela cooperação", João Lyra Filho concordava que se desse vazão ao "impulso competitivo", que se lhe apresentava como parte da natureza humana. Entretanto, mesmo que se conservasse as competições esportivas como "escoadouro" para esse impulso – "dificilmente teremos um tão inócuo como as disputas atléticas" –, isso ainda não era motivo para se adotá-las como prática escolar.[107] Aceitas como espetáculo para divertir e controlar a massa degenerada, jamais poderiam ser prática recomendada na instituição encarregada de regenerá-la: a escola.

O que se percebe é que os autores afinados com as diretrizes do Estado Novo acentuam a necessidade da construção da "solidariedade", da coesão social, e deixam de lado o incentivo à "iniciativa". Lembremo-nos que sob o Estado liberal da 1ª. República, autores como Lobato colocavam o esporte como capaz de despertar nos indivíduos essas duas tendências, cooperação e iniciativa. Omitindo a idéia de que a cooperação criava laços de solidariedade apenas entre os membros de cada uma das

---

[106] Ibid., p. 60.

[107] Ibid., p. 61.

equipes em disputa, a competição esportiva era uma perfeita analogia da competição econômica capitalista. Para vencer, somente com "iniciativa", tanto num caso como no outro.

Autores como Lyra Filho, por outro lado, não estavam interessados no desenvolvimento do "espírito de iniciativa" na população. A iniciativa devia estar com o Estado. Também não lhe interessava uma coesão parcial, de cada equipe, que poderia ser um analogia já não de empresas capitalistas em disputa, mas de classes sociais em luta. A iniciativa ficou portanto relegada a um segundo plano no discurso, o que enfraquecia a adesão ao esporte. Não fora a constatação de que o esporte dá vazão a instintos, vazão necessária para a conservação do *status quo*, e aquelas modalidades em que as disputas se davam entre adversários seriam perfeitamente dispensáveis e deveriam perder todo o apoio do Estado, no entender do autor.

Carneiro Leão deixou isto claro ao sustentar que a iniciativa era até perniciosa naquilo que tinha de individualista. Levava o indivíduo a tentar se sobrepor aos demais o que para o autor se caracterizava como "desajustamento social". Portanto a iniciativa passa a ser tratada como sintoma patológico e não mais como virtude. Disse ele:

> A falta de ajustamento social não se patenteia apenas pela violência mas pelo orgulho, pelo isolamento, pela ânsia de comando... Todos esses aspectos podem e devem, numa boa educação física, ser conduzidos na direção do grupo. A organização dos pelotões de cultura física, dos teams, a própria vida em sociedade, fornece oportunidades e meios de levar tais personalidades para um perfeito ajustamento social.[108]

Apesar de Carneiro Leão não se estender sobre as possibilidades do esporte na construção do ajustamento social, a importância dos "teams" fica reduzida à sua característica de grupo de iguais, em que todos colaboram para a consecução de um objetivo. O objetivo nesse caso não é, como se poderia pensar, a vitória, pois a vitória diferencia, enquanto o objetivo, mais uma vez, é unir.[109] Por isso,

> A ginástica e o esporte não devem ser julgados pelo êxito na vitória, mas pela dose de expressão da criança como do adolescente (...) Daí a necessidade que o gênero de esporte, de exercícios,

[108] A. Carneiro Leão, "Educação física e ajustamento social", *Conferências sobre Educação Física*, op. cit., p. 114.

[109] "A função primordial da educação na sociedade de hoje é antes ajustar, unir, que diferenciar". Ibid., p. 116.

> não seja adotado por motivos alheios aos reais interesses, ao mesmo tempo do indivíduo e do grupo.[110]

Até quando se exaltava o esporte como atividade artística, como fez Celso Kelly, a iniciativa era bastante atenuada. A valorização da individualidade, da iniciativa, do "dom" pessoal, da liberdade de criação, tão presentes no imaginário social no que se refere aos artistas, tudo isto era secundário em se tratando da arte-esporte. Mesmo que a função da arte-esporte fosse criar o padrão de homem contemporâneo, distinguindo-o dos padrões de outras épocas – do padrão grego, inclusive – fixando-se num "homem forte e dinâmico (...) de estrutura arquitetônica, *atrevido, audacioso, empreendedor*",[111] e mesmo que o espetáculo esportivo repetisse o andamento dos dramas teatrais e das fitas cinematográficas com seus desfechos incertos,[112] a sua principal "virtude" era a de ser meio de coesão social:

> Pela competição ou pela atividade em equipe, as relações entre os diversos interessados do esporte criam processos de vida, processos de entendimentos, regras, normas, códigos, imperativos, enfim, de uma vida social. Trabalhando em grupo, comumente chamado de team, equipe ou pelotão, o indivíduo se integra nessa pequena comunidade e passa inconscientemente a ser regido por ela (...) Não pode haver dispersões, vaidades, malquerenças, mas disciplina, cooperação, solidariedade (...) A atividade em conjunto desperta sentimentos vivos de aproximação, de tolerância, de intercâmbio, de reciprocidade, de confiança mútua, de respeito de acatamento. Constitui uma grande lição de sociabilidade, dessa indispensável técnica dos dias de

---

[110] Ibid., p. 110. Que o grupo era mais importante fica claro na definição do objetivo da educação, em que o verbo "aliar" mal esconde a idéia de "subordinar" prenunciada por "servir": "(...) fazer uma educação que atenda, a um tempo, interesses, aptidões e possibilidades individuais e necessidades e solicitações sociais. Em poucas palavras, o necessário será *servir* à sociedade e ao Estado, não desservindo ao indivíduo, *aliar* o interesse individual ao interesse social." Ibid., p. 105, itálico meu. Nota-se que para o autor os interesses da sociedade e do Estado estão dados, e será necessário ajustar as aptidões dos indivíduos a eles.

[111] Celso Kelly, "Arte e esporte", *Conferências sobre Educação Física*, op. cit., p. 136.

[112] "(...) o que o artista busca é, com uma criação humana, que exprima idéia ou sentimento, despertar a emoção sobre alguém, transpor-lhe um estado de alma, usar de uma linguagem toda especial. Os espetáculos esportivos atingem a esses objetivos em sua plenitude: proporcionam uma emoção viva, com os mesmos lances de imprevisto ou de inquietação, que um drama de teatro ou cinema ocasiona, ou com os mesmos quadros de competição plástica, que a dança oferece, ou com a mesma impressão de desfecho na competição, que se assemelha ao desfecho dos romances e das peças." Ibid., p. 138.

> hoje – de viver em sociedade, de cooperar com seus semelhantes, de concorrer com eles e de com eles atingir resultados comuns.[113]

Ainda que fale na "concorrência" entre os indivíduos, ela deve estar regida por um código de condutas bastante peculiar. Celso Kelly vê no esporte uma escola de "concorrência". Ele educa os indivíduos nessa atividade fundamental da sociedade moderna. Nas suas palavras:

> Que é a atividade esportiva senão uma disputa contínua de vitória pelo esforço e pela operosidade de um grupo? Que é a vida social, nos seus aspectos econômicos, profissionais, mundanos, culturais, políticos senão uma concorrência que mal encobre a mesma disputa, o mesmo anseio de vitória, o mesmo ideal de progredir, fixar-se, caminhar para mais adiante?[114]

Mas, alto lá! Não se trata de uma concorrência desenfreada e aniquiladora, à moda liberal:

> Se o esporte é bem praticado (...) representa uma grande força socializadora, contribuirá para o êxito de milhares de indivíduos, evitará inúmeros desajustamentos, e substituirá as desavenças, os rancores, as discussões e as violências, pela compreensão mútua, pelo respeito, pela tolerância, pela cooperação e pela solidariedade.[115]

Observa-se, portanto, que mesmo quando exalta o esporte por pautar-se pela disputa – o que leva a uma valorização da iniciativa –, o autor registra que essa disputa só será moralmente útil, estendida à vida social, se acontecer dentro da observância do princípio esportivo do saber perder. Respeitado esse princípio, a iniciativa, que poderia ser destruidora dos laços sociais, transmuta-se em solidariedade, ou seja, abole-se a violência pelo respeito do outro, o que se revela muito útil: sob o Estado Novo, levava os ouvintes de Kelly a reconhecerem a vitória econômica, social e política das "elites", a aceitá-la dentro das regras do jogo. Sobre a violência das "elites", nem uma palavra. Os grupos sociais subordinados deviam observar as regras do bom jogo, os grupos dominantes estavam desobrigados.

---

[113] Ibid., p. 140.

[114] Ibid., p. 140-141.

[115] Ibid., p. 141.

A simples leitura do texto não permite fixar um juízo sobre o autor, se ele é ingênuo e desinformado, ou mal-intencionado. De qualquer forma soa irônica a afirmação seguinte, proferida durante um período politicamente autoritário, de clientelismo, de favores:

> Atentai nos que, neste complexo século XX, triunfam nos torneios diários, nas lides econômicas, na carreira profissional. Não são os que impõem a força bruta, mas o que sabem, na esgrima de interesses da nossa época, terçar as suas armas com elegância e justeza. São os que, por compreender o meio, sabem viver em sociedade. O esporte dá também sua contribuição para a arte de viver.[116]

Entretanto, o autor consegue em meio de um discurso eminentemente ideológico, no sentido de falseamento da realidade (cujo grau de intencionalidade não é relevante aqui), elaborar uma explicação interessante para o esporte como fator de união nacional, que não havia sido feita ainda. Ele consegue combinar a disputa do esporte com a união; supera, portanto, essa dicotomia que fez pender a balança do debate durante tanto tempo, do ponto de vista lógico, para o lado daqueles que viam no esporte um vivificante de discórdias, como os anarquistas, Lima Barreto e Carlos Sussekind de Mendonça. Visto do ângulo restrito da disputa, o esporte separa; para Kelly, contudo, a essa separação se impõe uma união inconsciente, não percebida e bastante eficaz no sentido de criar a comunhão nacional, o objetivo obsedante de tantos autores que vimos estudando. Se as rivalidades entre torcedores de equipes diferentes acirram-se com a disputa, mesmo assim tais torcedores tomam conhecimento uns dos outros, comungam os mesmos símbolos, movem-se no mesmo imaginário social. Forma-se o que Celso Kelly chama de "mentalidade comum", forma-se uma comunidade de emoções, ainda que a situação primária seja de conflito. Discutem-se vitórias e derrotas a partir de categorias comuns, cada um sente-se parte de um todo, ainda que cindido em várias facções. O autor não explicita (e novamente não sabemos se tem consciência disso), porém é melhor ainda que essa cisão não acompanhe o corte de classes e grupos sociais, mas, atravessando esse corte, una numa mesma facção o que a exploração capitalista dividiu.

Eis o seu texto:

---

[116] Idem.

> Nessas atividades freqüentes – a atividade esportiva se repete dentro de um ritmo intenso – os encontros se sucedem amiúde. Vale dizer: os contatos entre as pessoas que compõem o grupo são abundantes. Quer na prática do jogo, quer no que lhe antecede, ou sucede: conversas, comentários, treinamento, instrução... Aqueles contatos produzem as reações inevitáveis. Influências recíprocas. Vai-se tecendo com o tempo uma rede entrelaçada de emoções, idéias. O indivíduo começa a ser menos pessoal e uma mentalidade comum começa a nascer. É nesses grupos que inconscientemente se vão formando os padrões morais do povo. Eles constituem uma comunidade mais ampla, mais entrelaçada, mais cheia de estímulos e reações que a comunidade familiar. Todos os valores morais, inclusive a própria noção de nacionalidade, sofrem sua fase modeladora decisiva nessa vida grupal, atraente, constante, muitas vezes empolgante e arrebatadora (...) Os esportes, além do destino que dão às horas de lazer, contribuindo para solver um dos problemas sociais (ocupação da folga cada vez maior), podem contribuir para a formação de uma mentalidade comum, que é o grande ideal nacional.[117]

Fixar o padrão de beleza nacional e criar uma mentalidade comum, tais são as possibilidades postas pelas práticas esportivas como por nenhum outra, segundo Kelly. Se o primeiro objetivo permaneceu inatingido, cabendo muito mais à dança (o samba) esse papel (pelo menos quanto à beleza feminina), o segundo de fato se realizou e a formação da nacionalidade brasileira, do sentimento de pertencer a uma nação, da brasilidade, foi encaminhada também (mas não só) por uma modalidade esportiva, o futebol.

3.3. As restrições postas pela Medicina

Políticas nos anarquistas, anti-racistas em Lima Barreto, estéticas e educacionais em Fernando de Azevedo, jurídicas em Bento de Faria, as restrições ao futebol haviam alcançado também a medicina, como se vê em artigo que Eugênio Coutinho, assistente da 4ª. Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fez publicar em 1931. Em que pese o foco estar centrado nos malefícios do boxe, na fadiga provocada pela violência dessa modalidade como causa de tuberculose, lê-se aí que "nós nunca seremos bastantes, os que condenamos a prática nociva desses esportes violentos, como é este futebol que empolga até o delírio a grande massa dos nossos compatriotas (...)"[118]

---

[117] Ibid., p. 141-142.

[118] Eugênio Coutinho, "Fadiga e tuberculose", *Archivos Brasileiros de Medicina*, 9, set. 1931, p. 449.

Dois anos antes, o Dr. Eurico Bastos, pronunciara conferência em que se preocupava com o efeito estético do esporte sobre o corpo humano. Sob o efeito da especialização, ou seja, da prática pelo atleta de uma única modalidade (que é a regra no mundo esportivo), o corpo humano se deforma, diz ele. Depois de listar as deformações provocadas por várias modalidades, acrescenta:

> O futebol tem também os seus senões e numerosos eles são: os pés grandes e nodosos geralmente contrastam com o pouco desenvolvimento dos membros superiores, as pernas são, como a dos cavaleiros, encurvadas à moda de parêntesis ou arcos.
> Se porfiasse na análise, seria quase sem termo a lista dos danos, aleijões e deformidades tributários da desorientação com que se pratica e ainda mais com que se abusa dos desportos.[119]

O limite entre Saúde e Educação era tênue por essa época. Particularmente quando se fazia propostas para o controle sanitário da população. Os médicos se propunham uma ação educativa e professores se preocupavam com a saúde dos educandos. É neste quadro que na década de 30 surgiram alguns volumes voltados para o público estudantil, principalmente de escolas normais, dedicados a traduzir em termos pedagógicos as novas preocupações sanitárias.

Aristides Ricardo, delegado de saúde de Sorocaba e professor da Escola Normal Livre da mesma cidade, escreveu um desses volumes, no qual não se eximiu de exprimir sua opinião sobre a prática esportiva, condenando-a quando assumia a feição de profissão. O reparo é o que já conhecemos, a profissionalização leva à especialização e esta, ao dano do físico. No capítulo dedicado à educação física, depois de fazer o seu elogio rememorando os gregos, escreveu:

> É claro que se a atividade física dos músculos excede as possibilidades normais do seu desenvolvimento, e decorre num meio impróprio de vida, quebra-se o ritmo, desfaz-se a harmonia do crescimento.
> Nesse caso, somente nesse caso, sofrerá o cérebro, em detrimento da massa muscular.
> É o que se verifica entre atletas profissionais, entre aqueles que não têm por objetivo o desenvolvimento harmônico do corpo, mas o crescimento de um grupo de músculos necessários à detenção de um recorde.[120]

---

[119] Conferência reproduzida no corpo da matéria "Está amplamente vitoriosa a iniciativa do Dr. Edmundo de Carvalho", *Diário de São Paulo*, 28 mar. 1929, p. 17.

[120] Aristides Ricardo, *Biologia aplicada à educação*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936, p. 345.

Revistas especializadas também abriram espaço para a crítica do esporte, ainda que esse espaço fosse pequeno e não significasse uma adesão editorial ao campo da oposição. O tom geral desses artigos é sempre o de condenar, como Aristides Ricardo e tantos outros, os excessos.

Pautando-se por uma indisfarçável simpatia pelas experiências fascistas no campo da educação física e do esporte, a revista *Educação Física* publicou em 1939 artigo em que se condena a violência do esporte praticado em países de regimes liberais, como os EUA e a França.

> Em França o esporte é entregue a si mesmo. As federações pensam mais no sucesso que na sua regulamentação. Quanto maior é o campeonato, maior a exibição! Que importa sejam muitos cardíacos, hepáticos ou herniados, diminuídos por toda a vida, enquanto a equipe faz uma defesa?[121]

Essa preocupação médica com os excessos provocados pelo esporte – ou dito de outra forma, a utilização de argumentos médicos na condenação do excesso – era o fundamento também da recuperação da interdição do esporte para crianças,[122] e se combinava a avaliações morais dos efeitos da competição, como no texto de autor francês publicado duas vezes por *Educação Física* no mesmo ano de 1939, em que a adequação do esporte como atividade escolar é novamente posta em causa e aprovada somente com muitos cuidados. Num trecho curto o autor lança mão da antiga tríade – aspectos físicos, intelectuais e morais:

> O esportista, escreve Jean Prerrefen, apesar das teorias e charlatanices da imprensa, que boa máquina é para esvaziar cérebros! Joteyko prova em sua obra "A Fadiga" que esta embota todas as faculdades (...) Por isso é bom se decidir que o esporte olímpico com suas lutas, seus riscos, é perigoso fisiologicamente falando. Se-lo-á igualmente, sob o ponto de vista moral, se tem como estimulante básico a vaidade.[123]

---

[121] "Futebol. Ante a freqüência dos acidentes, as universidades e colégios americanos reclamam uma regulamentação", *Educação Física*, 31, jun. 1939, p. 44. Para uma excelente análise da linha editorial dessa revista consulte-se Sonia de Deus Bercito, *Ser forte para fazer uma nação forte*, op. cit..

[122] "A Footballmania", *Educação Física*, 27, fev. 1939, p. 10-11.

[123] L. Dehoux, "O papel do esporte na educação", ibid., 33, ago. 1939, p. 11-12; republicado em 36, nov. 1939, p. 27-29.

A exploração da antítese saúde/recorde (o segundo termo resume competição, fadiga, especialização e profissionalismo) reaparece ainda no final do período em estudo, na mesma revista. O "recorde" pode dar "fama" ao atleta ou ao seu país; estimula ainda outras pessoas a se dedicarem à educação física, o que se admite como positivo. Entretanto, os males contraídos pelo praticante superam de muito essas vantagens, o que faz da ginástica, isenta de recordes, um meio muito mais saudável de cuidado com o corpo. Nas palavras de Raul Polillo, as coisas se colocam da seguinte maneira:

> O esportista, por definição, é "competidor", isto é, visa colocar-se em primeiro lugar, entre os praticantes do mesmo esporte; quando se encontra em primeiro lugar, procura superar a si próprio. Nascem daqui os recordes.
> Do ponto de vista da conservação da saúde, o esporte não é a coisa mais indicada; o recorde é sempre condenável. O recorde pode dar fama a quem o consegue, bem como à nação a que pertence seu detentor. Serve muito como base de entusiasmos públicos, e é interessante, em tese, como propulsor do progresso em determinado setor da cultura física.
> Individualmente porém, o recordista só se mantém em forma durante certo tempo; atingindo o apogeu e entrando em idade francamente adulta, ele decai rapidamente; perdida a esperança de novos recordes, que as conseqüências naturais da idade dissipam, o recordista abandona, via de regra, a prática da sua especialidade, e o organismo começa então a revelar sinais de degenerescência biológica. Engorda muito, ou definha (...)
> A ginástica, mesmo sendo mais modesta do que o esporte, porque não visa a especialização e não procura estabelecer tentos cada vez mais prodigiosos, é muito mais útil à saúde.[124]

Somente quando era utilizado para desviar os jovens de "outros prazeres" o esporte, mesmo com todos esses inconvenientes, era aceito. "O esporte deve ter início aos dezoito anos, época em que geralmente o jovem se sente atraído por falsos prazeres" escreveu Idyllio A. Arbade, na revista *Viver!*.[125] Essa mesma revista publicou alguns artigos cujos títulos já demonstram a preocupação com o excesso: "Esporte e saúde. Os excessos do esporte", "Como prevenir os excessos no esporte", "Controle médico dos esportistas". [126]

---

[124] Raul de Polillo, "Esporte, saúde e ginástica", ibid., 77, mar. 1944, p. 38.

[125] Idyllio Alcântara Arbade, "O esporte e as crianças", *Viver!*, 31, jan. 1941. Esse mensário começou a ser publicado em julho de 1938.

[126] *Viver!*, 1, jul. 1938, p. 61-64; 10, maio 1939, p. 66-69; 33, mar. 1941, p. 70, respectivamente.

Principalmente sobre essa vertente é que Orlando Ferreira construirá o seu libelo contra o futebol, que estudaremos a seguir. Mas antes é preciso chamar atenção para a posição da Igreja Católica sobre o tema.

3.4. Os dilemas do catolicismo

A partir da publicação da carta pastoral do arcebispo de Recife e Olinda, Dom Sebastião Leme, em 1916, iniciou-se para a Igreja Católica no Brasil o período que se chamou da "neocristandade", ou seja, da tentativa da hierarquia católica de impulsionar uma retomada da sua influência sobre a vida nacional, depois do baque sofrido com o advento da República e a separação entre Igreja e Estado. A Igreja se propôs então "cristianizar as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos".[127]

Participando de certa maneira do "otimismo pedagógico" em voga, acreditava dever e poder fazer a população abandonar práticas sincréticas e recolher-se a um pietismo verdadeiramente católico. As práticas católicas encontravam-se anarquizadas, segundo pensava a hierarquia católica, uma vez que os fiéis associavam a elas o espiritismo e se entregavam ao mundanismo e ao consumo, quando não se desviavam para confissões protestantes.

Pautando-se por adotar uma orientação marcadamente nacionalista, conservadora, patriota, antiliberal, anticomunista e antiprotestante, a "neocristandade" levou à criação de organizações leigas que deviam colaborar no projeto de reconversão, como a Aliança Feminina (1919), os Círculos Operários (1930), vários ramos da Juventude Católica (a partir dos anos 30) e a Ação Católica Brasileira (1935), entre outras. O resultado foi que a Igreja conseguiu recuperar muito da sua força, ao mesmo tempo que

> permaneceu politicamente conservadora, se opondo à secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Insistindo num catolicismo mais vigoroso e que se imiscuísse nas principais instituições e nos governos, as atitudes práticas das pastorais da neocristandade se diferenciavam das anteriores. Assim conseguia o que percebia como sendo os interesses indispensáveis da Igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo. Através do modelo da neocristandade, a Igreja revitalizou sua presença dentro da sociedade (...) Por volta dos anos 30, a instituição havia revertido a sua decadência.[128]

---

[127] Scott Mainwaring, *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*, São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 41.

[128] Ibid., p. 43.

Controlando, portanto, grandemente a educação e o imaginário da sociedade brasileira; vitoriosa na Constituição de 1934 ao preservar o seu espaço no capítulo relativo à educação; conseguindo, por meio de pressões, forçar o governo a dispensar os serviços de intelectuais como Anísio Teixeira, que propunham a laicização da educação; a Igreja apresentou-se também preocupada com a educação física e os esportes. Um dos primeiros e principais objetivos das intervenções dos intelectuais e da hierarquia católicos nessa área foi o de refutar a idéia de que a Igreja relegaria o corpo a segundo plano, estando preocupada apenas com o "espírito".[129]

Neste aspecto Barbosa de Oliveira, catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, deu curso a uma curiosa teoria desenvolvida por um padre francês nos anos 20.[130] A Igreja teria estado sempre preocupada com a educação física, desde seus primórdios. A Renascença e a Revolução Francesa é que a teriam mergulhado na decadência, a primeira pela substituição dos exercícios ao ar livre por jogos de salão, e a segunda pelo desinteresse dos "poderes públicos".[131] Segundo o autor,

---

[129] Como vimos, muito do que se escreveu a favor da introdução da educação física nas escolas combatia uma educação apelidada de "jesuítica", que tradicionalmente preconizara uma hiperatividade intelectual aliada a contenção dos movimentos corporais. A própria prática da ascese, identificada entre os fiéis católicos como um dos índices de santidade, colaborou em muito para cristalizar a concepção de uma aversão da Igreja ao corpo físico. Uma rica análise das origens do ascetismo cristão encontra-se em Peter Brown, *Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

[130] F.-A. Vuillermet, O. P., *Les Jeunes Gens et les Sports*, Paris, P. Lethielleux, 1925, em circulação no Brasil desde pelo menos 1927, como ficou registrado na folha de rosto do exemplar que consultei, sob o nome de Raul de Azurem Costa. Todos os argumentos utilizados por Barbosa de Oliveira se encontram aí.

[131] C. A. Barbosa de Oliveira, "Os esportes na formação da mocidade (Educação física e espiritual)", *Revista Brasileira de Pedagogia*, 3, abr. 1934, p. 133. Esta revista foi publicada mensalmente pela Confederação Católica Brasileira de Educação desde 1934. Seu diretor era Everardo Backheuser, que mencionamos a seguir. Na própria revista, entretanto, em número posterior, surgiram dúvidas quanto à teoria exposta por Barbosa de Oliveira, mais exatamente sobre a existência de educação física na "Idade Média": "Não é que eu negue, mas um ponto controvertido assim não se aclara com a simples asseverativa [sic] do Dr. Barbosa de Oliveira". Alceu da Silveira, ibid., 13, abr. 1935, p. 215, seção "Resenha de Livros". A polêmica permaneceu acesa e na *Ação Católica*, revista mensal editada pela Ação Católica Brasileira a partir de setembro de 1938, publicou-se artigo do alemão Walter Artelt, "O médico e os exercícios físicos na Idade Média", que discorre eruditamente sobre os médicos medievais e suas recomendações de exercícios físicos para pacientes e para preservar a saúde. Em nota ao texto, o editor explica tratar-se de "uma comunicação científica feita ao Instituto para História da Medicina e das

> O que a Igreja condenou e condena é fazer da beleza física uma virtude, é o conceito pagão de aperfeiçoar o corpo como finalidade, divinizando-o.
>
> A máxima de Juvenal "mens sana in corpore sano" corresponde a uma aspiração, a uma prece, embora alguns tenham pretendido desviá-la do sentido original para capciosamente exprimir que a saúde do corpo é condição essencial da saúde da alma.[132]

Ciências Naturais de Berlim, em 1931. Damos a ele publicidade para se verificar mais uma injustiça que se comete contra a Idade Média julgando-a inimiga do corpo". *Ação Católica*, maio/jun. 1945, p. 154, nota. Na verdade, Walter Artelt mostra os *médicos* preocupados com o corpo, e não a *Igreja*. O editor da revista se fez de desentendido.

[132] Idem. Uma remarcada influência no pensamento da "neocristandade" foi Tomás de Aquino, daí falar-se à época em neotomismo (para o tema, ver, entre outros, Fernando A. Campos, *Tomismo e neotomismo no Brasil*, São Paulo, Grijalbo, 1968). Ora, Tomás de Aquino afirmou que "como é manifesto, quanto melhor disposto for o corpo, tanto melhor disposta será a alma (...) Por onde, os homens de corpo melhor disposto terão alma de melhor virtude para inteligir". Tomás de Aquino, *Suma teológica*, I, 85, 7 (Porto Alegre, Livraria Sulina, 1980, v. II, p. 771). Em outros momentos, contudo, o seu raciocínio parece ir em sentido contrário, o que talvez tenha colaborado para a ambivalência católica de que estou tratando. Argumentando que a felicidade humana não consiste em "deleites da carne", "honras", "glória", "riqueza", "poder mundano", "bens corpóreos", não está na "parte sensitiva", em "atos das virtudes morais" e da "prudência", e tampouco em "atividade artística", mas , sim, na "contemplação de Deus", acerca dos "bens corpóreos" estabeleceu o seguinte: "O sumo bem do homem [a felicidade] não está nos bens corpóreos, como a saúde, a beleza e a robustez. Ora, essas coisas são comuns aos bons e aos maus; são instáveis e não se subordinam à vontade. Além disso, a alma é melhor do que o corpo, porque o corpo não vive e não possui os bens supra mencionados senão mediante a alma. Ora, o bem da alma, como o conhecimento intelectivo e coisas semelhantes, é melhor que o bem do corpo. Logo, o bem do corpo não é o sumo bem do homem. Além disso, os bens corpóreos são comuns aos homens e aos animais. Ora, o bem da felicidade é próprio do homem. Logo, nos bens corpóreos não está a felicidade humana. Além disso, muitos animais são superiores ao homem, quanto aos bens corpóreos, pois alguns são mais velozes, mais fortes, etc. Se, pois, nestes bens estivesse o sumo bem do homem, o homem não seria o animal mais perfeito, o que é evidentemente falso." Tomás de Aquino, *Suma contra os gentios*, III, 32 (Porto Alegre, EDIPUCRS/Edições EST, 1996, v. II, p. 432). Somente com muito esforço era possível à intelectualidade católica intentar conciliar a divisa de Juvenal, que atribui igual importância a corpo e mente, com o pensamento registrado pelo santo nas suas "Sumas". O esporte, o mais das vezes, com a insistência católica em considerá-lo exagerado e concupiscente, foi identificado como um vício ou pelo menos uma perturbação exterior à vida interior, contemplativa, e escapou da atribuição de sanidade – como prática moderada era interessante, como espetáculo era abominável. Quanto a ele, portanto, o santo prevaleceu, pois escrevera: "Com efeito, para a perfeita contemplação [de Deus, a felicidade última do homem] é necessária a incolumidade corpórea, e para esta se ordenam todos os utensílios necessários à vida [o que parece confirmar Juvenal; mas ele continua]. *Também requer a contemplação a tranqüilidade sem as*

O passo a seguir dado pelo autor foi o de explicar as aproximações entre as atividades esportivas e a ascese, identificando seus resultados ao perguntar: "não haverá no esporte uma certa mortificação, e às vezes, bem rude em sua plena realização?"[133] Concordando, portanto, com os efeitos maléficos das práticas esportivas sobre a saúde do corpo, ainda que não assumisse a concordância e, alternativamente, apresentasse esse processo como o fortalecimento da saúde da alma, Barbosa de Oliveira passou a recusar o esporte levando em conta os seus fins: fosse praticado para mortificar o corpo, dobrá-lo à obediência do "espírito", o esporte era bem vindo; fosse praticado por vaidade, para exibir músculos, e deveria ser proscrito.

> [A Igreja] Não aplaude, de certo, os exercícios físicos quando esses visam, apenas, formar um belo bruto, orgulhoso ao contemplar os seus músculos pectorais ou seus bíceps. Com esse caráter, entretanto, tais exercícios não são educativos, pois cultuam o corpo como finalidade, quando ele é um meio, um instrumento a serviço da alma.[134]

Abel Fagundes concordou com a proscrição do esporte das escolas. Ainda que reconhecendo as virtudes pedagógicos do "jogo", constatava muitos inconvenientes e recomendava muito cuidado na sua adoção. De passagem, observe-se que esta é a descrição mais realista e completa das disputas esportivas nas escolas centrada no tópico da violência dentre as encontradas no período.

> (...) devemos confessar lealmente que a aplicação dos jogos tem trazido à escola embaraços muito sérios, seja pela quebra da disciplina e liberdade de atitudes, que provoca, seja pela rivalidade que costuma estabelecer entre classes e não raro entre os alunos da mesma classe.
> No decorrer da partida, cada partido estimula o seu agente, e procura perturbar o representante do partido adversário. E, terminado o embate, sucedem-se as chufas, os apupos, a vaia aos que perderam.

---

perturbações passionais, à qual se chega pelas virtudes morais e pela prudência, bem como a tranqüilidade que afasta as perturbações exteriores, para a qual se ordena todo o regime da vida social." Ibid., III, 37 (v. II, p. 435), itálico meu. O espetáculo esportivo era, seguramente, uma "perturbação exterior" para os intelectuais católicos brasileiros.

[133] C. A. Barbosa de Oliveira, op. cit., p. 134.

[134] Ibid., p. 131-132.

> Não é de admirar. Pois não é freqüente os adultos se engalfinharem no decorrer dos encontros desportivos? Não sabemos todos que o "foot-ball" tem conseguido o milagre de dividir populações em grupos rivais e absolutamente infensos uns aos outros?
> Mas a escola não pode admitir isto em seu seio. Ela é um instrumento de unificação e de solidarização por excelência. Tudo quanto seja discórdia, desentendimento, hostilidade, não lhe pode ficar portas a dentro.[135]

Everardo Backheuser abonou estas idéias. Esse autor, que propôs uma adaptação católica da Escola Nova,[136] culpava os positivistas pelo abandono da educação física nas escolas, especialmente depois da reforma do ensino do Colégio Pedro II, realizada por Benjamin Constant. Segundo Everardo, mesmo quando a educação física voltou a figurar no currículo "ficou transformada em meros exercícios militares, marchas e contramarchas."[137]

Este é o início do raciocínio para explicar as causas de práticas esportivas estarem degeneradas no Brasil, segundo seu ponto de vista. Considerando-as parte indissociável da educação física, e abandonadas pelo Estado, teria cabido à iniciativa privada abrigá-las nos clubes. Entretanto, nestes, o esporte, em especial o futebol, deixaram de lado as regras que impõem as disputas ordeiras nos países onde foram criados. Seguidas tais regras, o futebol é uma escola de cooperação e de iniciativa, mas a realidade da sua prática no Brasil era outra, segundo Backheuser. Escandalizado com o envolvimento das mulheres nas brigas entre torcidas, recorrendo ao tópico do abandono do intelecto pelo "culto do corpo", sua argumentação desemboca na condenação à imoralidade pecaminosa de sucumbir à "carne".

---

[135] Abel Fagundes, "Jogar ou não jogar", ibid., jul./ago. 1935, p. 87.

[136] Suas principais divergências com os pedagogos socialistas (como classificava Fernando de Azevedo) e liberais defensores da Escola Nova era a recusa da "escola única", da "escola laica", e da imposição de reformas educacionais a partir do Estado. Ou seja, defendia a completa autonomia da Igreja para definir os parâmetros educacionais das suas escolas. No livro citado na nota seguinte o autor discorre amplamente sobre o assunto. As propostas defendidas por deputados ligados à Igreja na Assembléia Constituinte de 1933 e as vitórias dessa corrente no capítulo da educação contra as propostas laicizantes são abordadas por Raquel Gandini, *Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira (1930-1935)*, op. cit., 1980. Uma frase resume bem a oposição Fernando de Azevedo/católicos: "De toda forma, Fernando de Azevedo e equipe representavam a resposta laica, estatal, às orientações estagnadas e de cunho religioso." Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da cultura brasileira*, op. cit., p. 81.

[137] Everardo Backheuser, *Manual de pedagogia moderna*, Porto Alegre, Livraria Globo, 1942, p. 182-183. Trata-se da 3ª. edição de *Técnica da pedagogia moderna*, de 1934, revista e atualizada.

> (...) é um desatino, que degenera em agressões entre jogadores, ou entre os respectivos *torcedores* e *torcedoras*, em prélios que muitas vezes passam a ter tristes conseqüências, pela irascibilidade de ânimo tão freqüente nos temperamentos tropicais (...) Dando atenção só à robustez física, os moços descuram sua formação intelectual. Como que esclerosam o cérebro à força de ginástica. Ainda mais: o demasiado amor ao corpo leva essa mesma mocidade a um menor zelo pela parte espiritual e moral da educação. Os campos de esporte e as praias de banho se transformam correntemente em tablado de exibições plásticas, de vaidades da carne.[138]

Suprimi um trecho da passagem acima para apresentá-lo em separado e ressaltar uma fissura característica da época na argumentação do autor. Ele não consegue combinar a idéia do temperamento latino apaixonado, a causa objetivamente apresentada da degeneração do nosso esporte, que não segue as regras anglo-saxônicas (sugerindo, portanto, que na Inglaterra o esporte era praticado corretamente), com a realidade dos fatos dos distúrbios nos campos ingleses, noticiados já com freqüência pela imprensa brasileira (para não falar das notícias sobre os outros países europeus e os EUA). Pego em meio a esse desacordo entre a idéia cristalizada e as novas informações, seu pensamento derrapa para a contradição explícita. Na mesma página em que acusa os brasileiros de terem degenerado o esporte devido ao seu "temperamento tropical" afirma que os clubes "degeneraram em preocupação absorvente, *não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro*. Por toda parte, a mania do esporte, o culto do corpo, das 'belas linhas", avassala os espíritos."[139]

Vê-se então que Backheuser condena os espetáculos esportivos *in totum*. Como já vimos em outros autores, inicia com elogios às virtudes do verdadeiro esporte, passa a relatar a degeneração e vai longe, até que, subitamente, como que desperto de um pesadelo, volta a elogiá-lo "se praticado corretamente". Tratando-se de um pensador católico, percebe-se o torvelino em que mergulha o pensamento que quer provar teoricamente a adesão da Igreja ao esporte "desde sempre", de maneira a conciliar a tradição católica com a modernidade (note-se o termo "moderna" no título do livro), e ao mesmo tempo não consegue se desvencilhar da repulsa ascética do corpo. Sem que o autor se dê conta, corpo volta a ser "carne".

---

[138] Ibid., p 183-184. Itálicos no original.

[139] Ibid., p. 183. Itálico meu.

O profissionalismo, não mencionado explicitamente por Backheuser como mais um índice de degeneração do esporte, acabou por ser incorporado ao discurso católico por Carlos Sanches. Glosando em boa medida o texto de Backheuser, lastima a busca de recordes, a inferioridade dos sentimentos despertados pelas disputas, e a criação de "heróis" destituídos de qualquer elevação espiritual – ao contrário, movidos pela busca utilitarista do "aplauso público" ou do "benefício econômico".[140] Neste sentido valoriza os times universitários, os quais "terão a uni-los não o interesse do profissionalismo que é cálculo, mas, o ideal que é nobreza."[141] E aqui a proposta de utilizar o esporte como instrumento de controle das atividades inclusive políticas dos estudantes, desclassificadas como "anacrônicas". Segundo Carlos Sanches, o esporte universitário teria o condão de solucionar dois problemas: desviaria a atenção dos estudantes para outra direção e cimentaria sua unidade. Nas suas palavras, " a solidariedade de nossos moços deixará de se traduzir nas colas dos exames, nas greves e nas paredes anacrônicas e passará a se expressar numa união superior e mais humana que as lides desportivas revelarão na confraternização de vencedores e vencidos."[142]

A hierarquia eclesiástica também se manifestou oficialmente sobre o assunto. Pelo menos três cartas pastorais dos bispos paulistas se referiram sucessivamente às práticas esportivas, não sem contradições.

Em 1940, dedicaram uma seção à educação física, afirmando como de praxe que a Igreja "nem perfilha o intelectualismo exagerado que só cultivasse o espírito, nem pode tolerar o crasso materialismo que só aceita a educação do corpo".[143] O caso das "moças" era especialmente preocupante para o sacro colegiado paulista: interditaram todas as práticas esportivas a elas uma vez que concorriam para masculinizá-las e para colocarem-nas "em perpétuo estado de revolta e inadaptação", não se resignando mais "às condições do seu sexo" [sic].[144] Generalizam, contudo, e acabam por responsabilizar em grande parte o "atletismo" pela "decadência e degenerescência da verdadeira

---

[140] Carlos Sanches, "Filosofia e educação física", *Conferências sobre Educação Física*, op. cit., p. 164-165.

[141] Ibid., p. 169.

[142] Ibid., p. 170.

[143] "Pastoral Coletiva do Episcopado da província Eclesiástica de São Paulo sobre a Defesa da Fé, Moral e da Família", *Ação Católica*, fev. 1941, p. 37 (a Pastoral é de novembro de 1940).

[144] Idem.

educação física, mesmo no período clássico pagão",[145] e terminam por aplaudir os pais que impedem suas filhas de se entregarem aos esportes – se o esporte feminino era mau, imagine-se-o profissionalizado!

Em 1941, os bispos mantiveram as críticas à prática do esporte feminino, frisando principalmente os uniformes esportivos que atentavam contra a moral.[146] Desequilibraram também a balança em desfavor do corpo, doutrinando que "em vez de despertarmos nos moços somente a confiança nos músculos acordemos em seus corações a certeza de que valem mais no homem as forças da inteligência e da vontade, quando protegidas pelo amor e temor de Deus".[147]

---

[145] Idem.

[146] Simultaneamente, um autor se insurgiu de modo enérgico contra a legislação educacional do Estado Novo por vê-la mais preocupada com o corpo do que com o intelecto dos estudantes. Nesta linha, incomodavam-no principalmente os exames biométricos a que *as* estudantes deveria se submeter anualmente (tanto pela exposição do corpo como pelo toque do mensurador, verdadeira mácula em seus corpos virginais) assim como a prática esportiva, em cujas provas "as pobres meninas se submetem a um suplício doloroso, como se fossem rudes atletas, campeões de salto e corrida num campo de experimentação ou demonstração de força". José vivaldino de Carvalho, "Educação Física no Ensino Ginasial, *Ação Católica*, set. 1941, p. 269. Neste mesmo artigo, Vivaldino cita de segunda mão e algo modificada (a partir de Rodolfo Vilhena, *A esterilização dos anormais*, obra de 1934 que não encontrei) passagem de Jules Payot em que este deprecia o esporte frente às conquistas intelectuais da humanidade. Faço aqui a menção porque revela que esse franco opositor do esporte era lido pelos católicos brasileiros. Eis a citação: "As grandes vitórias dos homens não se adquirem com o esforço muscular, senão com os sentimentos generosos e as idéias fecundas. De boa vontade daríamos com hercúleos labregos e, mais ainda, cem [Payot havia escrito *tous*] *sportsmen*, que malbaratam vida e fortuna em exercícios desaproveitáveis, por um só homem de fecunda vontade firme que faz heróis e sábios [em Payot, *pour l'intelligence puissante d'un Pasteur, d'un Ampère ou d'un Malembranche*]". José Vivaldino de Carvalho, op. cit., p. 271-272. Payot continuou o texto assim: "Ademais, o homem melhor adestrado não vencerá nunca na corrida um cavalo, nem tampouco um cachorro, e um gorila não teme a luta de um hércules de feira. Nossa superioridade não consiste, pois, no peso de nossos músculos, e se prova vendo como o homem domesticou os animais mais fortes, e prende tigres e leões para distração de crianças freqüentadoras de jardins zoológicos (...) Entre os fortes em textos e os fortes no boxe, a escolha não deve ser duvidosa. Não se deve tomar por progresso esta tendência a fazer-nos retroceder à animalidade. Excessos por excessos, prefiro o das escolas de antigamente que nos deram Santo Tomás, Montaigne e Rabelais, aos das escolas que nos dão vencedores no remo." Jules Payot, *L'éducation de la volonté*, Paris, Felix Alcan, 1908, 29ª. ed.. Veja-se que o argumento dos animais mais fortes e velozes aparece também em Tomás de Aquino, conforme supra, nota 18.

[147] "Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo sobre erros contra a fé e a moral", *Ação Católica*, jan. 1942, p. 10 (Pastoral de nov. 1941).

Entretanto, observe-se o contraditório. Em 1942, abordando o jogo com o objetivo de condenar a prática dos "de azar", os bispos perguntavam: "Quem não sabe, por exemplo, que o xadrez disciplina a retentiva e desperta a atenção? que as partidas moderadas de futebol adestram os membros? e que muitos outros jogos beneficiam tanto o espírito quanto o corpo dos que os praticam?".[148] Mesmo que se considere a utilização do adjetivo "moderado" como uma restrição – adjetivação que supõe estendida para as outras modalidades –, os bispos desta vez aprovam o futebol, e o vêem como benéfico para o espírito, suprema glória que poderia almejar no meio católico.

Permanecia bastante diversificada, portanto, a posição católica frente ao esporte, tanto em meio à hierarquia, quanto à intelectualidade leiga, e mesmo entre as diferentes ordens religiosas.[149] Para os opositores, em geral, permaneceu sempre a tendência a defender o esporte se conseguisse manter-se amador, moderado, não violento (ou seja, "puro"). Mas essa espécie de utopia esportiva tornou-se recurso retórico. Como já mencionamos, quando a disputa se apresentava na sua crueza, quando as notícias de brigas, ferimentos e mortes ocupavam as manchetes dos jornais, a utopia servia como contraponto maniqueísta. Ou revelava preconceitos de toda ordem.

Como em Berilo Neves. A apoteose do "Diamante Negro", em 1938, incomodou profundamente este cronista carioca, colaborador da *Revista da Semana*, periódico voltado para o público feminino. Suas crônicas revelam um autor católico, carola mesmo, produtor de registros edificantes ou visões pessimistas da sociedade do seu tempo. Elogio de Santa Terezinha de Lisieux, de padres, do Menino Jesus, estes alguns

---

[148] "Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo sobre o jogo, a dignidade da família e a defesa do Brasil", *Ação Católica*, mar./abr. 1943, p. 89 (Pastoral de nov. 1942).

[149] Dentre muitos exemplos, veja-se o dos Irmãos Maristas, presentes no Brasil desde 1897. Há notícias mencionando atividades esportivas promovidas pelos maristas em suas escolas, e disputas de campeonatos interescolares que incluíam futebol, basquetebol, voleibol, pingue-pongue e atletismo, em Santa Maria (RS), Maceió, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1897 e 1947. Conforme Riolando Azzi, *História da educação católica no Brasil. Contribuição dos Irmãos Maristas*, São Paulo, Simar, 1996, v. 1, p. 319-320 e v. 2, p. 128-130; 138-140; 151-152; 244-245. Contra, veja-se a posição dos redentoristas exposta por Fábio José Garcia dos Reis em *Os redentoristas de Aparecida e a regeneração do Brasil: 1916-1931*, São Paulo, Tese de doutorado – FFLCH-USP, 1998, p. 93 e 226.

temas abordados como exemplos morais.[150] Nos seus livros – na maioria recolhas das crônicas publicadas na revista –, onde temos a mesma tendência, veja-se o bucolismo afetado empregado na caracterização do par cidade/campo em *Caminho de Damasco*:

> As cidades são concentrações monstruosas de egoísmo e de artificialismo (...) A Cidade é estúpida, porque é mentirosa.[151]
>
> A cidade é a grande inimiga do gênero humano (...) É verdade que, nas cidades, as igrejas levantam para o Céu a prece muda das suas torres – mas quantos vão às igrejas com o entusiasmo com que buscam cinemas, os dancings, as salas de jogo?[152]
>
> O êxodo das multidões rumo às Cidades é uma diátese do século que vivemos. Os povos cultos e sábios, como o alemão, proíbem severamente essa fuga da saúde para a doença, da tranqüilidade para a tentação, do Paraíso para o Inferno.[153]

O futebol já merecera uma citação de Berilo, anterior a 1938, na qual ironicamente alude às freqüentes brigas ocorridas durante as partidas. Encaixada em mais uma condenação da "cidade", eis como ocorre a alusão:

> Os jornais estavam, naquela tarde, de uma monotonia estúpida. Três desastres de automóvel, duas mulheres que beberam iodo, uma cena de pugilato entre dois advogados de fama, um incêndio na rua da alfândega, duas falências fraudulentas, *um match de foot-ball em que o público invadira o campo* – e mais nada. Uma segunda-feira mofina, escandalosamente seca de sensações, aquela.[154]

Sensações não faltaram na recepção dos "heróis" de 38, e elas sem dúvida incomodaram muito Berilo. O desvio irônico foi abandonado e o autor partiu para o ataque frontal. Sob o sugestivo título de "Leônidas e Shakespeare", apresentou o esporte, particularmente as modalidades do futebol e do boxe, como ações contrárias ao "desenvolvimento espiritual" da humanidade.[155] Este texto é particularmente

---

[150] Berilo Neves, "A última flor do céu", *Revista da Semana*, 21 maio 1938, p. 3; idem, "O Padre", ibid., 12 nov. 1938, p. 3; idem, "Jesus menino", ibid., 19 dez. 1931, p. 3.

[151] Berilo Neves, *Caminho de Damasco (Chrônicas e Fantasias)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939, 2ª. ed., p. 209.

[152] Ibid., p. 211.

[153] Ibid., p. 214-215.

[154] Idem, "A alimentação elétrica", *Revista da Semana*, 15 fev. 1930, p. 3, itálico meu.

[155] Idem, "Leônidas e Shakespeare", ibid., 9 jul. 1938, p. 3. Como o texto ocupa apenas uma página, omiti notas de rodapé para os trechos citados, por considerá-las desnecessárias.

interessante porque é o único que encontrei em que a anatematização do futebol é exatamente isto, literalmente: anatematização. Utilizando símbolos do imaginário cristão, ainda que metaforicamente, o autor os manipula de tal modo que o resultado é uma condenação religiosa do esporte. Ou seja, deu forma literária à proscrição defendida por Barbosa de Oliveira, Abel Fagundes, Everardo Backheuser e pela hierarquia eclesiástica. E isto é novo, senão único.

Escrito em forma de resposta a uma carta supostamente recebida de uma leitora, o texto pretende confortar aqueles que lamentam que os esportes fizeram a "cultura" sucumbir à "barbárie". A antítese esporte/cultura está já indicada no título, opondo dois personagens de dois mundos antagônicos, no entender de Berilo Neves.

Segundo ele, o "Pensamento" aparentemente foi substituído pela "força", e a cultura de séculos sucumbiu ao "diamante negro" e a Joe Louis: "Fala-se mais em Leônidas do que em Stephan Zweig ou Einsten". O predomínio do esporte como assunto nas rodas sociais seria apenas uma reação à época romântica em que "não acreditávamos senão em anjos e demônios". O ateísmo disseminado pelo Realismo acabou tendo como "conseqüência lógica" "a brutalidade da vida e dos gestos", pois segundo Berilo Neves, "quando o homem abandona o templo é, invariavelmente, para se meter no curral". O materialismo, derivado do ateísmo, segundo o autor, acabou por enfraquecer o "espírito" e este "espírito" enfraquecido refugiou-se na mediocridade e na "força". Abandonando leituras "elevadas" como Chateaubriand, apaixonou-se por Edgar Wallace e, no "far-west", pelo culto à "força".

Mas, para Berilo Neves, nada estava perdido, pois para cada bruto como Leônidas havia um espírito elevado como Charles Lindberg ou a Senhora Roosevelt, os quais também "acendem entusiasmos na alma oscilante das multidões", ele voando, ela discursando sobre "o problema social na América". Se vão muitas pessoas aos estádios, igual número acorre aos concertos sinfônicos. É disso, então, que se trata: vivia-se um tempo de convivência entre atividades brutais e altas realizações do espírito.

> O boxe, o futebol, a luta livre têm os seus adoradores e hão de tê-los sempre enquanto o homem for uma mistura de alma e de corpo, de sopro divino e de barro sujo, de luz e de lama... Mas isso não quer dizer que as artes não tenham os seus adeptos, a religião, os seus devotos, a ciência, os seus mártires... Na Roma de Nero, que fazia arder, em postes untados de breu, o corpo dos cristãos – Sêneca tinha os seus discípulos e Petrônio escrevia páginas dignas do seu neto Eça de Queiroz...
>
> O Mundo será sempre assim, com alternativas de estupidez e de beleza, de brutalidade e de fé.

Os termos empregados em relação ao esporte não deixam dúvida. Partindo da dicotomia cristã do corpo e do espírito – o primeiro como campo da negatividade e o segundo, o seu oposto –, o esporte, ligado ao primeiro campo, emana do "barro sujo", da "lama", significando "estupidez" e "brutalidade".[156] Hiperbolicamente, a ele é associado um dos maiores inimigos da fé cristã, uma perfeita imagem de possessão demoníaca, "Nero".

Vê-se que Berilo Neves não estava brincando. Escrevendo para um meio de comunicação de massa, nesse caso uma revista semanal de grande tiragem, mobilizou símbolos fortes do imaginário cristão, dando à sua oposição ao esporte o caráter religioso de defesa do "espírito", uma vez que, segundo ele, "o espiritualismo é a própria essência da alma humana".

Como de praxe, diz não abominar os esportes, mas não é muito convincente. Mais grave, revela um racismo que o título do texto já prenuncia. Diz ele:

> Não é que eu abomine os esportes: ao contrário, faço deles um fator de saúde e de felicidade humanas. Apenas discordo dos que deixam de ler uma página de Chateaubriand para ouvir uma descrição, anatomicamente exata, dos murros de um preto da Louisiana ou da Virgínia... O drama da alma humana é o mesmo que Shakespeare fixou nas suas tragédias eternas. Hamlet continua a sua pergunta angustiosa por entre os guinchos dos foxes e o estrondear das bombas da aviação. Leônidas é um episódio que passa! Shakespeare, uma lição que fica...

Esse trecho é complexo. Em primeiro lugar, a falsidade do reconhecimento de algum valor ao esporte: aparentemente Berilo Neves está criticando apenas o acompanhamento pelos aficionados das notícias esportivas, portanto pode estar condenando o esporte como espetáculo, e não como prática desinteressada, amadora, "como fator de saúde e felicidade humanas". Entretanto, associa os esportes, novamente de maneira forte, a símbolos cuja negatividade considerava absoluta e que supunha serem interpretados pelos leitores da mesma maneira. É o caso do "estrondear das bombas da aviação", imagem de brutalidade, destruição, em meio a qual se debatem os

[156] Não deve passar despercebido que "barro sujo" como metáfora para corpo estava na contramão dos esforços dos intelectuais cristãos ligados à Ação Católica Brasileira, como Everardo Backheuser, interessados em apresentar a Igreja como promotora da educação física.

espíritos lúcidos e hamletianos dos "cultos". Portanto, identifica o esporte com a guerra, levando o tópico da violência ao seu extremo.

Em segundo lugar, deixa escapar uma afirmação racista difícil de se encontrar registrada (neste que é o país do *racismo cordial*). A expressão "murro de um preto de Louisiana ou da Virgínia", além de se enquadrar no contexto geral de associação esporte/violência, explicita que uma das coisas que de fato incomodam o autor é a cor da pele dos ídolos esportivos. Tanto Joe Louis como Leônidas são "pretos". O próprio autor se referira logo de início a Leônidas, não sem ironia, pelo apelido que lhe foi colocado, "diamante negro". E assim podemos ver que outra associação possível do seu texto, a começar do título, é de que o esporte é coisa brutal, violenta e de "pretos", que os "brancos" deveriam evitar. O campo desses era simbolizado por Shakespeare, o "branco".[157]

Outro tópico subjacente é o da imbecilização: o esporte como atividade em que predominam os murros (que sintetizam a partir do boxe toda uma série de termos, como coice e patada, para o futebol) é anteposta à elevação cultural sugerida pelo emprego do nome do dramaturgo e poeta inglês. Ao associar os três tópicos – racismo, violência, imbecilização – no contexto do imaginário cristão que mobilizou ao longo do texto, vemos que para Berilo a "cultura" é própria da "luz", do "sopro divino", de "Sêneca", de "Shakespeare", enfim do "branco", e que o esporte está ligado ao lado "negro" da vida, à "lama", ao "barro sujo", ao próprio Nero – possuído que estava pelo Senhor do Negro Absoluto –, sem esquecer do "breu" que untava os poste em que os cristão atados ardiam.

A pergunta que fica é se o autor tinha por objetivo explicitar seu racismo, ou se a expressão "preto" foi um ato falho que revelou o que era para permanecer como mensagem subliminar. Seja como for, quão longe estamos da oposição ao futebol de Lima Barreto. Os anos decorridos desde a morte do autor de *Marginália* foram aqueles em que, em virtude do profissionalismo, os filhos da "elite" se afastaram da prática do futebol, que se tornou cada vez mais uma atividade de negros e mestiços. Berilo Neves representa e escreve para essa elite que abandonou os campos e se refugiou nos seletos clubes de golfe ou de tênis, onde o esporte supostamente era "fator de saúde e felicidade humanas".

---

[157] Repare-se que a eleição dos alemães como exemplo de povo "culto e sábio", na primeira citação da p. 220, acima, pode sinalizar simpatias nazistas do autor.

3.5. A crítica eclética de Orlando Ferreira

Saiu da pena de alguém que estava familiarizado com a literatura sobre educação física, atento principalmente a quaisquer reparos que se colocassem à prática do futebol, o texto que encerra o que se considera aqui o primeiro período de ação contra o esporte no Brasil, escrito por um autor que estava afastado do eixo Rio-São Paulo, onde até então se dera o grosso das ações e publicações antiesportivas. O autor é Orlando Ferreira (1886 – 1957), que nasceu e viveu em Uberaba, Estado de Minas Gerais, e o texto, *Forja de Anões*, publicado em 1940, ao que parece o último livro que escreveu, e o único cujo tema é o futebol.[158]

Em que pese a menção já feita a várias manifestações antiesportivas após 1940, o livro de Orlando Ferreira é a última tentativa sistemática e não ocasional de elaborar uma argumentação que desse conta exaustivamente das várias facetas do fenômeno esportivo.

O estilo adotado pelo autor, que o título já denuncia, é um misto de ironia e indignação; o tom, panfletário. Anunciada já no preâmbulo, perpassa a desesperança, a certeza de estar "malhando em ferro frio", de que o esforço é em vão. Pois reconhece que o futebol já se havia popularizado por todo o país e que poucos lhe dariam ouvido. Entretanto marca a sua posição, enviando até um exemplar para Gustavo Capanema, talvez esperando que convencendo o "poder" este poderia desencadear ações na sociedade contra o futebol.[159]

Orlando Ferreira já havia manifestado anteriormente, *en passant*, seu desapreço pelo futebol e outros esportes, por aquilo que tinham de violentos. Criticando o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, pelas suas constantes críticas e deturpações acerca do movimento comunista internacional, particularmente da situação na URSS, e

---

[158] Orlando Ferreira, *Forja de anões*, São Paulo, Empresa Gráfica de "Revista dos Tribunais", 1940. Este livro não é quase citado. Encontrei três referências a ele: uma de Milton Pedrosa ("O futebol na literatura brasileira" in *Gol de Letra*, RJ, Gol, 1967, p. 12), que o comenta desclassificando-o, outra em bibliografia sobre futebol no livro de Sílvio Castro, *O futebol brasileiro bicampeão do mundo* (RJ, Anuário da Literatura Brasileira, 1962, p. 160), e, finalmente, em de Plínio Negreiros, *A nação entra em campo...*, op. cit.. nota à página 113.

[159] O exemplar que se encontra na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, traz dedicatória manuscrita do autor ao ministro.

pela defesa intransigente do mundo capitalista, o autor escreveu, provavelmente na primeira metade da década de 30:

> Junte-se à salada toda do "Correio", mais outras belezas, como por exemplo, notícias e comentários diários que estimulam esportes prejudicialíssimos à mocidade, *verbi gratia*: o boxe, o futebol, o basquetebol, o voleibol, e tudo mais acabado em ball e condenável pela sua violência.[160]

Esta provável primeira menção explícita de recusa do futebol do nosso autor aparece no contexto maior da recusa de todo esporte. Entretanto, rápida, a recusa baseia-se ainda num único tópico, a "violência". Foram necessários mais alguns anos e o efeito patriótico "Leônidas" para que Orlando Ferreira se fixasse no futebol e reunisse os tópicos "físicos", "intelectuais" e "morais", e mais uma grande quantidade de exemplos sob o título provocador de *Forja de anões*. Se os tópicos utilizados pelo autor foram, na maioria, aqueles que já conhecemos, ele se esforçou para fazer uma apresentação

---

[160] Orlando Ferreira, *A ilusão capitalista*, Uberaba, s/ed., s/d., p. 13. No exemplar do acervo da Faculdade de Direito da USP há uma dedicatória manuscrita pelo autor datada de 22 de novembro de 1933, ano em que, então, o livro deve ter sido publicado. É de se estranhar que o autor elogie a URSS, como fizera também em outro livro (*Capitalismo e Comunismo*, São Paulo, Rabello & Magalhães, 1932) e desconsidere que lá o incentivo estatal ao esporte era tão ou mais exacerbado do que aqui. Nos meios comunistas brasileiros já circulava um bom volume de informações sobre as atividades esportivas soviéticas, pelo menos desde 1928, quando da realização do III Congresso do PCB, e a simpatia pelo comunismo nos leva a pensar que o autor pudesse ter se relacionado com comunistas e tido acesso a essas informações. Contudo, são apenas conjecturas. A biografia de Orlando Ferreira ainda está por ser feita. O Arquivo Público de Uberaba se propôs fazer um levantamento da vida e obra do autor, mas os resultados foram pequenos devido às dificuldades de levantar as informações. Nem à totalidade da sua obra o Arquivo teve acesso. Tanto que a biografia que acabou por ser publicada (*Catálogo Histórico*, n.º 5, 1987, p. 41- 48) pôde apenas se referir mais extensamente à sua militância anticatólica; não há nada sobre suas simpatias com o comunismo e, portanto, não é possível estabelecer até que ponto estava familiarizado com a literatura do PCB. Pode-se supor que a dificuldade para obter informações sobre Orlando Ferreira esteja relacionada ao combate que moveu à Igreja Católica em Uberaba, cujos membros teriam se esforçado por apagar a memória deste opositor. A biografia também não faz referência a sua aversão pelo futebol. Uma última palavra: de seus livros, a se supor que cultivou essas preferências simultaneamente, sobressai o perfil de alguém que era admirador de Rui Barbosa, anticatólico, nacionalista e antiimperialista, com simpatias pelo comunismo. Além dos três já citados, escreveu ainda *Pela Verdade* (1919), *Ruy Barbosa e seus detratores* (1921) e *Terra Madrasta* (1928).

exaustiva de novos exemplos, tentando convencer não só pelo raciocínio mas também pelo número.[161]

O autor dedica todo o primeiro capítulo para a discussão da questão da "fadiga". Segundo ele, o homem tende para a imobilidade. Ao contrário das outras espécies animais, que tendem para o movimento, o homem, por ser inteligente, tende à "preguiça". Isto acontece porque a fadiga corporal embota o cérebro e prejudica o exercício da inteligência, ou nas suas palavras, "a fadiga é uma grande inimiga do cérebro e assassina do pensamento".[162] Considerando a inteligência o dom maior da humanidade, Orlando Ferreira entende que deve ser feito de tudo para preservá-la e desenvolvê-la, e não embotá-la. Daí que segundo ele a "preguiça" seja o estado ideal do homem, estado que vai alcançando pelo desenvolvimento técnico que cria máquinas para substituir o trabalho. Cria-se uma relação recíproca de causa e efeito entre a "preguiça" e o desenvolvimento tecnológico, um se alimentando do outro e um causando o outro, e à medida que o tempo passa mais meios técnicos permitem ao homem menos trabalho, mais "imobilidade". Ora, sendo uma atividade que estimula o movimento em excesso ao invés de atenuá-lo, o futebol é contrário ao melhor desenvolvimento humano. Ao invés, portanto, de apresentá-lo como uma compensação para a imobilidade física causada pela civilização industrial (como fizeram Lourenço Filho e Arthur Ramos entre outros), Orlando Ferreira preferiu positivar a imobilidade.

A prova do desserviço prestado pelo futebol, segundo Ferreira, é a quantidade de praticantes que são acometidos de doenças devido à sua prática. O autor arrola um grande número de exemplos de jogadores que caíram doentes supostamente em função da prática futebolística. Invoca a autoridade de vários médicos que confirmam tais efeitos indesejáveis no esporte. Chama a atenção especialmente para o surgimento de doenças no coração, no aparelho respiratório e impotência sexual.

---

[161] Apesar de os tópicos utilizados para recusar o futebol serem, em sua maioria, os mesmos de Carlos Sussekind de Mendonça, e de parecer quase impossível que conhecendo parte significativa da literatura sobre educação física e esportes ignorasse *O esporte está deseducando a mocidade brasileira*, a obra do escritor carioca não aparece citada. Há apenas a utilização, uma única vez, do verbo *deseducar* no sentido dado por Carlos Sussekind de Mendonça – "O futebol não está só deseducando a mocidade, mas também inutilizando a mocidade brasileira, e reduzindo os seus dias de vida" (p. 72). Como a expressão já circulava há pelo menos vinte anos nos meios antifutebolísticos, não se pode inferir que em Orlando Ferreira seja um índice do conhecimento do livro de Carlos Sussekind de Mendonça.

[162] Orlando Ferreira, *Forja de anões*, op. cit., p. 23.

O coração dos atletas, disse apoiando-se nas autoridades da medicina, se hipertrofia, o que tende a lhes encurtar a vida:

> Portanto a regra geral para o coração dos atletas é ser-se hipertrofiado. Um coração normal, neles, constitui exceção raríssima (...) que tem uma serventia, confirmar a regra...[163]
> Se o indivíduo, em tempo de salvação, se arrepende do mal que está causando ao seu próprio corpo e entra no bom caminho, o coração volta às suas dimensões primitivas e naturais (...) entretanto, o mesmo indivíduo não deixou de encurtar a sua vida, por ter feito uso imoderado dos seus órgãos, obrigando-os a trabalhar fora do ritmo natural, duplamente ou mais, em um prazo dado, quando, durante esse mesmo prazo, era necessário um menor esforço e uma energia menor, para efeito de longevidade.[164]

Quanto aos pulmões, afirma que

> O conhecido cardiologista e tisiólogo brasileiro Dr. Uzeda Moreira, entrevistado pela Folha da Noite, de São Paulo, condenou também os campeonatos que, "numa seqüência aterradora de jogos exaustivos, consomem todas as reservas orgânicas do esportista, minando-lhe os pulmões pelo bacilo de Koch".
> Ângelo Mosso "perguntou a um dos mais célebres médicos da Itália o que ele pensava da ginástica atlética", e esse respondeu que "vários entre os melhores esportistas que ele conheceu morreram tísicos"...[165]

Até a potência sexual dos atletas ficava prejudicada, ao seu ver, pelo esgotamento provocado pelo futebol. O autor afirma ter feito pesquisa em Uberaba e encontrado três jogadores (segundo ele, a pesquisa não foi exaustiva) que se queixavam de impotência e que, abandonando o futebol, se restabeleceram. A partir dessa "pesquisa" Orlando Ferreira generaliza e afirma que "o jogador de futebol – é regra geral – não passa de um impotente sexual". Quando não, deveriam ser esterilizados, pois geram "filhos degenerados, inúteis à sociedade, os quais, para a felicidade da Nação não deveriam ter nascido".[166]

Acrescente-se às doenças a violência. Orlando Ferreira estende-se nos exemplos de jogadores vitimados por ela. Segundo ele, a origem da violência está no fato de o

---

[163] Ibid., p. 95.

[164] Ibid., p. 93.

[165] Ibid., p. 98.

[166] Ibid., p. 124.

futebol, como muitos outros esportes, fundamentar-se no "recorde" – neste caso, na vitória sobre o time adversário. O comportamento dos jogadores no campo, segundo ele, é o mesmo de soldados na guerra, perseguindo a vitória a qualquer custo. Insuflados pelos clubes e pela torcida, e muitas vezes pela idéia falsa de que estão defendendo a "pátria", escapam a qualquer tentativa de regulamentação antiviolência, pautando-se por um código não escrito que diz:

> 1. A essência do futebol é a violência.
> 2. A moderação no futebol é uma imbecilidade.
> 3. Corram bastante, dêem pontapés à vontade, pulem com muita energia, gritem desesperadamente, mantenham-se sempre na "boa ofensiva", derrubem, firam, maltratem o adversário se preciso for, mas vençam![167]

Com a adoção do profissionalismo, a situação se deteriorou ainda mais "porque, com os ordenados elevados e promessas estonteantes, os rapazes esquecem tudo que acaso possuíam – amor à vida, dignidade, compostura – e se atiram com mais ardor à luta estúpida e selvagem, produzindo maiores excessos e maiores loucuras e infâmias de todo gênero".[168] Mas note-se que para Orlando Ferreira o profissionalismo apenas agravou algo que já era intrínseco ao futebol, ou seja, aumentou a violência, não a criou. Para ele, nem a disputa de peladas escapava da condenação. O futebol era intrinsecamente violento, e enquanto tal, conduzia seus praticantes à morte prematura ou à invalidez. Do ponto de vista físico, o futebol fazia o oposto do que propunha: ao invés de aprimorar o físico, destruía-o.

Ao destruir o corpo físico, agia ao mesmo tempo sobre o intelecto. Orlando Ferreira não se estende muito sobre esta questão, dando-a como óbvia. É o tópico menos explorado no seu livro. Quando se refere a ele, faz uma longa citação de *Lição de Pedagogia*, de Maria Lacerda de Moura, do trecho em que ela afirma que o intelecto do futebolista "escorreu para os músculos" e que jogar futebol é voltar ao "paleolítico". De sua própria lavra é a afirmação de que "um homem fatigado é um ser bestificado, embrutecido, incapaz de pensar".[169]

---

[167] Ibid., p. 75-76.

[168] Ibid., p. 120.

[169] Ibid. , p. 27.

Sobre os aspectos morais envolvidos nas disputas futebolísticas ele é mais prolixo. O mesmo embrutecimento que obscurece o intelecto faz com que os indivíduos envolvidos com o futebol tenham um comportamento anti-social, faz com que percam as "boas maneiras": "os homens, graças ao futebol, vivem hoje como cão e gato, a se arranharem uns aos outros".[170] Para Orlando Ferreira, o futebol é o esporte que "produz maior e mais acentuada emoção",[171] e por causa dessa sua característica,

> Os pugilatos, as lutas corporais, os desacatos, as agressões de todo o gênero, multiplicam-se assustadoramente e revelam a hora triste que vivemos, em que os homens estão sendo conduzidos a uma animalização completa, com a diminuição patente da sua personalidade.
> Qualquer indivíduo está brigando com estardalhaço, está discutindo enraivecido, está gesticulando ridiculamente? Não pode haver dúvida: trata-se de um "bate-bola", de uma fera criada e mantida pelo asqueroso futebol (...)[172]

As "brigas", mais freqüentes nas grandes cidades, não se furtam de acontecer também nas pequenas. Para prová-lo, Orlando Ferreira cita o exemplo dos habitantes de um arraial mineiro que saíram em procissão e ao passar por um arraial vizinho foram apedrejados em virtude da rivalidade futebolística: "Que querem mais", exclama o autor, "até as coisas 'sagradas' não escapam à fúria futebolística!..."[173]

Se a "violência" não é um tópico novo no discurso dos desafetos do futebol, Orlando Ferreira inova ao mostrar que ela era comum nos países europeus tanto quanto no Brasil. Desfazendo o engano recorrente de considerar o futebol inglês um exemplo de "boas maneiras", o autor apresenta vários exemplos, não só ingleses, de jogadores vitimados por contusões graves e de brigas entre torcidas. A recente realização da Copa do Mundo de Futebol na França e, devido ao bom desempenho do time brasileiro, o grande volume de notícias que chegaram deste certame, municiou o autor de exemplos de violência que lhe permitiram perguntar "como procederam todos os jogadores na "culta" Europa, por ocasião da disputa da Taça do Mundo?" para responder que "procederam como animais irracionais e não como homens": "Ingleses, franceses,

---

[170] Ibid., p. 143.

[171] Ibid., p. 129.

[172] Ibid., p. 142.

[173] Ibid., p. 147.

belgas, italianos, húngaros, tchecos, brasileiros, etc., 'infringiram todas as regras do futebol', 'revelaram muita ferocidade' e 'quase nenhuma humanidade'".[174]

Desmontando assim o mito de que os europeus praticavam um futebol "civilizado", Orlando Ferreira abria caminho para uma particular condenação da Inglaterra, a inventora do futebol. O "Apêndice" com o qual termina o livro é dedicado a condenar a Inglaterra pela sua ação imperialista no mundo, da qual a disseminação do futebol era um dos efeitos "funestos". Mostrando como as posições políticas nos anos 30 eram complexas, anatematiza o imperialismo inglês, e minimiza os expansionismos alemão e italiano que deram início à 2ª Guerra Mundial. Se não chega a apoiar alemães e italianos explicitamente, pelo menos retira da Inglaterra qualquer autoridade "moral" para recriminá-los.[175] Aqui, o jogo de "inglês" substitui o jogo de "burguês", tópico que a vigência da ditadura do Estado Novo o impede de usar, e que sua simpatia anterior pelo comunismo provavelmente o levaria a utilizar, fosse outra a conjuntura política.

A maior parte do livro, entretanto, é dedicada à figura do jogador de futebol. Ele, que Orlando Ferreira diz amar e estar querendo salvar ("eu te amo e desejo ver-te liberto de seu algoz desumano – o maldito futebol")[176] é caracterizado de maneira contraditória, ou pelo menos complexa. Orlando Ferreira não traça um perfil plano. O jogador é um "infeliz", um "mártir", sujeito à degradação física e à morte prematura, portanto, uma vítima. Ao mesmo tempo, essa vítima é desagradável, se comporta mal, e como vimos, tanto se bestializa como se deixa corromper moralmente pelo poder do dinheiro. O jogador resultante dessa caracterização não é nada simpático – o que sobressai é o tom condenatório que faz da declaração de amor precedente mera retórica, pois o que o texto nos passa é o profundo desconforto do autor quando em presença do jogador, indivíduo de comportamento tão abjeto, "feio, hediondo, degenerado, mutilado".[177]

Degradação maior, para Orlando Ferreira, era o espetáculo das "compras e vendas" de jogadores. E este é um tópico que ainda que não seja novo, ele explora com

---

[174] Ibid., p. 152. O autor está citando *O Jornal* [Rio de Janeiro], 14 jun. 1938.

[175] Talvez tenhamos aqui o eco, disfarçado é verdade, da simpatia pelo comunismo que professara antes de 1937, que o faz condenar os países capitalistas da mesma maneira, quaisquer que sejam, não se limitando à demonização do nazi-fascismo. Ademais, escreveu o livro quando estava em vigor o pacto germano-soviético e a Alemanha ainda não invadira a URSS.

[176] Ibid., p. 165.

[177] Idem.

mais veemência do que já fora feito. Tal se deve a que escrevia num período em que o profissionalismo já havia sido admitido legalmente no futebol, e a disputa entre os clubes pelos melhores jogadores assemelhava-se a um leilão. Orlando Ferreira considerava isto mais um elemento de degradação moral dos jogadores, que eram comercializados como simples mercadorias. Compara a situação dos jogadores, neste aspecto, à dos cavalos de corrida, apontando para o vocabulário idêntico com que a crônica esportiva tratava uns e outros, quando da transferência para outros donos (o que para ele era o clube em relação ao jogador).

> O que impressiona, porém, e deixa a gente perplexo, é a naturalidade e o pouco caso que a imprensa manifesta no seu noticiário com relação ao pessoal do futebol, quando, ao registrar os acontecimentos esportivos, afirma que o jogador A foi "posto à venda", que o jogador B foi "trocado", que o jogador C foi "adquirido", como se fossem verdadeiros animais de um *haras* qualquer (...)[178]

No rastro do profissionalismo e dos interesses econômicos que se sobrepõem aos esportivos nas disputas, e no âmbito dessa degradação moral em que os jogadores eram mergulhados pelo "dinheiro", colocava-se a questão grave dos subornos. Segundo Orlando Ferreira, os jogadores assumiam a condição de mercadoria e "vendiam" más atuações aos times adversários para fabricar resultados artificialmente. É importante ressaltar que este é um tópico novo no discurso antifutebolístico. Infelizmente, para Orlando Ferreira, ele não dispõe de muitas provas nesse campo: não era ainda comum os jogadores confessarem terem sido subornados. O único exemplo de que dispõe é obtido no livro de Floriano Peixoto Corrêa,[179] que conta um caso de como os próprios jogadores incorporaram a condição de mercadorias, referindo-se a si próprios como "cavalos" e ao dinheiro do suborno como "milho".[180]

---

[178] Ibid., p. 156.

[179] Floriano Peixoto Corrêa, *Grandezas e misérias do nosso futebol*, 1933. Esta autobiografia foi publicada logo após a promulgação da lei que regulamentou a profissionalização dos atletas do futebol, e se constitui num libelo contra o amadorismo, apresentando uma série de exemplos de amadorismo marrom (as misérias) e do que o autor considerava os vícios provocados por ele, como os subornos de jogadores.

[180] Orlando Ferreira, *Forja de anões*, op. cit., p. 163.

4. A reorientação da defesa do esporte

> Estamos em face de um movimento meramente político e social que procura aproveitar-se de uma base pseudo-científica, para criar questões que vêm agravar de modo ameaçador a já tremenda complexidade dos problemas do mundo contemporâneo.
>
> Esse perigo assume proporções particularmente graves em caso de nações cuja formação étnica é acentuadamente heterogênea, como precisamente ocorre no Brasil. Seria realmente difícil imaginar uma etnia mais complexa que a nossa. Além de termos a nossa formação baseada na miscigenação de três raças nitidamente diferenciadas, a nossa estrutura étnica vem sendo ainda há cerca de um século e sobretudo nos últimos decênios complicada pelo afluxo de correntes imigratórias as mais variadas. Todos esses elementos estão se amalgamando em um processo de caldeamento que avança regularmente e cujos resultados já se vão esboçando na promessa de um tipo étnico brasileiro característico.
>
> Em tais condições, introduzir no Brasil as tendências dos racismos exóticos seria monstruosa inépcia, de que poderiam advir perigos imprevisíveis comprometendo a coesão nacional e ameaçando o futuro da nossa pátria. Convencidos da gravidade da situação que se delineia com as primeiras manobras dos disseminadores de preconceitos raciais, resolveram os signatários desse manifesto conclamar as forças intelectuais do Brasil para um movimento de resistência à ação corrosiva dessas correntes que tendem a dissolver a unidade da família brasileira.
>
> O movimento contra o preconceito racial visa não apenas combater as influências estranhas que nos querem arrastar para o turbilhão dos racismos truculentos, como também contribuir por todos os meios para o estudo dos problemas surgidos na nossa própria formação étnica, tendo sempre em mira promover maior harmonia e mais fraternal cordialidade entre os elementos que se vão caldeando na etnia brasileira.[1]

O combate ao nazismo, motivação primeira do manifesto de que reproduzimos um trecho, revela alguns conceitos com os quais trabalhavam os intelectuais responsáveis pela construção do novo paradigma de justificação do esporte ocorrida a partir dos anos 30, que chamaremos de dionisíaco, por oposição ao apolíneo que começava a entrar em crise, aproveitando os próprios termos com os quais a oposição entre ambos foi expressa à época.

---

[1] "Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial", in Arthur Ramos, *Guerra e relações de raça*, Rio de Janeiro, UNE, 1943, p. 172-173. O manifesto é de outubro de 1935, e foi assinado por Inácio do Amaral, Roquete Pinto, Maurício de Medeiros, Arthur Ramos, Hermes Lima, Joaquim Pimenta, Queiroz Lima, Castro Rebello, Leônidas de Rezende, Gilberto Freyre, Victor Vianna e Azevedo Amaral.

A eleição do mestiço como o "tipo étnico característico" brasileiro, fruto do "caldeamento" das raças que aqui se encontraram; a idéia de que a mestiçagem avançava regular e cordialmente; a "coesão" nacional como resultado dessa mestiçagem cordial, e como valor a ser preservado; e, por fim, a crença de que o racismo seria uma intrusão estranha à sociedade brasileira (portanto, até então uma prática inexistente); tais conceitos ao recuperarem e valorizarem a herança africana escamotearam grosseiramente os conflitos sociais recobertos muitas vezes pela pigmentação da pele dos seus atores. Que se trata de uma admirável manifestação anti-nazista, importante ademais por sabermos da existência de nazistas assumidos nos quadros do governo Vargas, nas forças armadas, para não falar da Ação Integralista Brasileira, não se pode negar. Contudo, racistas eram os próprios signatários, a despeito dos seus elevados propósitos.

Vejamos como se colocava essa questão para dois dos signatários do manifesto, aqueles que nos tocam por terem colaborado de maneira fundamental para a criação do referido paradigma dionisíaco: Arthur Ramos e, principalmente, Gilberto Freyre.

Já vimos que Arthur Ramos defendia o jogo como uma atividade eminentemente pedagógica, fundindo as idéias da Escola Nova à psicanálise. Vimos também que percebia no esporte uma atividade compensatória dos males causados pela civilização industrial sobre o corpo dos indivíduos. E grande foi o seu trabalho na recuperação da cultura negra e na sua valorização. Combatendo virulentamente aqueles autores que continuavam utilizando o conceito de raça como fator explicativo da sociedade brasileira e viam no negro um problema, Arthur Ramos posicionou-se decididamente a favor de uma explicação *ambiental*, que chamou de cultural, da situação do negro no Brasil. Neste sentido, afirmou que no seu trabalho "a noção estreita de *raça* foi ampliada com a de *etnias* e *culturas*", o que lhe permitiu defender que "as categorias de diferenciações e desigualdades correm por conta de fatores de ordem ambiental e histórica",[2] ou seja,

> As inferioridades de certos grupos das populações brasileiras nada têm que ver com a raça. São da mesma natureza que as já apontadas nos itens estudados: são condições várias, de ordem ambiental, e que atingem qualquer grupo racial, seja branco, seja negro, ou mestiço.[3]

[2] Arthur Ramos, *Guerra e relações de raça*, op. cit., p. 19.

[3] Ibid., p. 117.

Nestes termos, o autor se integrou ao projeto antropológico de recuperar a cultura trazida da África, preservada e transformada no Brasil. Ademais, aderiu à idéia de Gilberto Freyre da doçura da escravidão no Brasil, do trato diferenciado do português aos povos submetidos, se comparado aos demais colonizadores europeus, e também considerava o racismo ausente da sociedade brasileira. A importância desse posicionamento para o que se está analisando é que, excluído o conflito racial pela sua suposta inexistência, realçada a "afeição" dos portugueses pelas escravas, o mestiço pôde ser apresentado como o tipo brasileiro por excelência. A aculturação do negro no Brasil, processo pelo qual as culturas negra e branca teriam se amalgamado, resultou numa cultura sincrética, mestiça:

> Poderíamos dizer que a desafricanização gradual do negro foi acompanhada, como contra-parte, de uma deseuropeização do branco no Brasil, tudo resultando num compromisso, numa forma cultural nova, onde o negro adaptou elementos culturais europeus, e o branco aceitou elementos culturais africanos.[4]

Mesmo ressaltando a violência da escravidão e o fato do negro estar numa posição de inferioridade exatamente por lhe terem sido oferecidas condições degradantes de existência, Arthur Ramos não abdica, paradoxalmente, do elogio ao português e da especificidade brasileira do convívio senhor/escravo. É nos EUA que ele encontra o contraponto. Confrontando as situação de racismo declarado existente nos estados do Sul daquele país com a realidade brasileira, Arthur Ramos insiste sempre na diferença da nossa experiência, na existência aqui de democracia racial:

> Pouco se sabe dessa esplêndida civilização que os portugueses criaram no Brasil, uma civilização que é a vitória do homem contra a natureza áspera, uma integração de povos, onde não há barreiras de raça e de casta. Democracia orgânica no bom e puro sentido da expressão.[5]

Essa insistência se realiza a despeito de posições em contrário dos interessados, os negros e mestiços, que levaram à criação de movimentos negros como a Frente Negra Pelotense, cujo representante ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado em 1934 (realizado por inspiração de Ramos e Freyre, não por acaso em Recife), não titubeou em

---

[4] Arthur Ramos, *A aculturação negra no Brasil*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1942, p. 12.

[5] Ibid., p. 305. É evidente aqui o eco do luso-tropicalismo expresso didaticamente em Gilberto Freyre, *O mundo que o Português criou*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

denunciar o racismo.[6] Arthur Ramos se desviava da objeção argumentando que esse era um problema localizado, com incidência apenas no "Sul"; do Rio de Janeiro para o Norte vigorava a mais completa democracia racial. Ou seja, nas regiões onde o branco era majoritariamente português ou descendente, imperava a convivência harmônica; as regiões que acolheram outros brancos imigrantes é que apresentavam problemas. Por isso é que a Frente Negra era *pelotense*, como outras eram paulistas ou assemelhadas.

> Na zona Sul, onde a imigração branca vem se processando em larga escala, o Negro se sente como uma minoria oprimida (...) A linha de cor aí assume aspectos mais intensos. O Negro não é bem recebido na comunidade branca como nos outros Estados do Centro e do Norte. E embora não exista nenhuma separação no plano legal, embora a legislação não estabeleça nenhuma separação, o preconceito de cor se estabelece na opinião pública.[7]

E aqui nos voltamos para o esporte, novamente. Continuando nesta mesma linha de raciocínio, na visão de um Brasil racialmente democrático, José Lins do Rego ressaltou a prática futebolística como um dos espaços nos quais essa democracia se realizava. Prefaciando livro em que Mário Rodrigues Filho relata a campanha da seleção brasileira de futebol em torneio disputado no Uruguai, ressaltou que

> Mário Rodrigues Filho escreveu a biografia de uma vitória. Nela ele pôs todas as cores do Brasil. Os rapazes que venceram em Montevidéu eram um retrato de uma democracia social, onde Paulino, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martins. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. Lendo este livro sobre futebol, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e

---

[6] "Muito debatida tem sido a existência ou não do preconceito. Nós que o sentimos combatemos juntos e principalmente contra o atraso da descendência Afro-brasileira (...) Em todas as classes, desde o proletariado, onde no ganha-pão diário, se misturam todos os trabalhadores, o preto será esquecido, ou irá para a cozinha, em alguma festa que o branco improvisar; até a classe alta, onde o intelectual negro teve de ingressar, contribuindo com seu esforço para o meio onde vive, afastado de seus irmãos, que como ele também sofrem, párias do cancro preconceituoso." Miguel Barros, "Discurso de representante da Frente Negra Pelotense", in *Estudos Afro-Brasileiros. Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934*, Rio de Janeiro, Ariel, 1935, v. 1, p. 270.

[7] Arthur Ramos, *O Negro na Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d, p. 185.

> na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será o espanto do mundo.[8]

José Lins do Rego estava dando curso à conclusão lógica dos estudos revalorizadores do mestiço brasileiro no campo esportivo. Uma vez que o mestiço fora guindado de excrescência à posição de tipo nacional brasileiro, o Brasil surgia democratizado pela raça. Tal como em Arthur Ramos. E tal como em seu amigo já internacionalmente célebre, Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre é, de fato, o fundador do novo discurso de aprovação do esporte no Brasil. O velho discurso apolíneo – já esgarçado pelas críticas apostas por tantos, principalmente em relação à violência imanente às práticas esportivas, e ainda mais pela repulsiva experiência nazi-fascista, ao apelar para a "regeneração da raça" – encontrara seu limite.[9] Entretanto, as práticas esportivas prosseguiam, a despeito de justificações. O gosto por elas se tornava cada vez mais disseminado na sociedade. Já estava claro, como lamentava João Lyra Filho, que o futebol predominava. Neste quadro irrompeu a contribuição do intelectual de Apipucos.

Mais uma vez, a Copa de 38 foi fundamental. Pois Freyre não chegou às suas conclusões sozinho. Elas foram elaboradas a partir das avaliações da imprensa francesa acerca do nosso futebol. Era tão importante (como é ainda hoje) para os brasileiros adquirirem algum reconhecimento internacional, que os elogios da imprensa francesa a Leônidas e seus companheiros foram logo amplificados aqui. Até mesmo um sisudo cronista esportivo como Salatiel Campos, do *Correio Paulistano*, não deixou de *imitar* os franceses e, no próprio transcorrer da disputa, identificar o futebol brasileiro como dança afirmando que ele era "como um bailado coreográfico, rico de improvisações momentâneas, apenas obedecendo a linhas mestras algo afastadas."[10] Tomás Mazzoni

---

[8] Mário [Rodrigues] Filho, *Copa Rio Branco, 32*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1943, prefácio de José Lins do Rego, p. 7-8.

[9] Não estou sugerindo que houve uma substituição abrupta de um discurso por outro. A afirmação das propostas de Freyre ficou na dependência de êxitos internacionais do futebol brasileiro. A derrota para os uruguaios em 1950 – parte da torcida culpou o goleiro e os zagueiros brasileiros, todos negros, pela derrota – foi um duro golpe acusado por Mário Filho na segunda edição do seu livro (1964) quando, aí sim, o bicampeonato mundial obtido por seleções "mestiças" (1958/1962) estabilizou o modelo dionisíaco.

[10] Salatiel Ramos, "Ao correr da penna...", *Correio Paulistano*, 7 jun. 1938, p. 10.

testemunhou o quanto a cor da pele dos jogadores era motivo de discussão, depois de 1938, afirmando em 1942, em tom aprobativo que

> Um dos principais aspectos da evolução técnica e estilística do nosso futebol, especialmente nestes últimos 20 anos, reside no triunfo do futebol "colored", em nossos campos oficiais. Teve influência decisiva na nova tendência que se apoderou do nosso jogo, dando-lhe cada vez cunho de malabarismo e improvisação, tornando-o enfim típico, bem brasileiro.
> Os jogadores de cor – todos vindos da Várzea, Interior e Subúrbios – foram os maiores revolucionários de nossas características, como por exemplo, na América do Norte, os negros triunfaram na música popular. Veja-se assim: os três maiores craques de 1919 foram Fried, Neco e Bianco. E os três maiores da atualidade são "colored": Domingos, Leônidas e Brandão![11]

A identificação futebol/dança não é, portanto, obra de Freyre. Realizada pelos franceses, tornou-se logo moeda corrente na crônica esportiva nacional. Do pernambucano é o raciocínio de que o futebol só era dança devido à presença do mestiço, e por causa disso, era dança dionisíaca, cujo eco encontramos em Mazzoni. Essa tese foi exposta pela primeira vez num artigo publicado também no transcorrer da Copa, no *Diário de Pernambuco*, e republicado nos *Diários Associados*. [12] Nele, Freyre delineou o novo paradigma. Vejamos como.

O Brasil tivera coragem, enfim, de mandar um time composto por mestiços e negros para representá-lo no exterior, afirma Freyre.[13] Interessavam-lhe sobretudo os mestiços, por serem, sobre brancos e negros, "ainda mais brasileiros". Essa presença mestiça fazia com que o estilo brasileiro de jogar futebol se diferenciasse bastante do europeu (como para Salatiel). "O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com

---

[11] Thomaz Mazzoni, "40 anos de evolução técnica futebolística", op. cit., p. 26.

[12] Gilberto Freyre, Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, 8 jun. 1938, apud idem, *Sociologia*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1945, 2º tomo, p. 420-423, nota 105.

[13] Gilberto alude aqui ao costume inaugurado pelo Barão do Rio Branco, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República, de enviar ao exterior representações diplomáticas brasileiras compostas apenas por "eugênicos, altos, bem apessoados, representando o que a "raça" brasileira em formação tivesse de melhor; e esse seu cuidado pela aparência dos diplomatas brasileiros no estrangeiro levou-o ao excesso arianista de quase sistematicamente incluir entre aquelas virtudes eugênicas (...) o aspecto caucásico dos indivíduos." Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, v. 2, p. 350. A recusa governamental de enviar seleções de futebol compostas por negros e mestiços ao exterior havia gerado polêmica na década de 20, como demonstrou a reação indignada de Lima Barreto que já mencionei.

o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...)" escreveu Freyre.[14] Operando a partir daí com o par europeu/brasileiro, o autor constrói seu discurso, apondo-lhe a adjetivação apolíneo/dionisíaco.

O "mulatismo" era o responsável pelo abandono da forma apolínea (européia) de jogar futebol, aquela "angulosa" "expressão (...) de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo",[15] e pela adoção da "arte do songamonga", aquela na qual os jogadores se deliciavam em "manhas moleironas, mineiras, em doçuras baianas a que se sucedem surpresas cariocas de agilidade".[16] Tais "floreios", por fim, eram a

> expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa, a excessos de uniformização, de geometrização, de estandartização, a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.[17]

A menção a "totalitarismo" pode levar o leitor atual a considerar que o artigo é um libelo anticomunista e antinazista, e que a valorização do mulato aí presente se enquadra na campanha anti-racista de cujo manifesto, com que abrimos esse capítulo, o autor era signatário. Aparências. Não se discute aqui a sinceridade anti-nazista do autor, de que aliás não temos nenhum motivo para duvidar, mas o emprego do par apolíneo/dionisíaco revela que o gosto pelo mulato não é ele próprio desprovido de preconceito.

O par Apolo/Dioniso fora colocado em circulação por Nietzsche, no século XIX, no quadro da sua interpretação da tragédia grega. Segundo Nietzsche, o ápice da tragédia ocorreu quando houve a combinação das tendências apolíneas e dionisíacas da cultura grega, melhor dito, a tragédia grega teria sido o resultado da ação civilizadora apolínea sobre a emergência dionisíaca.[18] Identificado o apolíneo como tranqüilo, solar,

---

[14] Sendo que esse "me parece", além de recurso retórico sabendo a falsa humildade (forma de negaça que o próprio autor parece ter assimilado do seu mestiço), um encobrimento para a influência da crônica francesa, mais adiante citada como corroboração e não como fonte.

[15] Ibid., p. 423.

[16] Ibid., p. 422.

[17] Ibid., p. 423.

[18] Dito em termos lendários, como o faz Nietzsche, na Idade do Bronze impera o dionisíaco (os Titãs); então os deuses olímpicos, apolíneos, o submetem. O dionisíaco latente e submetido reaparece com

inteligível, sereno, consciente, e caracterizado o dionisíaco como a reunião de embriaguez, festa, violência, canto, dança, possessão e suspensão, a sua união teria resultado no produto mais sublime da arte grega, a tragédia.

Ora, é com essa tragédia que Gilberto Freyre pretende identificar as partidas de futebol. Como a tragédia, as partidas têm final imponderável, mantendo os jogadores e espectadores em suspenso até o final. Ademais, seu bailado era o produto da ação do jogo dos ingleses (apolíneo) sobre as danças afro-brasileiras (os nossos ditirambos dionisíacos). Veja-se que Freyre não está exaltando uma criação cultural negra, mas o jeito mestiço de se adaptar (se aculturar) a uma atividade européia, aceita por todos, e portanto, com nítidos contornos civilizatórios. Em verdade, longe de fazer a apologia do "jeito mestiço de ser", o está valorizando somente na medida em que é moldado por e se expressa através de uma atividade "branca".[19]

---

violência, nos ditirambos, e com ele o apolíneo vai agora se combinar, se unir, na fase áurea da tragédia. Friedrich Nietzsche, *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo,* São Paulo, Companhia das Letras, 1992. É importante salientar, e isto parece não ter sido levado em conta pelos admiradores brasileiros de Nietzsche, que o "dionisíaco" que ele percebe na composição da tragédia, oriundo dos ditirambos, é também criação grega; o dionisíaco "bárbaro" teria sido barrado por Apolo de adentrar terras gregas e não contava com a simpatia do autor: "De outra parte, não precisamos falar apenas em termos conjeturais para desvelar o enorme abismo que separa os *gregos dionisíacos* dos bárbaros dionisíacos. De todos os confins do mundo antigo – para deixar de lado o moderno –, de Roma até a Babilônia, podemos demonstrar a existência das festas dionisíacas, cujo tipo, na melhor das hipóteses, se apresenta em relação ao tipo da festa grega como o barbudo sátiro, cujo nome e atributos derivam do bode, em relação ao próprio Dioniso. Quase por toda parte, o centro dessas celebrações consistia numa desenfreada licença sexual, cujas ondas sobrepassavam toda vida familiar e suas venerandas convenções; precisamente as bestas mais selvagens da natureza eram aqui desaçaimadas, até alcançarem aquela horrível mistura de volúpia e crueldade que a verdadeira "beberagem das bruxas" sempre se me afigurou ser". Ibid., p. 33, itálico no original.

[19] O que Carlos Guilherme Mota detectou a partir de *Casa Grande e Senzala* podemos estender para a utilização do par Apolo/Dioniso: "Na verdade, ficam eliminadas em seu discurso, as contradições reais do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema social global. *Do ponto de vista interpretativo-metodológico, o encaminhamento é hábil, de vez que opera sistematicamente com pares antagônicos para... esvaziar a contradição*." Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da cultura brasileira*, op. cit., p. 67. Pois o dionisíaco nunca é dissolvente, mas comportado. O modo de ser mestiço nunca contesta, apenas se adapta. É por isso que Domingos da Guia e Leônidas serão sempre os modelos lembrados; um mestiço de igual categoria mas "desajustado", como Fausto, não servia à argumentação.

A elevação da partida de futebol à categoria de celebração trágica peca também pela elisão de um aspecto primordial do esporte: o resultado da disputa. Freyre só o menciona para constatar a sua imponderabilidade. Entretanto, enquanto o espetáculo trágico absorvia os assistentes transformando-os num único grupo (como disse Durkheim, um grupo que transcende a mera soma das individualidades), o espetáculo futebolístico divide a platéia em dois campos contrários, e seu final, salvo o empate, satisfaz apenas "meia unanimidade", no dizer de Adelino Magalhães. No futebol os espectadores não esquecem essa divisão, pelo contrário, sentem-na como nunca. Mas Freyre, como estava embalado pela repercussão da atuação da seleção brasileira, parece ter se esquecido de que dentro do país também haviam disputas entre clubes. Como decorrência, somente escamoteando esse aspecto fundamental, a divisão, pôde compará-lo à tragédia grega; mas então, desbastado assim, o futebol deixou de ser esporte, o que aproxima Freyre, por um caminho assaz tortuoso – imitando o bailado do seu mestiço –, daqueles autores que faziam restrições apolíneas, como F. Azevedo e Annibal Silveira, por exemplo. Enquanto estes tentavam amputar a violência, Freyre sumiu com as *duas* equipes e o resultado da partida.

O novo discurso, portanto, não foi tão generoso quanto parecia à primeira vista. O elogio do "mulato" traz em si uma carga muito forte de preconceito contra a "cultura não-branca". De qualquer maneira, está excluída agora qualquer menção ao esporte como capaz de fortalecer a raça ou a nacionalidade. O futebol veicula uma nacionalidade já existente, não prepara mais um *vir a ser*. O artigo de Gilberto Freyre em nenhum momento apela para o futebol na perspectiva do fortalecimento do corpo – de um corpo que virá a ser – e sim como veículo para a expressão de um corpo *que já é*; interessa-lhe o futebol como fator de cultura, como possibilidade de expressão do "jeito" mestiço, supina criação da bondade portuguesa em terras tropicais. Com uma penada de mestre, o principal tópico antiesportivo em circulação, aquele que podia ser brandido à direita e à esquerda, independente da conjuntura política vigente – o tópico da violência –, foi imobilizado. Contra Gilberto Freyre ela não teria nenhuma eficácia, pois o dionisíaco, como vimos, incorporava a violência, civilizando-a. No limite, o autor poderia argumentar, em vista do ganho cultural representado pelo reconhecimento nacional que o mestiço obtinha com o futebol: qual a importância de algumas pernas quebradas se para além do ganho físico o mestiço obteve outro muito maior, psicológico, ou, nas palavras de Freyre, "psico-social" ?

Por outro lado, o futebol foi valorizado porque transformou-se em arte (dança), e o jogador, em artista. Antes, o corpo do atleta era o "objeto", a massa bruta que seria moldada para obter as linhas harmônicas de uma obra de arte; agora, o próprio atleta era o artista – a obra de arte era o espetáculo povoado de evoluções rítmicas imprevistas realizadas por ele. O atleta mestiço alcançou, assim, o estatuto de sujeito da obra, quando antes o perfil grego do atleta era a própria obra.

Esse aspecto valorativo do mestiço foi resultado do esforço de um grupo de intelectuais, do qual Freyre fazia parte, que, a começar pela colaboração de Roquete Pinto no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, de 1929, procurou provar que a composição racial da sociedade nada tinha a ver com o estágio de desenvolvimento sócio-econômico do país. Tivessem consciência ou não, o esforço de atribuição de valoração positiva ao "povo" brasileiro, como demonstrou Maria Helena Capelato, ocorreu num momento de retração das correntes migratórias européias que tornou necessário valorizar a mão-de-obra mestiça, encontrar-lhes virtudes, atribuir-lhe um pouco do mérito da construção da nação, incluí-la mesmo na nação.[20]

Numa posição subalterna, está claro. Como mão-de-obra adestrada pelo futebol. A manemolência agora valorizada, pois controlada pelo futebol, se revelava superior à irracionalidade incontrolada das capoeiras pré-Sampaio Ferraz ou do cangaço, estas sim manifestações bárbaras do mestiço não controlado. Pelo futebol, o impulso irracional (dionisíaco) controlado pela regra (apolínea), se manifestando então como negaças,

[20] "Para os nacionalistas, a unidade nacional dependia também da resolução do problema étnico. Neste aspecto é preciso salientar que houve mudança significativa no discurso sobre as raças na década de 1930. As teses baseadas nas ciências biológicas e na sociologia evolucionista orgânica que justificaram o racismo e a necessidade de branqueamento na sociedade até o final dos anos 20, foram sendo, paulatinamente, substituídas por outras perspectivas que acabaram por valorizar a miscigenação. A necessidade de aproveitamento do trabalhador nacional explica, em parte, essa mudança. Mas a justificativa dessa nova postura aparecia relacionada à preocupação com a unidade étnica do país, elemento importante na construção da consciência nacional. O negro, o índio e o mestiço, antes considerados excluídos da civilização (porque estavam à margem do mercado de trabalho) e responsabilizados pelo atraso do país, passaram a ser enaltecidos como elementos de progresso. Nessa mudança de enfoque o **outro** tornou-se **nós**, ou seja, parte integrante da comunidade nacional." Maria Helena Rolim Capelato, *Propaganda política no varguismo e peronismo*, São Paulo, Tese de Livre Docência, FFLCH-USP, 1997, p. 216. Uma outra fonte dessa valorização do mestiço pode ter sido a reação patronal ao ativismo sindical incrementado pelos imigrantes anarquistas, que de certa forma colaborou para retardar a aceitação do imigrante como parte de "nós".

dribles e requebros artísticos de passos dançados. No mais, uma mostra aos negros e mestiços da democracia social imperante,[21] com oportunidades oferecidas de ascensão social, de que Leônidas, o garoto propaganda da Lacta, era o maior exemplo.

O artigo de Gilberto Freyre, provavelmente escrito às pressas, ainda não deixava todas estas questões claras. Em 1945, quando o republica na nota de rodapé que estou citando, o corpo do texto ao qual a nota se refere afirma que "o mestiço brasileiro, o baiano, o carioca, o mulato sacudido do litoral, joga um *foot-ball* que não é mais o jogo apolíneo dos britânicos mas uma dança quase dionisíaca".[22] Chama a atenção o "quase", essa freyreana "maneira de indefinir", como disse Carlos Guilherme Mota.[23]

* * *

Mário Filho buscou maior objetividade em *O negro no futebol brasileiro*, publicado em 1947.[24] Chegou mesmo a afirmar candidamente que seu livro era "a verdade pura e simples", que "desafiava qualquer contestação".[25] Para os efeitos deste trabalho, o que interessa especialmente é o tratamento que dá à questão do negro, a

---

[21] Segundo Freyre aquela que realmente lhe interessava: "Democracia social, essencial, humana, quero dizer; pouco me preocupa a política". Gilberto Freyre, *O mundo que o Português criou*, op. cit., p. 51.

[22] Idem, Sociologia, op. cit., v. 2, p. 375.

[23] Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da cultura brasileira*, op. cit., p. 64. Em 1959 o "quase" era empregado numa adjetivação conexa: "(...) o desenvolvimento do *foot-ball* como jogo *quase* nacional, com característicos dionisíacos mais acentuados que os apolíneos, do jogo inglês". Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*, op. cit., v. 1, p. CXXXVII.

[24] Os quatro capítulos que constituem a 1ª. edição (de 1947) permaneceram tais quais na segunda (de 1964), exceto pela atualização ortográfica e pela exclusão das fotos que os ilustravam. Por isso, seguirei utilizando a 2ª. edição, cuja citação completa repito: Mário [Rodrigues] Filho, O negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, 2ª. ed.. O papel que Mario Filho teve na popularização do futebol foi decisivo, e a sua inserção no mundo intelectual carioca, além do trânsito fácil junto aos círculos do poder, fez o livro já nascer um clássico. Desde sua publicação tem sido a *opera maestra* da crônica esportiva; é nele que se encontram alguns dos argumentos fundamentais que essa crônica até hoje utiliza para comentar o mundo dos esportes. Ver artigo de José Sérgio L. Lopes, "A vitória do futebol que incorporou a pelada", *Revista USP*, 22, 1994, p. 63-83, que se baseia em grande parte em Ruy Castro, *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 114-120, 131-133.

[25] Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, op. cit., "Nota ao leitor".

associação que faz entre a popularização do futebol e a inclusão de negros e mestiços nas equipes, a mútua causalidade que vê entre os dois fenômenos.

Mário Filho apresenta o futebol deslumbrando a elite branca no início da sua prática, e a transição para uma época, a partir de 1919, em que o "povo" se identificou com o futebol cada vez mais, por ver em campo atletas negros e mestiços como ele, "povo". Esse movimento, que teria começado no subúrbio do Rio, alcançou os clubes de elite e as demais cidades.

A princípio, a popularização do futebol fez surgir muitos clubes, de "boa família" e de operários. E cada um sabia onde era o seu lugar, não se misturavam. Negros e mestiços foram então entrando para as equipes do subúrbio, e mesmo aí, tentavam ser discretos. Somente com o gol marcado por Friedenreich, em 1919, na final do campeonato sul-americano, é que os negros e mestiços começaram a se soltar e a ser bem vistos pelos brancos. Mesmo assim, com reservas. O Fluminense continuava o clube mais refratário aos negros, em que um mestiço passava pó-de-arroz para se passar por branco, pois para a elite

> Era duro imaginar aquelas moças finas, tão elegantes, tão bonitas, torcendo por um preto. E se o Fluminense botasse um preto no time elas não teriam outro remédio senão torcer, gritar pelo nome do preto (...) O Fluminense jogando, a moça querendo que o Fluminense vencesse, pegando-se com os santos, com os jogadores. Por isso o Fluminense precisava ter cuidado, só botar preto no time em último caso, quando não houvesse um branco que jogasse tanto quanto ele em parte alguma.[26]

É em cima desse raciocínio que Mário Filho valoriza a ação do Vasco da Gama, clube da colônia portuguesa, que montou, em 1923, uma equipe com maioria de negros e mestiços e ganhou o campeonato carioca. Segundo Mário Filho, numa evidente aceitação da tese luso-tropicalista de Gilberto Freyre, "O Vasco, clube da colônia, seguia a boa tradição portuguesa da mistura".[27] Para Mário Filho, esse foi o momento em que chegou a vez dos negros

> Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado,

[26] Ibid., p. 214.

[27] Ibid., p. 120.

> quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro.[28]

Em momento algum do livro, Mário Filho faz objeções à maneira mercantil como o futebol se desenvolveu; pelo contrário. Considera que a transformação das partidas em espetáculos foi o que levou à procura dos melhores atletas e à conseqüente incorporação dos negros e mestiços. A profissionalização, que ele apoiou, completou o serviço, ao dar igualdade de condições ao negro para competir vis a vis o branco. Se o segundo era de "boa família" e tinha todo o tempo para treinar, o primeiro, profissionalizado, passava a gozar da mesma situação, que deixou de ser uma vantagem.

Não foi sem atropelos, problemas, frustrações, e sobretudo, sofrimento, que os negros e mestiços alcançaram o sucesso no futebol. Fome, miséria, doenças, morte são algumas das dificuldades que Mário Filho enumera para pintar com cores fortes o quadro dramático que construiu. Pois o seu livro passa a idéia de que a inclusão de negros e mestiços no futebol foi uma epopéia eivada de sofrimentos ainda não terminada. Para cada Leônidas bem sucedido, e eram poucos, havia muitos outros jogadores na situação de Fausto, morrendo desassistidos e esquecidos.

Contudo, o negro e o mestiço tornaram-se os ídolos futebolísticos brasileiros com a apoteose de 1938. Mas havia diferenças entre eles, segundo Mário Filho. O ídolo escolhido não era o de porte "inglês", frio e distante, mas aquele brincalhão, acessível, "brasileiro", "do vai mas não vai, do samba, a nossa dança dionisíaca. Coisa que não escapou à observação de Gilberto Freyre: o futebol brasileiro era dionisíaco."[29] O exemplo de Mário Filho é o mesmo de Freyre, a mesma visão estereotipada de Domingos da Guia, o "inglês", e de Leônidas, o "brasileiro".

> Por isso, durante o campeonato de mundo, depois de uma vitória brasileira, o povo inundava as ruas, e só se ouvia Brasil e Leônidas. Nenhum grito de Domingos, de Romeu, de Perácio, de qualquer outro jogador que, como Leônidas, tinha corrido em campo, molhado a camisa, lá em Estrasburgo, lá em Bordéus, pela vitória do Brasil. Aquele Brasil, aquele Leônidas, juntos, um puxando o outro, exprimiam tudo.[30]

---

[28] Ibid., p. 128.

[29] Ibid., p. 244.

[30] Idem. A fonte de Mário Filho é mesmo Freyre, cujo artigo de 1938 que já analisamos é citado por ele em nota nesta mesma página 244.

> No dia do Brasil e Itália as bancas [de jornais] amanheceram enfeitadas de Leônidas. De Leônidas e de bandeirinhas brasileiras.[31]

A utilização de pares de opostos também sabe a Gilberto Freyre. A *Casa grande e senzala* e *Sobrados e Mocambos* corresponde brancos/negros, elite/povo, cidade/subúrbio, o futebol se revelando para Mário Filho uma "verdadeira luta de classes", particularmente nos confrontos entre equipes que o autor associa a cada um dos pólos do par. Dessa luta o autor ressalta o trabalho do "povo" para forçar as barreiras impostas pela "elite", para democratizar o futebol. Nesse sentido, afirma que "o chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro" apesar de que

> A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato dele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que dele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, todo misturado, bem brasileiro.[32]

Estranha democracia, entretanto. Para o "povo", para os negros e mestiços, ficava reservada a possibilidade de se tornarem atletas e ascenderem socialmente, pelo seu mérito. Mas sobre o controle do mundo esportivo, nenhuma palavra. Se as barreiras de cor foram sendo paulatinamente derrubadas dentro dos campos, os clubes e as federações continuaram controlados pela "elite", e o futebol se tornou cada vez mais um negócio. Neste aspecto, Mário Filho adota uma postura dissimulada: o dirigente esportivo é apresentado, sob a vigência do amadorismo, como tendo prejuízos e não lucros com as equipes. Que a falta de experiência na administração do "negócio" e paixão pelo futebol pudesse levar alguns a mais gastar do que ganhar com as equipes é não só plausível como comprovado pelo próprio Mário Filho. Mas foi um lance de mestre apresentar esta situação como a dominante, ou ignorar que gastos com o futebol poderiam representar ganhos em outras áreas, mesmo aquela econômica de atuação dos dirigentes – porque os dirigentes eram sempre empresários ou ligados a eles.[33] Ou omitir que a profissionalização dos atletas mudou a situação.

---

[31] Ibid., p. 245.

[32] Ibid., p. 54.

[33] O artifício de tornar os jogadores profissionais mantendo-os na categoria de amadores, antes de 1933 – o "amadorismo marrom" –, consistia em registrá-los como empregados na firma do dirigente do clube

Segundo Mário Filho, inclusive, nos dias de jogos havia uma inversão da hierarquia social. Um dos seus exemplos é certo vice-presidente do América, do Rio de Janeiro:

> No dia do jogo ficava na arquibancada, de mão fria, o coração querendo santar do peito. Não lhe adiantava nada mandar na [Secretaria de] Saúde Pública. Na hora do jogo dependia do jogador, como o pé-rapado da geral (...) O jogador do América, branco, mulato ou preto brincava em campo com a sua alegria e a sua tristeza, podia fazê-lo o mais feliz ou o mais desgraçado dos homens.[34]

Enquanto vigorava o amadorismo, portanto, o dirigente seria mais uma das suas vítimas, ao lado dos jogadores negros, que mal conseguiam sobreviver. Mário Filho afirma, sem ironia:

> Pobre cartola! Quem o via de longe nem podia imaginar o quanto ele sofria. O que enganava era a tribuna de honra, a cadeira de vime, ampla, confortável como uma poltrona (...) Por fora não havia ninguém mais boa-vida que o cartola. Por dentro, ah! Se tudo que punge, tudo o que devora o coração no rosto se estampasse! Bem que o cartola queria fazer alguma coisa, entrar em campo, molhar a camisa. Se soubesse jogar lá estaria ele, no lugar de Fausto. Como não sabia, tinha de ficar torcendo na cadeira de vime (...) E inteiramente nas mãos do jogador. Depois de uma vitória, o mais feliz dos homens, o cartola ia para o vestiário, esvaziava a carteira, o jogador que o fizera feliz merecia tudo. Depois de uma derrota, o mais desgraçado dos homens, o cartola nem queria ver o jogador (...) A maior ventura do cartola estava nisso, em ir para o campo cheio de dinheiro e voltar para casa sem níquel. Assim quando um clube dava para vencer, o cartola era capaz até de abrir falência.[35]

Era como se dissesse, "os ricos também choram!". Contudo, depois do relato do estabelecimento legal do profissionalismo, nenhuma palavra mais para as "dificuldades" do pobre cartola que abria falência. Melhor dito, nenhuma palavra sobre o dirigente que começou a se locupletar com o futebol, a situação mais comum. De modo que a democratização do futebol percebida por Mário Filho era bastante limitada, e só alcançava os negros e mestiços cordatos: enquanto Leônidas ascendia socialmente,

---

para comprovar falsamente que tinha um emprego e uma fonte de renda e não estavam a ganhar a vida com o futebol.

[34] Ibid., p. 175.

[35] Ibid., p. 188-189.

Fausto – que tanto lutara para receber por seus serviços em campo – morria tuberculoso. Nem "brasileiro", nem "inglês", o lutador era um pária. Por mais que demonstre simpatia por ele, Mário Filho não consegue achar-lhe um lugar a não ser no altar dos mártires.

O livro termina com o que deveria ser um elogio da democratização. Mário Filho ressalta a convivência do branco rico com o negro pobre que venceu pelo futebol. Relata o caso de jogador negro que, depois de muitos insucessos, acabou campeão carioca pelo Flamengo e teve recepção de herói em sua cidade natal, Alfenas.

> E durante uma semana, o tempo que demorou lá, Quirino foi uma espécie de hóspede oficial de Alfenas. Não se dava uma festa sem ele. Recebeu convite até para tomar parte na solenidade de formatura das moças da Escola Normal. O banqueiro Osvaldo Costa, outro ilustre filho de Alfenas, no centro da mesa. Quirino à sua direita.
> Todos os dias, pelo Brasil afora, o futebol fazia isso, botava um Osvaldo Costa ao lado de um Quirino.[36]

O fecho é para contrastar com o quadro pintado no início do livro, quando nos primeiros tempos do futebol constatara completa separação entre negros e brancos: "os moleques que jogavam futebol nas ruas, nos terrenos baldios, não sonhavam em vestir a camisa do Fluminense ou do Botafogo. Sabiam para onde tinham de ir, sem errar o caminho."[37] Não se discute aqui os méritos literários de Mário Filho, ímpares no mundo da crônica esportiva; mas com certeza, Quirino e Osvaldo Costa sabiam exatamente, em 1947, quais eram os seus lugares na sociedade brasileira.

* * *

Alguns anos de reflexão desde o artigo de 1938 e a leitura dos originais de *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Rodrigues Filho, e Gilberto Freyre produziu o documento mestre do novo paradigma, centrado no futebol. Trata-se do prefácio, datado de 1947, desse mesmo livro.[38]

---

[36] Ibid., p. 258.

[37] Ibid., p. 31.

[38] Mário [Rodrigues] Filho, *O negro no futebol brasileiro*, op. cit., prefácio de Gilberto Freyre. As páginas do prefácio não estão numeradas, pelo que não faço as citações de praxe.

Os nazistas haviam sido derrotados, a eugenia entrou em baixa, o culturalismo por sua vez fortalecia-se, embalado também pelo processo de descolonização que se iniciava e, nas ciências sociais, colocava em questão o etnocentrismo europeu. O Brasil, findo o Estado Novo, procurava encontrar-se com a democracia política. A social, lembremos, para Freyre já existia desde que os portugueses aportaram aqui – para superar a recaída provocada pela República, aí estava o futebol. Seus argumentos então se encadearam como segue.

A sociedade brasileira estava formada por elementos brancos, negros, mestiços e indígenas. Os elementos brancos são civilizados e racionais; os demais são, ao contrário, primitivos e irracionais. Essa irracionalidade conduz a atividades e comportamentos condenados pela moral dominante - branca, e portanto racional e civilizada. Tais comportamentos condenáveis são, por exemplo, o cangaço e a capoeira. O futebol, entretanto, é uma criação dos brancos, e por isso racional e aceitável moralmente - as instituições racionais brasileiras como o Governo, a Igreja e a Imprensa o sancionam. A própria Opinião Pública o aprova. Pois bem, uma vez introduzido no Brasil, o futebol incorporou a irracionalidade dos primitivos, sublimando-a. Ou seja, afastou-os de atividades irracionais/condenáveis, como o cangaço, que poderia ter evoluído para alguma forma de "gangsterismo urbano"; enquadrou outras atividades, como a capoeira que poderia ter voltado a ser enfrentamento com as forças da ordem, ou desenvolveu-as, como o samba, antes um desconhecido do mundo branco/racional. Por outro lado, ao incorporar essa dose de irracionalidade, domesticando-a, o futebol acabou ele próprio se transformando pois o samba e a capoeira deram-lhe um caráter de dança, de arte, que originalmente não tinha, e que o tornou uma instituição genuinamente brasileira, pois mestiça. O gingado do samba e da capoeira, trazidos por negros e mulatos, tornou-o algo substancialmente diferente daquilo que é praticado no resto do mundo, particularmente na Europa. Em síntese, a argumentação é essa: o futebol, que é um esporte inglês, incorporando a irracionalidade negra, indígena, mestiça, transformou-se em algo superior, em arte brasileira.

Vê-se, então, que para Freyre, o futebol traz à tona a mestiçagem e um certo conflito entre racionalidade e irracionalidade presentes na vida brasileira. Ele sublima "energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro". Antes do seu aparecimento, essa sublimação ocorria apenas na participação nas Forças Armadas, nas Revoluções, das quais participavam mestiços e negros "mais transbordantes de energias animais ou impulsos irracionais". Mesmo que muitos dos feitos tivessem um conteúdo

sádico ou masoquista, sublimavam essa irracionalidade. Mas, na maioria das vezes, esses impulsos irracionais, quando não se contentavam com festas e caçadas, conduziam a práticas totalmente irracionais como o cangaço e a capoeira.

O futebol tem, então, para Freyre, uma importância muito grande em nossa sociedade dada a forte presença de elementos primitivos. Nela, devido a essa peculiaridade, o futebol não é um esporte como os outros. Pela incorporação de elementos da cultura tornou-se uma "verdadeira instituição brasileira". Tornou-se dança, pela incorporação do samba e da capoeira. O jogador brasileiro, com seu gingado, acrescenta ao esporte "surpresas irracionais e variações dionisíacas". Mesmo um jogador "clássico" como Domingos da Guia – que segundo Freyre está para o futebol como Machado de Assis está para a literatura, ou seja, parece não ter incorporado a "brasilidade" – se estudado a fundo mostrará as influências da capoeira, da malandragem, do samba, da molecagem. Mesmo sendo um apolíneo entre dionisíacos, ainda assim dança, talvez mais à maneira indígena, diz Freyre.

Por outro lado, se o futebol sublima o primitivo e irracional, engrandece aqueles que são os portadores dessas "qualidades", os negros e mulatos, sendo o meio mais comum de ascensão social para esses estratos da população.

O conteúdo racista dessa argumentação é claro; expulso pela porta da biologia, retorna pela janela da cultura: sendo os negros seres irracionais pelo seu estágio cultural, somente uma atividade criada pelos brancos seria capaz de colocá-los no caminho da racionalidade. Flertando ainda, entretanto, com a biologia, Freyre considera que tal irracionalidade os condena a um primitivismo que não conseguem superar com suas próprias forças, dada a sua incapacidade atávica para fazê-lo.[39] Colocados em contato com a civilização branca e deixados à sua própria sorte, os portadores do par *primitivo/irracional* tendem a se degenerar continuamente para formas cada vez mais condenáveis de vida, colocando em risco a ordem e a estabilidade da sociedade.

[39] Arthur Ramos exprimiu assim a mesma idéia: "Por um direito histórico, muitas vezes secular, Portugal deve ser considerado a maior nação colonizadora do mundo. Todos os meridianos sentiram o traço de sua passagem. E a sua ação principal consistiu em despertar os povos atrasados em cultura para o dia claro da civilização. Portugal dominou esses povos para torná-los conscientes dos seus destinos. E, neste sentido, o colonizador luso não se manteve distanciado dos seus colonos, estabelecendo linhas de cor odiosas e intolerantes. Ele se misturou a esses povos, na cultura e no sangue. Identificou-se a eles, integrando-os ao mesmo nível de vida." Conferência pronunciada por Arthur Ramos, em 22 jun. 1936, na Sociedade Luso Africana do Rio de Janeiro, in Arthur Ramos, *A aculturação do negro no Brasil*, op. cit., p. 322.

Justifica-se, então, essa espécie de "colonialismo cultural": somente com a ajuda do branco pode o negro domesticar os seus impulsos e alçar-se à civilidade. Nesse processo, a cultura branca incorpora a negra mas a contribuição desta última à síntese cultural é acessória: age naqueles domínios hierarquicamente secundários da vida social, não interferindo no funcionamento das instituições mantenedoras do *status quo*, que são as que realmente contam.[40]

Mudou o paradigma, mas sob o elogio sobreviveu a maldição. Nas lacunas do discurso, continuou a florescer o preconceito.

[40] Depois de Florestan Fernandes, colegas e continuadores, que o combateram em vivo, pode parecer inoportuna e extemporânea a crítica que se faz aqui ao racismo de Gilberto Freyre, não fossem seus epígonos continuarem a afirmar que ser escravo no Brasil era uma coisa doce e que não conhecemos preconceito racial, conforme demonstrou Jacob Gorender em *A escravidão reabilitada* (São Paulo, Ática, 1990).

Considerações finais

As conclusões principais desta dissertação são duas e já foram sugeridas ao longo do texto: primeira, houve realmente uma luta, ao menos em nível discursivo, contra a popularização das práticas esportivas no Brasil; segunda, o discurso aficionado tem uma história marcada por certas mudanças de qualidade, e o período estudado conheceu uma delas.

Do lado aficionado, o mercado ajudou a criar uma fissura: a argumentação liberal de autores como José Veríssimo, Lobato e Coelho Neto foi reciclada sob o impacto dos opositores e das restrições de Fernando de Azevedo, e, incorporando a eugenia, desembocou nas propostas estatizantes sob o Estado Novo de férreo controle estatal do mundo esportivo, como a de Tomás Mazzoni. O liberalismo, que, como demonstrou Maria Helena Capelato, nunca dispensou a ajuda do Estado, depois da cerrada crítica de que foi alvo voltou a se manifestar na corrente de valorização do dionisíaco, de Gilberto Freyre, que se desenvolveu nos anos trinta e admitiu o mercado como fato consumado e dirigente das atividades esportivas – não excluída uma mãozinha do Estado. Para essa corrente, na esfera do discurso, o mercado era a quintessência da democracia na medida em que dava oportunidades a todos.

A partir dos anos 20 os autores que se pautavam pelo modelo apolíneo abandonaram o liberalismo: mesmo um liberal como Fernando de Azevedo, afinado com a tribuna do liberalismo paulista, o jornal *O Estado de São Paulo*, propôs que educação física em geral, e o esporte em particular, fossem fomentados pelo Estado que deveria proporcionar a infra-estrutura necessária e um corpo de especialistas para dirigir o processo, além de definir a política a ser adotada nesta área. Paradoxalmente, portanto, somente o Estado teria condições de garantir o princípio liberal de dar oportunidades a todos de cultivar o físico.

Um aspecto decisivo aqui é que a corrente defensora do modelo dionisíaco não estava propondo uma educação física; estava propondo o espetáculo mercantil, enquanto a apolínea estava propondo explicitamente uma educação, um controle dos corpos. Conquanto a primeira não descartasse a ação educativa, mudou o foco de observação. O esporte era tomado como espetáculo e não como uma atividade escolar e, por isso, o discurso do dionisíaco não se construiu como uma pedagogia. Os resultados pedagógicos do futebol, segundo esse discurso, marcadamente a propriedade de civilizar

os irracionais negros e mestiços, estavam sendo obtidos pelo próprio mercado, sem interferências exteriores.

Os autores dessa corrente estavam propondo, portanto, que se deixasse ao mercado o controle do esporte, devendo o Estado apenas colaborar para o seu bom funcionamento (não dispensavam os investimentos estatais em infra-estrutura, por exemplo, como a construção de estádios). Já o modelo apolíneo propunha que o Estado colocasse o mercado a seu serviço, abolindo-o inclusive, como no caso dos espetáculos estatais de educação física. Pois, para ele, a educação física era uma questão de civismo, e inculcar o civismo era sobretudo uma prerrogativa do Estado. No modelo dionisíaco também estava implícito cultivar com o esporte o civismo – que não descartava – mas pela iniciativa de particulares, como clubes e federações, o Estado atuando de maneira acessória. Porém mais importante era a percepção de que o esporte tornava-se educativo por ser uma atividade lúdica, um jogo. Valorizando principalmente esse seu aspecto, opuseram-se à feição militar com que operavam os adeptos do modelo apolíneo, e puderam aceitar o espetáculo com facilidade.

Em todo caso, os dois discursos não tiveram vida autônoma; eles se interpenetraram. Muitas vezes o mercado se serviu da vertente apolínea para justificar-se, e o Estado preservou e incentivou o mercado. Na verdade, mesmo nas experiências estatizantes mais radicais do período (excluída a URSS), a Alemanha nazista e a Itália fascista, o mercado não foi abolido, apesar de, sem dúvida nenhuma, terem sido criadas instâncias que lhe eram exteriores: as juventudes, os espetáculos de civismo, o escotismo, a educação física nas escolas estatais, os grupos paramilitares, a recuperação dos jogos folclóricos. No Brasil, sob o Estado Novo, houve uma composição mais favorável ao mercado, se comparadas com essas citadas, pois as organizações de massa de caráter fascista não prosperaram como na Alemanha e na Itália.[41]

Ou seja, nos anos 30 havia uma tensão não muito pronunciada entre os nacionalistas brasileiros: aqueles propensos a priorizar o mercado e aqueles que priorizavam o Estado. Aparentemente, dada a organização corporativa criada para o esporte, se pode pensar que o Estado assumiu uma posição preponderante, mas não só as leis criadas ampliaram o espaço para o mercado (como no caso da profissionalização dos atletas de futebol) como muito da ação estatal proposta permaneceu letra morta:

[41] Para os percalços da criação da Juventude Brasileira veja-se José Silvério B. Horta*, O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994.

atendeu-se na lei aos reclamos apolíneos-estatizantes, mas o mercado seguiu cada vez mais controlando as práticas.

É desnecessário insistir que até a década de 40 dificilmente se poderia falar da sociedade brasileira como uma sociedade de massas, ou da existência da sua contraparte no campo da produção de cultura, a "indústria cultural". Renato Ortiz chama a atenção para isto.[42] Contudo é evidente também que o mercado já estava presente no Brasil e atuava em algumas áreas de cultura. No início da República, estas áreas eram espacialmente restritas aos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, sem dúvida. Falar da existência de um mercado nacional de bens culturais nos anos trinta é desconhecer que o Estado estava se esforçando para a sua criação, principalmente sob o Estado Novo. No caso do mercado, como no da nacionalidade – e não se deve desprezar as conexões –, lidava-se com o vir a ser, com a *formação*.[43]

O quanto a "integração nacional" era uma política de alargamento do mercado interno ou *nacional* não deve ser esquecido. E o esporte era mais um bem de cultura que

---

[42] "Seria difícil aplicar à sociedade brasileira deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer. Evidentemente as empresas culturais existentes buscavam expandir suas bases materiais, mas os obstáculos que se interpunham ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro colocavam limites concretos para o crescimento de uma cultura popular de massa." Renato Ortiz, *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e Indústria Cultural*, São Paulo, Brasiliense, 1993, 4ª. ed., p. 48.

[43] Analisando a obra de Antônio Cândido, Paulo Eduardo Arantes chama a atenção para a permanente preocupação dos intelectuais com a *formação* em tudo o que se relacionava à nacionalidade brasileira: "Que se trata de verdadeira obsessão nacional dá testemunho a insistente recorrência do termo nos principais títulos da ensaística de explicação do caso brasileiro: *Formação do Brasil contemporâneo*; *Formação política do Brasil*; *Formação econômica do Brasil*; *Formação do patronato político brasileiro* etc. – sem contar que a mesma palavra emblemática designa igualmente o assunto real dos clássicos que não a trazem enfatizada no título, como *Casa Grande e senzala* e *Raízes do Brasil*. Tamanha proliferação de expressões, títulos e subtítulos aparentados não se pode deixar de encarar como a cifra de uma experiência intelectual básica, em linhas gerais mais ou menos a seguinte: na forma de grande esquemas interpretativos em que se registram tendências reais na sociedade, tendências às voltas, não obstante, com uma espécie de atrofia congênita que teima em abortá-las, apanhava-se naquele *corpus* de ensaios sobretudo o propósito coletivo de dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustentasse a evolução. Noção a um tempo descritiva e normativa, compreende-se além do mais que o horizonte descortinado pela idéia de formação corresse na direção do ideal europeu de civilização relativamente integrada – ponto de fuga de todo espírito brasileiro bem formado." Paulo Eduardo Arantes, "Providências de um Crítico Literário na Periferia do Capitalismo", in idem; Otília Beatriz Fiori Arantes, *Sentido da Formação. Três estudos sobre Antônio Cândido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 11-12.

participava desse movimento. Era praticado em clubes que se não podem ser considerados "indústrias" não deixavam de ser entidades privadas. O seu caráter associativo não deve enganar o observador: todo o movimento de profissionalização dos atletas nada mais foi do que a luta pela extensão da relação patrão-empregado ao mundo do futebol. Aliás, um pouco da resistência dos adeptos do amadorismo se dava justamente por aí: não queriam que o esporte se transformasse em negócio, ele que surgira como atividade para os momentos de ócio, e devia continuar a ser praticado por diletantismo.

Não é necessário repetir aqui toda a argumentação daqueles que eram contrários à profissionalização; o que se procura é ressaltar que o embate se dava em torno da subordinação das práticas esportivas ao mercado. Ora, sem forçar os fatos podemos observar que os campeonatos disputados já não eram apenas locais. Um longo período seria necessário, e um novo Estado autoritário, para que um campeonato de futebol adquirisse abrangência nacional. Mas as disputas anuais entre seleções de futebol estaduais colocaram em contato os torcedores de várias regiões e criaram um mercado de trabalho bastante alargado para os atletas. Que as disputas interestaduais reforçavam regionalismos não há dúvida; mas podemos concordar com Celso Kelly em que criavam uma "mentalidade comum", um universo simbólico comum, um sentimento de pertencer a uma comunidade – uma comunidade imaginada, nos termos de Benedict Anderson.[44]

Após a viragem de 1930 e o progressivo abandono do liberalismo como diretriz para o exercício do poder, uma reação liberal se processou na abordagem do esporte encetada por Gilberto Freyre e seguidores. Enquanto o modelo apolíneo seguia tentando instrumentalizar o esporte para formar a nação, a nova corrente dionisíaca passou a valorar a situação esportiva "realmente existente" positivamente, como um dos caminhos pelos quais naturalmente *já se processara a construção da nacionalidade*. A nação já existia, ela era mestiça, fruto do luso-tropicalismo; o tipo nacional já existia, tratava-se do bamboleante mestiço.

Por outro lado, não se pode falar de *um* discurso antiesportivo, uma vez que as manifestações contra a prática esportiva se filiavam a mais de uma visão de mundo, partiam de posições bastante diferentes frente à dinâmica socioeconômica e política do

[44] Benedict Anderson, *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusion del nacionalismo*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1993.

país. Muitos dos tópicos com os quais essas manifestações trabalhavam eram os mesmos; diferenciava-as a ênfase dada a cada um.

No campo genericamente chamado aqui dos nacionalistas todas essas manifestações partiam do mesmo modelo que enformava o discurso predominante a favor, o modelo apolíneo da busca da modelagem do corpo tal qual uma certa tradição afirmava ter ocorrido na Grécia clássica. Todos os nacionalistas opositores do esporte ou que lhe faziam restrições defendiam a educação física. Consideravam inclusive que essa era uma das providências mais urgentes a serem tomadas em relação ao conjunto da população brasileira. Entendiam que a "raça" estava mal formada e enfraquecida, e que a educação física era um dos remédios mais adequados para essa situação.

Comungavam com os aficionados, portanto, a mesma fé na ação pedagógica sobre o corpo e na recusa de admitir que os corpos devessem ser um problema apenas dos próprios indivíduos. Tinham como meta tutelar a população na medida que a acreditavam desamparada e desprovida da consciência de que o corpo constituía-se num *problema*. Variando do evolucionismo ao darwinismo social, passando por influências positivistas e socialistas, muitos textos demonstram que os autores eram companheiros dos aficionados do esporte em tudo o mais, *exceto na crença de que essa atividade fosse adequada para operar a "regeneração da raça"*. Que a "raça" devia ser regenerada – e que não se regeneraria se abandonada a sua própria sorte – era uma idéia compartilhada por todos.

No campo que poderíamos chamar de socialista, também genericamente, os anarquistas não mencionam nunca a necessidade de educação física, tampouco a idéia de que a raça estivesse degenerada. Simplesmente defendiam o descanso, pois achavam que a exploração de que os trabalhadores eram vítimas era a causa de seus males físicos. Propunham descanso, estudo e Revolução – "esforço físico já temos de sobra", diziam.

Maria Lacerda de Moura, cujas idéias eram próximas às dos anarquistas, defendia sobretudo recreação como educação física. Na verdade a sua utilização do termo *educação física* era mais por conta das conveniências da época, pois propunha que se deixasse as crianças livres para brincar, sem interferências dos adultos. Trabalhava portanto com o conceito de auto-educação, na medida em que somente sozinha a criança poderia aprender com os seus erros. Os próprios anarquistas, pelo que se pôde perceber pelos escassos registros que restaram das suas experiências pedagógicas e escolares desenvolvidas até o final da década de dez, não incluíram no

programa das suas "escolas modernas" a educação física.[45] No trato com crianças, que constituíam o público atendido por tais escolas, afetas ao corpo sobressaem atividades como teatro, recreação e caminhadas para estudo do meio.

Lima Barreto também não embarcou na onda da educação física. Esse mestiço com uma aguda percepção do seu tempo não queria ouvir falar de eugenia e tampouco da sobrevivência dos mais aptos aplicada à sociedade. Introduziu o tópico do racismo – no que foi solitário –, deu sempre um caráter de classe à sua crítica e percebeu no apego das camadas dominantes da sociedade carioca ao esporte mais um ato da sua subserviência ao "estrangeiro".

A posição dos comunistas ficou a meio caminho entre o gosto e a crítica. No seu discurso, a princípio, havia uma nítida preferência por modalidades que consideravam úteis à conservação da saúde. Daí que uma das suas primeiras iniciativas no Rio de Janeiro tenha sido a organização de um torneio de natação. No elogio dessa modalidade realizado à época despontavam as suas qualidades como "exercício completo" e como atividade higiênica. Depois, diante da crua realidade, se renderam ao futebol, adotando a postura pragmática de utilizá-lo para aumentar os seus quadros partidários e para assumir a organização e a direção dos trabalhadores nas suas lutas. Permaneceram, entretanto, sempre simpáticos ao ideal olímpico de Coubertin, o que mostra que também para eles a Grécia era o último horizonte.[46] Por outro lado, permaneceram firmes no combate ao "esporte burguês" em todo o período estudado.

Sob o Estado Novo, silenciada a esquerda, o que sobreviveu apontando para o combate anti-esportivo ao novo modelo dionisíaco que lutava por se impor foram a prevenção católica contra o corpo, as reservas militares contra a profissionalização e o recurso moralista à biologia, de Orlando Ferreira. *Forja de Anões*, situa-se, portanto, no ocaso de uma linha discursiva que se iniciara com o discurso parlamentar de Jorge de Morais. Utilizar da "degeneração física, intelectual e moral" como argumento de combate, cruzando tópicos extraídos do darwinismo social mesclados com as idéias

---

[45] Conforme Flávio Venâncio Luizetto, *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*, São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1984, p. 209-292.

[46] De que temos uma prova pelo desenvolvimento posterior: no pós-guerra a URSS aderiu ao movimento olímpico sem que isto exigisse uma reavaliação do esporte tomado em si mesmo, mas apenas uma nova justificação para a sua prática – agora, a propaganda da superioridade da sociedade dita socialista. Para o período estudado percebe-se a valoração positiva do apolíneo na própria opção stalinista pela estética do "realismo socialista".

eugênicas, este ecletismo perdeu qualquer possibilidade de audiência – um índice da sua inocuidade é a liberação da sua publicação pelo DIP.

Após a 2ª. Guerra Mundial, o abandono de campo pelos comunistas, o desaparecimento dos anarquistas como força social no Brasil, o descrédito da eugenia diante da derrota nazista e dos campos de concentração, e a consolidação do discurso freyreano de apologia à característica de identidade nacional do futebol brasileiro, todos esses fatores redirecionaram o debate.

Por fim, deve-se dizer que a recusa ao esporte estava a esperar uma qualificação. Não se pode aceitar os argumentos de Lima Barreto e de Berilo Neves ao mesmo tempo somente porque ambos se posicionaram criticamente em relação ao esporte. Foi para evitar um ecletismo tão funesto que essa pesquisa foi feita – para elucidar as posições de maneira que possam ser adequadamente valoradas por quem quer que seja, pois, mesmo do ponto de vista aficionado, o aclaramento das objeções dos opositores e das lacunas existentes no discurso integrado podem colaborar para que a paixão não seja necessariamente cega.

Fontes

Boletins, circulares, resoluções, teses, cartas, informes

Arquivo Edgar Leuenroth – UNICAMP

Boletim Interno da Juventude Comunista do Brasil, n.º 1, out. 1930, datilografado, Coleção Internacional Comunista, rolo de microfilme n.º 8.

Boletim [do CC da FJCB], n.º 1, abr. 1935, datilografado, idem.

Carta ao Secretariado de Organização do KIM, 7 dez. 1928, datilografada, idem.

Carta da Federação da Juventude Comunista do Brasil ao Secretariado Sul-americano Juvenil da Internacional Juvenil Comunista, 3 jan. 1930, datilografada, idem.

Carta do Comitê Regional de Pernambuco ao C.C. da FJCB, 22 nov. 1931, datilografada, idem.

Carta do Comitê Regional de Pernambuco ao CC da FJCB, 11 set. 1931, datilografada, idem.

Carta do Secretariado do comitê Central da F. da J. C. do Brasil ao Secretariado Sul-americano da Internacional Juvenil Comunista, 5 ago. 1929, manuscrita, idem.

Circular sobre o 2º Plenum do CC da FJCB, 25 out. 1929, datilografada, idem.

Informe da federação Juvenil Comunista do Brasil apresentada pelo camarada Arnaldo no Secretariado da América do Sul e do Caribe do Comitê Executivo da IJC, 24 mar. 1933, p. 20, datilografado, idem.

Relatório do CC da FJCB, 5 jun. 1935, datilografado, idem.

Relatório do Encarregado Sportivo da J. Communista do Brasil, anexo ao *Relatório dos Trabalhos do 1º Congresso da Federação da Juventude Comunista do Brasil*, 26 mar. 1929, idem.

Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil, 13 jan. 1930, datilografado, idem.

Resolução do 2º Pleno do CC da FJCB sobre a situação do país e sobre a situação e tarefas da Juventude Comunista do Brasil, sem data, datilografado, idem.

Resolução sobre a conferência do Nordeste e Ext.-Norte, do Secretariado Político do C.C. da FJCB aos camaradas das Regiões Juvenis do Nordeste e Extremo Norte do Brasil, 23 jul. 1931, datilografada, idem.

Situación de la juventude proletaria del Brazil, incompleto, sem data, sem assinatura, datilografado, idem.

Tese do Bureau Sul Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil, sem data, impressa, idem.

Jornais e revistas

Ação Católica, RJ.

A Classe Operária, RJ.

A Hora Social, PE.

A Nação, RJ.

A Plebe, SP.

A Terra Livre, SP.

A Vanguarda, SP.

Cultura, RJ.

Educação Física, RJ.

Germinal!, SP.

Nossa Voz. Órgão de Defesa dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares, RJ.

O Jovem Proletário, RJ.

O Proletário, SP.

O Solidário, Santos – SP.

O Trabalhador Gráphico, SP.

Renascença, SP.

Revista Brasileira de Pedagogia, RJ.

Revista da Semana, RJ.

Viver!, SP.

Livros

AQUINO, João Benedito de. *Pedagogia da Educação Física*. São Paulo, Brusco & Cia., 1939.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física*. In *Obras Completas*, v. I, São Paulo, Melhoramentos, 1960?.

_____. *Da Educação Física. O que ela é - o que tem sido - o que deveria ser.* São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1920.

BACKHEUSER, Everardo. *Manual de pedagogia moderna*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1942.

_____. *Técnica da Pedagogia Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

BARRETO, Lima. *Bagatelas.* São Paulo, Brasiliense, 1962, 2. ed..

_____. *Feiras e Mafuás.* São Paulo, Brasiliense, 1961, 2. ed.,

_____. *Marginália.* São Paulo, Brasiliense, 1961, 2. ed..

BOMFIM, Manoel. "Cultura Ginástica". In Marinho, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia).* Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 105-111, v. II.

_____. *A América Latina, Males de origem*. Rio de Janeiro, Garnier, 1905.

_____. *O Brazil na história: deturpação das tradições, degradação política.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.

DARYL, Philippe. *Renaissance Physique*. Paris, J. Hetzel et Cie, 1888?.

DEL VECCHIO, Giuseppe. *La criminalità negli "Sports".* Torino, Fratelli Bocca Editori, 1927.

Estudos Afro-Brasileiros. Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. Rio de Janeiro, Ariel, 1935.

FERREIRA, Orlando. *A ilusão capitalista*. Uberaba, s/ed., s/d..

_____. *Capitalismo e Comunismo*. São Paulo, Rabello & Magalhães, 1932.

_____. *Forja de anões*. São Paulo, Empresa Gráfica de "Revista dos Tribunais", 1940.

FIGUEIREDO, Antônio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo, Secção de obras d' O Estado de São Paulo, 1918.

FRANCO, Maria José; Shena, Denilson Roberto; Schmidt, Maria Auxiliadora (orgs.). *1ª. Conferência nacional de Educação*. Brasília, INEP, 1997.

FREYRE, Gilberto. *O mundo que o Português criou*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

_____. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

_____. *Sociologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

HÉBERT, Georges. *La cultura virile et les dévoirs physiques*. Paris, G. Oudin et Cie., s/d.

MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

_____. *Sebastianópolis (antologia de contos)*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

MARCONDES, Antônio Vieira. *Cultura Física, estética e higiene*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1932.

MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, 2 vol.

MATOS, José Veríssimo Dias de. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1906, 2ª. ed..

MAZZONI, Tomás. *O Brasil na taça do mundo, 1938*. São Paulo, Edições e Publicações Brasil, 1938.

_____. *O esporte a serviço da Pátria*. São Paulo, s/e, 1941.

_____. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, A Gazeta, 1939.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *O que se ensina e o que se aprende nas escolas de direito do Brasil*. Rio de Janeiro, Empreza Brasil Editora, 1921.

_____. *O sport está deseducando a mocidade brasileira*. Rio de Janeiro, Empreza Brasil Editora, 1921,

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. São Paulo, Brasiliense, 1948.

MOSSO, Angelo. *La fatica*. Milano, Fratelli Treves, 1891, 1ª. ed..

_____. *Mens sana in corpore sano*. Milano, Fratelli Treves Editori, 1911, 5ª. ed..

MOURA, Maria Lacerda de. *Lições de Pedagogia*. São Paulo, Typographia Paulista, 1925.

NEVES, Berilo. *Caminho de Damasco (Chrônicas e Fantasias)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939, 2ª. ed..

PAYOT, Jules. *L'éducation de la volonté*. Paris, Felix Alcan, 1908, 29ª. ed..

PINHO, Adelino de. *Pela educação e pelo trabalho. Conferência lida na LIGA OPERÁRIA DE CAMPINAS a 13 de dezembro de 1908*. Porto, Typographia Península, s/d.

RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1942.

_____. *Guerra e relações de raça*. Rio de Janeiro, Departamento Editorial da UNE, 1943.

_____. *O Negro na Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d.

RICARDO, Aristides. *Biologia aplicada à educação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Dissertação apresentada ao Sr. de Mably sobre a educação do Sr. seu filho*. In NACARATO, Priscila Grigoletto. *Rousseau: textos sobre educação. Introdução, apresentação, tradução e notas*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FEUSP, 1995.

_____. *Emílio, ou da Educação*. São Paulo, DIFEL, 1968.

SILVEIRA, Annibal. *Educação Physica, Obra destinada aos professores primários, aos gymnastas, esportistas, educadores e á mocidade em geral*. São Paulo, Casa Editora Antonio Tisi, 1929, 1º vol. da coleção "Educação Nacional".

SPENCER, Herbert. "Retour à la barbarie". In *Faits e commentaires*. Paris, Hachette, 1904, 2. ed., p. 193-221.

_____. *Educação intelectual, moral e physica*. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1901.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Porto Alegre, EDIPUCRS/Edições EST, 1996.

_____. *Suma teológica*. Porto Alegre, Livraria Sulina, 1980.

VUILLERMET, F.-A. [O. P.]. *Les Jeunes Gens et les Sports*. Paris, P. Lethielleux, 1925.

Artigos, prefácios, conferências, discursos parlamentares

AZEVEDO, Dora Gouveia de. "A Educação Física elementar". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 49-59.

AZEVEDO, Fernando de. "A evolução do esporte no Brasil". In *Obras Completas*, vol. I, São Paulo, Melhoramentos, s/d, 3ª. ed..

_____. "A lição da Grécia". In *O segredo da Renascença*, São Paulo, Empresa Editora "Nova Era", 1925, p. 89-129.

AZEVEDO FRANCO, Ari de. "Aspectos jurídicos das práticas esportivas". *Estudos e Conferências*, dez. 1941, 14, p. 23-39.

BARBOSA DE OLIVEIRA, C. A.. "Os esportes na formação da mocidade (Educação física e espiritual)". *Revista Brasileira de Pedagogia*, 3, abr. 1934.

BARBOSA, Ruy. "Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública". In MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, v. 1, p. 131-153.

BILAC, Olavo. "A defesa nacional. Conferência pública realizada no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná". In *Obra Reunida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1997, p. 963-964.

_____. "Salamina", In *Crônica e fantasia*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1904.

_____. "Salamina". In *Obra Reunida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1997, p. 391-393.

BRETAS, Arauld S.. "Bases científicas de educação física – aspecto psicológico". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 171-181.

CAPANEMA, Gustavo. "Discurso proferido na sessão inaugural". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 17-18.

CARNEIRO LEÃO, A.. "Educação física e ajustamento social". *Conferências sobre Educação Física*, 1, 1942, p. 103-118

COELHO NETO, Henrique Maximiniano. "Prefácio" a CAMERON, John. *Association-Foot-ball e como é jogado*. Rio de Janeiro, Editores Papelaria Confiança, 1919. In MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, v. II, p. 127-128.

COUTINHO, Eugenio. "Fadiga e tuberculose". *Archivos Brasileiros de Medicina*, 9, set. 1931. p. 443-449.

DEHOUX, L.. "O papel do esporte na educação". *Educação Física*, 33, ago. 1939, p. 11-12.

"Está amplamente vitoriosa a iniciativa do Dr. Edmundo de Carvalho". *Diário de São Paulo*, 28 mar. 1929, p. 17.

FAGUNDES, Abel. "Jogar ou não jogar". *Revista Brasileira de Pedagogia*, jul./ago. 1935, p. 87.

FARIA, Bento de. "A criminalidade nos esportes". *Archivo Judiciario (Suplemento)*, 1929, 12, p. 159-172.

FREYRE, Gilberto. Artigo sem título transcrito do *Diário de Pernambuco*, 8 jun. 1938. In *Sociologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, 2º Tomo, p. 431-433, nota 105.

GONÇALVES, Horácio Cândido. "A organização dos serviços administrativos de Educação Física". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 123-135.

KELLY, Celso. "Arte e esporte". *Conferências sobre Educação Física*, 1, 1942, p. 129-142.

LOURENÇO FILHO. "Discurso proferido na sessão inaugural". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 21-24.

_____. "Educação e Educação Física". *Estudos e Conferências*, 14, dez. 1941, p. 5-21.

LYRA FILHO, João. "Raça, educação e desporto". *Estudos e Conferências*, 14, dez. 1941, p. 41-67.

MAGALHÃES, Oswaldo Diniz. "O valor da recreação para o adulto". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 220-226.

MAZZONI, Tomás. “Amadorismo, profissionalismo e os novos rumos do esporte”. In *Primeiro Concurso Literário Esportivo do S. Paulo F. C. patrocinado pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo*. São Paulo, Legionário, 1942,

MONTEIRO LOBATO, José Bento. “Futebol”. In *Literatura do Minarete*. São Paulo, Brasiliense, 1959, p. 179-186, Obras Completas, v. 14.

MORAES, Jorge de. “Discurso proferido na sessão de 30 jun. 1927 da Câmara dos Deputados”. In MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 147-173.

MORAES, Jorge de. “Educação Física: Discurso proferido na sessão de 21 set. 1905 da Câmara dos Deputados”. In MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil colônia, Brasil Império, Brasil República (Documentário e Bibliografia)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 104-111.

MORAIS, Cyro de. “A organização de institutos ou escolas de Educação Física”. *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 125-135.

NEVES, Berilo. “A alimentação elétrica”. *Revista da Semana*, 15 fev. 1930, p. 3.

_____. “A última flor do céu”. *Revista da Semana*, 21 maio 1938, p. 3.

_____. “Jesus menino”. *Revista da Semana*., 19 dez. 1931, p. 3.

_____. “Leônidas e Shakespeare”. *Revista da Semana*, 9 jul. 1938, p. 3.

_____. “O Padre”. *Revista da Semana*, 12 nov. 1938, p. 3.

PAIVA, Diumira Campos de. “Educação Física na Escola Primária”. *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 38-49.

PEIXOTO, Afrânio. “A educação nacional. A educação física, intelectual e cívica e a defesa nacional”. In *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1918, 1ª. ed..

POLILLO, Raul de. “Esporte, saúde e ginástica”. *Educação Física* , 77, mar. 1944, p. 38.

RAMOS, Arthur. “A educação física elementar”. *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 31-37.

_____. "Antropologia e Educação Física". *Estudos e Conferências*, 14, dez. 1941, p. 69-78.

RAMOS, Salatiel. "Ao correr da penna...". *Correio Paulistano*, 7 jun. 1938, p. 10

REGO, José Lins do. "Prefácio". In FILHO, Mário [Rodrigues]. *Copa Rio Branco, 32*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1943.

RODRIGUES, Mário de Queiroz. "Educação Física feminina no ensino secundário". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 185-191.

ROLIM, Inácio. "Educação física nas classes trabalhistas". *Conferências sobre Educação Física*, 1, 1942, 173-185.

SANCHES, Carlos. "Filosofia e educação física". *Conferências sobre Educação Física*, 1, 1942, p. 159-171.

"SPORT/ WATER-POLO/ A inauguração official da piscina do Fluminense F. C. – O Guanabara e o Boqueirão são os heroes do dia – Outras notas". *O Paiz*, 30 jan. 1919, p. 4.

TORRES, Ambrósio. "A Educação Física nas escolas normais". *Anais do VII Congresso nacional de Educação promovido pela Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, 1935, p. 135-147.

_____. "Metodologia do ensino da educação física". In FRANCO, Maria José; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). *1ª. Conferência nacional de Educação*. Brasília, INEP, 1997, p. 181-182.

Poemas

MENDONÇA, Anna Amélia C. de. "O Salto". In PEDROSA, Milton. *Gol de Letra*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Gol, 1967, p. 109.

Filmes

MONTES-BAQUER, José (dir). *Bachianas Brasileiras: meu nome é Villa-Lobos*. Brasil-Alemanha, Co-produção TV Cultura/Sudwestfunk Inc., cor, 1979.

Bibliografia

Livros e Artigos

ADORNO, Theodor W.. *Prismas. La crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona, Ariel, 1962.

ALVES, Antônio Carlos. *Ciclismo*. São Paulo, Papelivros, s/d.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusion del nacionalismo*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANDRIEU, Gilbert. *L' éducation physique au XXe siècle: une histoire des pratiques*. Paris, Édition Actis, 1993.

ARANTES, Paulo Eduardo. "Providências de um Crítico Literário na Periferia do Capitalismo". In idem; ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Sentido da Formação. Três estudos sobre Antônio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

ARNAUD, Pierre (dir.). *Les origines du sport ouvrier en Europe*. Paris, L'Harmattan, 1994.

AZZI, Riolando. *História da educação católica no Brasil. Contribuição dos Irmãos Maristas*. São Paulo, Simar, 1996.

BALE, John. "The Spatial Development of the Modern Stadium". *International Review of Sport Sociology*, 1993, 28, 2, 121-133.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1975, 5. ed..

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, 2ª ed..

BERTOLLI FILHO, Cláudio; MEIHY, José Carlos S. B.. "Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século". In MEIHY, José Carlos S. B.; WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e Cultura*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, p. 105-110.

BOSI, Alfredo. "A Parábola das Vanguardas Latino-Americanas". In SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. São Paulo, EDUSP/Iluminuras/FAPESP, 1995, p. 19-28.

_____. "As letras na Primeira República". In FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990, 4ª ed., tomo III, vol. II.

_____. *Dialética da colonização.* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970.

BOURDIEU, Pierre. "Sport and social class". In *Social Science Information*, 17, 6, 1978, p. 819-840.

BROHM, Jean-Marie. *Sociología politica del deporte*. México, Fondo de Cultura Económica, 1982.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha: vida e obra*. Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1997.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário*. Campinas, Pontes/EDUNICAMP, 1988.

CAMPOS, Fernando A.. *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo, Grijalbo, 1968.

CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CAPINUSSÚ, José Maurício. *Moderna organização da educação física e desportos*. São Paulo, IBRASA, 1992.

CARONE, Edgard. *O movimento operário no Brasil (1887-1944)*. São Paulo, DIFEL, 1979.

_____. *O PCB*. São Paulo, DIFEL, 1982, v. 1.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista (SP), EDUSF, 1998.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CLÉMENT, Jean-Paul. "La représentation des groupes sociaux et ses enjeux dans le développement du sport". In CLÉMENT, Jean-Paul; DEFRANCE, Jacques; POCIELLO, Christian. *Sport et pouvoir au XX^e siècle*. Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1994, p. 53-104.

_____; DEFRANCE, Jacques; POCIELLO, Christian. *Sport et pouvoir au XX^e siècle*. Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983, 2ª. ed..

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo, Perspectiva, 1971, 2ª. ed..

_____. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

_____; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa, DIFEL, 1992.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, DIFEL, 1977.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil*. São Paulo, Vozes, 1978.

FERRETTI, Lando. *Angelo Mosso, Apostolo dello sport*. Milano, Garzanti, 1951.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, 2ª ed., ampliada.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1947, 1ª. ed., prefácio de Gilberto Freyre.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira (1930-1935)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

GOMES, Ângela Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994, 2ª. ed..

GOMES, Eugênio. "Adelino Magalhães e a moderna literatura experimental". In MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de janeiro, Aguilar, 1963, p. 51-70.

GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo, Ática, 1990.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*, SP, Marco Zero, 1990.

GOUNOT, André. "Sport réformiste ou sport revolutionnaire? Les débuts des Internacionales sportives ouvrières". In ARNAUD, Pierre (dir.). *Les origines du sport ouvrier en Europe.* Paris, L'Harmattan, 1994, p. 219-246.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1973.

GRAZIA, Victoria de. *The culture of consent. Mass organization of leisure in fascist Italy*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

HARDMAN, Francisco F.. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1915)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.. *Dialéctica del Iluminismo*. Buenos Aires, SUR, 1970.

HORTA, José Silvério B.. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994.

LANCELLOTTI, Sílvio. *Olimpíadas 100 anos: História completa dos Jogos*. São Paulo, Círculo do Livro/Nova Cultural, 1996.

_____. *Almanaque da Copa do Mundo*, Porto Alegre, L&PM Editores, 1998.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. "Maria Lacerda Moura e o anarquismo". In PRADO, Antônio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1987, 2ª ed., p. 82-97.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984.

LOPES, José Sérgio L.. "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*". *Revista USP*, 22, 1994, p. 65-83.

LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro, Bloch, Brasília, INL, 1973.

_____. *O Promotor Sussekind*. Rio de Janeiro, Tipografia Alba, 1940.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

MAIO, Marcos Chor (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MARINHO, Inezil Pena. *Sistemas e métodos de educação física*. São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1958.

_____. *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1979.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1978, vol. VI.

MATTA, Roberto da. "Futebol: ópio do povo x drama de justiça social". *Novos Estudos CEBRAP*, 1982, 1, 4, p. 54-60.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo, Leia, 1950.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*, São Paulo, Ática, 1977.

MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John; DUNNING, Eric. *O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras, Celta Editora, 1994.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo, EPU - Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1993, 4ª. ed..

PEDROSA, Milton. "O futebol na literatura brasileira". In *Gol de Letra*, RJ, Gol, 1967, p. 7-35.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *As estratégias da ilusão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

PLACER, Xavier. "Roteiro para a 'ilha' Adelino Magalhães". In MAGALHÃES, Adelino. *Obra Completa*. Rio de janeiro, Aguilar, 1963, p. 11-50.

PRADO, Antônio Arnoni (org.). *Libertários do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1987, 2ª. ed..

RAMOS, Ricardo (org.). *A palavra é... Futebol*. São Paulo, Scipione, 1990.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A festa do povo*. Petrópolis, Vozes, 1982.

ROIO, Marcos del. *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990.

SANTOS, Joel Rufino dos. "Sociedade e problema racial na obra de Lima Barreto". In SANTOS, Affonso Carlos Marques (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983, p. 35-47.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SÉRGIO, Manuel. *Para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa, Compedium, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante. Técnica, ritmos e ritos do Rio". In SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. III, p. 513-619.

_____. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992

SHIRTS, Matthew G.. "Futebol no Brasil ou football in Brazil?". In MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, p. 87-99.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar*. São Paulo, Summus, 1994.

STRAUSS, Léon. "Le sport travailliste français pendant l'Entre-deux-guerres". In ARNAUD, Pierre (dir.). *Les origines du sport ouvrier en Europe.* Paris, L'Harmattan, 1994, p. 193-198.

SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim.* São Paulo, Editora Moderna, 1984.

SUSSEKIND, Hélio. *Futebol*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Rio Arte, 1996.

TUBINO, Manoel J. Gomes. *O esporte no Brasil*. São Paulo, IBRASA, 1996.

VELHO, Zé. "Centro de Cultura Brasileira (1920-1928)". In *Nação Brasileira*, jan. 1956, p. 7-9.

VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido massas (1922-1974)*. São Paulo, HUCITEC, 1982.

VINNAI, Gerhard. *El fútbol como ideología*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1974.

WAACK, William. *Camaradas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Teses e Dissertações

ANTUNES, Fátima M. R. F.. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1992.

BERCITO, Sônia de Deus R.. *Ser forte para fazer uma nação forte*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1991.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo, Tese de Livre Docência, ECA-USP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda política no varguismo e peronismo*. São Paulo, Tese de Livre Docência, FFLCH-USP, 1997.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *Brasil Novo, Música, Nação e Modernidade: os Anos 20 e 30*. São Paulo, Tese de Livre-Docência, FFLCH-USP, 1988.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1984.

NACARATO, Priscila Grigoletto. *Rousseau: textos sobre educação. Introdução, apresentação, tradução e notas*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FE-USP, 1995.

NEGREIROS, Plínio José L. de Campos. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo, Tese de Doutorado, PUC/SP, 1998.

PAGNI, Pedro Angelo. *Fernando de Azevedo educador do corpo (1916-1933)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1994.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas, Tese de Doutorado, UNICAMP, 1998.

REIS, Fábio José Garcia dos. *Os redentoristas de Aparecida e a regeneração do Brasil: 1916-1931*. São Paulo, Tese de doutorado, FFLCH-USP, 1998.

Anuários, Catálogos, Dicionários e Enciclopédias

Anuário Estatístico do Brasil, 1939-1940. Rio de Janeiro, IBGE/Conselho Nacional de Estatística, 1940.

BARBANTI, Valdir. *Dicionário de educação física e do esporte*. São Paulo, Manole, 1994.

Catálogo Histórico. Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1987, n.º 5.

Dicionário Aurélio Eletrônico. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1996, versão 2.0.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983). Rio de Janeiro, Forense/FGV-CPDOC/FINEP, 1984, 2 v..

Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti. Roma, Istituto Paligrafico dello Stato, 1949.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1992.

LEITE NETO, Leonardo. *Catálogo Biográfico dos Senadores Brasileiros, de 1826 a 1986*. Brasília, s/e, 1986, vol. III.

PERFUMO, Antonio. *Dicionário Italiano e Portuguez*. Lisboa, Typographya Antonio José da Rocha, 1853.

PETROCCHI, P.. *Piccolo Dizionàrio Universali*, Milano, Antonio Vallardi Editore, 1894.